Histórias não-escritas do Banco do Brasil

Coletânea de 1978 a 1988

Aparecido José Isac

Histórias não-escritas do Banco do Brasil

Coletânea de 1978 a 1988

Extraídas do BIP – Boletim de Informação ao Pessoal

Coletânea de textos, diagramação, editoração e capa:

© Aparecido José Isac, 2007

Prezados leitores,

Aqueles com algumas décadas de estradas no BB...

No começo as mensagens não chegavam instantaneamente, como hoje, por meio eletrônico.

Ansiosamente esperávamos a chegada, por malote, do BIP – Boletim de Informação ao Pessoal, que começou nos idos de 1978 e foi até 1993.

Trazia notícias das mais variadas, desde aquelas sobre estratégias, negócios, gestão, pessoas, e, geralmente em sua última página lá estavam aqueles "causos", aquelas histórias contadas pelos colegas que nos enchiam de emoção e alegria.

Aqueles com algumas décadas de estradas no BB...

... e também com menos décadas de estradas no BB podem agora saborear a boa leitura daqueles "causos" e histórias, devidamente selecionadas e catalogadas nessa coletânea, que chega bem na época que nossa empresa caminha para os seus duzentos anos.

Boa leitura!

NADINHO DAS ALAGOAS

Nadinho é o apelido de eficiente auxiliar de portaria da agência de Santana do Ipanema (AL). Tipo modesto, alto, forte. Deve estar na faixa de 25 a 30 anos de idade. Filho de antigo gari da Prefeitura, aprendeu desde cedo a ser humilde. Solícito, sem ser subserviente. Por ser o mais antigo funcionário do quadro de portaria da agência, é o encarregado de abrir e fechar as portas do prédio. É quando aproveita para fiscalizar o pessoal encarregado da limpeza e do asseio da agência.

Antes de entrar para o Banco, fazia biscates. Hoje, dedica-se apenas ao trabalho bancário. Mas ao seu tempo na agência é preciso acrescentar o tempo de serviço na "república dos bancários". Ali fez amigos e futuros colegas. Vem dessa época a fama de seus "métodos" de trabalhar. Com ele, o serviço sai em dia, sem atropelo. Todo o pessoal da agência o admira. Motivos para isso não faltam. Nunca faz cara feia para quem lhe pede favor. De uma coisa, porém, não gosta: dos "elogios" feitos pelos colegas, que dizem ser o Nadinho o "fazedor" do *melhor café ruim da agência.*

Um de seus hábitos bastante salutar: caçadas nos fins de semana. Então, põe roupas grossas, botinas 44, chapéu *cow-boy*, bornal a tiracolo, espingarda aprumada — e se manda pelas caatingas adentro. O resultado é como pé de cobra: ninguém nunca viu. Como se não bastasse tanta coragem, ainda pratica judô.

Pouco vai à AABB. É que, para ele, só existe uma festa pra valer: o carnaval — "folia do povão". Aí, sim. Prepara fantasia de zorro, de bandido, colete preto, óculos escuros e o mesmo chapéu de *cow-boy* das habituais caçadas. Volta ao Banco, só na quarta-feira de cinzas. É lá que se destaca a sua versatilidade.

Trabalha em várias "Carteiras". Algumas têm nomenclatura esquisita, inventadas no cotidiano de trabalho e imaginação.

Cópia de balancete: trabalho limpo, cuidadoso e de muita responsabilidade. Com um só cochilo, a vaca pode ir pro brejo. Reclama todo dia da má qualidade das gelatinas. Que Carteira é essa, Nadinho?

— *Copiação!*

Colabora com o pessoal da Tesouraria no empacotamento de dinheiro. Os melhores "amarrados" da agência saem de suas mãos. Serviço estafante em épocas de muito movimento. Guarda em seus arquivos a estatística com a quantidade do dinheiro que já amarrou até hoje. E essa Carteira?

— *Amarração!*

Também está encarregado da personalização dos talonários de cheques, partidas e fichas gráficas. Trabalho executado diariamente na máquina *Adressograph.* E essa outra Carteira, Nadinho?

— *Batição!*

Quando falta algum funcionário do serviço de limpeza, não deixa a agência suja e empoeirada. Mãos à obra, toma a iniciativa de espanar os balcões, limpar mesas e cadeiras, passar a vassoura nas escadas e no assoalho. E o nome dessa Carteira?

— Oxente, só podia ser *Varrição!*

(Narrativa enviada pelo funcionário Djalma de Melo Carvalho — Maceió (AL) para a seção "História não escrita do Banco do Brasil" — Aviso-Circular DESED 77/14).

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação e Diagramação:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Francisco Régis de Moura Pereira, José Roberto Viana, Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Cezar Drumond Amorim, Edimar Rodrigues de Abreu, Gerson Macedo Ribeiro, Paulo Machado Afonso, Uilson José Morais Miranda e Marilda G. de M. Abreu Ferriche.
Tiragem desta edição: 85.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* - BANCO DO BRASIL S.A. - Setor Comercial Sul, Bloco H, Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF).
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA. Rua General Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro (RJ).

DOS RECURSOS DIVERSOS NA ARTE DE COBRAR

Por ocasião da reapresentação de um título ao Sr. Ary de Oliveira, residente em Cambuci (RJ), onde não há agência do Banco, o Gerente me sugeriu que fizesse o aviso de cobrança em versos, uma vez que o sacado é conceituado poeta:

Sr. Ary de Oliveira,
somente desta maneira
se pode reapresentar
um título já vencido
a um poeta tão querido
e exímio no versejar.

Da Myrta nos foi chegado
um Título Descontado
que não foi pra Cambuci,
pois cobrança descontada
é coisa de nossa alçada,
por isso ficou aqui.

Este dever nos maltrata
mas venceu a duplicata
no dia sete do seis.
O seu valor não comove:
centavos, setenta e nove;
cruzeiros, dois, oito, três.

A sua atenção pedimos
apenas porque cumprimos
nossas duras instruções.
Dinheiro faz sombra fria
às "Veredas" *da Poesia
mas, que fazer? Saudações!...

(*) O Sr. Ary de Oliveira tem um livro de poesias intitulado "Veredas de Sol".

Resposta do Sr. Ary de Oliveira, uma semana depois:

Prezado Antônio Roberto:
Quando o longe se faz perto
pelas mãos de um nobre amigo,
também me sinto "vencido"
e de atender ao pedido
eximir-me não consigo.

Ocorre um fato, porém:
o senhor conhece bem
a lei que regula o assunto:
um saque será cobrado
só na praça do sacado
(tal entende o meu bestunto).

Não se discute a razão
de nossa legislação,
portanto tal documento
deve ser apresentado,
dentro do prazo, ao sacado,
para aceite e pagamento.

Se tal fato não se deu
e o prazo já prescreveu,
não me culpem da tardança;
a lei bem soube dispor:
cabe sempre ao sacador
qualquer ônus da cobrança.

Só soube recentemente
que o seu digno Gerente
é amigo de longa data;
em face a tal amizade,
removo a dificuldade
liquidando a duplicata.

Deve convir à Gerência
(e prima pela evidência):
se não causei a demora
não me fiz impontual.
Pagarei o capital
mas não os juros de mora!...

(E pagou).

(Narrativa enviada pelo funcionário Antonio Roberto Fernandes – Campos (RJ) para a seção "História não escrita do Banco do Brasil" – Aviso-Circular DESED 77/14).

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação e Diagramação:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Francisco Régis de Moura Pereira, José Roberto Viana, Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Cezar Drumond Amorim, Edimar Rodrigues de Abreu, Gerson Macedo Ribeiro, Paulo Machado Afonso, Uilson José Morais Miranda e Marilda G. de M. Abreu Ferriche.
Tiragem desta edição: 85.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* - BANCO DO BRASIL S.A. - Setor Comercial Sul, Bloco H, Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF).
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA. Rua General Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro(RJ).

O SUSPEITO

Em 1967, eu era fiscal-visitador da CREAI, em Toledo, cidade do oeste paranaense. A agência jurisdicionava Porto Mendes (atualmente sob a jurisdição de Mal. Cândido Rondon).

Naquela região, o rio Paraná limita o Brasil com o Paraguai, e existe lá uma unidade do Exército brasileiro.

Organizado meu roteiro de visitas às propriedades rurais, segui em meu pé-de-boi/65.

Depois de passar pelo prédio onde se instalava a unidade do Exército, prossegui pela estrada principal, em direção ao município de Guaíra. Para atingir as propriedades que deveria vistoriar, venci estradas secundárias e até "picadas" abertas no mato.

Quando comecei a ouvir um ronco parecido com o de motor de automóvel ou de outra máquina qualquer, pude verificar que à minha frente não ia carro nenhum; atrás e pelos lados também não havia nada.

O barulho foi aumentando. De repente, percebi que um teco-teco, voando muito baixo, seguia na mesma direção do carro e acabou por desaparecer de minha vista.

Mais tarde, indaguei dos clientes que visitei: todos tinham visto o avião, mas a impressão foi de que havia pousado no mato. Confirmavam a suspeita de campo clandestino as aberturas no meio da mata. Era comum improvisarem campos para pouso de aviões com mercadorias contrabandeadas.

A prática do contrabando, embora tivesse diminuído na região, conforme antigos moradores, ainda ocorria. Nessa época, foi morto em Toledo um dos maiores contrabandistas brasileiros; ele se escondia na zona suburbana, quando foi surpreendido pela polícia.

Esquecido o avião, continuei normalmente com minhas vistorias.

Já tarde, ao voltar a Toledo, passei por Porto Mendes. Soldados do Exército se colocaram no meio da estrada e, munidos de metralhadoras, impediam a passagem do meu carro. Examinaram documentos, revistaram minha pasta (onde guardava os envelopes da fiscalização); como nada encontrassem, fui liberado sem maiores explicações.

No caminho de volta, encontrei o porquê de tudo: como meu carro e aquele avião seguiam na mesma direção, eu estava sob suspeita de contrabando.

Acredito que fatos como este são comuns em regiões fronteiriças, onde o pioneirismo do Banco do Brasil leva seus recursos financeiros e humanos para o progresso e engrandecimento do país.

(Narrativa enviada pelo funcionário Helenecy Carlos Spina - São Carlos (SP), para a seção "História não escrita do Banco do Brasil" — Aviso-Circular DESED 77/14).

Expediente: *O Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal / RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Francisco Régis de Moura Pereira, José Roberto Viana, Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Cezar Drumond Amorim, Edimar Rodrigues de Abreu, Paulo Machado Afonso, Alexandre Eggers Garcia e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Diagramação:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, Oscar Dornellas da Costa Filho e Uilson José Morais Miranda.
Tiragem desta edição: 85.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. - Setor Comercial Sul, Bloco H, Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF).
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL-DEMAC/DIGRA, Rua General Bruce,55-A,São Cristóvão-Rio de Janeiro(RJ).

COMO SE FAZIA UMA AGÊNCIA

Quando recebi a cópia da anotação em fé-de-ofício, exultei, sem me impressionar muito com as piadas dos colegas: "Vais ficar a ver navios!".

A aventura começou com a viagem ao Rio, sede do Banco. Terno e sapatos novos, colarinho incômodo, freqüentei salas e ante-salas da Direção Geral. No DEPIM (atual DEBEP), recebi a primeira recomendação: "Ah, o Sr. é o gerente-instalador de Caravelas, na Bahia. Bem, o Banco não constrói. O Sr. vai ter que conseguir um prédio e pedir ao proprietário que realize, às expensas dele, todas as obras necessárias ao funcionamento da agência ". O antigo ALMOX forneceu os blocos para os pedidos de material, com um livro de codificação. Informou ainda que não dispunha de máquina de escrever. Que eu desse um jeitinho; dentro de 30 ou 60 dias enviariam o necessário.

No DECON (atual COGER), obtive um modelo de prestação de contas e outro para a folha de pagamento. No FUNCI, ouvi a notícia: o subgerente seria nomeado em breve; os demais funcionários deveriam chegar às vésperas da inauguração. E chegaram. Apareceram 18, em vez dos nove esperados.

Era desanimadora a Caravelas de quinze anos atrás. Na minha chegada, uma kombi, aos solavancos, me levou do campo de aviação a uma das quatro ruas da cidade.

Lembro-me da primeira carta, escrita na máquina emprestada do gabinete do prefeito. Da visita ao prédio indicado para instalação da agência — sobradão inacabado, construído para hotel.

O proprietário, Pedro Rosa Sobrinho, indicou para administrador de obras o seu compadre Clodomir Siguara (agricultor, comerciante, hoteleiro, assistente do prefeito, pecuarista, construtor, mecânico e sitiante), que acompanhou os trabalhos, em tempo integral e por quase um ano, sem exigir pagamento.

Durante esse tempo, precisei ser arquiteto, bombeiro, eletricista, comprador de material, tesoureiro — tudo o que a situação exigisse. Procuraríamos superar as dificuldades, muitas: viagens de jipe por estradas poeirentas; carência de recursos humanos; problemas de comunicação; sugestões extravagantes, na reconstrução do prédio. A missão tinha que ser cumprida, a qualquer custo. Pinga com jenipapo, no bar de D. Zuleika, só nos fins de semana.

Para comunicação com a Direção Geral, o único elo era a caixa postal dos correios — quase sempre vazia. Enquanto esperava, o casarão ganhava jeito de banco. Agora com a máquina recebida do ALMOX, fazia a minha parte, improvisando modelos. Enfim, chegou o material: arquivos, móveis de madeira, tapetes, conjuntos de assinaturas autorizadas, material de expediente, lâmpadas fluorescentes, balcões, gerador de energia, cofre e volumes da CIC.

Com a colaboração de todos na cidade — prefeito, vereadores, tabeliães, comerciantes, fazendeiros, operários —, vi chegar o grande dia. Dia de flores, discursos, música, coquetel, banquete, festas: a agência estava ali, para ficar. Gerente e funcionários se uniram em iguais e definitivos propósitos de progresso. Da velha agência dos Correios, foi transmitido conciso telegrama à Sede: "BB CARAVELAS (BA) a BB DIREÇÃO GERAL - CREGE/SUFIC pt nesta data vg novembro dezesseis vg iniciadas operações agência em Caravelas (BA) pt ".

Oculta sob o frio texto da mensagem, havia toda uma história de aventura e pioneirismo, que continua se repetindo pelos rincões deste Brasil.

(Narrativa enviada pelo funcionário Paulo Gomes da Fonseca - Divinópolis-MG - para a seção "História não escrita do Banco do Brasil" - Aviso-Circular DESED 77/14).

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP*, órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Francisco Régis de Moura Pereira, José Roberto Viana, Waldemar de Oliva Brandão, Adrino Aragão de Freitas, Antônio Cezar Drumond Amorim, Edimar Rodrigues de Abreu, José Eduardo de Oliveira Maradei, Paulo Machado Afonso, Alexandre Eggers Garcia e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Diagramação:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, Oscar Dornellas da Costa Filho e Uilson José Morais Miranda. Tiragem desta edição: 85.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco H, Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF).
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL-DEMAC/DIGRA, Rua General Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro (RJ).

UMA ESTRANHA PROPOSTA

O vento nordeste assobiava nas janelas do velho prédio da agência de Laguna (SC), no inverno de 1967. Ajudante de serviço, eu trabalhava no setor de cadastro, quando apareceu no balcão aquele homem alto e magro, cabelos desalinhados, barba comprida e branca, aparentando uns 70 anos. No maço de surrados papéis que trazia, uma antiga escritura, não registrada no cartório de imóveis.

— *Quero fazê minha ficha. Tô querendo impréstimo prá pegá um dinheirinho e podê levá uma muiezinha prá casa!*

Depois de alguns minutos de conversa, verifiquei que era aquilo mesmo: o homem queria *casar.* Levei o assunto ao gerente, mas a sua pretensão não pôde ser atendida. Embora o Banco financiasse os mais variados setores de atividade, aquela ainda não contava com o amparo regulamentar. Cabisbaixo, o homem foi enrolando seus papéis e saiu, sem qualquer comentáro.

Dois dias depois, o investigador de cadastro da agência, que também participara da conversa com o casadoiro proponente, foi surpreendido pelo homem, no andar térreo:

— *Qué dizê qui num posso mesmo tirá dinheiro?*

E enfiando a mão direita no embornal que trazia a tiracolo, fez emergir, lentamente, um facão com meio metro de lâmina.

Meio encabulado e nervoso, o investigador se preparava para gritar, ou fugir, quando foi interrompido:

—*Ei! Num tem jeito mesmo? Intão vô tê qui vendê inté u meu facão.*

(Narrativa enviada pelo funcionário Itamar Motta Mayrink— Laguna - SC)

*

UM FISCAL CUIDADOSO

O fiscal da CREAI em Nossa Senhora da Glória (SE), naquele ano de 1967, era muito cuidadoso com a água que bebia. E tinha razão Agnaldo Cardozo: a região não tinha água potável. A encontrada nas cacimbas era da pior qualidade. Assim, o fiscal programava suas visitas — sempre acompanhado do guia local, Gustavinho — de modo que pudesse retornar à cidade para o almoço.

Num desses dias de muito serviço — já passava das duas da tarde —, Agnaldo ainda tinha anotada na agenda uma visita à propriedade de Dona Sinhá, viúva e antiga mutuária do Banco. Faminto, mas não descuidado, o fiscal preveniu seu guloso ajudante:

— Veja lá, Gustavinho! Dona Sinhá vai nos convidar para almoçar, mas vou dizer que já comemos. Você confirme, olhe lá!

O ajudante acedeu, contrariado, e a vistoria começou.

Lá pelas tantas, veio o esperado convite. O fiscal agradeceu, alegando que já almoçara. Gustavinho olhou-o, desconfiado. O trabalho continuou, e Dona Sinhá, hospitaleira, insistiu:

— Um cafezinho, pelo menos...

Agnaldo cedeu, e aceitou. Prestativa, enquanto esquentava a chaleira, a dona da casa trouxe água, numa bacia, para que os visitantes tirassem a poeira das mãos e do rosto. Gustavinho percebeu a oportunidade para uma *tirada* sutil:

— Dona Sinhá, será que faz mal a gente lavar o rosto em jejum?...

Foi assim que o cuidadoso fiscal Agnaldo Cardozo, fazendo das tripas coração, comeu o ensopado de galinha, preparado com a água poluída da boa Dona Sinhá.

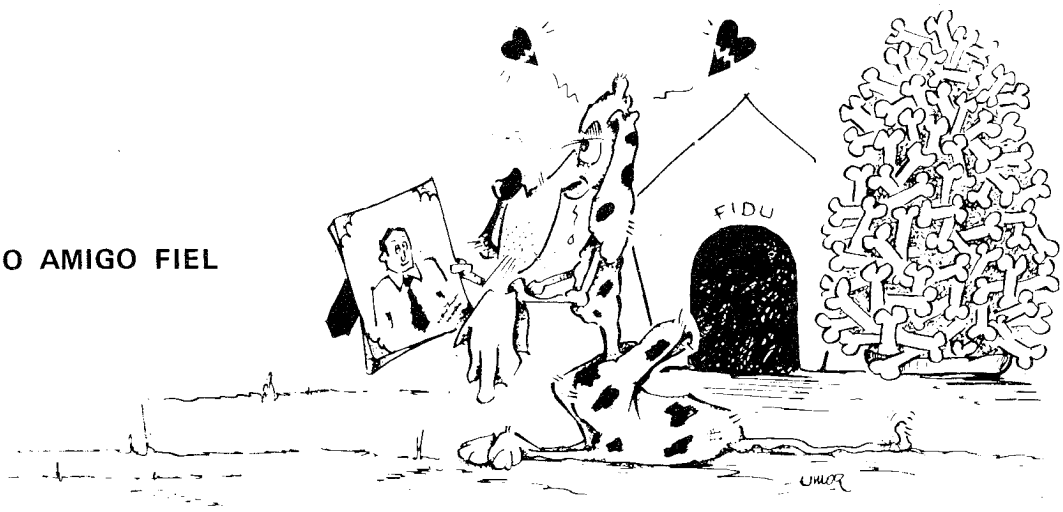
(Narrativa enviada pelo funcionário Antônio Góes de Araújo — Estância - SE)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Francisco Régis de Moura Pereira, José Roberto Viana, Waldemar de Oliva Brandão, Adrino Aragão de Freitas, Antônio Cezar Drumond Amorim, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, José Eduardo de Oliveira Maradei, Paulo Machado Afonso, Alexandre Eggers Garcia e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Diagramação:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, Oscar Dornellas da Costa Filho e Uilson José Morais Miranda.

Tiragem desta edição: 85.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. - Setor Comercial Sul, Bloco H, Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF).

Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL-DEMAC/DIGRA, Rua General Bruce, 55-A, São Cristóvão-Rio de Janeiro (RJ).

O AMIGO FIEL



Entre os quinze funcionários que serviam na agência de Nova Prata (RS), em 1962, havia um carioca alto e magro, cuja voz e tipo físico lembravam o cantor Yves Montand. Alegre, simples, brincalhão, logo se tornou estimado.

Lafayette foi personagem de muitas histórias. A primeira ocorreu antes mesmo de sua posse na agência. Chegou, tomou o primeiro táxi e comandou: — "Toca pro centro!". O motorista olhou-o surpreso: — "Então, pode descer. É aqui mesmo ".

Três anos depois, voltava para o Rio (onde a noiva o esperava). Saiu de mansinho; para evitar festas, nem se despediu. Entre amigos, compadres e colegas ficou um companheiro muito especial.

Era recíproca a amizade entre o funcionário e aquele cão perdigueiro, branco com manchas negras, que dele se aproximara nos três anos vividos em Nova Prata. O animal era conhecido de todos, pela maneira explosiva com que irrompia na agência, assustado pelo espocar de foguetes ou pela descarga de um carro na rua: rabo entre as pernas, corria porta adentro, a buscar entre as mesas a proteção do "dono".

Ninguém sabe se o "Lafa" se despediu dele, quando foi embora. O certo é que, após a partida, o perdigueiro passou a ser visto, todos os dias, ao fim do expediente — cauda e orelhas atentas —, junto à porta da agência a esperar pelo amigo. Quando saía o último funcionário, o cão espichava um olhar melancólico e se dirigia, cabisbaixo, cauda caída, para a pensão onde Lafayette se hospedara. Ali, permanecia indiferente a tudo, até à comida que lhe ofereciam.

O tempo foi passando. O cão definhava: seu pêlo tinha perdido o brilho, os olhos se tornaram opacos. Nada o reanimava, nem mesmo as brincadeiras que lhe faziam os funcionários da agência.

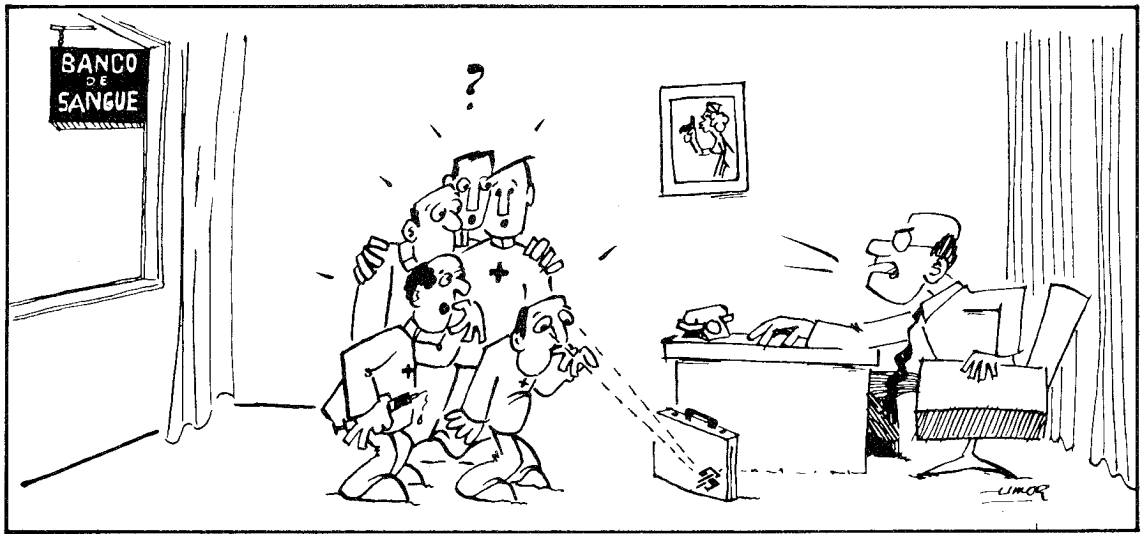
Até que um dia — patas enrijecidas, costelas vincando-lhe o couro, olhos muito abertos e vidrados — encontramo-lo na sarjeta. Em seu corpo, nenhum ferimento. Morrera de saudade.

(Narrativa enviada pelo funcionário Luiz Aldo Salvamoura — Agência Centro de Porto Alegre — RS)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Francisco Régis de Moura Pereira, José Roberto Viana, Waldemar de Oliva Brandão, Adrino Aragão de Freitas, Antônio Cezar Drumond Amorim, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, José Eduardo de Oliveira Maradei, Paulo Machado Afonso, Alexandre Eggers Garcia, Maria Elisabete C. Christianini e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, Oscar Dornellas C. Filho e Uilson José Morais Miranda.

Tiragem desta edição: 90.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. - Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF).

Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro(RJ).



INSPETOR DISTRAÍDO

Aconteceu nesta cidade, há muito tempo. O inspetor entrou na agência e um funcionário veio atendê-lo.

— Sou o inspetor. Quer chamar o gerente?

O gerente chegou rápido. Solícito, convidou o inspetor a entrar em seu gabinete e sentar-se. Ensaiou uma conversa. O inspetor o interrompeu, gentilmente, pedindo para começar de imediato a conferência do numerário existente na filial.

Ao conferir a reserva, o inspetor já demonstrava algum desagrado. Alguém o ouvira resmungar que o dinheiro estava mal arrumado. Terminado o trabalho, rascunhou uma mensagem para a INGER e quis saber onde ficava o telex. O gerente respondeu que não havia. Contrariado, o inspetor pediu então um formulário para telegrama.

— Vamos mandar comprar na papelaria — respondeu, nervoso, o gerente.

Aí, o inspetor não se conteve — dinheiro desarrumado, sem telex, sem formulário padronizado de telegrama:

— Isso nem parece uma agência do Banco do Brasil !

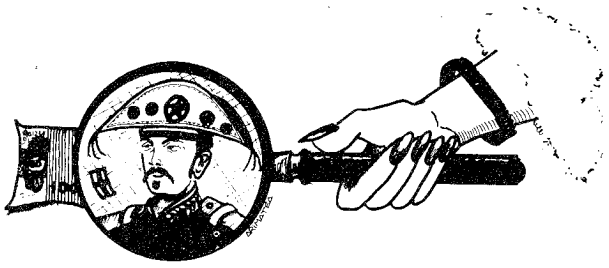
Ao ouvir o nome do banco, o gerente teve um engasgo:

— Ma... mas isso aqui não é Banco do Brasil !...

O engasgo do inspetor foi maior ainda. Batera na porta errada.

(Narrativa enviada pelo funcionário Washington Castro — Esteio - RS)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal - DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Alexandre Eggers Garcia e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e José de Arimatéa C. Castro. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O.Caixeta e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 90.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. - Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º. andar, BRASÍLIA (DF).
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA, Rua Gen.Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro(RJ).



LEDO ENGANO COM FLORIANO

Quem trabalha na bateria, conhece a história: bobeou, pagou. Pois é. Assim foi. Um dia, o Banco Central descobriu, enfurnada entre as cédulas que eu havia cintado, uma nota falsa de cem cruzeiros. Não teve escapatória. Catei, lá do fundo do meu saldo, um restinho de dinheiro e cobri a bobeada. Não demorou muito, o Espedito, com a experiência do nome e do cargo – chefe da tesouraria –, entrou pelo mesmo cano. Para que o negócio não virasse rotina de serviço, resolvemos dar uma de Cherloque Rolmes. Limpamos as lentes (dos óculos) e ficamos de olhos abertos.

Não foi preciso esperar muito para se ver o resultado das investigações. Numa tarde de pouco movimento me caiu na mão uma outra cédula de cem cruzeiros. Examina que examina, descobri um erro na História do Brasil: o marechal Floriano Peixoto era cearense e não alagoano. Pelo menos na efígie da nota de cem, onde ele aparecia com a cabeça mais achatada do que bolacha Maria. Chamei o expedito chefe da tesouraria e fomos encontrando outros "fortes" indícios da falsificação: a coloração era mais avermelhada e viva; algumas diferenças no bigode, colarinho e costeletas do Marechal e outras tão visíveis que dispensavam qualquer instrumento mais sofisticado dos cherloqueanos.

Embora não estivesse plenamente convencido da falsificação – apesar de apresentarmos "dados irrefutáveis" –, o gerente sugeriu que separássemos as notas das demais. E para mal dos meus pecados, eu já estava com 90 delas encalacradas no meu baú. Era o valor certinho do meu ordenado. O meu consolo é que todos os baús da bateria guardavam também outras tantas notas de cem cruzeiros. Eu não choraria sozinha.

Como aqui não tem o BIP para acabar com os boatos, a descoberta efetuada por nossa equipe de detetives logo se espalhou pela cidade. Durante três "longos" dias recebemos, com enormes filas, depósitos daquelas "fatídicas" notas de cem, para os quais fornecíamos recibos especiais. Soubemos até de pessoas que, não querendo entrar nas filas – ou não acreditando muito nos depósitos provisórios –, trocaram por cinqüenta cruzeiros cada nota "suspeita" que possuíam.

Ao final dessa "corrida aos guichês do Banco", o chefe Espedito viajou para o Rio, levando uma amostra de 20 notas para o Departamento de Tesouraria. A minha parte cherloqueana estava realizada e os esforços não foram em vão: a perícia deveria "simplesmente" comprovar "o derrame de notas falsas na cidade". A única preocupação eram as cédulas recebidas antes dos depósitos especiais. O caixa que iria perder menos tinha 35 "daquelas" notas no seu baú.

Foram 24 horas de suposições e pesadelos até a volta do Espedito. Quando ele chegou, meio murcho e frustrado, adivinhamos a resposta: "As notas são verdadeiras, apesar dos defeitos encontrados. Acontece que na emissão, há uns dez anos, a matriz apresentou alguns defeitos e, mesmo assim, foram impressas. O Banco Central mandou que recolhêssemos todas. Mas não são falsas".

O esforço despendido no recebimento dos depósitos não havia terminado. E lá fomos nós preencher papéis para substituir a escrituração especial. Nos três dias, tínhamos recebido mais de 30 mil cédulas de cem cruzeiros.

O pior da história é que não consegui me livrar do complexo cherloqueano. E quando me demoro um pouco mais a examinar alguma nota "suspeita", quase sempre ouço:

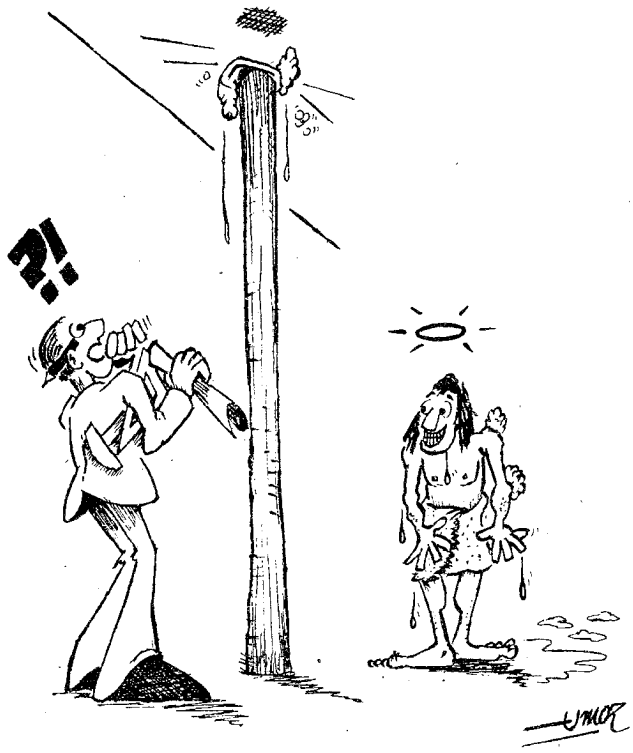
– Moça, quem foi o doido que inventou aquele negócio de notas falsas?

Finjo que não ouço e enfio a cara no dinheiro que estou contando.

(Narrativa enviada pela funcionária Laurineide da Silva Leite – Agência de Santa Maria da Vitória - BA)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal - DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Alexandre Eggers Garcia e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e José de Arimatéa C. Castro. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O.Caixeta e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 90.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* – BANCO DO BRASIL S.A.– Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF).
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA, Rua Gen.Bruce,55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro(RJ).

PASSARINHO CONTRA NEWTON



A agência de Conselheiro Pena (MG) alugava o térreo de um prédio de dois pavimentos. Em 1968, tornou-se necessário ocupar também o andar superior. Subiram pesados arquivos da CREAI, da CREGE e do Cadastro. Quando se pensou em levar para cima também o almoxarifado, pediu-se a opinião do DEBEP. Havia suspeita de que a estrutura do piso superior não suportaria o peso.

Ao chegar à agência, o engenheiro do DEBEP resolveu testar a resistência da laje, durante alguns dias. Colocou vários sacos de cimento no andar de cima e, na parte central do térreo, afixou uma estaca indo até o teto. Deixou um pequeno vão entre a extremidade superior da estaca e a laje, no qual introduziu um sabonete recém-comprado. Se esmagado, depois de três dias, ficaria comprovado que a laje cedera.

O teste começou ao fim do expediente de uma terça-feira. Na manhã seguinte, curioso, o engenheiro usou uma escada para verificar como andava a coisa.

— Incrível! — exclamou, ao examinar o sabonete. E ficou murmurando coisas ininteligíveis. Ao pé da escada, esperávamos, curiosos. Por fim, balbuciou audivelmente, como se estivesse constatando a revogação de uma lei da Física:

— Não é possível! Com todo o peso, a laje subiu, em vez de ceder!

Num canto da agência, alguém usava as duas mãos para esconder um riso maroto. Era *Passarinho,* o contínuo, que depois do expediente da véspera não resistira ao sabonete novo, para um banho recuperador, no chuveiro da portaria.

(Narrativa enviada pelo funcionário José Batista dos Anjos — agência de Salinas-MG)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal - DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, José Roberto Viana, Antônio C.Drumond Amorim, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Alexandre Eggers Garcia e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e José de Arimatéa C. Castro. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa.
Tiragem desta edição: 90.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. —Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF).
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce,55-A, São Cristóvão -Rio de Janeiro (RJ).

A CONFUSÃO DOS CONTÍNUOS ANTIGOS

No momento em que levantou a mão para bater na porta da gerência, o velho Pedro ouviu a sombria conversa:

— ... contínuos antigos serão encaminhados ao asilo de velhos!

Pedro empalideceu e o seu braço imobilizou-se no gesto. A bandeja estremeceu na outra mão, xícaras balançaram e o coração atropelou o peito. Recuperada a voz, pediu ao seu colega Juvenal que levasse o café para o chefe.

Pedro, já tropeçando nos últimos degraus da escadaria da vida — mas ainda na ativa —, fora transferido para o gabinete da gerência, depois de trinta e oito anos em serviços de rua. Agora ele trabalhava mais com braços que com pernas, e sua tarefa mais pesada seria a bandeja do café. Muito tímido, pouco falava. Cumpria ordens como um soldado: nunca procurava saber o porquê dos afazeres.

Depois de servir o café, Juvenal, que era motorista da camioneta do Banco, saiu do gabinete chateado. Pedro perguntou o motivo da zanga.

— Ora, eu detesto asilos e o chefe me manda pra lá...

Só então Pedro se deu conta de que Juvenal era, como ele, antigo no Banco, e vivia também ouvindo conselhos dos mais novos: "Se eu fosse você, me mandava"; "Quando eu completar trinta anos, não fico nem mais um dia". (Mas todos que davam conselhos ainda hoje trabalham!).

— ... E você vai comigo, completou Juvenal.

Pela primeira vez na vida, o dócil Pedro virou fera! Entrou abruptamente no gabinete do gerente e foi logo dizendo que ninguém tinha o direito de se intrometer na sua vida particular, que não iria para asilo nenhum, que ia pedir aposentadoria hoje mesmo.

Assustado com a insólita agressividade, tanto mais que vinha de um homem de boas maneiras, o gerente fez sinal à secretária para pedir ajuda aos colegas.

Foi difícil conter Pedro. Só depois de muito esforço, o chefe da CREAI e o Investigador de Cadastro conseguiram segurá-lo.Mas ele continuou gritando e reivindicando a liberdade de escolher onde morar.

O gerente telefonou para o médico-chefe do hospital, recomendou a maior paciência com Pedro, que era excelente pessoa. Adiantou que o distúrbio devia ser passageiro, que o problema teria sido causado por uma neurose, que a sonoterapia poderia ser bastante benéfica, que a terapêutica mais aconselhável no caso...

Pedro continuava gritando:

— Não esperava isso do Banco do Brasil! Nunca dei motivo para a menor reclamação. Sempre procurei fazer tudo certo. Eu não mereço isso. Me soltem! Eu quero ir embora. Eu vou me aposentar. Eu vou embora! Porque envelheci como contínuo, querem me mandar para o asilo. Nunca!

O gerente interrompeu a ligação e olhou estupefato o velho Pedro. Pouco a pouco viu que alguma coisa estava errada.

— Pedro, pelo amor de Deus, o que é que você está falando? Quem vai levar você para o asilo? Quem lhe disse isso?

— Eu mesmo ouvi o senhor falar, quando ia entrar no gabinete para servir o café. Os contínuos antigos vão ser mandados para o asilo de velhos! Só que eu não vou! Eu não preciso disso.

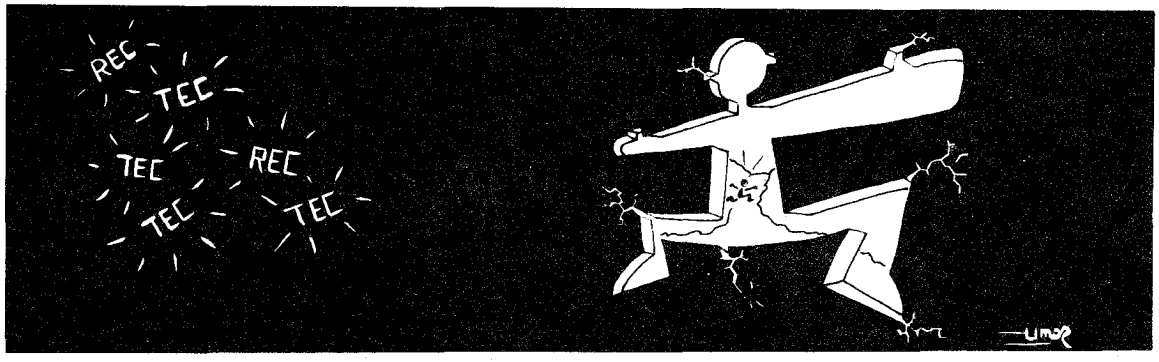
O gerente continuou falando, com voz pausada. Pedro foi se acalmando à medida que ouvia as explicações. Só depois de alguns minutos, já refeito, o velho contínuo da agência entrou na camioneta dirigida por Juvenal. Enquanto os colegas, na gerência, ensaiavam as primeiras gargalhadas, na rua o veículo roncava o motor, pronto para partir rumo aos arredores da cidade, onde descarregaria os volumes contendo os *formulários contínuos antigos* que o Banco havia doado ao Asilo de Velhos.

(Narrativa enviada pelo funcionário Hélcio da Rocha Lavado - DEPDA - Rio de Janeiro-RJ)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal - DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, José Roberto Viana, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Alexandre Eggers Garcia e Marilda G.de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e José de Arimatéa C. Castro. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa.

Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF). CEP. — 70.302.

Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce,55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro(RJ).



ESSAS MÁQUINAS MARAVILHOSAS...

A Metropolitana Leblon ainda funcionava na esquina da rua Bartolomeu Mitre com a avenida Ataulfo de Paiva quando, em 1972, chegou à agência o primeiro aparelho de telex. Curiosos com a novidade, os funcionários da agência passaram o primeiro dia rodeando a teleimpressora, admirando aquela maravilha de técnica. Menos Joaquim, o vigilante noturno, que chegou quando a agência já encerrava o expediente.

Como de costume, sentou-se no saguão, perto da porta, descansou a mão na coronha do fiel "32" que trazia no coldre e permaneceu atento. Também atento e ligado à tomada, numa plataforma escondida atrás da bateria de caixas, ficara o aparelho de telex, a postos para a primeira tarefa noturna.

Joaquim dormira bem toda a manhã. Estava disposto e desperto. De repente: REC-TEC-TEC-TEC-TEC – disparou um teclado no interior da agência. Joaquim, de um salto, levantou-se da cadeira, enquanto sua mão apertou a coronha do "32".

– Quem está aí? – e acendeu uma fluorescente.

Um frio percorreu-lhe a espinha. Na ponta dos pés, meio agachado, deu alguns passos e observou por cima do balcão. Nada.

– Seria algum fantasma? Será que 'tou ouvindo coisas? – o barulho cessou e ele, cautelosamente, voltou ao seu lugar.

Nem bem havia recuperado a calma, e a coisa recomeçou.

– Há alguém aí escrevendo à máquina – pensou ele. Levantou-se e, quase rastejando, procurou a portinhola do balcão para fazer uma busca entre as mesas. Revólver já apontado para o local de onde vinham os ruídos, procurava o intruso. Até que pôde ver acesa, à sua frente, a lâmpada fraca da teleimpressora e ouvir, de perto, o barulhinho que pensou fosse da máquina de escrever. Tenso, não resistiu:

– É fantasma! E, desesperado, escancarou a porta, ganhando as calçadas da rua Bartolomeu Mitre, em busca de alguém que pudesse esconjurar aquele espírito transformado em máquina.

Correu meia quadra e parou. Seu senso de responsabilidade foi mais forte do que o medo. Encheu os pulmões de ar, o coração de coragem e cruzou, novamente, a porta da agência. Ficou valente. Foi direto à origem do barulho. De mansinho, observou a estranha máquina, que recebia uma ordem de pagamento da agência Centro de São Paulo.

– Mas *tem* alguém aqui batendo nessa droga?

Terminada a mensagem, a máquina parou. Joaquim continuou sem entender coisa alguma. Mesmo assim, um pouco aliviado, recuou até a porta. O barulho não voltou, mas ele permaneceu de pé, revólver em punho, com todas as luzes acesas, até que, pela manhã, exausto pela tensão, ouviu do primeiro contínuo que chegou as explicações sobre "a nova maravilha".

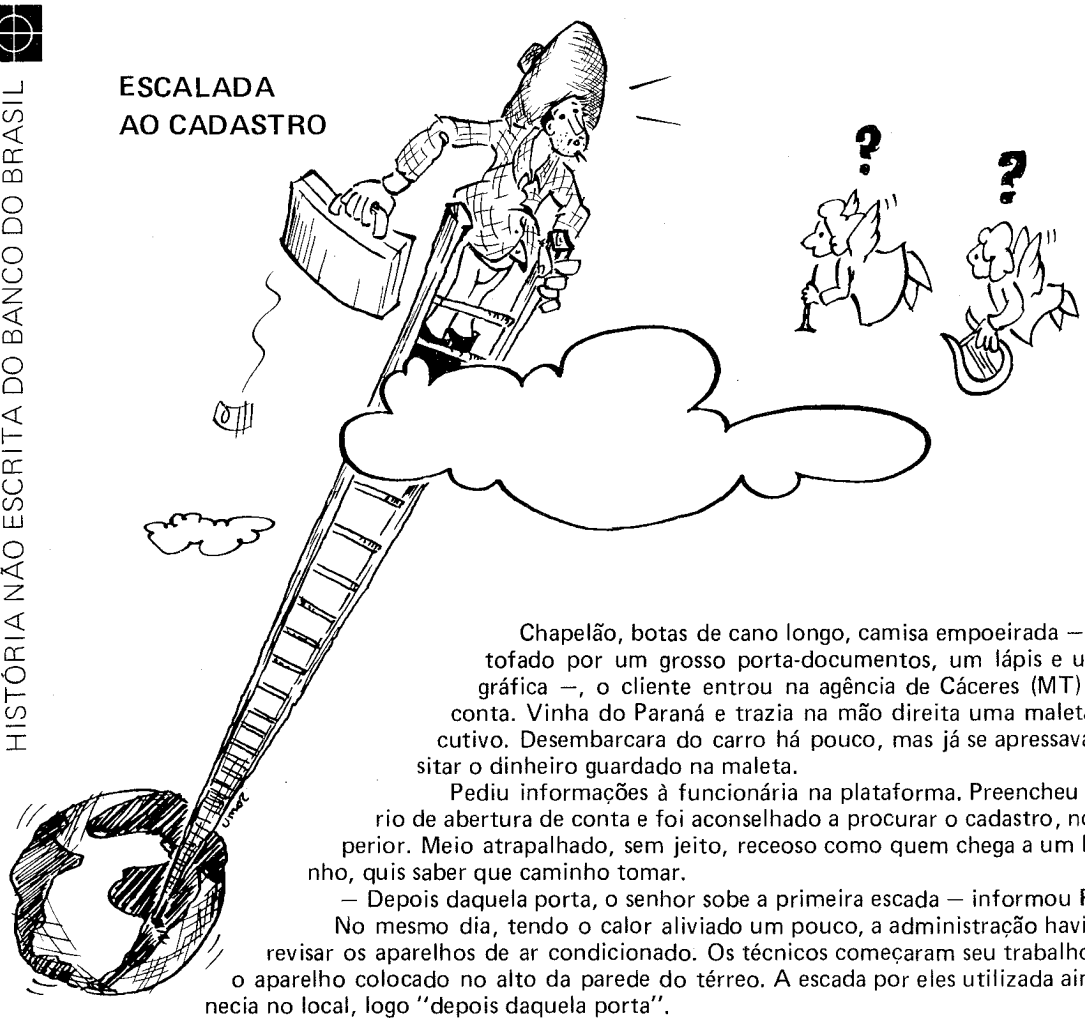
– Bem que eu pensei: esse "negócio" está cheio de mistério – ainda comentou, incrédulo.

(Narrativa enviada pelo funcionário Túlio Sérgio Aguiar Nascimento – Miguel Calmon - BA)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal - DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho e Uilson José Morais Miranda. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa.
Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal* - BIP – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP – 70.302.
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce,55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro(RJ).

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

ESCALADA AO CADASTRO



Chapelão, botas de cano longo, camisa empoeirada – o bolso estofado por um grosso porta-documentos, um lápis e uma esferográfica –, o cliente entrou na agência de Cáceres (MT) para abrir conta. Vinha do Paraná e trazia na mão direita uma maleta tipo executivo. Desembarcara do carro há pouco, mas já se apressava em depositar o dinheiro guardado na maleta.

Pediu informações à funcionária na plataforma. Preencheu o formulário de abertura de conta e foi aconselhado a procurar o cadastro, no andar superior. Meio atrapalhado, sem jeito, receoso como quem chega a um lugar estranho, quis saber que caminho tomar.

– Depois daquela porta, o senhor sobe a primeira escada – informou Rosa.

No mesmo dia, tendo o calor aliviado um pouco, a administração havia decidido revisar os aparelhos de ar condicionado. Os técnicos começaram seu trabalho retirando o aparelho colocado no alto da parede do térreo. A escada por eles utilizada ainda permanecia no local, logo "depois daquela porta".

O cliente não perdeu muito tempo: parou, olhou para a escada de madeira, avaliou, repassou a instrução de Rosa e começou a subir, cuidadoso, degrau por degrau, segurando-se com a mão esquerda e dois dedos da mão direita, enquanto os demais apertavam a alça da maleta com a valiosa carga.

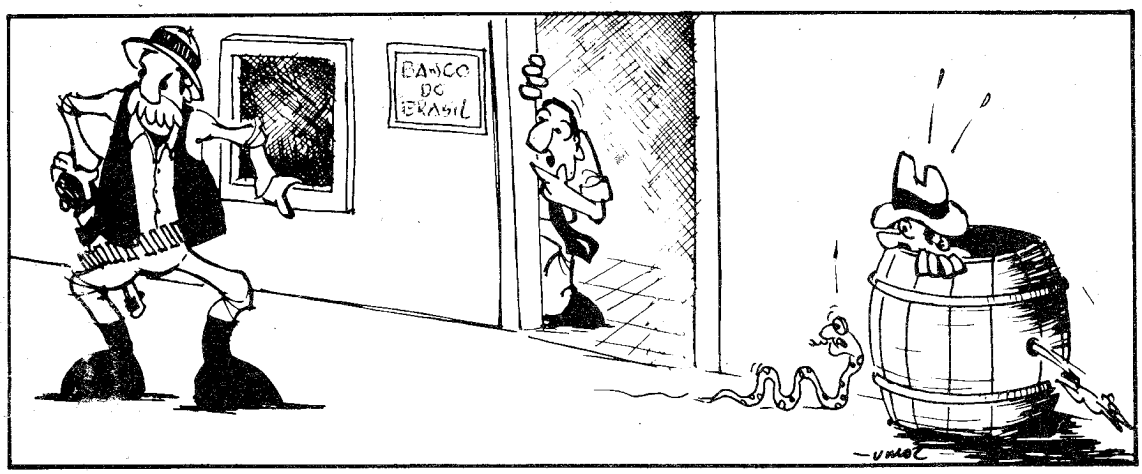
Chegando ao topo, só encontrou o buraco na parede, de onde fora retirado o aparelho. Ainda meio desconfiado, meteu a cabeça dentro e avistou, lá embaixo, alguns funcionários manuseando papéis, outros datilografando. Só quando o pessoal percebeu o ar assustado do cliente e sua cabeça emoldurada pelo inusitado guichê, é que ele se encorajou a perguntar:

– É o cadastro? *Prá fazê* ficha é aqui mesmo?

(Narrativa enviada pelo funcionário Santiago Selverio Savalio – Agência de Cáceres-MT)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP*, órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal - DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho e Uilson José Morais Miranda. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa.
Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal* - BIP – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP – 70.302.
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce,55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro(RJ).

POSIÇÃO CONVINCENTE



Em Buriti Alegre, sul de Goiás, quando o cliente vinha "empinar um papagaio", já trazia seus possíveis avalistas. Naqueles meados de 50, a providência era necessária: diante da dificuldade de comunicações, parecia a melhor maneira de se acelerar o despacho da operação.

Muitas vezes, o gerente se via obrigado a aconselhar o proponente a apresentar outro avalista, e isso, na presença do recusado. Para um gerente evitar uma enrascada, era preciso cuidado, muito cuidado, que a terra era de valentes. Qualquer demonstração de desconfiança podia ser mal interpretada. Uma desfeita passava a motivo de se lavar a honra.

Foi numa sexta-feira que ocorreu um desses impasses quase insolúveis. Entrou o cliente, cumprimentou, explicou a situação, e o gerente gelou. Gelou quando ficou sabendo que o avalista proposto era o Zecão, "que está lá fora esperando o resultado".

Zecão era desses furacões vivos, cuja fama aterrorizava a região e adjacências: um elemento perigoso, homem macho, que não estava acostumado a levar desaforo para casa.

O gerente precisava pensar rápido. Enquanto preenchia o "branco da memória", tratou de obedecer à rotina. Chamou um funcionário e ordenou, trêmulo:

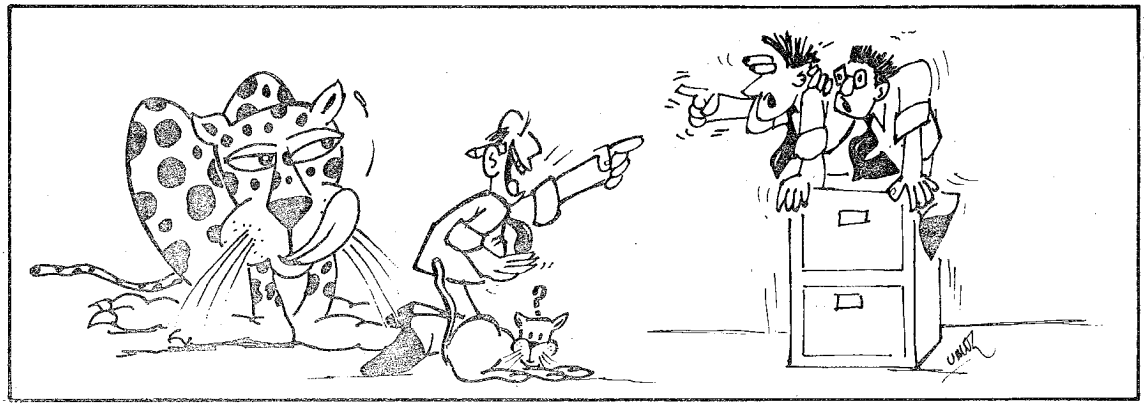
— Sinval, veja a *posição* do Sr. Zecão.

Não é que Sinval não tenha entendido a ordem. Entendeu, e muito bem, em todo o seu alcance e conseqüências. Quando retornou ao gabinete, trouxe a posição solicitada:

— Chefe, ele está lá, encostado na parede, com a mão esquerda na janela e a outra segurando o 38.

(Narrativa enviada pelo funcionário Ruby Alves — Metrop. Taguatinga, DF).

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal - DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho e Uilson José Morais Miranda. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa.
Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal* - BIP — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP — 70.302.
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce,55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro(RJ).



INSÓLITO CLIENTE (AQUELA FERA)

Mais um dia escorre pachorrento em Maués (AM). Mais uma etapa desta vida mansa, em meio à natureza que explode, amazônica, exuberante, viva. "Viva a vida sossegada desta agência, é 16 de junho, sexta, e amanhã não se trabalha..." O caixa, num olhar distraído, pelos vidros confere a rua, o dinheiro, a rua, espicha o pescoço, olha de novo, franze as sobrancelhas, grita, pula pra cima do guichê e estabelece o pânico num ambiente de respeito: "— Uma onça!"

Da rua se ouve o tumulto, a gritaria, lojas que se fecham num bater de portas — olhos que vêem com incredulidade e assombro: "Uma onça na rua!" E a porta da agência aberta, escancarada, e a rua agitada, em polvorosa, aguardando o desfecho da inusitada cena — enquanto a fera, indiferente, passa. Parou agora, e, defronte à agência, mede possibilidades, lambe os beiços, talvez prefira os magros. Ou, quem sabe, os mais gordos?

Quem coube, fez da bateria sua trincheira; os arquivos foram escalados com desconhecida agilidade. Os que puderam correr, voaram, e os solidários cederam um lugarzinho ao guarda de esquecido, inútil revólver. "E se o bicho entrar?" Submetidos aos caprichos da fera, os funcionários nos calamos, encolhidos pelos improvisados refúgios. Alguns rezávamos. Não se registraram desmaios (temos hombridade), mas um desejo súbito de sumir ou de calmantes, um copo d'água, pelo amor de Deus. E a coragem, em baixa, que coragem também tem hora.

Meu pensamento dispara: "Em 1978, na principal avenida da cidade, no meio do asfalto: o desfile soberbo, enorme, da natureza pintada, uma onça!, quero um *zero três catorze*..." — eu tinha garantido meu lugar — limitada vaga na estratégica retirada — sobre o arquivo do cadastro. E a fera, ali, senhora de depósito sem limite, de notável força à disposição — as garras afiadas, as ameaçadoras presas: "Quanta comida nessas pradarias!"

O bicho avançava, indeciso, escolhendo; nós nos encolhíamos, como se fosse possível maior aperto. Passou diante da porta, bem devagar, desfilando quem sabe que pensamentos ferinos: "Não vale a pena". Desistiu? Confesso que, num último relance, suas vistas faiscaram aos meus olhos assustados.

Passou, tudo passa. Suspiramos aliviados ao ouvir o estrondo surdo, enquanto o tropel popular se concentrava num ponto da avenida principal da progressista cidade de Maués: o bicho estava morto.

Acho que estou vivo (conto, logo existo), mas continuo assustado. Como pretendo continuar vivo, e menos assustado, tomo um *zero três catorze* e redijo logo meu requerimento, não sem dificuldade de expor razões. Nós, de Maués, estamos todos aguardando ansiosamente nossa remoção, por motivos de onça maior.

(Narrativa enviada pelo funcionário Ilson Mendes Leal — Ag. de Maués — AM. Redação Final: BIP*)*

Expediente: *O Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal - DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Cézar Drumond Amorim, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho e Uilson José Morais Miranda. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa.
Tiragem desta edição: 100.000 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP — 70.302.
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA, Rua Gen.Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro (RJ).

UM CLIENTE MUITO ESPECIAL

A agência de Muriaé (MG) estava abarrotada naquele último dia do mês. A Cooperativa havia depositado e todo o pessoal veio receber a cota mensal pela venda do leite. Empurrões, algazarra. Segunda-feira *dose-pra-leão,* quanto mais os caixas atendiam, mais as filas se avolumavam na frente dos guichês. Depósito, carnê, cooperado! Cheque, guias de recolhimento, cooperado! Conta de luz, ordem de pagamento, cooperado! E os caixas lutando para pôr fim naquilo.

Da fila do segundo guichê, entranhado na massa inquieta, brota o homem. Chapéu enterrado até às orelhas, bigodes negros, imensos. A voz alta, imperativa e grossa, estronda no ouvido do já atarantado caixa-executivo:

— Vê meu fundo aí!

Tanto as circunstâncias quanto os protagonistas não estavam para brincadeiras. E o caixa passou por cima do pitoresco da "ordem" e não hesitou em consultar o arquivo de fichas gráficas para informar o saldo.

— O senhor tem Cr$ 29.684,20.

Os bigodes ficaram quietos, calculando. Quando se moveram novamente, fizeram saltar por cima do vidro do guichê outra "ordem" curta e seca:

— *Me dá eles !*

Lá atrás, um homem gordo amaldiçoou a própria lerdeza: chegara atrasado e era o último da fila. O funcionário, enquanto isso, iniciava o ritual: preencher o cheque avulso, pedir ao cliente para assinar, consultar o arquivo de assinaturas e conferir a firma. Cheque acima da alçada do caixa — procurar o coordenador e solicitar o visto. Tudo providenciado, afinal, volta ao guichê, abre a gaveta e ... o dinheiro não dá.

— O senhor aguarda um pouquinho aí, por favor. Vou buscar lá na Tesouraria.

Os bigodes não devem ter entendido muita coisa, mas ficaram esperando. E começa a cerimônia da requisição: fazer o *passado,* ir à Tesouraria, solicitar um par de vistos, assinar o livrão, receber o dinheiro, conferir. Volta ao guichê, conta, separa, reconta e efetua o pagamento dos Cr$ 29.684,20.

Do outro lado do guichê, o homem pega o dinheiro e começa a recontar, cédula por cédula. Exatamente Cr$ 29.684,20. O último da fila resmunga alguma coisa e muda para outra. Depois de contar, conferir e misturar o dinheiro, o homem empurra de volta a bagaceira na direção do caixa e, vitorioso, comenta:

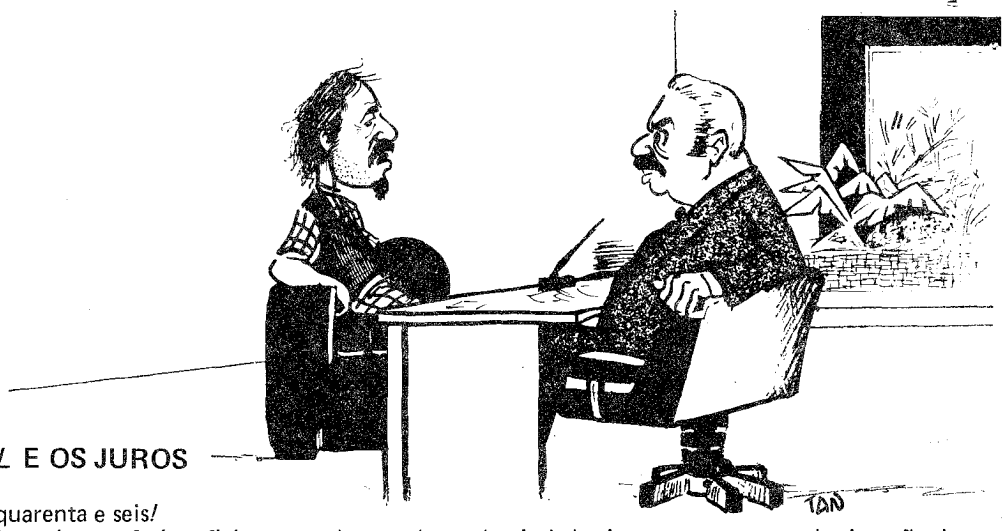
— Tá tudo certinho. Eu vou tirar Cr$ 65,00 para a passagem do ônibus. O resto, pode guardar na minha conta outra vez.

(Narrativa enviada pelos funcionários Antônio Edson Loureiro e Nilma Braga - Muriaé - MG)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal - DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Cézar Drumond Amorim, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho e Uilson José Morais Miranda. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa.

Tiragem desta edição: 100.000 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP — 70.302.

Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro (RJ).



O *CORONEL* E OS JUROS

— Número quarenta e seis!

O *coronel* Coqueiro conferiu a ficha e atendeu ao chamado ainda hesitante — nervoso pela situação de estar pela primeira vez no Banco do Brasil, a fim de obter financiamento rural. Plantou-se diante da mesa de Nivaldo, que — naqueles idos de 1955 — colhia as propostas da CREAI na agência de Vitória da Conquista (BA). E foi falando, como quem desfia um rosário: nome, apelido, idade, título eleitoral, endereço para correspondência e nome da propriedade.

— Quer plantar o quê e quanto?

— Cinco hectares de feijão.

— Tem que haver milho de permeio, *coronel*. Nesta região já ficou comprovado que só lavoura consorciada compensa.

— É, mas até hoje eu só plantei feijão. E não gosto de outra coisa não, doutor.

Após a explicação sobre o "cultivo conjunto de gramíneas e leguminosas e seus efeitos na rentabilidade agrícola" , o *coronel* concordou:

— Está bom. E quanto vai dar pra sair?

Nivaldo olhou o relógio: a conversa já tinha demorado muito. Consultou a tabela afixada na mesa e informou o valor. Depois de demoradas contas, o *coronel* decidiu acatar a idéia do feijão-com-milho. Tudo quase resolvido, surge outro problema: desejava saber quanto teria de pagar de juros!

— Pode ficar tranqüilo, *coronel*: os juros são baixos. Não dá para dizer agora, porque a gente só calcula de seis em seis meses. Mas a taxa é essa aí. É coisa pouca, preocupa não!

— De jeito nenhum! O senhor faça aí suas contas e me diga quanto é que vou pagar em dinheiro, porque no escuro eu não entro nessa não. Sou fraco, mas não sou besta não, doutor.

Nivaldo juntou o pouco de paciência que lhe restava e tentou argumentar, olhos fixos nos demais clientes que, na fila, começavam a demonstrar impaciência com a demora. E optou pela solução mais prática: taxa de juros, regra de três, cálculo rápido e o resultado aproximado:

— O senhor deverá pagar em torno de Cr$ 123,00 de juros, *coronel*.

— Cento e vinte e três redondos?

— É, podemos dizer que são Cr$ 123,00 redondos.

O *coronel* parou pensativo, tamborilando sobre o alforje de couro surrado que trazia sobre os joelhos, para desespero da "torcida". Acomodou-se melhor na cadeira, tirou palha e um pedaço de fumo do bolso e começou a preparar o cigarro. Como se tudo estivesse começando naquele instante, arriscou, muito sério:

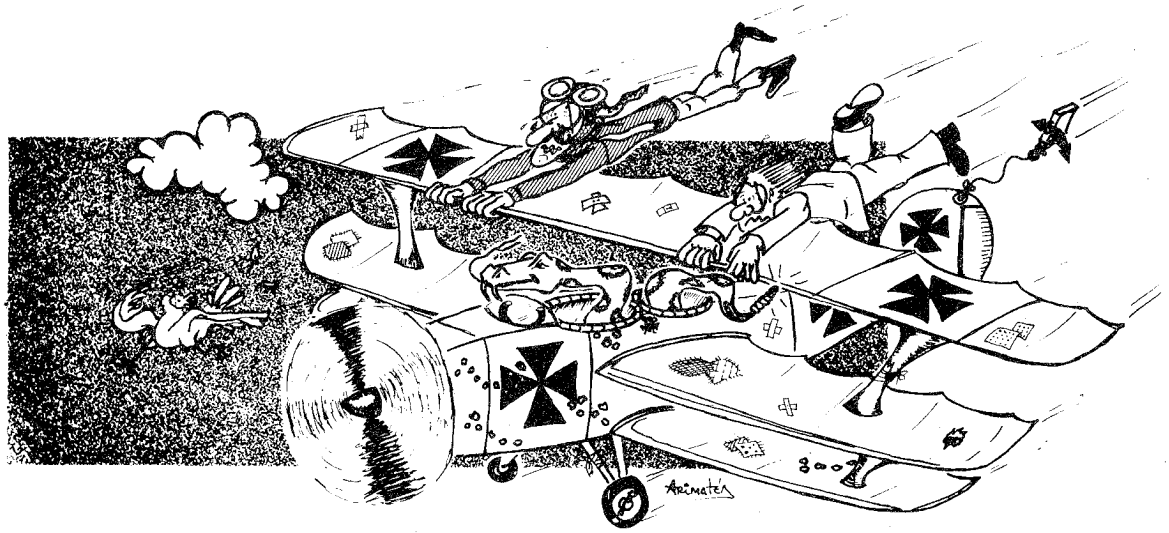
— Só dou cem! Nem um centavo a mais!

(Narrativa enviada pelo funcionário Reginaldo de Carvalho Santos — Ag. Centro Salvador, BA.

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP*, órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal - DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho e Uilson José Morais Miranda. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cássia O. Caixeta e Wagner Costa.

Tiragem desta edição: 100.000 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP— 70.302.

Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce,55-A, S. Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).



QUARENTA MINUTOS DE MEDO

Seo Antônio era cliente do BB antes mesmo de o Banco chegar a Barra do Garças (MT). A agência de Guiratinga (MT) jurisdicionava a região, e qualquer negócio exigia viagem de avião — único meio de transporte utilizável ali, naquela época. Para apresentar uma proposta, cujo prazo de acolhimento se encerrava no dia seguinte, *seo* Antônio procurou contratar o vôo. Não havia, entretanto, nenhum aparelho disponível. Apenas notícia de um aviãozinho de dois lugares, que se encontrava parado há vários meses para conserto no aeroporto da vizinha cidade de Aragarças (GO). Quem sabe não estaria consertado?

Sorte. A peça chegara no dia anterior, e a máquina já estava prontinha para voar. Apesar de desconfiado, *seo* Antônio acertou a viagem. Logo depois, o aviãozinho aterrissava em Barra do Garças. O passageiro tomou lugar ao lado do piloto. Pasta nos joelhos, pernas encolhidas e pronto: não cabia mais nada na cabina. Felizmente a decolagem ocorreu sem problemas — o passageiro, tenso.

Apesar de parado durante muito tempo, o pequeno aparelho voava macio e silencioso. Até o momento em que apareceu um ruído seco e intermitente, embaixo do banco. Os dois homens se entreolharam nervosos: uma cascavel, de malhas pardas e olhar maldoso, velha inquilina do avião parado, chocalhou outra vez a extremidade da cauda.

Seo Antônio apertou com força a pasta, o piloto apertou com mais força o manche. A cobra subiu pelo banco de *seo* Antônio, enroscou-se em suas coxas e, depois, arrastou-se em direção à trave existente no teto da cabina. Acabou escorregando no braço suado que escolheu como caminho, e desabou no piso. Recomeçou a subida pelo outro lado — novo ritual que se iniciava pela perna direita do piloto. Depois de escalar a canela trêmula, e passear sobre os instrumentos, o bicho voltou para o lugar de onde havia saído. E lá se acomodou novamente.

O piloto fez a aterrissagem mais perfeita, suave e macia de sua vida: qualquer solavanco poderia irritar a "companheira" indesejável. Desligado o motor, os cintos foram desapertados e as mãos deslisaram lentamente em direção às maçanetas. Piloto e passageiro giraram os trincos em ação sincronizada, e as portas se abriram. Quem observou a cena se surpreendeu: as portas se fecharam com violência e os dois homens pularam do avião, tocaram a terra já correndo em alta velocidade, cada qual para um lado. Suados, cansados, pálidos de medo.

(Narrativa enviada pelo funcionário Francisco Plutarco R. de Lima - Ag. Centro São Paulo - SP)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal - DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho e Uilson José Morais Miranda. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* - BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP — 70.302.
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro (RJ).

IMPASSE NO CADASTRO

Faz exatos dez anos. O expediente transcorria tranqüilo em Manhuaçu. Época de acolhimento das primeiras propostas de financiamento de custeio agrícola, o setor de cadastro concentrava o maior número de pessoas.

– Vim reformar meu cadastro.

Um após outro, os clientes se sentavam diante da mesa de Garcia e depois se dirigiam à chefia da antiga CREAI para apresentarem os orçamentos.

– Vim reformar o meu cadastro.

– Nome?

– José Secretário da Fonseca.

O mutuário, em evidente nervosismo, rodava o chapéu nas mãos e, cacoete insuportável, fazia ranger os dentes. O velho Garcia, no entanto, já estava acostumado a essas coisas. E prosseguiu a rotina de revisão da ficha cadastral em seu ritmo de todos os dias, fingindo nada perceber.

Ficha anterior, anexos. Alguma alteração no patrimônio? Onde poderemos obter informações? Quantos...

– Garcia, telefone pra você lá no Desconto!

– Já vou. Com licença, *seo* José. Eu já volto.

E no "eu já volto", a pasta com a ficha anterior ficou aberta sobre a mesa. O cismado cliente não perdeu a oportunidade: após duas rápidas olhadas laterais de 90 graus, remexeu e leu nervosamente na ficha. Nome: José Secretário da Fonseca. Atividade: agricultura. Outras atividades: *Nihil.* Imóveis: *Nihil.* Semoventes: *Nihil.* Outros bens: *Nihil.* Gravames: *Nihil.*

Garcia desligou o telefone e, ao mesmo tempo, a pasta com a ficha voltou à posição original. Mas não o rosto do cliente. Demonstrando fúria contida à custa de grande esforço, José Secretário aguardou com impaciência a aproximação de Garcia.

– Pois bem, *seo* José. Onde é mesmo que nós estávamos?

– Em lugar nenhum, moço. E não vamos também a lugar nenhum, enquanto eu não conseguir uma informação. O senhor olhe bem: já tem tempo que eu venho aqui no Banco, todo ano, para tentar um negocinho, e nunca dá certo. Sempre suspeitei que tinha alguém me atrapalhando. Mas agora eu tenho certeza. E o senhor, mocinho, vai ter que me dizer, aqui e agora, onde mora esse tal de *Nihil,* que vem atrapalhando meus negócios. Eu preciso ter uma conversinha com ele.

(Narrativa enviada pelo funcionário Rogério Coelho – Muriaé-MG)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP*, órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal - DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações**: Reinaldo de Araujo Lima. **Redação**: Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte**: Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho e Uilson José Morais Miranda. **Pesquisa**: Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* - BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8.º andar, BRASÍLIA (DF), CEP – 70.302.

Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro (RJ).

TECNOLOGIA, LAGARTA E FATALISMO

Levou muito tempo para que Joaquim Azevedo Bonfim procurasse o Banco a fim de solicitar financiamento agrícola. Foram muitos anos de insistência de Levindo Jurubeba Taveira (cliente antigo da agência do Banco em Januária – MG), em prolongadas conversas junto à cerca que dividia as duas fazendas:

– Mas compadre Joaquim, quem é honesto não precisa ter medo. O senhor vai dar a terra em garantia, tá certo. Mas, se aplicar o dinheiro de acordo com o contrato, é claro que ninguém vai lhe tomar a fazenda!

– Eu entendo, compadre. Eu até precisava melhorar umas coisas por aqui, plantar uma roça maior. O diabo é que só com dinheiro se faz isso. E como Deus não manda dinheiro, por certo não quer essas novidades por aqui.

O diálogo se repetiu várias vezes. A cabeça-dura do compadre nunca desanimou Levindo Jurubeba. Mas o que acabou convencendo Joaquim Azevedo foi o crescimento do rebanho do vizinho, a casa nova que este construiu na fazenda e outras novidades que começaram a aparecer do outro lado da cerca, com o correr do tempo. E foi muito desconfiado, inseguro, com cara de quem caiu em tentação, que ele entrou na agência, em agosto de 1960, com a escritura da terra no bolso, chapéu na mão, mulher ao lado:

– Se Deus quiser, eu quero plantar uma rocinha de algodão, pra experimentar. É a primeira vez. A terra é boa e, com Deus na frente, há de dar certo.

Chico Calaça, Investigador de Cadastro e velho conhecedor da "novela", cujos capítulos eram narrados por Levindo Jurubeba em suas andanças pela CREAI, quase não acreditou no que ouvia. Como sempre fazia em ocasiões especiais, mandou *saltar* um cafezinho *no capricho.*

– É um prazer tê-lo como nosso cliente, seu Joaquim.

– Obrigado, mas vamos acertar logo esse negócio, antes que eu me arrependa. O que é preciso, mesmo?

Enquanto o cliente saboreava o cafezinho, Calaça gastava seu latim, em longa explicação. Joaquim concordava, animado, balançando a cabeça, e Calaça se desdobrando mais ainda, para não se esquecer de nada: condições de financiamento, prazos, juros, documentos, fiscalização.

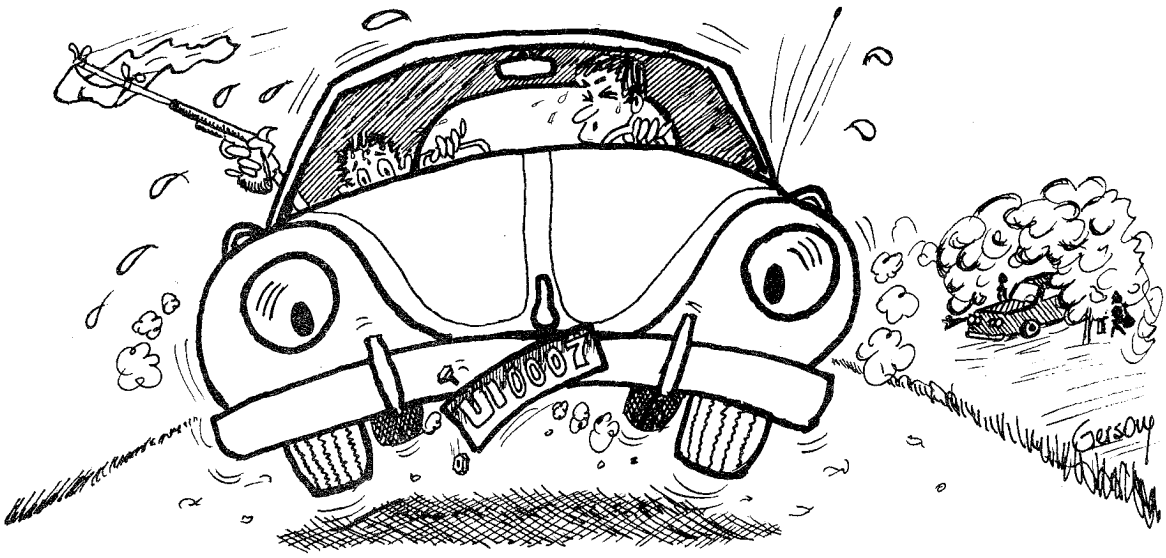
– As lavouras aqui na região estão tendo problemas de praga, seu Joaquim, e teremos de incluir no orçamento verba para aquisição de um pulverizador e inseticidas.

– Seu Francisco, se Deus quiser eu colho meu algodão, mas se ele não quiser, ele manda as lagartas comerem tudo, e elas comem mesmo. Não adianta pulverizador, nem inseticida, nem nada. De maneira que não dá certo. Até logo.

Levantou-se, silencioso como havia chegado e foi-se embora, deixando todos surpresos, sem dar qualquer chance de resposta a Chico Calaça. Foi assim que todo o paciente trabalho de seu Levindo, durante anos, voltou à estaca zero.

(Narrativa enviada pelo funcionário Gerardo de Andrade Pimenta – Januária - MG)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal - DESED/RELIN. **Encarregado da Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* - BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP. 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL - DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro (RJ).



A EMBOSCADA

Foi a nossa primeira viagem de numerário. Talvez por isso, ficamos ao mesmo tempo temerosos e eufóricos com a perspectiva da "aventura". Abril de 1971, sexta-feira. Antes do amanhecer, jogamos o saco de lona no porta-malas, enfiamos os *trabucos* na cintura e arrancamos no *fusquinha* 71.

Ao passarmos pela cidade de Campos Novos, já nos sentíamos aliviados pela ausência de novidades, e decidimos alterar a rota normal da viagem (Campos Novos – São José – Lages). Mudamos para a BR-470, cujo asfaltamento havia sido concluído recentemente. Na altura do quilômetro 255, avistamos um carro à margem da estrada, meio escondido no mato, em posição "suspeita". Embora pudéssemos notar movimentos imprecisos nas folhagens que ocultavam metade do carro, não víamos ninguém. E isso nos intranqüilizou ainda mais.

A pouco menos de mil metros do local, Ferretti tirou um binóculo da bolsa e focalizou o carro.

– *Tem* dois caras lá, Amílcar. O que está atrás do carro também está com binóculo. E olhando para nós.

Embora não tivesse certeza de nada, meu medo cresceu. Pensei em frear e voltar a Campos Novos.

– Amílcar, um deles está com um cano apoiado no teto do carro. É uma metralhadora! Está apontando para nós. Pare e volte, depressa. Pare!

– Não dá. Estamos perto demais, eles podem atirar antes de completarmos a meia-volta.

– Então acelere. Faça alguma coisa!

Enquanto gritava, Ferretti ia deslizando para baixo do porta-luvas do *fusca.* Também sentindo a tremedeira, dei uma olhada na estrada e vi à frente uma extensa reta. Afundei no banco, firmei a direção, cara colada na alavanca do câmbio, e atolei o pé no acelerador. Ferretti rezava a ladainha, o motor 1300 urrava – o ponteiro do velocímetro ultrapassou os 130 km/h. Foram longos segundos de pânico. No quarto quilômetro, voltei à posição normal. Estávamos no fim da reta, e os pneus cantaram na curva.

– Pode levantar, Ferretti. Desta vez nós escapamos.

Ainda nervosos, paramos no primeiro posto da Polícia Rodoviária e denunciamos:

– Dois caras tentaram nos assaltar. Um deles tinha uma metralhadora. Somos do Banco e estamos com dinheiro no carro.

– Muito engraçado, rapazes. Mas a "metralhadora" a que vocês se referem também é conhecida por radar. E aqui está a multa por excesso de velocidade.

(Narrativa enviada pelo funcionário Amílcar Benvindo Bresciani – Joaçaba-SC).

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro (RJ).

O PACOTE DE PLANALTO

Final do expediente, duzentas e tantas autenticações e a desagradável constatação de uma diferença de cinco mil cruzeiros a menor no meu caixa. Aí começou a via sacra: verifiquei a soma da fita-detalhe, analisei os papéis processados, repassei diversas vezes o numerário (sem notas de mil, ainda) e nada! A memória rangeu ao peso do esforço e acabou estalando: enganado por um "cintado", eu havia pago quinze mil cruzeiros ao portador de um cheque de dez mil, emitido por um conhecido cliente. Mas, logo depois, o emitente me informava, em sua casa, que tinha trocado o cheque com um comerciante de Poções (BA), distante 70 km de Vitória da Conquista. O subgerente me tranqüilizou: conhecia o homem e o dinheiro estava em boas mãos. Saímos de Conquista às 21 h e às 22 h éramos informados de que o nosso herói não se encontrava em Poções, mas em sua fazenda, no município de Planalto (BA).

Retornamos 30 km. Apesar de serem quase 23 h, ainda tivemos sorte de conseguir dois rapazes que conheciam a fazenda e se dispuseram a nos levar até lá. Mais 14 quilômetros de viagem. Meia-noite, na porta da casa, a expectativa me escangalhava os nervos:

– Ô de casa!

Primeiro apareceu o cano da espingarda. Afinal, aquela não era mais hora de visita. Depois surgiu o tão procurado personagem, com quem tivemos de parlamentar, desfazer dúvidas e temores a respeito de assalto e explicar as razões de nossa noturna presença:

– É, rapaz, o cheque esteve comigo, mas eu precisei do dinheiro e passei *ele* para o dono de um armazém de Planalto. Os moços que estão com vocês podem ir à casa dele. Eles sabem onde é.

Com mais uma esperança, acordamos o homem quando já passava muito da meia-noite.

– Realmente, eu recebi o cheque dele. Como dificilmente viajo, pedi ao motorista do carro que faz a linha Poções/Vitória para sacar no Banco para mim. Por sorte, ele mora aqui mesmo em Planalto e deve estar dormindo aqui hoje, se já voltou da viagem. Vamos lá?

Depois de muito bate-e-chama, o homem resolveu espiar por uma fresta da janela. Após a identificação e explicações de praxe, respondeu:

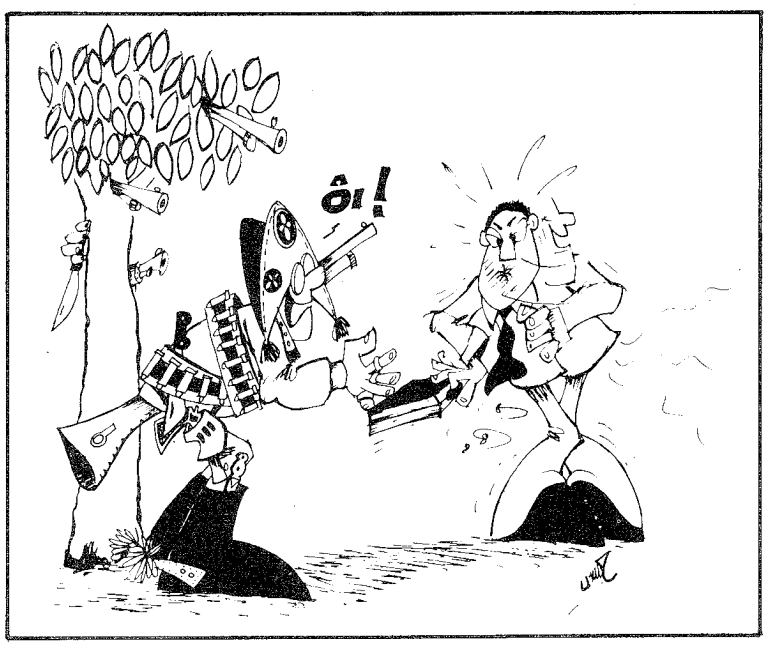
– Eu recebi o dinheiro do Banco, sim senhor. Mas, como cheguei tarde e tenho de viajar cedo, dei o dinheiro para o açougueiro e ele vai entregar amanhã de manhã.

Já eram duas horas da madrugada e o desânimo fez sua enésima investida da noite. O sono ameaçava nocautear o meu subgerente, enquanto eu já fazia cálculos da venda de minhas férias para repor a diferença. Chegamos à casa do açougueiro. Ao ver nossas inconfundíveis camisas brancas, identificou-nos prontamente como funcionários do Banco, e nos convidou a entrar. Antes de dizermos qualquer coisa, abriu uma gaveta de onde tirou um pacote, onde estava escrito em português não muito correto, mas altamente confortador: "CINCO MIL – INTREGÁ NO BANCO DO BRAZIL – SOBRÔ".

(Narrativa enviada por Reynaldo Almeida da Silva – Vitória da Conquista – BA)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP*, órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações**: Reinaldo de Araújo Lima. **Redação**: Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte**: Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa**: Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro (RJ).

ENCONTRO MARCADO NA TERRA DO CANGAÇO



Na década de 20, a agência de Crato, no Ceará, debatia-se com os problemas causados pelos quase dois anos de seca: muitos contratos de financiamento rural se encontravam vencidos e sem perspectiva de liquidação. Com a violenta crise que se estendia por toda a região, o seqüestro judicial de bens era cena já comum, e não constituía surpresa para os clientes.

Um dia, o próprio chefe de serviço da CREAI decidiu ir a um dos imóveis rurais vinculados a operações vencidas. Como esperava, não foi recebido com festas ao entrar na fazenda Aroeiras. Apesar das sucessivas frustrações de safra e inexistência de pastagens, tudo continuava como se nada houvesse acontecido: as atividades eram normais na casa-sede e arredores, e, no campo, os peões se espalhavam preparando a terra, como se tivessem encontro marcado com a chuva que não vinha. Meio desconfiado, o proprietário cumprimentou, lacônico:

— Boa tarde. Pode entrar.

De saída, o funcionário percebeu a firmeza do sertanejo: não estava desesperançado, não senhor. Ia plantar de novo, colher e pagar ao Banco, tanto a *carteira* vencida há dois anos, como a que venceu no ano passado. Não estava o céu meio diferente pras bandas do nascente? Pois era chuva que viria ainda este ano. Era esperar, mais cedo ou mais tarde ela viria. E tentaria mais uma vez, antes de entregar a terra ao Banco.

A sinceridade e a disposição do caboclo levaram o chefe de serviço da CREAI a tomar uma decisão temerária:

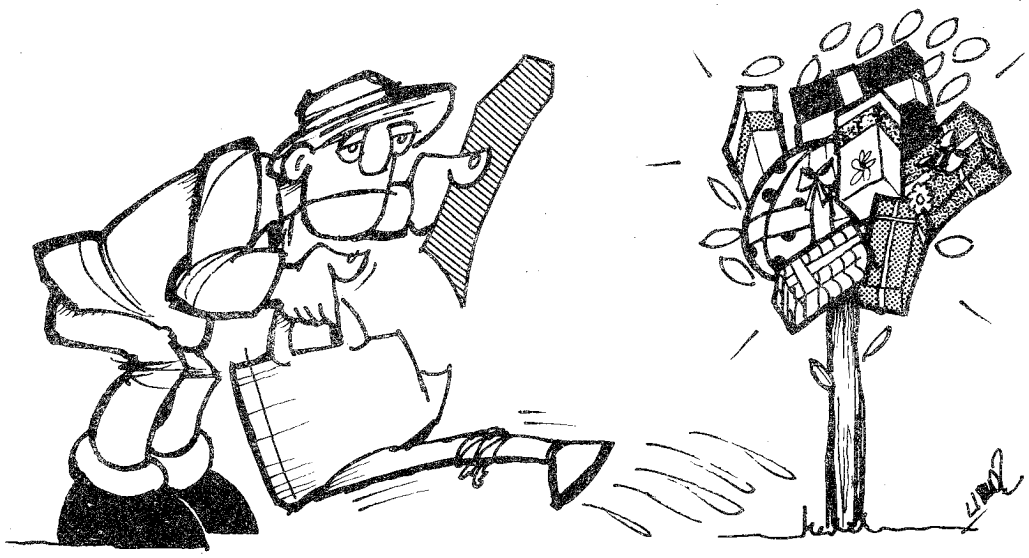
— Já que o senhor acredita nisso, o Banco acredita no senhor. Vamos abrir uma exceção e agüentar mais uma safra.

O funcionário se levantou para as despedidas, recebendo o abraço agradecido do dono da casa e o sorriso da mulher, dos filhos e dos peões. Ao sair, tropeçou os olhos numa figura que lhe pareceu familiar, não sabia de onde: embainhava ainda um punhal entre as cartucheiras que trazia cruzadas ao peito. Atarracado, chapéu de couro e óculos de aros redondos, o homem lhe estendeu a mão:

— *Tava* escutando a conversinha de vocês. Muitos desses homens que *tão* por aí são *cabras* meus. Vim aqui pra te matar, mas saio daqui satisfeito. Amigo do compadre é também meu amigo. Muito prazer. Meu nome é Virgulino, apelido Lampião.

(Narrativa enviada pelo funcionário Paulo Cordeiro Albano — DESED/DICON — Brasília-DF)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro (RJ).



O PRESENTE-AVISO

Estávamos no final de setembro e a maioria dos agricultores locais havia comercializado sua safra e liquidado as operações do ano agrícola anterior. Por diversas razões, entretanto, havia clientes que não se "lembravam" de vir ao Banco saldar os compromissos. E o Setop começou a distribuir avisos, solicitando a regularização dos contratos vencidos.

O modelo utilizado era o 03/28, mais conhecido como "igrejinha", cuja simplicidade e concisão sempre surtiram o efeito desejado nesses casos:

"A fim de tratar de assunto do seu interesse, pedimos-lhe o obséquio de comparecer a este Banco, com a possível brevidade, trazendo o PRESENTE aviso."

Na semana seguinte, o efeito das "igrejinhas" já se fazia sentir. O fluxo dos retardatários à Carteira Rural aumentou, e também o número de contratos liquidados. Naquele dia, a CREAI da agência de Coxim (MS) estava num dos seus dias de pico: pagamentos, cálculos de juros, recebimentos, novas propostas. Lá no canto, aguardando a vez de ser chamado, um dos clientes mais tradicionais da agência permanecia calado e sem graça. Pequeno proprietário, mas honesto e trabalhador, era conhecido na região como homem de raciocínio muito lento. A comercialização dos seus produtos tinha atrasado e, em conseqüência, também para ele a agência enviou a famosa "igrejinha".

Bastante constrangido, continuou calado, até que o funcionário o chamou, preencheu os documentos e o encaminhou à chefia de serviço. Onde, para surpresa do chefe, foi logo confidenciando a razão da demora:

— Recebi o aviso, seu Oswaldo. Não vim antes porque não deu mesmo — tive que providenciar a venda da colheita primeiro. Hoje vou pagar tudo. Mas o *presente* que o senhor pediu na carta só vai dar para trazer depois que eu colher um pouco mais de arroz por lá ...

(Narrativa enviada pela funcionária Aparecida de Fátima Merigue - Coxim - MS)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Fernando Marcelo M. Tavares, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º. andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302.
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro(RJ).

ALTOS NEGÓCIOS

Em Tapes (RS), às margens da Lagoa dos Patos, os funcionários que chegam experimentam de imediato a sensação de calma, simplicidade e encanto da cidade. Essas características se refletem na agência do Banco, onde só de vez em quando a rotina é quebrada. Como aconteceu em 1963. As instalações da agência eram muito acanhadas. Prédio antigo e inadequado, seus corredores mal davam passagem a um funcionário de cada vez. Era tão velho o prédio que a história, em parte, se justificou.

Seu Januário cuspiu fora o cigarro feito à mão, tirou o chapéu de abas largas e entrou na sala onde funcionava a Carteira Agrícola:

—Quero falar com o chefe do Banco!

Muito conhecido na região, era a primeira vez que solicita empréstimo. A entrevista se desenrolou normalmente, até a hora de escolher as garantias. O volume do financiamento exigiu a hipoteca do imóvel rural, hipótese prontamente rejeitada por seu Januário:

—Mas eu sou rico, todo mundo sabe disso. Então minha palavra não basta? Esse dinheirinho é só para ajudar a esperar a safra. Precisa hipotecar nada, não!

Cinco minutos de explicações depois, a irritada decisão:

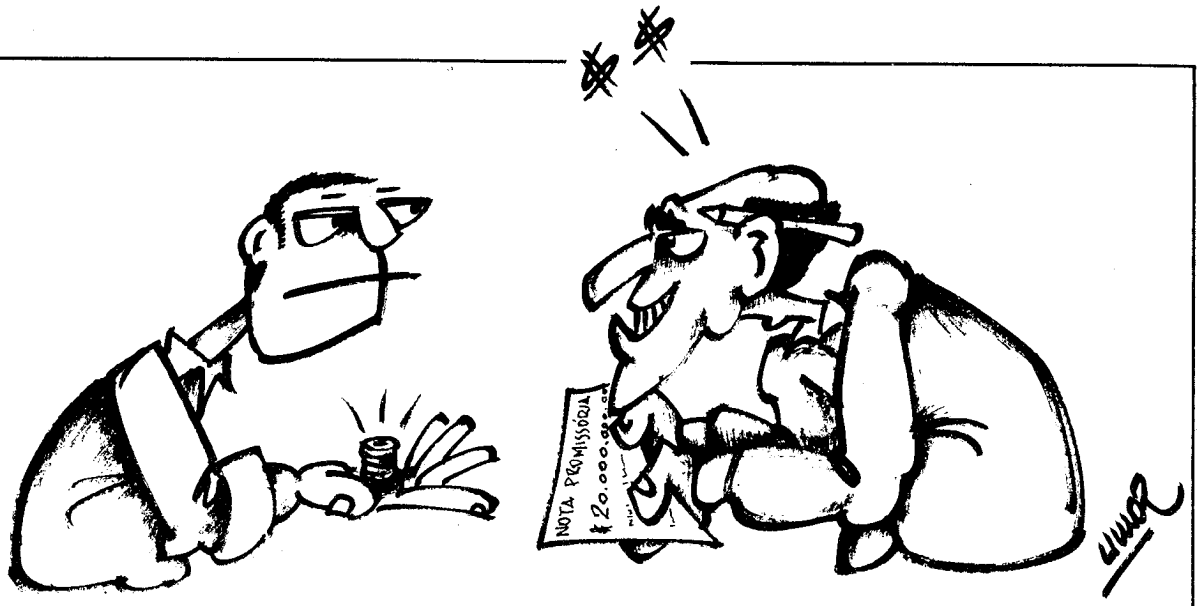
—Esse negócio não me serve!

Levantou-se, apanhou o chapéu e saiu furioso da agência. Na rua, desabafou para o primeiro conhecido que encontrou:

—Não fiz proposta coisa nenhuma! Imagine que os homens não confiaram em mim. Acham que eu sou um pobre-diabo qualquer. Mas uma coisa eu te digo, compadre: quando eu colher o arroz e passar a mão naquela dinheirama toda, volto aqui, e compro, *à vista*, esse banquinho à-toa!

(Narrativa enviada pelo funcionário Turiassu Manoel Teixeira Amaral — Novo Hamburgo-RS)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP*, órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antonio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A.. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed.Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL—DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).



UM CONCORRENTE ORIGINAL

Naquela manhã, o gerente da agência de Patos (PB) atendeu com camaradagem ao primeiro cliente que procurou o Banco para obter empréstimo. O cadastro informou que a operação era viável: o saldo médio era suficiente, e, tanto o proponente como os dois avalistas eram donos de sólidos patrimônios e ótimos antecedentes no Banco. Definidas as bases da operação, entregou a nota promissória ao cliente:

– Agora peça aos avalistas que assinem no verso. Depois, traga-a de volta. O processamento é rápido e, se o senhor retornar logo, amanhã mesmo o crédito será feito em sua conta.

O homem apanhou o título, despediu-se e saiu da agência. Foi direto à casa do primeiro avalista, comerciante cuja astúcia nos negócios era notória na cidade, folclórica até. Contava-se que, certa vez, Lampião mandou alguns homens do seu bando tomar dele 100 contos de réis emprestados. No final, o homem não mandou o dinheiro a ainda passou a conversa nos "cabras", ganhando de presente o melhor rifle que estava em poder do grupo.

Foi com essa esperteza de raposa velha que o comerciante perguntou:

– Meu filho, quem é o outro avalista?

Ao ouvir a resposta, sopesou dados, fez cálculos e decidiu:

– Então me deixe como segundo avalista. Vá lá e peça para ele assinar, que eu assino embaixo.

Mesmo sem entender a estranha preferência, o mutuário não perdeu tempo. Saiu como um raio em busca do outro avalista, que assinou o título sem maiores preocupações. Quando voltou para colher a segunda assinatura, entendeu tudo:

– Meu filho, você sabe, no Banco do Brasil as coisas são complicadas. Até esse dinheiro sair, demora muito tempo. De maneira que vamos fazer um negócio: a gente aproveita este papel que já está avalizado e eu lhe empresto o dinheiro. É bem verdade que meus juros são maiores que os do Banco. Mas, como o dinheiro está aqui mesmo no meu bolso, não haverá burocracia. Topa?

Topou, satisfeito por receber o dinheiro na hora. O riso matreiro do agiota testemunhava a segurança do negócio (afinal, o Banco do Brasil havia dado o sinal verde para a operação). E o gerente, depois de aguardar muito tempo, chegou perplexo à conclusão de que "a cama não é para quem a faz, mas para quem se deita nela".

(Narrativa enviada pelo funcionário João Soares Nuto – João Pessoa-PB)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Fernando Marcelo M. Tavares, Rita de Cassia O. Caixeta e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º. andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302.
Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão - Rio de Janeiro(RJ).

O NOME ESQUECIDO

Foi numa daquelas segundas-feiras violentas. Época de colher propostas para financiamentos de lavouras, parecia que todos os mutuários combinavam vir de uma só vez. Naquele ano, a história se repetiu mais uma vez na agência de Francisco Sá (MG). Do outro lado do balcão da CREAI fervia de clientes. E chegava mais gente, pedindo a senha para o atendimento. Resignado, chamei o número 12:

– Pode entrar e sentar-se aqui. Seu nome?

– Juca de Tiana.

– E nome completo?

– José Carlos...

Peguei o dossiê e ficha cadastral de seu Juca. Conferi: tudo de acordo.

– Vai plantar o quê?

– *Bão*, vou plantar seis hectares de mandioca.

Depois de tudo preenchido, pedi ao cliente para assinar a proposta, marcando com um "x" os lugares corretos. Ele tirou do bolso um pedaço de papel com a sua assinatura e, colocando os óculos, começou a copiá-la. Quinze minutos de assinaturas depois, já com a "torcida" inquieta (que o calor era muito e a paciência pouca), seu Juca agradeceu, despediu-se e saiu.

Alguns dias depois, lá vem ele de novo:

– *Cumé,* o dinheiro saiu?

– Já. Creditamos Cr$ 7.560,00 em sua conta, correspondentes à primeira parcela.

Quando apanhei a ficha gráfica de escrituração do empréstimo, verifiquei que ele havia esquecido de assiná-la. Marquei o lugar. Seu Juca colocou os óculos, revistou nervosamente os bolsos e, com ar de decepção, desabafou:

– Agora *num* posso, menino. Esqueci meu nome lá em casa!

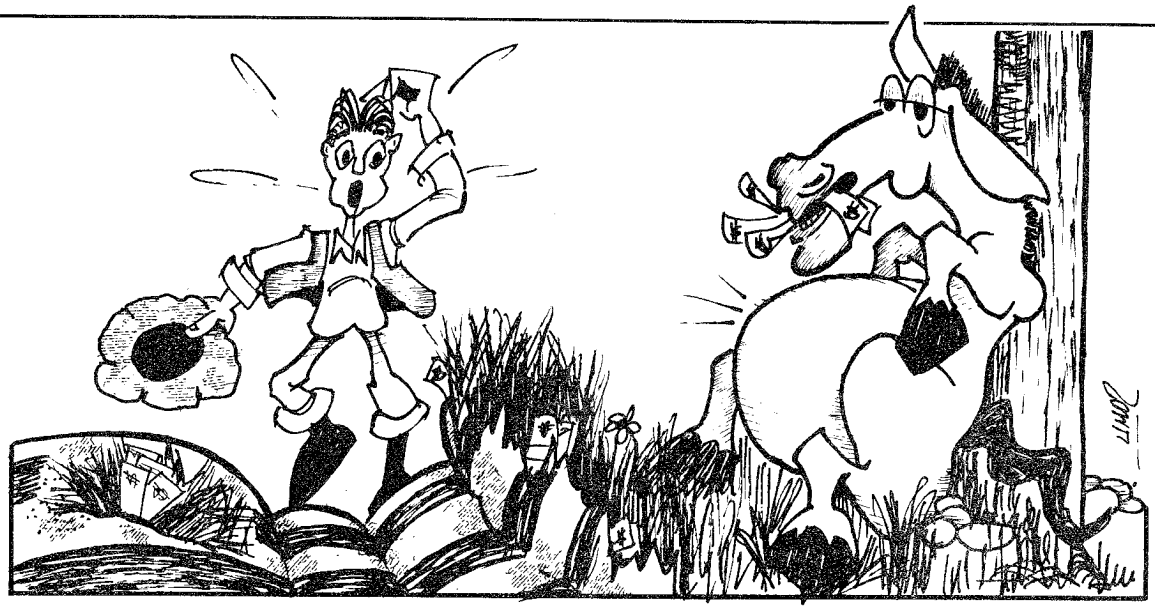
• ——— •

Só no dia seguinte, na tentativa de consertar a situação, seu Juca mandou ao Banco um vizinho com o pedaço de papel e a ordem expressa para, em seu nome, copiar a assinatura no devido lugar.

Foi duro convencer o emissário de que não seria possível atender ao pedido.

(Narrativa enviada pelo funcionário Estevam Manilson Guimarães Maldonado – Francisco Sá - MG)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações**: Reinaldo de Araújo Lima. **Redação**: Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte**: Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa**: Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informações ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAC/DIGRA, Rua Gen.Bruce, 55-A, São Cristóvão – Rio de Janeiro (RJ).



O TRISTE CASO DO HOMEM QUE NÃO QUIS GUARDAR SEU DINHEIRO NO BANCO

Foi há muito tempo, numa segunda-feira de grande movimento na agência de Caetité, no sudoeste da Bahia. Num canto, divisei a figura inconfundível do sertanejo: tímido, franzino, botinas gastas, roupas remendadas mas muito limpas.

Seu José foi uma das criaturas com quem travei camaradagem nas andanças de fim de semana quando, caçando ou pescando pelas cercanias da cidade, eu trocava o confinamento do guichê pelas clareiras abertas de descampados e serras. Morava na Lagoa do Mato, onde cuidava de um pequeno trato de terra, casa humilde, coberta de palha, chão batido. Ele, mulher e filho dividiam o mesmo leito – cama rústica com enxerga de capim. A talha de água fresca e a trempe onde o fogo ardia era tudo quanto podia franquear aos visitantes que por ali passavam.

Na labuta de muitos anos, José fez seu *catado* – pequenas economias reunidas com a força de seu trabalho. Suou pra valer. Até pensou em trazer o dinheiro para o Banco. Desistiu, depois. Como cofre, usaria o colchão, onde dormiam os três – ele, a mulher e o menino, que não passava uma noite sem fazer xixi na cama. Naquela manhã, a mulher estendeu o colchão no terreiro para secar. Quando José voltou da roça, com aquela fome de meio-dia, viu à distância o jegue, também faminto, mastigando no terreiro. Apressou o passo e, ao chegar perto, sentiu gelar a alma e o coração. O animal comera todo o capim do colchão, triturando-o nos dentes. De um salto, José ainda puxou os restos de papéis a que ficaram reduzidas suas economias. E correu para o Banco onde, ainda ofegante, retirou do bolso um pacotinho amarrado, com os 150 mil-réis mastigados e lacerados...

– Eu perco, seu Amaury? Ou o "sinhô" dá um jeito pra mim?

Diante daquele tom de aflição, foi difícil explicar que a agência não tinha condições de resolver na hora o problema, por causa do estado das cédulas. O dinheiro (?) teve de ser enviado à Direção Geral e, só depois de algum tempo, José conseguiu reaver parte de seu *catado.* Quando recebeu a notícia, o sertanejo deu pulos de contentamento, traduzindo sua alegria num sorriso largo e no aperto de mão agradecido, a que juntou o provérbio com que resumiu a agonia de sua vida:

– É, seu Amaury, *pobre vive de teimoso.*

(Narrativa enviada pelo funcionário Amaury Públio de Castro – Caetité -BA).

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informações ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAC/DIGRA, Rua Gen.Bruce, 55-A, São Cristóvão – Rio de Janeiro (RJ).

O CAIXA QUE CONTAVA DINHEIRO DE OUVIDO

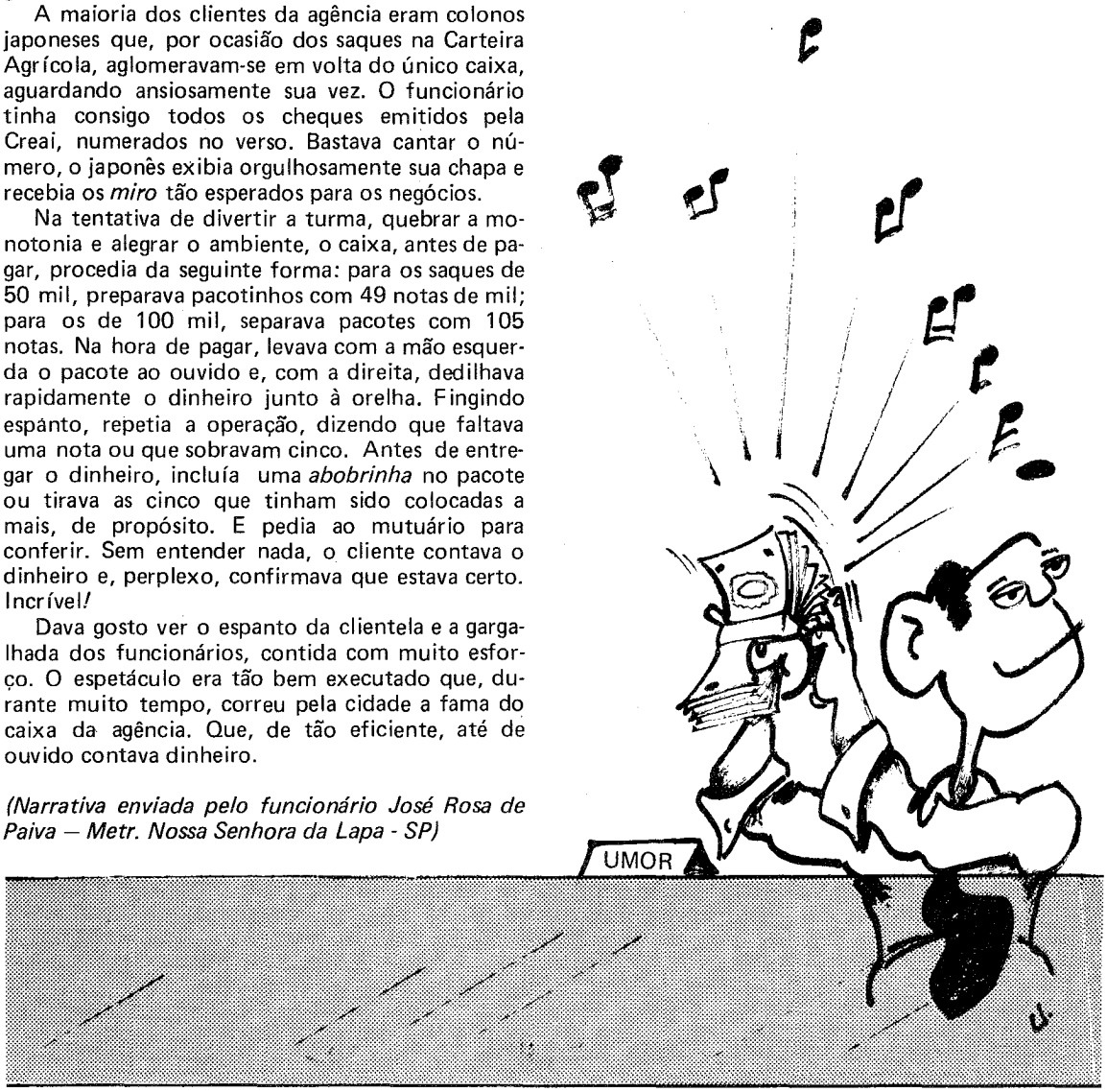
Foi na época das notas de mil, aquelas do Cabral, as *abobrinhas*. Numa pequena cidade do norte do Paraná, desprovida de conforto e diversão, os próprios funcionários do Banco se encarregavam de distrair uns aos outros.

A maioria dos clientes da agência eram colonos japoneses que, por ocasião dos saques na Carteira Agrícola, aglomeravam-se em volta do único caixa, aguardando ansiosamente sua vez. O funcionário tinha consigo todos os cheques emitidos pela Creai, numerados no verso. Bastava cantar o número, o japonês exibia orgulhosamente sua chapa e recebia os *miro* tão esperados para os negócios.

Na tentativa de divertir a turma, quebrar a monotonia e alegrar o ambiente, o caixa, antes de pagar, procedia da seguinte forma: para os saques de 50 mil, preparava pacotinhos com 49 notas de mil; para os de 100 mil, separava pacotes com 105 notas. Na hora de pagar, levava com a mão esquerda o pacote ao ouvido e, com a direita, dedilhava rapidamente o dinheiro junto à orelha. Fingindo espanto, repetia a operação, dizendo que faltava uma nota ou que sobravam cinco. Antes de entregar o dinheiro, incluía uma *abobrinha* no pacote ou tirava as cinco que tinham sido colocadas a mais, de propósito. E pedia ao mutuário para conferir. Sem entender nada, o cliente contava o dinheiro e, perplexo, confirmava que estava certo. Incrível!

Dava gosto ver o espanto da clientela e a gargalhada dos funcionários, contida com muito esforço. O espetáculo era tão bem executado que, durante muito tempo, correu pela cidade a fama do caixa da agência. Que, de tão eficiente, até de ouvido contava dinheiro.

(Narrativa enviada pelo funcionário José Rosa de Paiva — Metr. Nossa Senhora da Lapa - SP)



Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações**: Reinaldo de Araújo Lima. **Redação**: Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte**: Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa**: Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informações ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAC/DIGRA, Rua Gen.Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).

FISCAL VELHO NÃO PÕE MACACO EM CUMBUCA

Por volta de 1971, eu era fiscal da Creai na agência de Araranguá (SC). Lugar bom, povo também, dizem até que aquela foi a única terra a escapar da maldição de Deus no Paraíso. De minha parte, acredito.

Meu automóvel era um *Simca Chambord,* 1966. É certo que me proporcionava algum conforto na cidade, mas nas ruelas e picadas interioranas. . . A bem da verdade, o *Simca* era minha segunda casa. Nele eu tirava uma soneca, nos dias quentes. Nele eu dormia, quando os azares (rios intransponíveis, estradas alagadas) me impediam de seguir caminho até um hotelzinho qualquer. Nele eu levava o indispensável para o consumo mais imediato: de botas até frutas e medicamentos. Mas, o que havia mesmo, era papel. Deus, como havia papel! Era papel de rascunho, com ou sem timbre, oitavados, *zero/três/catorze,* dados de fiscalização, vários impressos. E até um rolo de papel, de uso menos qualificado.

Certa vez, fui vistoriar uma lavoura em Tenente, município de Jacinto Machado. *Dr. Fiscal* prá cá, *Dr. Fiscal* pra lá, o cliente me recebeu com a cordialidade própria do homem do campo. Na saída, ofereceu-me de presente um pequeno macaco, apanhado em sua roça de milho. Relutei em aceitar, pois não tinha como levá-lo.

— *Qual nada, Dr. Fiscal, eu boto uma cordinha nele e amarro embaixo do banco de trás.*

Não dava mais pra negar: acabei cedendo. Segui viagem de volta pra Araranguá, e logo eu me esquecia do bichinho.

Na entrada da cidade, encontro, desolado, um velho amigo, com o carro parado. Encostei o meu e, enquanto limpava o pó de minhas roupas, ele me dizia:

— Furou o pneu, e eu não tenho macaco. Me empresta o teu?

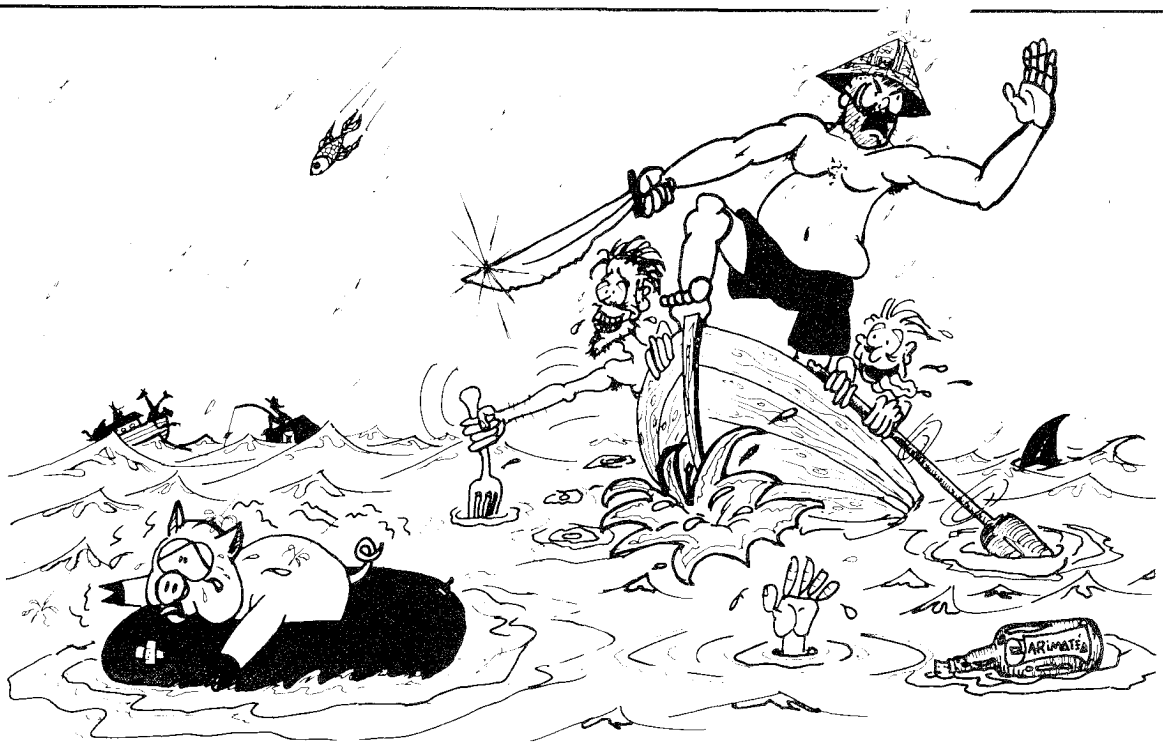
— Claro, disse eu, pega aí embaixo, no banco de trás.

Era onde eu costumava deixá-lo.

Nem é preciso dizer o que aconteceu. Com as mãos sangrando e a cara de pavor, ele me amaldiçoou até a quinta geração. E levou quase um mês pra se curar das mordidas e arranhões.

(Narrativa enviada pelo funcionário Solange Rech - GECAP - Curitiba-PR).

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cassia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informações ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAC/DIGRA, Rua Gen.Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).



O PREÇO DA LIDERANÇA

Em fevereiro deste ano, a cidade de Aimorés (MG) estava arrasada pelas enchentes que atingiram diversos estados brasileiros. Com suas casas submersas, parte da população – inclusive funcionários do Banco – refugiou-se no morro onde fica a AABB. O acampamento refletia a situação de flagelo por que passava toda a região.

Foi o Fiscal da Creai *Miudinho* – assim apelidado por seu físico avantajado – quem assumiu a liderança das operações de socorro aos refugiados na AABB, coordenando as acomodações e a cozinha, que funcionava ininterruptamente. Mas nem sempre a comida chegava, vinda de avião ou no lombo de animais. Até que um dia, apareceu pelo acampamento um porco – saído não se sabe de onde. Todos se entreolharam, mas a decisão foi mesmo do *Miudinho* (afinal, líder é líder):

– Peguem-no!

Foi um lauto jantar. Carne à vontade, para todos. Não faltou nem mesmo a *branquinha,* para amenizar um pouco a tristeza daqueles dias.

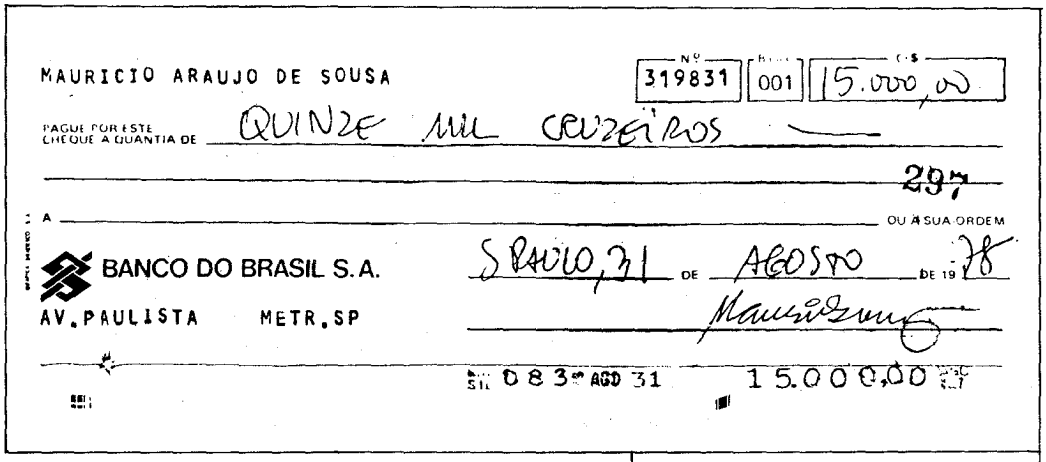
Passou o tempo das águas. Dois meses depois, quando tudo já funcionava normalmente, inclusive a agência do Banco, apareceu uma mulher no balcão da Creai e foi logo engrossando com o *Miudinho:*

– Cara safado, você mandou matar meu porco e distribuiu pra todo mundo. E não me venha dizer que comeu só um pedacinho, que não tem nada com isso. Foi você quem deu a ordem. Agora, ou paga o meu porco ou eu vou à polícia dar parte.

E o *Miudinho* pagou. Foi o ônus da liderança.

(Narrativa enviada pelo funcionário Reynaldo Pinto Vieira – Aimorés-MG)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte/Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa/Publicações do DESED:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cássia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 110.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão – Rio de Janeiro (RJ).


MAURICIO ARAUJO DE SOUSA

Nº 319831 | 001 | Cr$ 15.000,00

PAGUE POR ESTE CHEQUE A QUANTIA DE QUINZE MIL CRUZEIROS

297

A _____ OU À SUA ORDEM

BANCO DO BRASIL S.A.

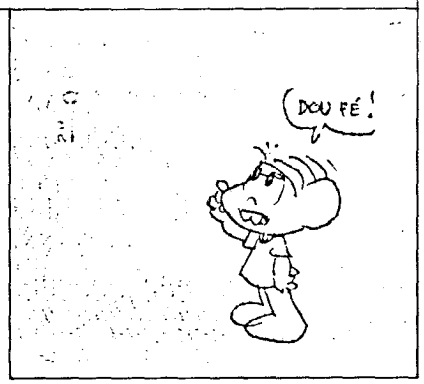
AV. PAULISTA METR. SP

SÃO PAULO, 31 DE AGOSTO DE 19 78

Mauricio

083 AGD 31 15.000,00

A MÔNICA *ESCLALECEU O PLOBLEMA*



Esta é uma história não escrita, mas documentada — ocorrida em agosto do ano passado, na Metropolitana Avenida Paulista(SP).

Naquela manhã, um dos nossos mais prestigiados clientes, muito conhecido e estimado pelos funcionários, mandou um rapaz receber um cheque de quinze mil cruzeiros, de sua emissão.

Tratava-se do famoso desenhista Maurício Araujo de Sousa, criador de Cascão, Mônica, Cebolinha e outros conhecidos personagens das histórias em quadrinhos.

Entretanto, parece que naquele dia o Maurício não estava de boa mão para assinar, e o caixa não concordou com a assinatura:

— Desculpe, mas este cheque não dá para pagar.

O portador voltou ao atelier do desenhista que, pacientemente, assinou outra vez, embaixo da primeira assinatura.

Novamente, o caixa examinou o documento e, mais uma vez, se recusou a pagar. A assinatura não conferia.

Ao receber o cheque de volta, o Maurício deve ter exclamado:

— Essa não!

E, no mesmo instante, assinou quatro vezes seguidas, no verso do cheque. Foi quando lhe sobreveio a dúvida:

— E se, mesmo assim, o caixa não aceitar?

Pois bem: foi aí que, num repente de imaginação criativa, o autor das histórias em quadrinhos resolveu mandar, ao lado das assinaturas, uma testemunha acima de qualquer suspeita — a Mônica.

Quando o caixa viu as quatro assinaturas e o desenho da Mônica, encimado pela expressão *Dou fé*, lembrou-se do Cebolinha, antes de chegar à conclusão de que, também naquele caso, "a Mônica *esclaleceu o ploblema*".

E pagou o cheque, com uma ponta de orgulho e satisfação.

(Narrativa enviada pelo funcionário Humberto de Andrade Silveira — CESEC — São Paulo).

Expediente: *O Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte/Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa/Publicações do DESED:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cássia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 110.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).

DEPOIS DAQUELA INSÓLITA PERGUNTA

O episódio aconteceu em Dores do Indaiá (MG), há mais de 20 anos, mas até hoje ainda é lembrado por quem trabalhou lá, naquela época. Mané Petequeira era cliente que todos os funcionários admiravam — desses mutuários pra ninguém fazer restrição. Nem mesmo os mais "duros" informantes do Cadastro. Mas, mais que a reputação pela seriedade nos negócios, Petequeira ganhou fama mesmo foi depois que a barba cresceu — negra e bem tratada. Tão longa que lhe alcançava a cintura.

Era um deus-nos-acuda. E tome resposta pra todo tipo de pergunta curiosa: "O que é isso?" "Por que isso?" "Vai ver que é paixão." "Tá até parecendo Cristo." Só mesmo Petequeira, com sua lhaneza de trato, pra agüentar tanta gozação. Paciência era o que não lhe faltava. Talvez por isso, Mané Petequeira pôde ir em frente, agüentando tudo. Até que, um dia, aconteceu. O Fiscal da Creai foi à fazenda do Mané, para a vistoria. Longa jornada a cavalo, muita poeira, a fome apertando, o fiscal ia certo da hospitalidade do dono da casa. Ao apear, uma surpresa: o cliente apresentava novo *lay-out* — barba rapada e face muito branca, contrastando com a pele queimada da testa e das bochechas.

O almoço foi farto, servido com boa vontade. Não demorou muito e Petequeira teve de explicar porque se desfizera da barba — famosa marca registrada de tanto tempo:

— *Óia,* moço, *num* é que inda esta semana pousou aqui em casa um viajante. De noite, depois *du jantá,* nós *tomava* um café na beira do fogo da cozinha, pra espantar a friagem. Então ele me perguntou como é que eu fazia pra dormir com a barba, se punha ela por baixo ou por cima da coberta... *Óia,* passei uma noite de cão! Eu nunca tinha posto reparo naquilo, e a pergunta do viajante não me saiu da cabeça, naquele dia...

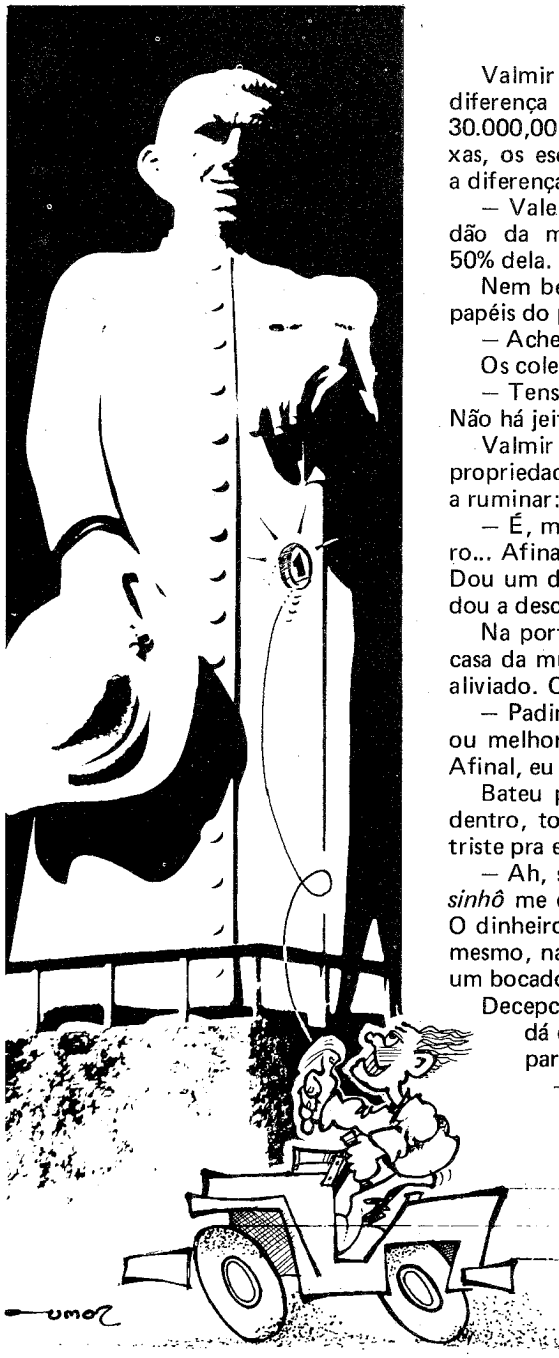
Ainda aparentando certa desconfiança, como quem pressente a volta de um terrível pesadelo,Petequeira continuou, em tom amargo:

— Hora ruim aquela que decidi acolher o viajante. Se botava a barba debaixo da coberta, ficava ruim. Se botava por cima, ficava pior. Não consegui pregar os olhos um minuto sequer. Na noite seguinte, depois que o homem foi embora, a mesma coisa. Passou um dia, nada! Outro, e a coisa não mudou. Aí, *num güentei* mais. De manhãzinha, passei a mão na tesoura, pedi a navalha do meu vizinho emprestada e zazzz...

Só assim, pude voltar a *drumi* como antes...

(Narrativa enviada pelo funcionário Joel Gomes da Silva — Cachoeiro do Itapemirim-ES)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte/Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa/Publicações do DESED:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cássia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 100.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência pode ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).



HISTÓRIA DE VIÚVA

Valmir teve uma desagradável surpresa ao final do expediente: diferença a menor, equivalente, em valores atuais, a uns Cr$ 30.000,00. Soma, *ressoma*, torna a somar, e nada. Os outros caixas, os escriturários, todo mundo veio ajudar, e ninguém achou a diferença. Já desanimado, Valmir apelou para o "santo":

— Valei-me, Padim Ciço! Se o senhor me faz achar — com perdão da má palavra — a desgraça dessa diferença, eu lhe dou 50% dela.

Nem bem acabou de falar, viu — bem defronte dos olhos — uns papéis do pagamento feito a uma pobre agricultora, viúva.

— Achei! Achei! 'Tá aqui, foi aqui que eu me enrolei.

Os colegas concordaram, pois o erro parecia óbvio.

— Tens agora de procurar a viúva, e torcer pra ela não cismar. Não há jeito de provar e, se ela nega, vais ter que pagar do teu bolso.

Valmir sai voando, montado em seu velho jipe, no rumo da propriedade onde morava a viúva. No meio do caminho, começa a ruminar:

— É, mas o Padre Cícero não vai precisar de todo esse dinheiro... Afinal, eu sou pobre... Tenho mulher e filhos pra sustentar... Dou um duro dos diabos... E será que foi ele mesmo que me ajudou a descobrir a diferença?

Na porteira da fazenda, um matuto lhe apontou onde ficava a casa da mulher. Vendo, de longe, a porta aberta, Valmir se sentiu aliviado. Certamente ela estaria lá. Subindo a colina, ainda remoía:

— Padim Ciço, o senhor não vai fazer questão... Bastam 20%... ou melhor, 10%...uma dízima. Não é assim que fazem?... 10%. Afinal, eu sou pobre, não é?

Bateu palmas à porta da casa, e a velha senhora veio de lá de dentro, toda encurvada. Após as explicações de Valmir, ela olha triste pra ele:

— Ah, seu moço, sinto muito. Eu nem contei o dinheiro que o *sinhô* me deu. Sei que *ocês* são *dotô* e confio no Banco do Brasil. O dinheiro nem chegou aqui em casa. Eu devia muito, sabe? E lá mesmo, na cidade, distribuí tudo com os meus *credô*. Ainda devo um bocado, mas já *miorô* bastante...

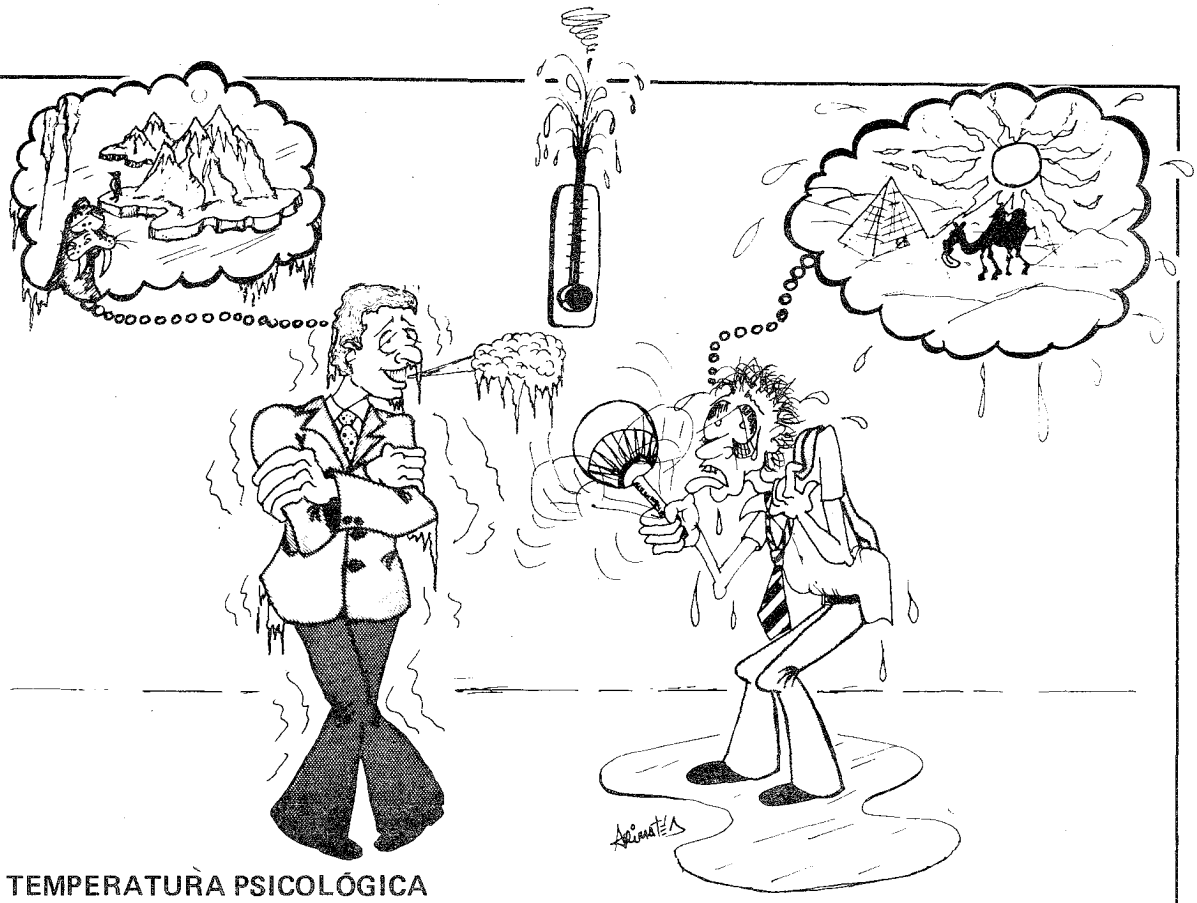
Decepcionado, Valmir olhou de um lado pro outro. De repente, dá com a imagem de um padre, risonho, olhando pra ele da parede da sala. E a viúva, rapidamente, explica:

— É Padim Ciço, meu protetor.

Valmir nem conversou mais. Voltou pra casa e cobriu a diferença com suas economias, decidido a nunca mais tentar "enganar o santo".

(Narrativa enviada pelo funcionário Roberto P. Mello — João Pessoa - PB)

Expediente: *O Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação do BIP:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte das Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa das Publicações do DESED:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cássia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 110.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).



TEMPERATURA PSICOLÓGICA

Se existe o funcionário modelo, esse é o Estrázulas. Pontualidade, eficiência e cordialidade não lhe faltam. Suas promoções foram sempre por merecimento, inclusive uma ou duas no "resolvo".

Aí por 68 ou 69, fazia um calor senegalesco em Porto Alegre. Era o verão mais quente dos últimos 30 anos. Eu trabalhava na agência Centro, num andar — o oitavo — em que o sistema de refrigeração não funcionava direito. Ao chegar para o trabalho, já vinha — como todos os outros funcionários — com o paletó na mão, o nó da gravata desapertado e o colarinho aberto. Mas o Estrázulas, sentado à sua mesa, estava sempre vestido como se fosse a um casamento, todo "almofadinha". Isso acontecia diariamente. Inconformado com a situação, um dia fui a ele:

— Ei, *tchê,* não sentes calor?

— Sinto.

— Então, por que não tiras o casaco e abres o colarinho?

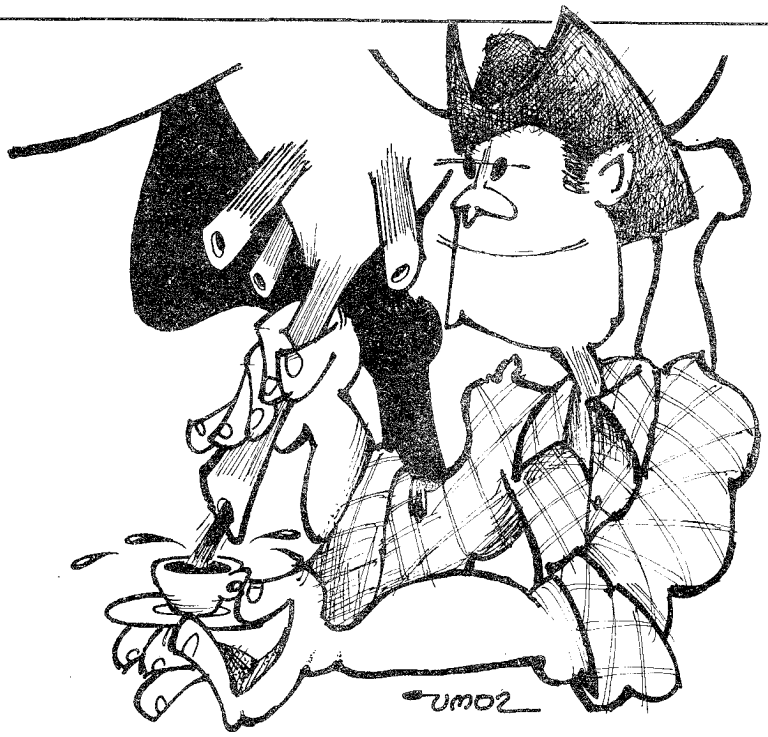
— Não é preciso. Eu sei que o ar refrigerado do prédio está deficiente e, inclusive, nós aqui na Compe só temos ventiladores. Mas, ao vir para cá, eu imagino que o ar funciona muito bem e o clima oscila entre 18 e 22 graus. Logo que chego, começo a trabalhar. Quando me dou conta, o expediente já terminou e não tive tempo pra sentir calor.

— Mas por que não tiras ao menos o paletó?

— Bom, pra falar a verdade, eu não me dou bem com clima frio e, se tirar o casaco, eu posso me resfriar!

(Narrativa enviada pelo funcionário Turiassu Manoel Teixeira Amaral — Novo Hamburgo - RS)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação do BIP:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte das Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa das Publicações do DESED:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cássia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 110.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).



FINANCIAMENTO À PECUÁRIA CAFEEIRA

Bira é desses clientes que alegram qualquer agência do interior. Semeando um chiste aqui, colhendo um sorriso ali, costuma levar sua vida de contador de piadas. Não essas histórias comuns, mas piada pra valer, com imaginação e criatividade, tirada ao sabor do acaso e consumida pela gula de um momento alegre.

Mestre na esquecida arte de contar "causos", Bira procura sempre envolver pessoas conhecidas em suas histórias. Casos de gosto bem local são desarquivados para ilustrar uma conversa qualquer.

Às vezes torna-se difícil acompanhar o repertório de piadas de Bira, que consegue conciliar atividades tão antagônicas como a de fazendeiro de gado e café e a de enfermeiro instrumentista da Santa Casa. Daí a dificuldade. Quando diz que ajudou a cortar fulano, não se sabe exatamente se ele está falando de uma figura conhecida da cidade ou de seu boi de estimação.

Dito isto, posso afirmar com toda convicção uma verdade tão simbólica quanto inquestionável: Bira é santo remédio para qualquer coma pós-corintiano de segunda-feira, daqueles que nem o Doutor Sócrates consegue aliviar.

Esse o Bira que estava sentado ali na minha frente, naquele dia, querendo financiar algumas cabeças de gado. Para enquadrar a pretensão na CIC-Rural, eu precisei saber o tipo do rebanho a ser financiado. Mas reproduzir o português da CIC me faria alvo fácil das suas gozações. Por isso, perguntei da maneira que julguei a mais simples e direta possível:

– É vaca pra leite?

Bira tamborilou uma grande impaciência na minha mesa, levantou-se como todo artista que quer chamar a atenção de seu fiel auditório, e fuzilou com seu jeitão matreiro:

– Não! É vaca pra dar café!

Até hoje Bira continua arrancando gargalhadas na agência, toda vez que me vê lá no andar térreo, onde funciona o Setin. Sem saber dos critérios de rodízio adotados pelo Banco, costuma apontar para minha mesa, lá no fundo da sala, e comentar irônica e secamente:

– Aquele não serviu lá em cima. Queria financiar vaca que dava café.

(Narrativa enviada pelo funcionário Henrique Fonseca de Moraes – São José do Rio Pardo - SP)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação do BIP:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte das Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa das Publicações do DESED:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cássia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 110.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão – Rio de Janeiro (RJ).

PORQUE A *UDN* PERDEU

Nos primeiros anos da década de 60, o Barbosinha era contínuo lotado na filial do Banco em Caratinga (MG). Prestativo e responsável, procurava cumprir da melhor maneira possível as tarefas que lhe eram atribuídas.

Naquela época, ainda existiam os títulos descontados de último dia, principalmente de prefixo *LD* e *SD.* Para não criar situações embaraçosas a vários clientes, protestando títulos em demasia, o gerente de Caratinga adotava sistemática de serviço original. Mandava um contínuo postar-se à porta do prédio, após o expediente normal da agência, para permitir a entrada apenas dos clientes que fossem liquidar títulos daquela natureza. Assim, racionalizava o serviço e impedia o tumulto na agência.

Num dia de acentuado movimento, o subgerente chama o Barbosinha.

— Vá para a porta principal e deixe entrar apenas os *SD.*

Apressadamente, o contínuo pôs-se a cumprir a ordem recebida.

Mas, às 18 horas, a agência continuava cheia: clientes sacando, depositando, tomando ordens de pagamento. E o balcão ainda estava repleto de gente, ao contrário do que se esperava.

O subgerente, vendo todo aquele movimento, àquela hora, quis saber a razão do ocorrido. E novamente manda chamar o contínuo, pedindo-lhe uma explicação.

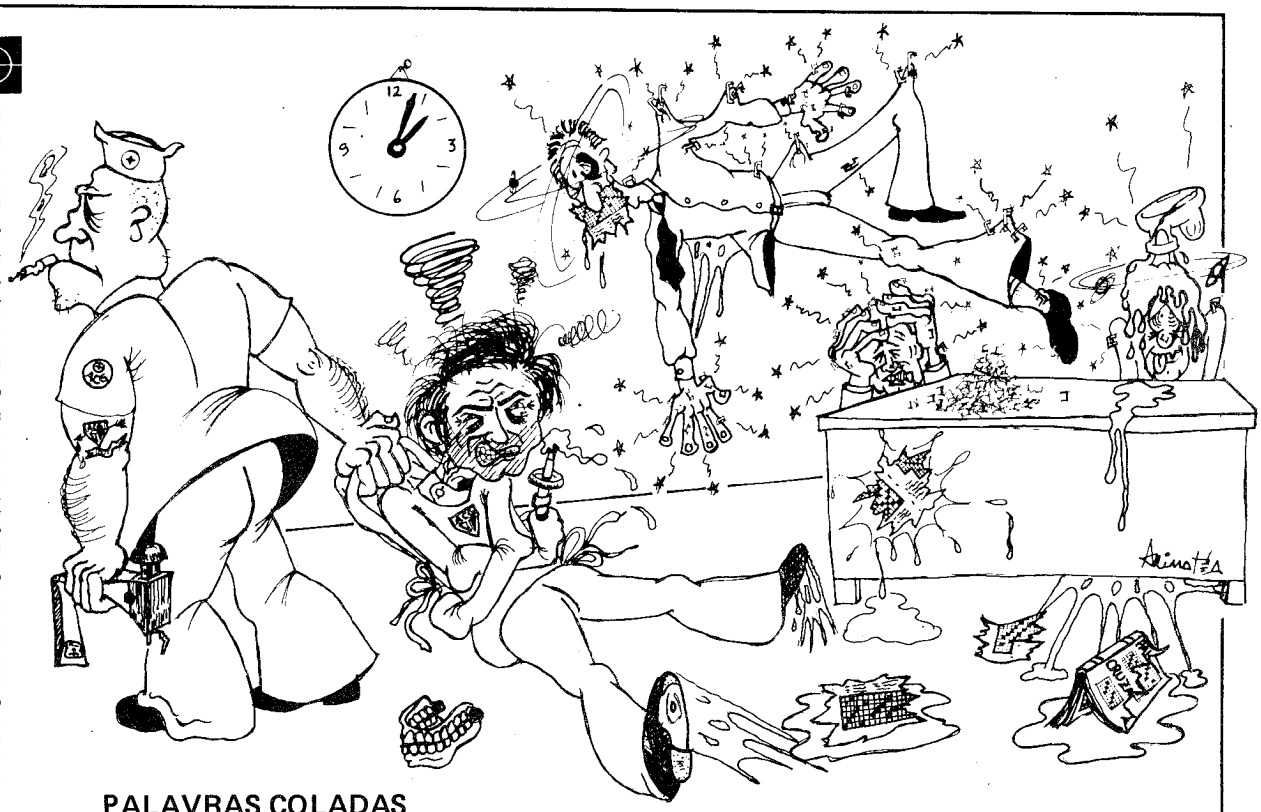
— Barbosinha, a minha ordem foi para que deixasse entrar somente os *SD.*

Estranhando a reprimenda e convicto de ter seguido à risca a determinação do subgerente, o funcionário confirmou:

— Só tem *PSD* aí, chefe! Garanto que não deixei entrar nenhum *UDN.*

(Narrativa enviada pelo funcionário Antonio Martins de Paula — COGER — Brasília - DF)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação do BIP:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte das Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa das Publicações do DESED:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cássia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 110.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).



PALAVRAS COLADAS

Aconteceu em 1968, quando a agência de Goiânia — que ainda não era Centro — funcionava no velho prédio da rua 1. A turma dos caixas, muito unida, era bastante chegada a brincadeiras: Paulo *Coroa,* Olavo, Rubão, Píndaro, Dalton (paulista, virava uma fera quando o chamavam de *Darto*). E o Luziano, caixa da tesouraria, apelidado pela turma de Lulu.

Este era a calma em pessoa. Uma vez, um colega quase morreu de rir quando lhe informaram que o Lulu tinha saído para tomar um calmante. Nem a lata d'água na cabeça, caindo do alto da porta, nem o cola-tudo no sapato tirado para refrescar o pé, nada disso conseguia irritá-lo. Até que chegou o dia.

Lulu comprou um almanaque novo, grosso, de palavras cruzadas, seu passatempo preferido nos momentos de folga no caixa. Na hora do almoço, deixou-o na tesouraria, ainda *zerinho.* Foi o pior que poderia ter feito: quando voltou, encontrou o livro todo grampeado, com mais de 200 grampos daqueles grandões. Todo mundo, com o rabo do olho, esperou o faniquito.

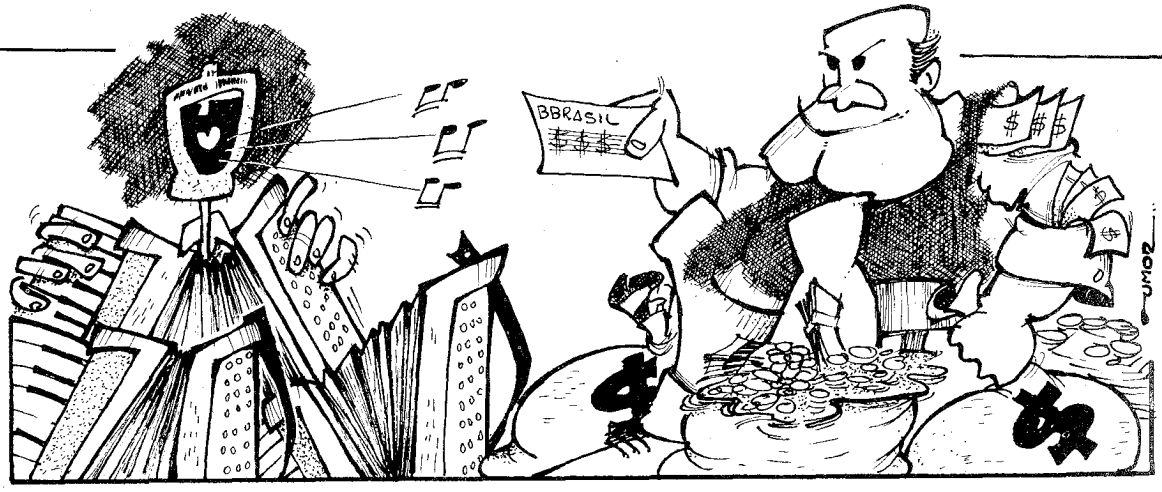
Decepção geral: com aquela paciência que Deus lhe deu, Luziano começou a arrancar os grampos com uma espátula, tarefa que consumiu quase uma hora. Terminado o trabalho, ele se preparou, sorrindo, para se lançar ao prazer de decifrar as palavras cruzadas.

Mas o sorriso sumiu logo que tentou abrir o almanaque: uma a uma, as páginas estavam pacientemente coladas.

Naquele dia, o Lulu se irritou.

(Narrativa enviada pelo funcionário Márcio Oliveira Calábria — agência Centro - Goiânia - GO)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação do BIP:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte das Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa das Publicações do DESED:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cássia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 110.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).



BAGUNÇARAM O CORETO DO MERCADOR DE SANFONAS

Foi por volta de 1962, em Teófilo Otoni (MG). O Banco do Brasil vinha aplicando novo modelo de distribuição do crédito rural, através de postos volantes conhecidos por MOVEC (camionetas que se dirigiam aos mais distantes pontos, atendendo o pequeno agricultor quase na porteira da propriedade agrícola).

As distorções identificadas nessa sistemática de atendimento se acumulavam e os técnicos do Banco, na Direção Geral, ultimavam estudos visando à extinção das MOVECs.

Nas agências, no entanto, pouco se sabia a respeito. Entre os beneficiários (comerciantes, industriais e pequenos agricultores), então, a ignorância sobre o destino das MOVECs era total.

O desvirtuamento de financiamentos ocorria com relativa freqüência. Por razões diversas, muitos produtores pensavam inadvertidamente que o dinheiro nunca deveria retornar aos cofres do Banco do Brasil, tratando-se de pródiga doação por conta do governo federal.

E na zona de jurisdição da agência em Teófilo Otoni um pequeno comerciante de procedência italiana vinha ganhando bom dinheiro com as MOVECs. Seu estabelecimento – "A Casa do Pequeno Agricultor" – diversificara suas vendas, com a sedimentação da MOVEC. Adubos, herbicidas, fungicidas, arame farpado e outros insumos passaram a conviver, lado a lado nas prateleiras ou espalhados pelo chão, com radinhos de pilha, bicicletas e sanfonas...

É que o comerciante constatara, logo nos primeiros meses do programa, que os "insumos" mais adquiridos pelos pequenos produtores rurais assistidos pela MOVEC eram, em ordem de expressão: radinhos de pilha, bicicletas e sanfonas... O que sobrava da primeira parcela do financiamento do Banco era para "manutenção do creditado e de sua família"...

O balanço da loja confirmava isso. Vendera, num só ano, mais de 200 radinhos, 150 bicicletas e umas 200 sanfonas. Dos três artigos, o último foi o que mais lucros lhe proporcionara.

Empolgado com as vendas do Natal de 1961, encomendou 500 sanfonas, confiante na "expansão da fronteira agrícola" via MOVEC. Afinal de contas, não havia o que temer. As camionetas de algumas agências bradavam em 1001 decibéis que seriam concedidos muitos empréstimos no ano vindouro.

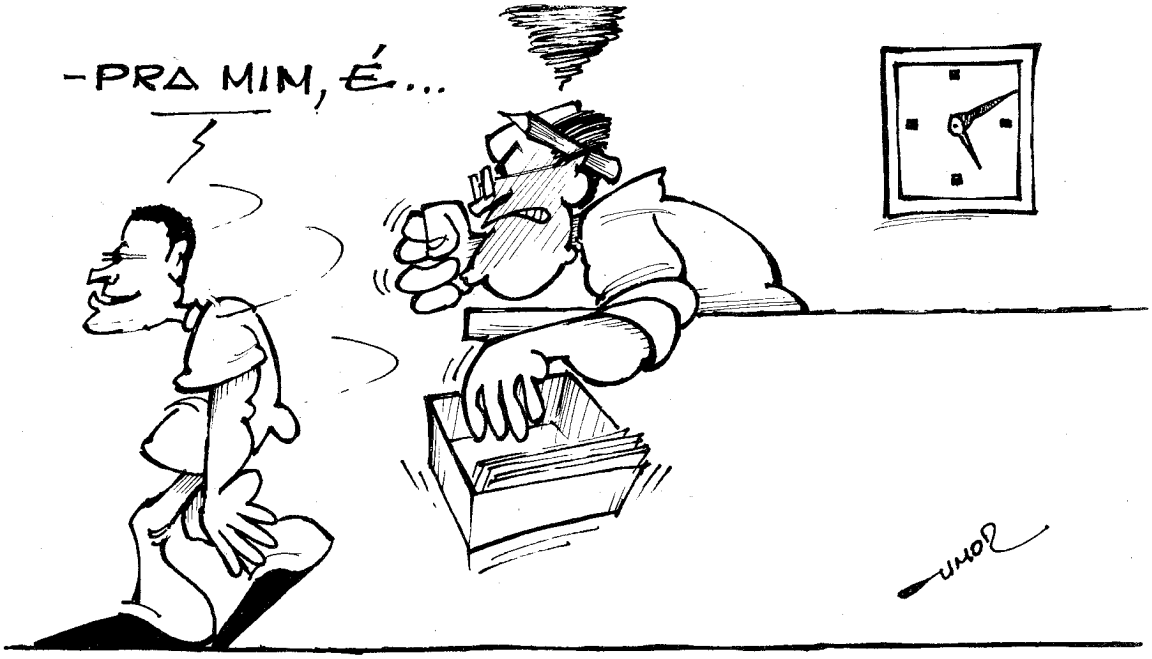
A notícia da suspensão das viagens da MOVEC propagou-se como fogo em roçado seco, depois de um expediente de segunda-feira. No dia seguinte, assim que a agência abriu, o italiano, sem qualquer anúncio, invadiu a sala da gerência. Estava possesso. O sangue subira-lhe ao rosto, espumava, deblaterava, e partiu para cima do gerente com o dedo em riste, quase chorando:

– "Seu" Doutor, o Banco do Brasil não pode fazer uma desgraça dessa comigo. Estou com um estoque de 500 sanfonas, onde empatei todo o meu capital. Não sei o que vai ser de mim.

A instrução circular comunicando a extinção das MOVECs deixou muita gente triste por esse Brasil afora. Mas ninguém como o mercador de sanfonas de Teófilo Otoni.

(Narrativa enviada pelo funcionário Benito M. do Amaral – VIPAD – Brasília - DF)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação do BIP:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte das Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa das Publicações do DESED:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cássia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 110.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAC/DIGRA, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão – Rio de Janeiro (RJ).



O DIA EM QUE NOBRINHO EXPLODIU

Era, antes de tudo, um chefe. E principalmente a mim, ainda novato nas lides bancárias, causava forte impressão sua respeitável figura. Tanto na agência como na cidade, suas virtudes de profissional com nível superior (poucos, naquele tempo) eram conhecidas e proclamadas. Ex-vereador, ganhou o apelido de Nobrinho, derivação direta de *nobre vereador* (vocativo clássico do jargão parlamentar).

Respondia pelo Cadastro. E ali, nas mínimas coisas, sua personalidade marcava e se fazia presente. Uma das suas tarefas era a triagem dos títulos entregues para cobrança na agência. Zeloso e bem organizado, colocara uma caixa sobre o balcão, para evitar perda de tempo. Dentro dela, os clientes depositavam os títulos para as diversas modalidades de cobrança: simples, caucionada, descontada. O conteúdo da caixa era examinado, no máximo, até 30 minutos após o término do expediente, conforme exigia a rotina do serviço.

Naquele dia, entretanto, a proverbial polidez de Nobrinho e sua sedimentada paciência em anos e anos de atendimento seriam rigorosamente postas à prova. O expediente externo estava encerrado, e o vigilante já fechara a porta principal da agência. Foi quando surgiu o retardatário — tipo, aliás, bastante conhecido em todas as agências do Banco. Só que aquele era o exemplo do crítico acre, mordaz e gratuito dos serviços do Banco, predisposto a toda espécie de reclamações. Encaminhou-se para a caixa — já vazia àquela hora pela eficiência de Nobrinho — e nela colocou os títulos que trazia.

O momento foi de suspense. Nosso chefe, levantando a cabeça, olhou sobre os óculos, primeiro para o cliente, depois para o grande relógio de parede, outra vez para o cliente. O alto senso profissional modulou sua voz, conteve os ímpetos e a pergunta saiu, educada, mas severa:

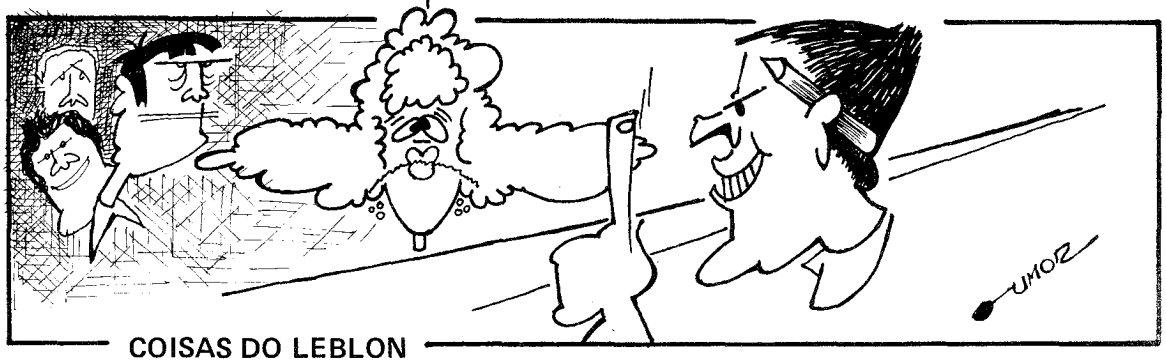
— É cobrança simples?

O silêncio dominou o ambiente, até que o eternamente irritado homenzinho fuzilou:

— Pra mim é. Agora, se vocês vão complicar, é outro problema...

(Narrativa enviada pelo funcionário Ruy Rodolfo Jaeger — Superintendência Regional de Operações — Porto Alegre - RS)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação do BIP:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Edimar Rodrigues de Abreu, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte das Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa das Publicações do DESED:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cássia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 110.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).



COISAS DO LEBLON

É um caixa-executivo como os outros. Para que no fim do dia não tenha que enfrentar o monstro da diferença, observa atenciosamente os mínimos detalhes. Apesar da impaciência, da cara amarrada e dos engasgos eventuais nas longas explanações que costuma fazer, sempre atende com cordialidade os clientes. Nunca usa o advérbio de negação, preferindo contornar habilidosamente os problemas,para não ter que usar um seco "não"como resposta.

Sempre foi assim o Goya. Com seus trejeitos, resmungos e olhar inquisidor, vai atendendo um por um os clientes que fazem fila diante do guichê. Paga um cheque ao primeiro da fila, recebe depósito de outro, encaminha o terceiro para o andar de cima. Até que, de repente, êpa! Código "A" na listagem. Não fornecer talonário ao cliente. Ou melhor, à cliente. Assusta-se. E agora? Como explicar à elegante senhora postada diante da caixa que o fornecimento do talão está bloqueado? Irrita-se. Resmunga. "Essas coisas só acontecem comigo". Estufa o peito, enche-se de coragem, cabeça erguida, marcha para frente, resoluto. Não há outra saída. Apoia o pé na banqueta, o cotovelo esquerdo no guichê. Com o dedo em riste, solta a voz grossa, impostada com leve tremor:

– Desculpe pelo que vou dizer, minha senhora. Mas, pelo que estou percebendo, a madame está com alínea "A".

Elegante, alta, bem vestida e bela, a mulher se assusta. Corre os olhos para as mãos alvas, eleva-os por toda a extensão dos braços, procurando alguma mancha no corpo. Desliza as mãos pelo rosto, depois pela fronte, até descer pelos cabelos louros. Empalidece. E, em tom de súplica, indaga:

– Mas moço, esse negócio é grave?

– Bem, grave não é. Mas a senhora vai ter que encontrar uma solução urgente, a fim de que a coisa não se complique.

A elegante dama se apavora ainda mais.

– E o que é que o senhor me aconselha? Jamais ouvi falar nessa *alinaiá.*

– Já disse e repito. Nada mais posso fazer. Estou apenas alertando: a senhora está com alínea "A".

– Meu Deus! E agora, o que vou fazer?

Louco para se ver livre da cliente, o caixa apela para o que lhe parece a única e derradeira saída:

– Só há uma pessoa que pode resolver seu problema, minha senhora. Só uma.

– Vá. Diga logo. Quem?

– O gerente. Só ele pode resolver.

Estupefata, sem entender nada, desacreditando no que acabara de ouvir, a bela dama do Leblon ainda lançou uma última e desesperada pergunta:

– O gerente? Mas ele entende de doenças?

Com a fila já irritada e inquieta pela demora, foi assim que o nosso herói caixa se deu mal. Nas três frentes da batalha: com o médico (perdão, gerente), a paciente (ou melhor, cliente) e a galera (perdão, fila). Tornando-se mais uma vez vítima de suas próprias e prolixas explicações. Coisas do Leblon.

(Narrativa enviada pelo funcionário Akikazo Igarashi – Metropolitana Leblon - RJ)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação do BIP:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues, Jussara Maria Cimenti e Marilda G. de M. Abreu Ferriche. **Arte das Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa das Publicações do DESED:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cássia O. Caixeta, Fernando Marcelo Manhães Tavares e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 110.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão – Rio de Janeiro (RJ).

A MARAVILHA TECNOLÓGICA

Finalmente, resolveram pôr em prática a recomendação da DG. O chefe da Creai convocou os fiscais, que se encarregariam do caso. Promoveu uma reunião, alertando-os para o fiel cumprimento das instruções, tendo em vista o alcance da medida, adotada para aperfeiçoar o atendimento à lavoura e a previsão das safras. E a agência, que nem ar condicionado tinha, caminhava enfim para a aplicação de tecnologia já conquistada por outras congêneres. À curiosidade geral opôs-se o chefe do Almox:

– Só abro o pacote quando o gerente autorizar.

Primeiro, as instruções. Os aparelhos deveriam ser colocados em diversos pontos do município (em propriedades rurais), para exata medição da queda pluviométrica mensal/anual. Um caprichoso mapa, contendo colunas mensais para os registros, foi distribuído aos fazendeiros premiados. E, óbvio, surgiram dúvidas:

– Esse pessoal da lavoura é muito simples, lembrou um funcionário. Será que vai saber lidar com esses aparelhos?

– Deixar isso lá é perigoso. Algum curioso pode danificá-lo, falou outro.

Um terceiro ajudou a resolver o impasse:

– Não vai haver problema. Vamos escolher os mais esclarecidos. No Muniz Freire temos o Sofiste, o Hélio. Em Jerônimo Monteiro, o Luiz Gonzaga. São pessoas mais acessíveis à implantação da tecnologia.

Cada fiscal se incumbiria de distribuir o "material de expediente", observando tais critérios. Paulo César, o "Bigode", muito precavido, de saída tratou logo de comprar serrote, martelo, chaves de fenda, nível e fio de prumo, antes mesmo de ver o aparelho.

O Ruy "Baiano", sempre pensando grande, recomendou ao primeiro mutuário que promovesse a limpeza de um hectare de seu terreno, colocando, no exato centro geométrico, um poste retilíneo, de formoso eucalipto especialmente abatido.

O terceiro fiscal, Fernando, entusiasmado e impetuoso, adquiriu alguns metros de espuma para acolchoar o fusca, evitando que os solavancos pudessem danificar o precioso e delicado mecanismo do aparelho.

Nunes, mais circunspecto, perfeccionista, indagou se não seria de melhor alvitre a construção, ainda que tosca, de um obelisco singelo de alvenaria, com tampo de cimento armado, onde se assentasse em segurança o novo engenho produzido pela mais atualizada cibernética.

Enfim, depois de todos esses preparativos, chegou a hora. Walter foi indicado para trazer do Almox a novidade. A contragosto, como sói acontecer, veio o volume, tido como material de expediente, que não se pode fornecer sempre que pedem "para ter no estoque, quando precisar".

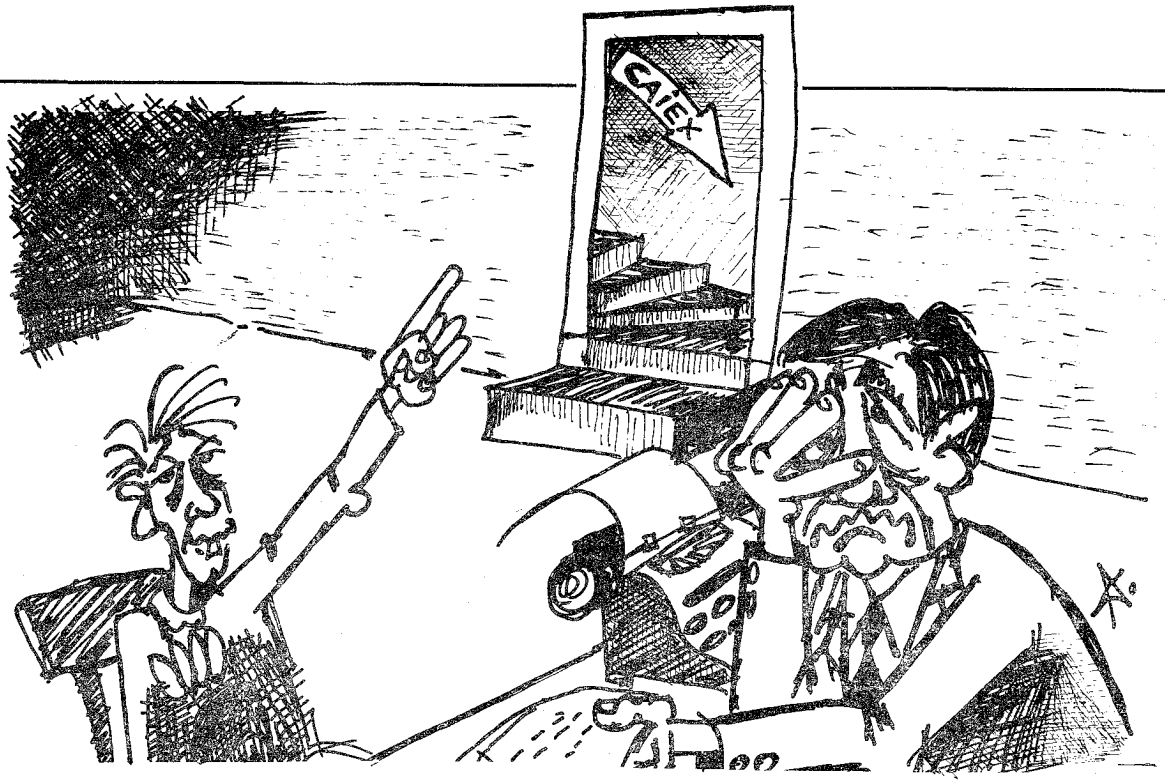
– Desembrulhe com cuidado, Walter. Qualquer abalo pode desregular o mecanismo medidor. A gente ainda nem conhece, mas cuidado não é demais.

Curiosidade geral. Todas as máquinas paradas e o funcionalismo expectante. Foi nesse ambiente que surgiu, em toda a pompa de sua perfeição, o pluviômetro – quatro plaquetas plásticas transparentes, coladas entre si, formando um copo de aspecto piramidal. Na frente, milimetrado. No alto, um furo, redondo, para um prego qualquer.

Segundo as línguas viperinas da agência, até hoje os fiscais estão apurando se a inédita queda pluviométrica que provocou inundações no Espírito Santo, Rio e Minas, no início deste ano, não foi conseqüência da incorreta manipulação do pluviômetro...

(Narrativa enviada pelo funcionário Evandro Moreira – BB Alegre - ES)

Expediente: *O Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação do BIP:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Wagner Costa. **Arte das Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson José Morais Miranda e Raimundo Nonato de Melo Filho. **Pesquisa das Publicações do DESED:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Ary Raggio de Castro, Rita de Cássia O. Caixeta e Fernando Marcelo Manhães Tavares. Tiragem desta edição: 113.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão – Rio de Janeiro (RJ).



UMA CONTA EM CADA BANCO

Raspagem e pintura de paredes, troca do piso, barulho e poeira por toda a agência. Quase um caos. É que o novo prédio da filial de Apucarana (PR) – apesar de inaugurado havia pouco tempo – andava mesmo precisando de reparos em seu acabamento. As obras e o expediente corriam paralelamente e o público, ainda que de maneira provisória, era atendido em meio àquela confusão.

Até que chegou a hora de reformar o local onde estava a bateria de caixas. Claro, isso era uma complicação. A solução encontrada pela administração da agência foi instalar os Caiex no subsolo, até que terminassem as obras. Ali, os guichês ficariam melhor acomodados e não se prejudicaria o atendimento à clientela.

No fim de semana, as máquinas autenticadoras e outros apetrechos dos caixas foram transferidos para o andar de baixo. E, na segunda-feira, o expediente foi reiniciado nas novas instalações. Os clientes estranharam o lugar, mas era apenas o primeiro dia. Lá pelas tantas, o caixa João Mineiro atendeu um cidadão:

– *Moço, eu quero abrir uma continha pra mode guardá uns cobre.*

– O senhor ainda não tem conta neste banco?, pergunta-lhe o João, desconfiado de que o cliente não lhe era desconhecido.

– *Aqui, não, sinhô!*

O movimento era pequeno, e o João Mineiro resolveu ele mesmo atender aquela abertura de conta. Preencheu o depósito inicial, colheu as informações necessárias, bateu o cabeçalho no cartão de assinaturas. E perguntou ao homem se ele poderia indicar alguém que abonasse a sua rubrica.

– *Ah, posso, sim! O gerente daquele banco que existe ali em riba me conhece bem. Eu tenho um dinheirinho guardado lá.*

– Mas o banco é o mesmo, e o senhor disse que não tinha conta aqui.

– *Aqui embaixo eu num tenho, não, sinhô! Só tenho conta no banco lá de riba!*

(Narrativa enviada pelo funcionário João Felício Loures – Dipla/Cplan – Brasília - DF)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Wagner Costa. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson J. Morais Miranda e Raimundo N. de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Rita de Cássia O. Caixeta. Tiragem desta edição: 113.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão – Rio de Janeiro (RJ).

O ENGANO

Naquela segunda-feira, a agência do Banco em Cássia (MG) estava cheia, abarrotada de clientes pra todo lado. Todos queriam fazer proposta de custeio agrícola. Quando deu lá pelas duas horas da tarde, o funcionário encarregado de colher as propostas teve que distribuir senhas.

A um canto do balcão estava *seu* Elpídio. Como havia chegado tarde, pegou um dos últimos lugares na fila, recebendo a senha de número 32.

Quando já haviam saído os últimos clientes, o funcionário Celso gritou:

— O 32, por favor!

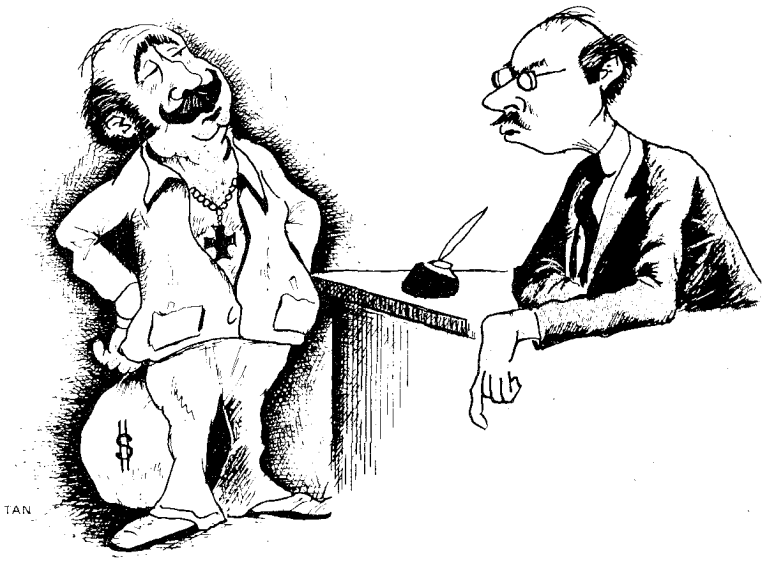
Foi o que bastou. Assustado e confuso, mas mantendo a cara de valente, *seu* Elpídio pulou meio envergonhado. Tirando o seu *32* cano longo da cintura, colocou-o sobre a mesa do funcionário, e emendou:

— Tá certo que eu *tava* meio nervoso quando saí de casa. Mas como foi que o senhor descobriu que eu *tava* armado e não fui com a sua cara?

(Narrativa enviada pelo Menor-Aprendiz Romildo Garcia Brusequese - Cássia - MG)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Jussara Maria Cimenti. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson J. Morais Miranda e Raimundo N. de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira, Aimberê Araken Machado, Rita de Cássia O. Caixeta. Tiragem desta edição: 113.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).

OLHO POR OLHO...



Já faz algum tempo, na calorenta Corumbá (MS) vivia "seu" Ramirez, um português que, apesar de rico, não se vestia à altura de suas posses. Um dia, dirigiu-se a um banco da cidade, a fim de obter empréstimo no valor de cinco milhões – dos antigos ainda. Em resposta, ouviu do gerente o comentário:

– Infelizmente, não vai ser possível. Primeiro é preciso fazer sua ficha cadastral, examinar seus depósitos, ver se seu avalista serve... E, de qualquer modo, a carteira de descontos está fechada.

Diante da resposta negativa, "seu" Ramirez não teve dúvida:

– Já que o seu banco não tem dinheiro pra me emprestar, então eu vou tirar o meu daqui, se é que vocês ainda não "meteram o pau" nele.

Pediu seu extrato de conta e sacou tudo: mais de 15 milhões.

Dali, o cliente partiu para o Banco do Brasil. Entrando na agência, dirigiu-se à gerência e repetiu a ladainha:

– Estou precisando fazer um empréstimo de cinco milhões.

Constâncio – gerente do Banco, hoje aposentado – conhecia a ficha do "seu" Ramirez. Entregou-lhe a nota promissória e um questionário, pedindo que os documentos voltassem – preenchidos e assinados – no mesmo dia. O crédito seria liberado em 48 horas.

Daí a duas horas, "seu" Ramirez estava de volta, com tudo pronto. O gerente ainda tentou argumentar:

– O senhor tem um saldo parado de mais de 20 milhões e também nunca solicitou empréstimo. Esses cinco milhões nada representam diante da sua conta corrente.

Mas o cliente estava decidido, e respondeu secamente:

– O problema é meu. Até logo.

Passaram-se três dias. "Seu" Ramirez entra na agência, pede o extrato da conta e verifica o lançamento líquido de desconto da NP. Ato contínuo, preenche um cheque no valor de cinco milhões e pede ao caixa a quitação da promissória emitida há apenas três dias.

Sem compreender, o funcionário explicou que o vencimento estava muito longe e que deveria haver algum engano. Mas a resposta foi taxativa:

– É isso mesmo. Não quero dar dor de cabeça a ninguém porque não sei se estarei vivo daqui a 90 dias.

Em seguida, já com a NP quitada, volta ao gabinete do gerente:

– Muito obrigado, "seu" Constâncio, pelo empréstimo. Eu até já paguei o título. Se um dia precisar, voltarei a procurá-lo.

E o Constâncio, sem entender nada, ainda arrisca:

– Bem, pelo que estou vendo, o senhor não precisava mesmo do dinheiro, não é, "seu" Ramirez?

E o cliente:

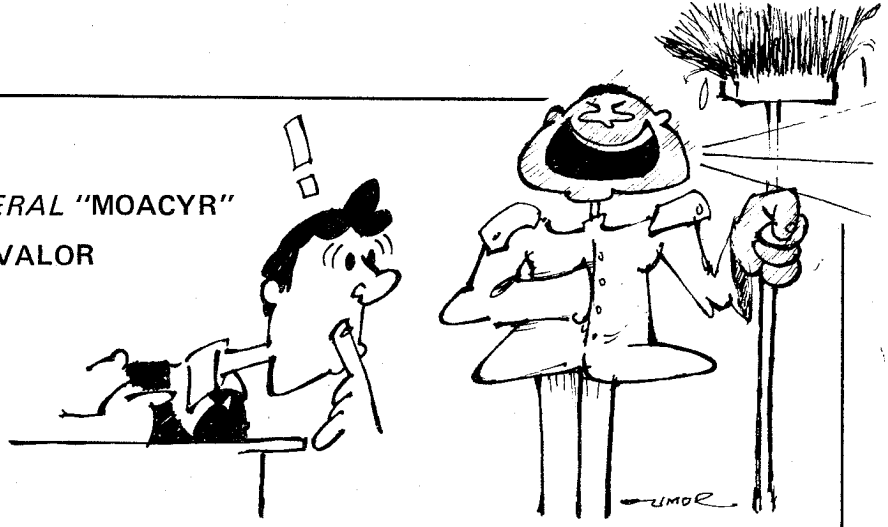
– Precisar, eu não precisava. Só queria ver se o Banco tinha confiança em mim. O senhor sabe, é muito perigoso guardar dinheiro num banco em que a gente não confia. Mas, agora que o senhor já demonstrou confiança em mim, eu também tenho que confiar. E até já depositei mais uns 15 milhões que estavam guardados ali no seu vizinho.

Até hoje, "seu" Ramirez continua fã incondicional do Banco.

(Narrativa enviada pelo funcionário Henrique Salomão Banzi – Miranda - MS)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Jussara Maria Cimenti. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson J. Morais Miranda e Raimundo N. de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira. Tiragem desta edição: 113.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão – Rio de Janeiro (RJ).

AS HISTÓRIAS DO *GENERAL* "MOACYR" – CONTÍNUO DE REAL VALOR



"A minha graça é Moacyr,
Minha mulher Aracy,
O meu filho é Ademir.
Venho lá do Piauí
Para trabalhar aqui."

Assim se apresentou Moacyr Magalhães Cardoso na agência de Campina Grande (PB), em 1956. Figura simpática, falante e bem-humorada, intitulava-se um "contínuo de real valor". Mas, com o passar do tempo, a coisa foi mudando. Ele mesmo contava:

– Na primeira informação, o contador (que naquela época não havia ainda subgerente) cortou o "real". Na segunda, foi-se o "valor". E eu fiquei "contínuo antigo, prestativo, porém...".

Ganhou o apelido de *General* num bar. Já tinha bebido muita cerveja, quando exigiu de um cabo na mesa ao lado que lhe batesse continência. Veio de lá uma bofetada, iniciando uma briga que custou ao Moacyr um dedo quebrado e quinze dias de licença-saúde. E o apelido, é claro.

As histórias e as piadas do Moacyr sucediam-se. No tempo em que se trabalhava aos sábados, certa vez foi chamado à responsabilidade, por causa das constantes faltas. Desculpou-se:

– Senhor contador, eu não posso trabalhar aos sábados. Sou sabatista.

De outra feita, ao perder uma discussão para um colega mais moreno, saiu-se com esta:

– Eu posso trabalhar no Câmbio e você não pode.

Ninguém entendeu, mas o Moacyr se explicou:

– Não está vendo que o Banco não vai querer câmbio negro?

Dizia-se ex-seminarista e, portanto, profundo conhecedor de Latim e Português. Um dia, resolveram testá-lo:

– Moacyr , o que é cachimbo?

"Advérbio", respondeu.

Ante o espanto de todos, veio a justificativa:

– Advérbio é a palavra que modifica, e todos sabem que o cachimbo modifica a boca.

Os colegas não desistiram:

– E leão, o que é?

– Leão é substantivo abstrato. Alguém pega um leão? Eu não pego.

Apesar de ter feito vários concursos para o quadro de Contabilidade, nunca foi aprovado. Ele alegava que os concursos falavam muito em duração de viagens de trem e espaços percorridos. O que queria era ser escriturário do BB, e não chefe de estação ou maquinista. E, quando um colega conseguia aprovação, tinha sempre o comentário:

– Jabuti trepado em árvore, alguém botou.

Aos trancos e barrancos, o Moacyr conseguiu, finalmente, se aposentar. Mas, três meses depois, estava de volta à agência. Procurou o contador e foi logo perguntando:

– Eu soube que o Banco está comprando férias vencidas. É verdade?

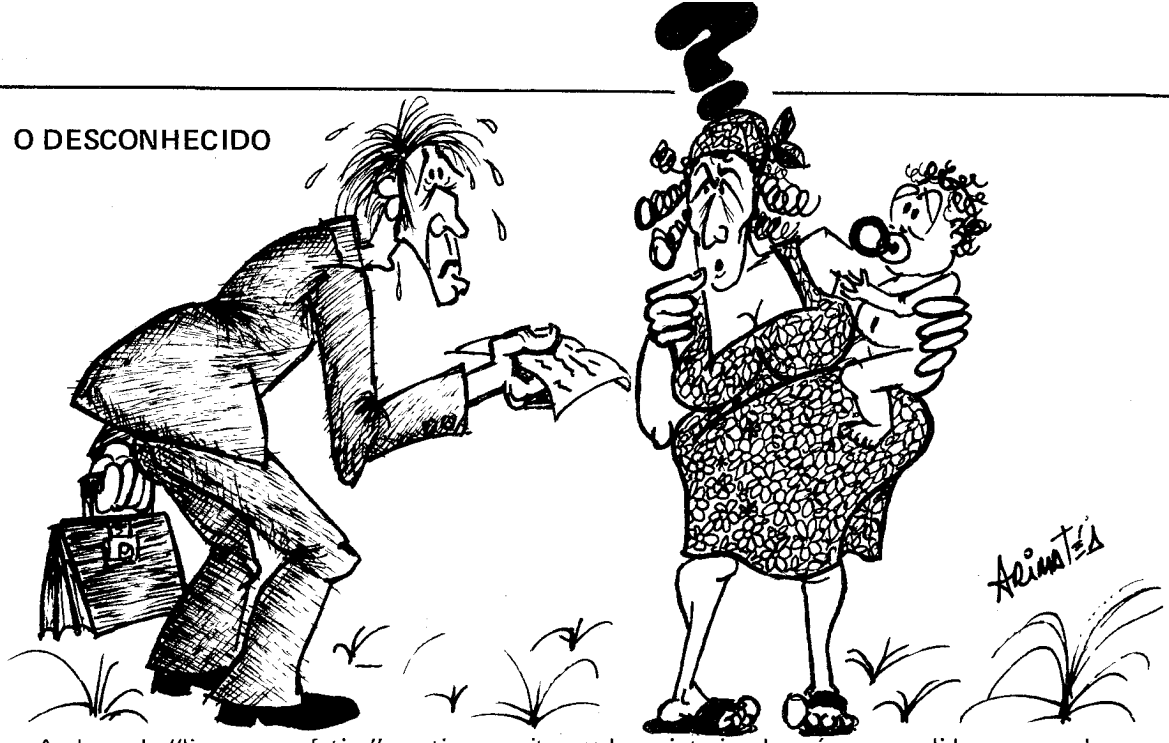
Diante da resposta afirmativa, propôs:

– Muito bem. Vim vender a minha aposentadoria.

(Narrativa enviada pelo funcionário Wellington Maria dos Santos – Campina Grande - PB)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Jussara Maria Cimenti. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson J. Morais Miranda e Raimundo N. de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira. Tiragem desta edição: 113.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão – Rio de Janeiro (RJ).

O DESCONHECIDO



A chamada "linguagem afetiva" continua muito usada no interior do país, e os apelidos acompanham as pessoas pela vida afora.

Na jurisdição da agência em Alegre (ES), parece que o fato é ainda mais freqüente. Tanto que é comum só conseguirmos identificar o cliente, junto aos informantes, depois de dizer seu pseudônimo. Com a importância que ele assume, chega a substituir o próprio nome. Então, o nosso cadastrista, para facilitar as coisas, não deixa de colocar o apelido do cliente após o nome de cartório. E isso funciona, pois quando alguém diz que seu avalista é o *Dedé* Gomes, o homem do cadastro já sabe a qual dos três José Gomes da Silva o mutuário quer se referir. Porque os outros dois atendem por *Zé Domiciano* e *Zé das Botas.*

De certa feita, o fiscal encarregado de vistoriar a propriedade de Deusolino do Sena, lá pras bandas de Ibitirama, gastou dois dias sem conseguir encontrá-lo. Ninguém — mas ninguém mesmo — conhecia o homem. Quase desistindo, passou na vila. Sua última esperança era o farmacêutico, que geralmente conhece até a criação do pessoal das redondezas. Mas o farmacêutico também não sabia quem era o Deusolino, apesar de reiterar seu conhecimento de todas as pessoas da região. "Decididamente", dizia o boticário, "neste distrito não mora tal pessoa". O fiscal insistiu, detalhou a propriedade do cliente, relacionou fronteiras e córregos, benfeitorias e gado. Mas nem o farmacêutico nem as pessoas que estavam na farmácia sabiam quem era o sujeito.

Desanimado, cansado, suado, com fome, o fiscal já ia se retirando, quando uma senhora que apenas ouvira a conversa o chamou, enquanto acomodava no colo uma criança e um embrulho de remédios:

— O senhor me desculpe, mas eu moro nesse lugar aí.

— Então, a senhora conhece o homem?

— Como é mesmo o nome dele?

— Deusolino do Sena.

— Bem, conhecer eu não conheço, não. Mas... espere aí. Olhe, eu não tenho certeza, mas quem sabe não é o *Lilino,* meu marido, hein?

E era.

(Narrativa enviada pelo funcionário Evandro Moreira — Alegre - ES)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Jussara Maria Cimenti. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson J. Morais Miranda e Raimundo N. de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco R. de Moura Pereira. Tiragem desta edição: 113.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 8º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).

PÊ–EME–ERRE–PÊ

Provavelmente, seria mais simples aprender grego clássico que me habituar àquela linguagem de siglas: BDA, BDI, BT, FCA, Pebe, Gea, Tlam, Tlem. Eu, que tinha apenas três anos de Banco, naquela segunda-feira estava substituindo o coordenador do Setex, mesmo sem nunca antes ter trabalhado no setor. No meio de tantas instruções, prazos, papéis, carimbos e assinaturas, eu tentava cumprir as minhas obrigações da melhor maneira possível. Mas estava apanhando que nem burro velho.

Quem me ajudava muito era o João, caixa-executivo, que conhecia o serviço como ninguém. Mas deu meio-dia, e ele veio me avisar que estava de saída para o almoço. Ainda inseguro, pedi:

— Por favor, João, deixe comigo uma relação de todas as transferências e documentos que devemos fazer ainda hoje.

— É fácil. Tirando a PMRP, *tá* tudo na Agenda do Administrador.

Escrevi a sigla num oitavado e liberei o João.

Sozinho, lá estava eu novamente mergulhado naquele monte de instruções, papéis, carimbos e milhões de outras coisas desconhecidas. E devia terminar o serviço antes das quatro horas. A minha sorte era que o João voltaria às duas. Pouco a pouco, toda a papelada foi sendo encaminhada: BT, BDA, BDI, FCA, Gea, Tlam, Tlem. Faltava apenas a transferência da PMRP.

O tempo corria, já passava de duas horas, e o João não aparecera nem mandara notícias. Resolvi procurar nas instruções maiores informes sobre a transferência da PMRP, para adiantar o trabalho, enquanto o meu "salvador" não chegasse. Desci toda a prateleira dos livros: CIC Adpub, Serviços, Cartas e Avisos-circulares. Nada. E o João não vinha. "A transferência precisa sair hoje, sem falta, senão é reclamação na certa", eu me lembrava das palavras do caixa. Folheava instruções e instruções, um mar de papéis, e nada sobre a tal PMRP. E nada do João. Pedi auxílio aos chefes e aos outros funcionários, mas ninguém sabia do que se tratava. Revimos todos os volumes das CICs, as pastas de circulares, e nada. Nada sobre a PMRP.

Já era quase quatro da tarde, os caixas estavam prontos para a descarga das autenticadoras, quando o subgerente veio me avisar que acabara de receber um telefonema do João. Ele batera o automóvel na vinda para o serviço e estava na delegacia de polícia. Mas dentro de, no máximo, meia hora, estaria de volta. Fiquei doido:

— Por que o senhor não me avisou? Eu precisava falar com o João, urgentemente. É sobre uma transferência de PMRP, que tem de ser feita hoje, sem falta. E ainda não encontramos nenhuma instrução a respeito, em lugar algum.

O subgerente confessou que ignorava a matéria, mas foi compreensivo:

— O João já está vindo. Eu falo pro pessoal segurar o malote até o último minuto. Se não der pra ir no de hoje, paciência. Fica para o malote de amanhã. O que é que nós podemos fazer? Calma, rapaz.

E lá fui eu de novo, me dividir entre a pesquisa das instruções, a descarga das autenticadoras, o preparo dos papéis para fechar o movimento e a ajuda a um caixa que estava com diferença.

O automóvel amassado do João roncou como a trombeta da salvação no dia do juízo final. Mal ele botou os pés na agência, chamei-o e pedi socorro.

O João olhou minha mesa, coberta de CICs, Cartas e Avisos-circulares, e deu uma gargalhada.

— Isso não *tá* em CIC, não. É nesta pasta aqui.

A minha vontade foi de avançar sobre ele e fazê-lo engolir a pasta e as guias de impostos da PMRP — Prefeitura Municipal de Rio das Pedras. A transferência, ele me disse, eu poderia ter adiado para o dia seguinte, com um simples telefonema.

(Narrativa enviada pelo funcionário Fernando Vaz de Souza — Rio das Pedras–SP)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal — DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Jussara Maria Cimenti. **Arte:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson J. Morais Miranda e Raimundo N. de Melo Filho. **Pesquisa:** Francisco Régis de Moura Pereira. Tiragem desta edição: 113.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho 15º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL — DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).

A SEMELHANÇA DA DIFERENÇA

Em 1970, Cr$ 100,00 representavam uma boa parcela do meu ordenado e eu não estava disposto a pagar uma diferença desse valor. A menos que fosse impossível localizar o cliente que me levara a importância.

Já passava das oito da noite quando consegui isolar – depois de examinar a fita-detalhe minuciosamente – dois suspeitos. O primeiro era uma guia de imposto sindical, paga por uma professora residente numa cidadezinha próxima. O outro (e, a meu ver, o provável gerador da diferença) era um título sacado contra o *seu* Nicolau, velho cliente do Banco. Eu estava certo de que os Cr$ 100,00 recebidos a menos tinham sido dele, e não tive dúvidas: no dia seguinte, bem cedo, dirigi-me para lá.

– Bom dia, *seu* Nicolau. O senhor está lembrado de mim?

– Claro, é o caixa do Banco do Brasil.

– Isso mesmo. O senhor se recorda que pagou um título ontem no meu caixa?

– Como eu poderia esquecer?

Tudo indicava que estava no caminho certo. Assim, resolvi abordar o assunto de maneira resoluta mas sutil, para não ofender o velho cliente. E disparei:

– Bem, eu estou aqui, amigo, porque ontem houve uma diferença de Cr$ 100,00 no meu caixa e tudo indica que foi no seu troco.

– Pois, *seu* Amorim, é por isso que eu gosto do Banco do Brasil. Realmente, eu também estou com uma diferença de Cr$ 100,00. Mas o BB é que é um banco organizado, faz tudo "tintim por tintim".

Eu já estava alegre, porque o *seu* Nicolau falava com grande entusiasmo, "pelos cotovelos". Contou toda a sua trajetória como cliente do Banco, mostrou-me sua loja – uma papelaria –, levou-me até o depósito (o estoque de papéis amarrotados e amarelados pelo tempo, cheio de teias de aranha), disse-me que o material já estava todo pago, que ele também era organizado e gostava de tudo certinho como o Banco do Brasil, etc., etc. Depois de muito falar, voltou para o balcão. Mas nada de me entregar os Cr$ 100,00 e eu já começava a ficar agoniado: mais de meia hora já se passara e o serviço no Banco a me esperar. Até que *seu* Nicolau se dirigiu para o cofre. Eu já estendia a mão para receber o dinheiro, aliviado, mas o que o velho me entregou foi o título que ele havia pago no dia anterior, pedindo que eu o examinasse. Impaciente, arrisquei outra pergunta:

– *Seu* Nicolau, o senhor vai hoje ao Banco?

– Vou, sim, *seu* Amorim.

– Então, façamos o seguinte: lá o senhor me entrega o dinheiro.

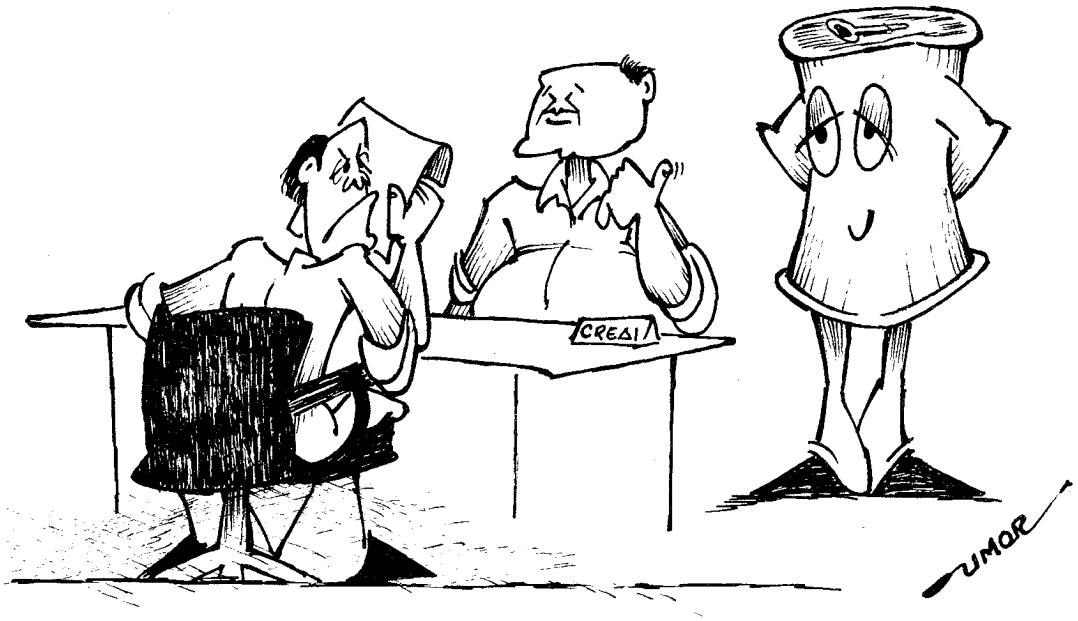
Arregalando os olhos por cima dos óculos que lhe escorregavam pelo nariz, o velho bradou:

– Ora, e a diferença foi a menor? Pois saiba, meu caro, que no meu caixa está faltando também.

Voltei ao trabalho, desanimado, e já me dirigia à Tesouraria, quando alguém me chamou no balcão. Era a professora, que viera devolver os Cr$ 100,00.

(Narrativa enviada pelo funcionário Fernando Antônio de Freitas Amorim – Natal-RN)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação do BIP:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Jussara Maria Cimenti. **Arte das Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson J. Morais Miranda e Raimundo N. de Melo Filho. **Pesquisa das Publicações do DESED:** Francisco Régis de Moura Pereira. Tiragem desta edição: 113.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 15º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão – Rio de Janeiro (RJ).



A AUTORIZAÇÃO DA *CIC*

O ano era o de 1975 e o mês, um qualquer. A antiga Creai da agência de Santos (SP) estava num de seus dias de maior movimento. Grande parte da clientela era de pequenos produtores do município de Pedro de Toledo e cidades circunvizinhas – gente humilde e trabalhadora. Com uma particularidade: quase todos eram japoneses ou descendentes de japoneses, vindos do Oriente na esperança de encontrar no litoral paulista o tão sonhado eldorado.

Naquele dia, o Salim, então ajudante-de-serviço, atendia aos clientes com a costumeira solicitude, apesar do corre-corre. Dentre eles, apresentou-se o Miyashiro Tanakama, com um pedido de financiamento. O Salim examinou a papelada cuidadosamente e informou ao interessado que a proposta não era viável, "uma vez que a CIC não autorizava aquele tipo de empréstimo". Nem bem iniciava os esclarecimentos, o japonesinho meteu-se pelo corredor fronteiro à sala e desapareceu, quase misteriosamente.

Mas, dois dias depois, às primeiras horas do expediente, o nosso personagem estava de volta. E agora, além de toda a papelada que trouxera antes, vinha com um envelope na mão, endereçado ao mesmo Salim. Este, sob os olhares vigilantes do emissário, abriu o sobrescrito, que continha uma declaração com os seguintes dizeres:

"A representação desta firma, na praça de Pedro de Toledo, nada tem a opor quanto ao financiamento pleiteado pelo Sr. Miyashiro Tanakama, junto à Carteira Agrícola do Banco do Brasil S.A.

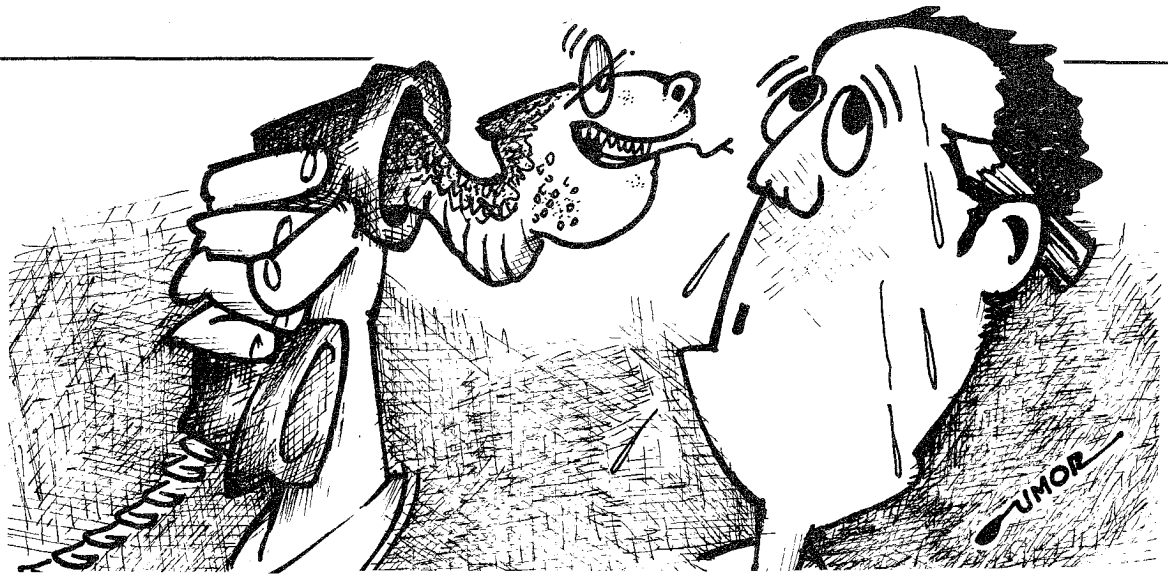
CICA – Produtos Alimentícios"

– Não é possível!, explodiu o Salim, levando as mãos à cabeça.

– É sim, replicou cortesmente o japonês. A CICa disse que autoriza, sim, *senhoro...*

(Narrativa enviada pelo funcionário David de Araújo – Santos - SP)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento Geral de Seleção e Desenvolvimento do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação do BIP:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Ricardo Torres e Ana Cecília Rodrigues. **Arte das Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson J. Morais Miranda e Raimundo N. de Melo Filho. **Pesquisa das Publicações do DESED:** Francisco Régis de Moura Pereira. Tiragem desta edição: 113.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 15º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão – Rio de Janeiro (RJ).



COBRANDO A COBRA

Lá na fronteira com a Bolívia, dentro da selva amazônica e às margens do Rio Madeira-Mamoré, ficava o prédio antigo da agência de Guajará-Mirim, Território de Rondônia. Calor insuportável (quase 39 graus), o povão aglomerado, fichas metálicas à mão, esperando a chamada. Era novembro de 1971. Implantava-se a Etapa "A" de Mecanização, mas os caixas ainda funcionavam pelo sistema convencional.

– Moço, sabe informá por quanto o dotô Isaac tá comprano uma cobra com mais de 10 metro?

Quem falava comigo era um homem forte, feições rudes, barbado, chapéu enxovalhado na mão, camisa úmida de suor. Um legítimo seringueiro. Por um instante fiquei confuso, pensei tratar-se de brincadeira. Mas a curiosidade foi mais forte. Eu, que tinha vindo de outra região para trabalhar ali, estava ansioso por conhecer "as coisas da Amazônia".

Fui com o homem à gerência e o apresentei ao Isaac, que era o titular. Ele parou de assinar a papelada e ouviu a narrativa do seringueiro:

– Bem, dotô, eu e mais três home esbarramo com a sucuri, que tinha mais de 10 metro de tamanho. Lutamo muito pra vencer a bicha no igapó, mas conseguimo. Difícil foi trazer ela viva do seringal até aqui, de barco. Mas como o cumpadre Chico Torres me disse que o sinhô tá comprano cobra...

O gerente pulou, espantado:

– Eu, comprar cobra? Que loucura! O senhor está completamente enganado.

Mas acabou admitindo que havia dito, em conversa com alguns clientes, que não acreditava na existência de sucuris com mais de 10 metros. E que até compraria a cobra, se alguém lhe mostrasse uma. Tudo em tom de brincadeira, é claro, mas o seringueiro estava decidido e reclamando:

– Mas, dotô, nós viemo da mata arriscano a vida, deixemo nosso trabaio. E agora o Banco num vai comprá a cobra?

E o Isaac, pra resguardar o bom nome do Banco, acabou indenizando – do seu próprio bolso – os caçadores da sucuri. Por causa disso, vários outros interessados telefonaram para a agência: "O Banco do Brasil está comprando cobra?", "Quanto está pagando por metro?", "Jararaca serve?".

O caso rendeu muito. Houve até um vereador que se propôs a tomar conta do réptil, para mostrar ao Brasil "a bravura de seu povo". A cobra seria exposta em praça pública e uma pequena taxa arrecadada dos visitantes. Até Brasília estava incluída no itinerário da viagem. O presidente da República seria convidado a conhecer a famosa sucuri. Mas o IBDF andou mais depressa, e apreendeu o animal em Porto Velho. E quando perguntavam ao edil sobre o bicho, ele só respondia, mal-humorado:

– Foi apreendido por não estar inscrito no Sindicato das Cobras.

(Narrativa enviada pelo funcionário João Amaral de Medeiros – Ag. Central-Brasília-DF).

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pelo Departamento de Formação do Pessoal – DESED/RELIN. **Encarregado de Comunicação e Publicações:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação do BIP:** Waldemar de Oliva Brandão, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Ricardo Torres e Ana Cecília Rodrigues. **Arte das Publicações do DESED:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Uilson J. Morais Miranda e Raimundo N. de Melo Filho. **Pesquisa das Publicações do DESED:** Francisco Régis de Moura Pereira. Tiragem desta edição: 113.000 exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal – BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Comercial Sul, Bloco "H", Ed. Morro Vermelho, 15º andar, BRASÍLIA (DF), CEP 70.302. Impresso na Gráfica do BANCO DO BRASIL – DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão – Rio de Janeiro (RJ).

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

... E O VENTO LEVOU ("... GONE WITH THE WIND")

(Contada por um menor-aprendiz e redigida por um precário)

Estávamos no mês de março, lá pelo dia 13, quase meio-dia. A barriga já roncava de fome, mas o chefe pediu que eu tirasse umas cópias na xerox, e fui atendê-lo. Como o serviço era *pra ontem,* parei com tudo e desandei a tirar as cópias, que seriam encaminhadas aos escalões superiores. Subitamente, ao levantar a tampa da máquina fotocopiadora, o papel original foi-se pela janela. Que nem uma barata voadora. Fiquei doido, apavorado só de pensar na bronca que eu iria levar. Saí correndo lá pra baixo em busca da folha mas, em segunda *mancada,* esqueci de ver o rumo que ela tinha tomado. Convenhamos, numa hora dessas, é mesmo difícil alguém conseguir ficar de sangue frio e com os ânimos controlados.

Desci as escadas (estava no 11º andar) junto com o *Pimpolho* — um menor estagiário menor que o Menor Valor de Referência vigente no país. Enquanto eu verificava nos corredores de cada andar, na esperança de que uma lufada de vento tivesse carregado a folha pra dentro do prédio, o *Pimpolho* foi até a marquise, que fica ao nível da sobreloja. As esperanças de encontrarmos o documento eram muitas mas, sinal de vida dele, nenhum. O tempo passava e eu comecei a imaginar o que aconteceria, se não achasse o papel: levaria aquela *chamada* do chefe, e talvez até fosse demitido.

Mas parece que, no meio de tanto azar, eu estava até com um pouco de sorte. É que o chefe, pra cooperar comigo, pediu à turma da seção — o *Hulk, Amarelão, Pinga, Didi das Gatinhas* e até a *Garota do Topless* — que me ajudassem a encontrar o original perdido. Resolvemos fazer testes com folhas em branco, lançando-as pela janela tal como asas-delta, para ver onde iam parar. Uma delas foi direto ao chafariz, no térreo, e o *Amarelão*, pensando que tinha encontrado a verdadeira, mergulhou na água de roupa e tudo. Na rua, juntava gente fazendo o maior alvoroço e perguntando: "O que é aquilo em cima da marquise? É um anão? É o 'Tatoo' da *Ilha da Fantasia*? O que é?". Era apenas o *Pimpolho*, em busca do papel.

Horas e suores depois, achamos o maldito. Com um binóculo emprestado, o *Amarelão* localizou a folha atrás do prédio, encerrando a procura. E eu me safei da bronca, por muito pouco. Assim, gostaria de dar um conselho aos mais novos: escolham um dia de calmaria, quando forem xerocar papéis com a janela aberta. E eu até arriscaria o trocadilho "... *gone with the window*", achando que, junto com os papéis, também o meu emprego poderia ir pela janela.

(Narrativa enviada pelo funcionário Luiz Antônio de Santa Ritta — Brasília-DF)

Expediente: *O Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação, diagramação e pesquisa:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Waldemar de Oliva Brandão , Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Antonio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Ana Cecília Rodrigues e Raimundo N. Melo Filho. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício-Sede I, 14º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).

PRESENTE DE ANIVERSÁRIO

Dezembro de 1962. Havia apenas oito meses que eu entrara para o Banco. Tomei posse na agência de Nova Prata (RS). Longe de casa e da família, a falta de meus pais e irmãos era compensada, em parte, pelos amigos que fizera na cidade, especialmente os colegas de trabalho.

Num dia lá, especialmente, eu estava triste, e isso era visível. Ao final do expediente, saíram todos os funcionários e ficamos, eu e o subgerente, para terminar um serviço. Notando meu abatimento, perguntou-me o que estava acontecendo. Meio constrangido, expliquei a ele que era a primeira vez que passava meu aniversário longe da família e, por mais que me esforçasse, não conseguia esquecer isso.

— Ora, disse-me ele, por que não avisaste antes? Teríamos preparado um churrasco, ou algo assim. De qualquer modo, então hoje vais jantar lá em casa. E vamos tomar uma cerveja para comemorar.

Tanto insistiu, que acabei aceitando. Ele morava a uma quadra do Banco, na parte superior de um sobrado. Quando chegamos, pediu-me que fosse subindo, enquanto ia comprar a bebida no boteco da esquina:

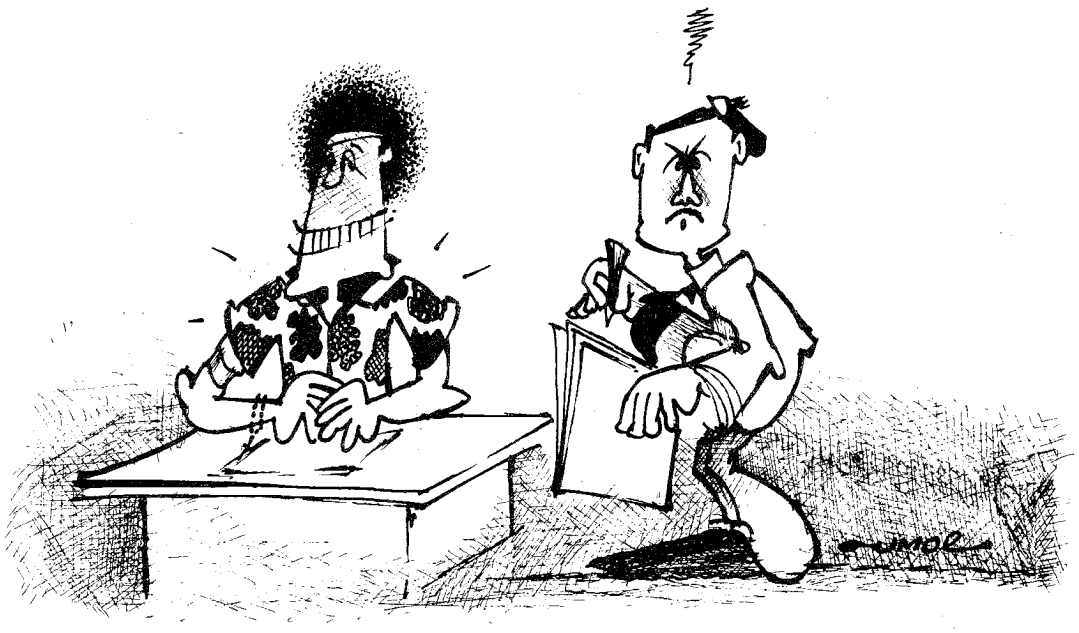
— Acho que minha mulher não está em casa. Toma a chave e vai entrando.

Assim fiz. Abri a porta. Tudo estava escuro, parecia mesmo não haver ninguém. Logo ouvi os passos do subgerente subindo a escada e, então, a luz se acendeu. Na sala, a mesa cheia de doces, salgados e bebidas. E um bolo, também, com 23 velinhas. E não era só. Além da dona da casa e seus quatro filhos, ao redor da mesa estavam todos os 14 colegas da agência. Olhando-me, divertidíssimos, começaram a cantar o "Parabéns pra você"...

Não deu pra resistir. Um nó na garganta me impediu de falar, e senti que meus olhos se umedeciam.

(Narrativa enviada pelo funcionário Luiz Aldo Salvamoura — Agência Centro-Porto Alegre - RS)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP*, órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação, diagramação e pesquisa:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Waldemar de Oliva Brandão, Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, José Eduardo Maradei, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Ana Cecília R. e Silva, Marilda Gomes M. A. Ferriche e Raimundo Nonato Melo Filho. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício Sede I, 14º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.000. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).



VAI SER SÓBRIO ASSIM LÁ EM MIRANDÓPOLIS

Quando chegou à agência, a carta-circular apenas tornou oficial o que era boato há muito tempo: a camisa esporte permitida pela CIC Funci, de meia-manga, já não precisava ser branca. Bastava que fosse sóbria. Aí começa nossa história.

O gerente-adjunto da agência, homem muito preocupado com a boa imagem do Banco, recorreu ao Novo Dicionário da Língua Portuguesa — o "Aurelião" — para definir corretamente a palavra *sóbria.* E transcreveu a definição, junto aos dizeres da carta-circular, em dois cartazes estrategicamente colocados na agência: *moderada, parca, frugal, simples.*

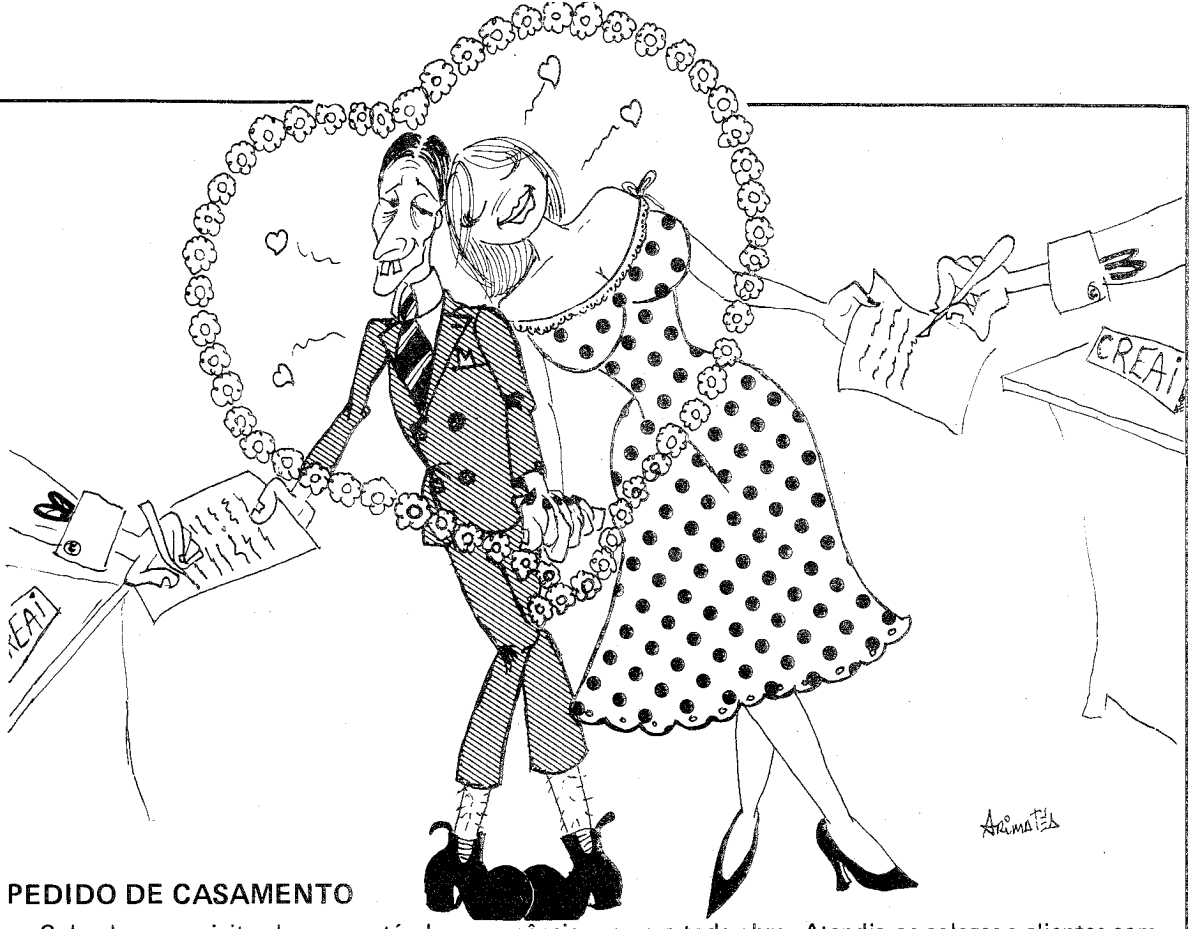
A cada dia, os funcionários experimentavam a extensão da sobriedade pretendida. Uma camisa de listras, outra com bordado em relevo, outra ainda discretamente estampada: todas foram testadas. Algumas toleradas pelo homem, outras não. Até que o Joaquim resolveu ousar um pouco mais, com uma camisa que se tornara famosa fora dos limites do Banco. Era um modelo "jeans", bastante desbotado pelo uso e com colarinho indefinido.

Não deu certo. O funcionário ainda tentou argumentar, alegando que "as cores " eram sóbrias. Mas a resposta do gerente-adjunto encerrou o assunto:

— Está bem, meu caro *Quincas.* Essa sua camisa tem *várias* cores sóbrias. Mas a CIC só permite *uma* cor de cada vez...

(Narrativa enviada pelo funcionário João Antônio dos Santos - Mirandópolis-SP)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação, diagramação e pesquisa:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Waldemar de Oliva Brandão, Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Antonio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, José Eduardo de O. Maradei, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Ana Cecília R. e Silva, Marilda G. de M. Abreu Ferriche e Raimundo N. Melo Filho. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício Sede I, 14º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Gen. Bruce, 55-A, São Cristóvão — Rio de Janeiro (RJ).



PEDIDO DE CASAMENTO

Colombo era sujeito deveras notável e, na agência, pau-pra-toda-obra. Atendia os colegas e clientes com calma e educação, conquistando a simpatia de todos. Autodidata, de tudo conhecia um pouco, sendo solicitado para toda espécie de atividade comunitária do Vale do Paraguaçu. Sem ele, não funcionariam a banda de música, os clubes sociais e de futebol, as campanhas de fraternidade, as festas folclóricas e até mesmo entidades como o Rotary, Maçonaria e Congregação Mariana.

Naquele tempo, Colombo era chefe da Creai. Num desses dias de intenso movimento, chegou à agência um jovem mutuário que, depois de aguardar sua vez, confidenciou ao nosso homem:

— *Seu* Colombo, eu precisava lhe dar uma palavrinha em particular.

Dirigindo-se a um canto do saguão com o cliente, Colombo levou junto o dossiê, mas o rapaz retrucou:

— Não é sobre o contrato, não. O caso é outro. É que eu estou gostando sério da Ana, filha do meu vizinho Possidônio. Como não tenho estudo para fazer a carta do pedido de casamento, achei que o senhor faria esse favorzinho pra mim.

Sempre muito amável e prestativo, Colombo concordou. Colheu os dados necessários e pediu a ele que voltasse na semana seguinte para apanhar a carta. Dito e feito. Quando o jovem pretendente leu a missiva, tão bem escrita, agradeceu e saiu da agência radiante de contentamento.

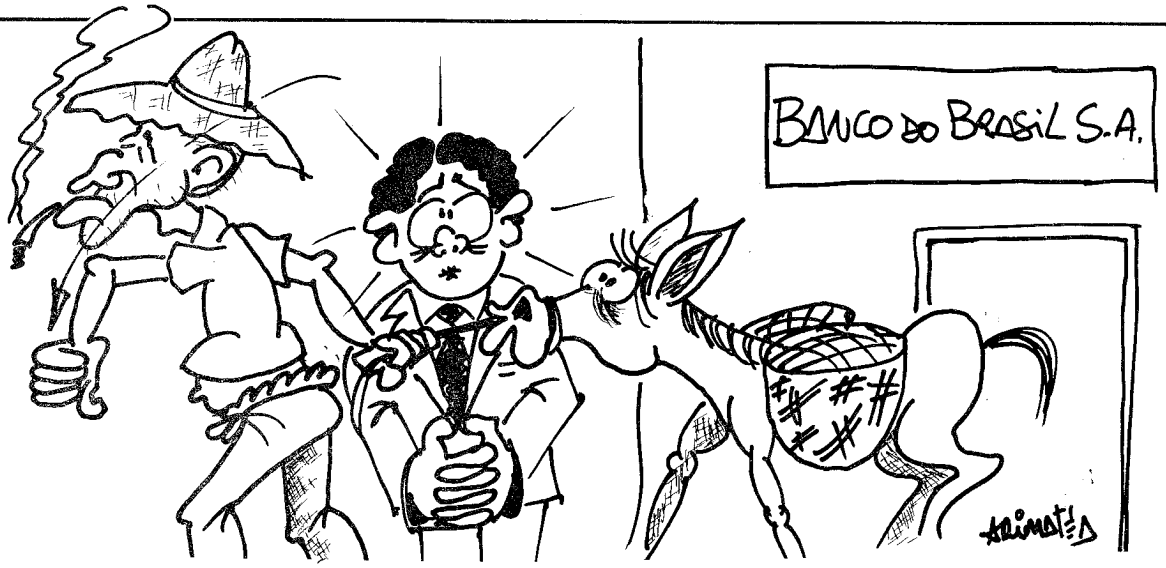
Na casa do Possidônio, a carta provocou as mais efusivas reações de alegria. E uma preocupação. Depois que o rapaz saiu, o velho chefe de família ficou matutando por horas a fio, até que desabafou para a mulher e os filhos:

— Pra responder à carta, só existe um homem com leitura suficiente pra isso.

No dia seguinte, antes mesmo de as portas do Banco se abrirem, lá estava o pai da noiva. Aguardando, ansiosamente, a chegada de Colombo.

(Narrativa enviada pelo funcionário Walter Barreto de Alencar — Salvador - BA)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação, diagramação e pesquisa:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Waldemar de Oliva Brandão, Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Antonio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, José Eduardo de O. Maradei, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Ana Cecília R. e Silva, Marilda G. de M. Abreu Ferriche e Raimundo N. Melo Filho. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício Sede I, 14º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).



AGÊNCIA DE VIDA CURTA

Já houve tempo em que o pessoal do Sul e do Sudeste gostava de piadas envolvendo baianos ou cearenses, a exemplo do que ainda se faz com os portugueses. Talvez por causa disso, conta-se a história a seguir, como realmente aconteceu numa pequena localidade no interior do Ceará.

O prédio do BB, ainda em obras, era a primeira casa de crédito a se instalar por ali. Localizada numa esquina (ou melhor, numa curva do caminho que conduzia à praça central), a agência era o maior, o mais bonito e o mais importante edifício da cidade. A seu lado, apenas duas ou três residências.

Todos os dias, após a hora do almoço, os operários da obra ficavam à porta do prédio, conversando com o gerente-instalador. Também eles aguardavam ansiosamente o término da construção, na certeza de que o Banco traria desenvolvimento e fartura.

As primeiras remessas do "enxoval" começaram a chegar: máquinas de escrever, fitas, papel carbono, oitavado, mesas, cadeiras. Às vésperas da inauguração, quando até letreiro e símbolo já estavam colocados na fachada, o gerente e alguns funcionários recém-chegados resolveram vistoriar o prédio. Admiravam-lhe a arquitetura e antecipavam um futuro promissor para a agência e a cidade.

Foi quando se aproximou do grupo um caboclo, chapéu-de-palha na cabeça, cigarro de fumo picado à boca, montado num jumentinho carregado com dois sacos de farinha. Com ar de profunda admiração pelo edifício, dá uma baforada pro ar e pergunta ao gerente (que, por ser o único de terno, deve ter-lhe inspirado mais respeito e confiança):

— *Moço, que casa é esta?*
— É um banco, amigo.
— *Banco? A casa compra farinha?*
— Não, o Banco não compra farinha.
— *Mas vende farinha?*
— Não, também não vende farinha.
— *Bom, se a casa não compra farinha, não vende farinha ... o que é que ela faz, afinal?*
— O Banco empresta dinheiro.
— *Empresta dinheiro? Vige Nossa Senhora!*

E, pensando nuns cruzeiros que já emprestara e que nunca recebera de volta, profetizou:

— *Sabe o que vai acontecer, moço? Essa casa vai ter vida curta.*

(Narrativa enviada pelo funcionário José Ribamar Nunes - Dipla/Coese)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP*, órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação, diagramação e pesquisa:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Waldemar de Oliva Brandão, Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Antonio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Paulo Machado Afonso, Ricardo Torres, Ana Cecília R. e Silva, Marilda G. de M. Abreu Ferriche e Raimundo N. Melo Filho. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício Sede I, 14º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).

NÃO ESTAVA NA CIC

Há cerca de 18 anos, a agência de Fernandópolis (SP) expandia-se rapidamente, mas com número insuficiente de funcionários para o volume de serviços. Mesmo assim, tudo corria bem, tanto para a clientela quanto para preservação do bom nome do BB. A turma trabalhava duro e não havia descontentes. Só "dava galho" quando surgia algum problema extraordinário, desses não codificados nas instruções. Foi o caso do gato.

As instalações da agência, que funcionava em prédio alugado, não eram o que se pode chamar exatamente de funcionais. Certo dia, passou-se a ouvir — manhã, tarde e noite — um miado intermitente. Um gato despencara do telhado e ficara preso numa pequena mas profunda área entre o edifício da agência e um outro, vizinho, onde funcionava um restaurante. Dias e noites seguidos o gato miou, levando desassossego a todos. Não havia como resgatá-lo, nem como fornecer-lhe algum alimento. Apesar dos muitos e engenhosos planos de salvamento, alguns até cinematográficos, não se pôde salvar o bichano, que acabou mesmo morrendo à míngua. E, uma vez morto, começou a feder, como todo morto que se preza.

E como fedia! Se os miados atrapalhavam o serviço, pior ainda era o mau cheiro do gato. Mais uma vez, tudo se fez para tirar o cadáver do bicho da área onde estava. Em vão. Até que um dia, surgiu a solução.

Alguém trouxe o Dito, não se sabe de onde, que era bombeiro de profissão. E o tal Dito Bombeiro, com muito sacrifício, amarrado em cordas e quase se matando, conseguiu retirar os despojos do animal. Mas apareceu outro problema: como pagar ao homem?

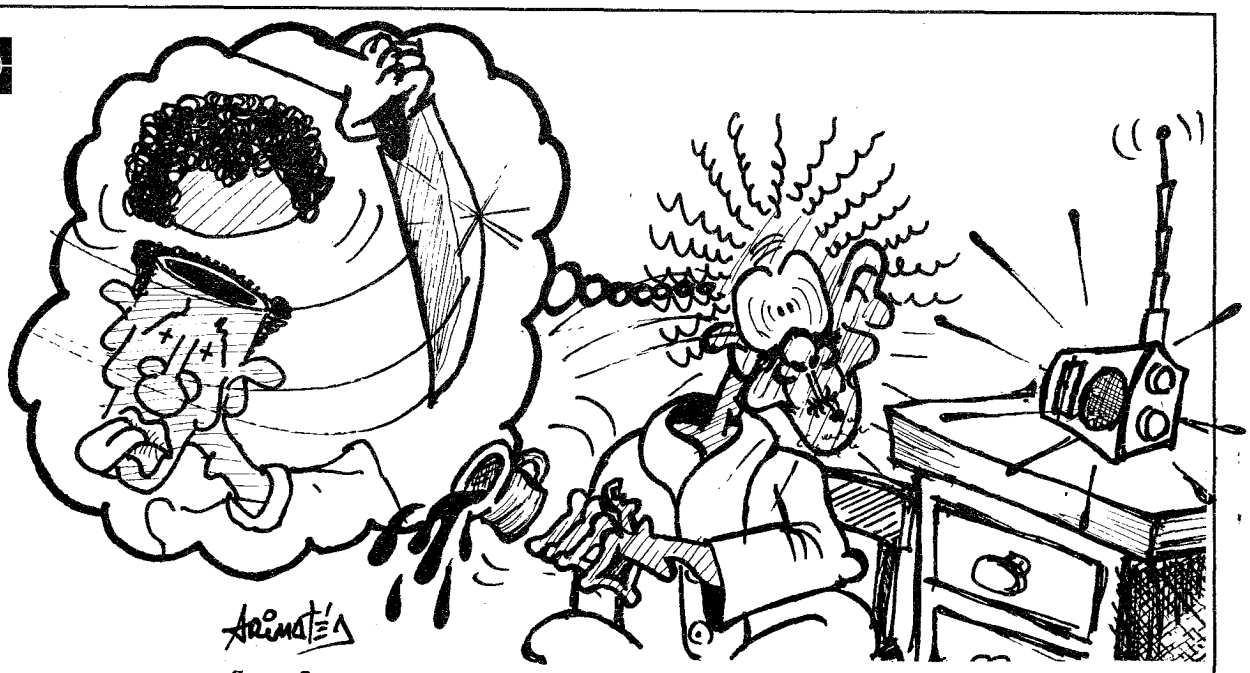
Com um subgerente rigorosíssimo, que exigia minuciosa nota fiscal comprobatória de cada despesa, precedida de ampla exposição de motivos sobre a necessidade do gasto, o pessoal do setor estava se vendo em "maus lençóis" para fazer a partida. O Dito Bombeiro já estava impaciente com a demora, até que o ajudante de serviço encarregou o Chiquinho Mineiro de redigir o papel de pagamento, recomendando que ele fizesse a devida comprovação da despesa.

Chiquinho Mineiro foi lá pros fundos da agência e se concentrou no trabalho. Dali a meia hora, voltou com a partida pronta, entregando-a ao subgerente. No documento, apesar do mau cheiro, podia-se ler o seguinte:

"Pago ao Sr. Dito Bombeiro valor da retirada de um felino morto e fedido do fundo da área ao lado, conforme couro de gato anexo..."

(Narrativa enviada pelo funcionário Djalma Fernandes da Silva — Mirassol-SP)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação, diagramação e pesquisa:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Waldemar de Oliva Brandão, Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Antonio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Ana Cecília R. e Silva, Marilda G. de M. Abreu Ferriche e Raimundo N. Melo Filho. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício Sede I, 14º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º. andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).



A TORCIDA NÃO PÔDE COMEMORAR O GOL

Carinhosamente, nós a chamávamos de "Tia" Hortência. Na agência, todos, sem exceção, tínhamos grande admiração por aquela velhinha com mais de 70 anos, viúva, descendente direta de negros escravos. O marido, ela o perdera na revolução de 30. Desde então, permanecera fiel à memória do finado, embora admitisse, com uma ponta de vaidade, que recebera algumas propostas, pois tinha sido uma "nega bonitona".

"Comeu o pão que o diabo amassou", depois da morte do marido. Passou fome e frio, vagando pelos sertões da Paraíba. Algumas vezes, ficou até dois dias sem encontrar vivalma que lhe desse um "pedacim" de pão ou uma "cuinha" de água.

Mas agora tudo passara: Tia Hortência era feliz. Felicidade que tivera início quando encontrou o *Pipiu* e o adotara como filho. Quando a Tia foi trabalhar na cantina da agência do Banco, ficou mais feliz ainda. E ainda mais, se possível fosse, com a admissão do *Pipiu* como menor-aprendiz.

Do primeiro ordenado do filho, ganhara um radinho de pilha. O rádio era sua vida, mas quase lhe causara a morte. Foi assim:

O time de futebol da agência fora convidado para inaugurar o campinho de Jericó. A cidade era uma festa só: bombas, rojões, foguetes, discursos e até uma "furiosa", atacando marchinhas à beira do campo. O jogo estava sendo transmitido por estação de rádio de uma cidade vizinha, com o patrocínio de político local, que era época de eleições ...

Em casa, Tia Hortência ouvia o jogo com o radinho colado ao ouvido. *Pipiu* fazia parte da equipe. Cada vez que tocava na bola, a Tia vibrava. Até que o locutor, inflamado, narrou:

— *Escanteio favorecendo a equipe visitante! Alfredo se prepara para fazer a cobrança pelo setor direito! Entra o goleiro* Puxa-Faca *e arranca o couro da cabeça do* Pipiu!

Foi a conta! Quase a velha morre. Ainda bem que o coração era forte. Ninguém se lembrara de avisar à mãe do *Pipiu* que "arranca o couro" é expressão dos anais futebolísticos que significa "tirar a bola". E *Puxa-Faca,* o nome do goleiro adversário.

(Narrativa enviada pelo funcionário José Arteiro Marques — Princesa Isabel - PB)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação, diagramação e pesquisa:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Waldemar de Oliva Brandão, Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Ana Cecília R. e Silva, Antonio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres e Raimundo N. Melo Filho. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício Sede I, 14º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).

A FOSSA DO ENGENHEIRO

Aconteceu faz muitos anos, no tempo em que o atual Denge (Departamento de Engenharia) era ainda Depim (Departamento do Patrimônio Imobiliário). A 3ª Residência, com sede em Recife (PE), atendia as agências do Norte e Nordeste do país. Tinha um só engenheiro — Dr. Anrique — que era escriturário, fiscal, avaliador, projetista, calculista, tudo, até chefe dele próprio.

Lá um dia, o legendário e teimoso Dr. Anrique, bigodão enorme, cara-de-mau, recebeu missão urgente de vistoriar a construção do prédio do Banco em Caruaru (PE). A obra, em fase de escavação, achava-se paralisada, diante do aparecimento de problema grave, altamente sério.

Foi que encontraram secular fossa negra, justo no local onde deveria ser colocada uma das principais sapatas da fundação. Assim, impossível obedecer ao projeto estrutural: apoiar as bases do edifício sobre a velha fossa comprometeria a estabilidade, era loucura. Outra solução tinha de ser estudada. Então, cabia modificar os cálculos.

Dr. Anrique viajou para resolver o impasse, missão considerada dificílima. Ao chegar, já era esperado pelo gerente da agência, representantes da construtora, mestre-de-obras, operários e inúmeros curiosos. (O boato corria mundo: o Banco do Brasil construiria um prédio em cima de uma fossa! Por isso, todos queriam saber como era a técnica inovadora.)

O engenheiro, acompanhado por aquela quase-multidão, percorreu o canteiro, medindo os passos, analisando o chão. E nada de emitir parecer antes de se conscientizar do caso. Não falava, só fazia meditar e ouvir. Parecia operar, mentalmente, uma porção de contas.

Aí, o mestre-de-obras apontou a fossa, disse que era ali, repetiu a estória que o engenheiro já sabia muito bem. De fato, via-se a tampa da coisa, pois a escavação do terreno parara ao redor dela. Dr. Anrique olhou, pensou, repensou, coçou a cabeça. E disse:

— Não é fossa.

O mestre-de-obras, operário experiente, admirou-se:

— O que? É fossa, sim, doutor. E grande, tenho certeza.

É fossa, não é fossa, é fossa, não é fossa — Dr. Anrique surpreendeu a todos quando decidiu provar que aquilo era formação de rocha, não causaria mal algum. Mandou um servente descer até o fundo do buraco. O mestre retrucou, temeroso:

— Mas, doutor, isso é um perigo. Fossa velha tem gás venenoso!

— Não é fossa!, o engenheiro repetiu convicto.

Explicações, argumentos, nada adiantou: a tampa foi arrombada na frente da multidão ansiosa. O povo estava doido para saber se o engenheiro tinha ou não razão. E, na última porretada, não houve mais dúvidas: era fossa, sim. E das piores.

— Viu, doutor?, disse o mestre-de-obras, orgulhoso de ter ganho a parada.

Mas o Dr. Anrique não se convenceu:

— Não é fossa!

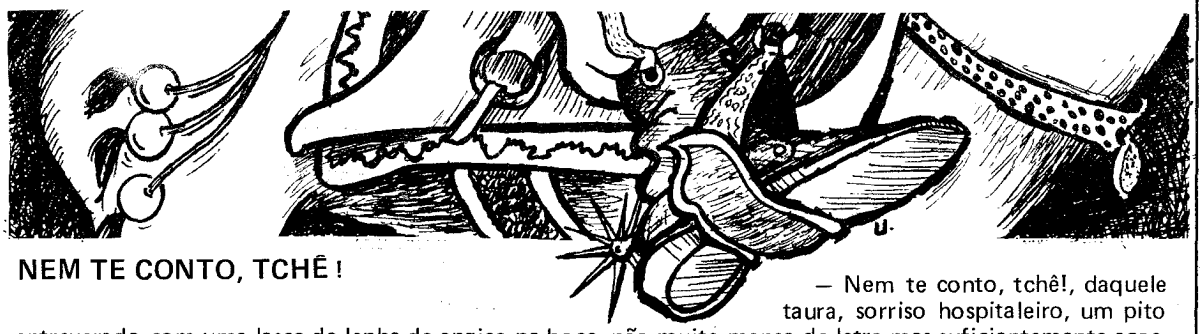
E resolveu descer, ele mesmo, para ver de perto. O homem era assim, só acreditava no que via de perto. E tão perto chegou, metendo a cara com bigodão e tudo dentro do rombo, que o gás comprimido ali durante anos lhe invadiu os pulmões adentro. Dr. Anrique caiu para trás, duro, desmaiado, roxo, envenenado. Na maca, foi levado às pressas para o hospital, onde passou internado uma semana, três dias em estado de coma.

Dizem que, agonizante, ainda murmurava:

— Não... é... fossa...

(Narrativa enviada pelo funcionário Everaldo Moreira Véras — Denge - Recife - PE)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação, diagramação e pesquisa:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Waldemar de Oliva Brandão, Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Ana Cecília R. e Silva, Antonio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres e Raimundo N. Melo Filho. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício Sede I, 14º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).



NEM TE CONTO, TCHÊ!

— Nem te conto, tchê!, daquele taura, sorriso hospitaleiro, um pito entreverado com uma lasca de lenha de angico na boca, não muito manso de letra mas suficientemente acostumado com a escrita e *farquejado* em negócios com fio de bigode em penhor.

— Nem te conto, tchê! Aquele taura era nosso vizinho na pequena São Sepé — cidade dos feitos de Tiaraju, das minas de ouro do Cerrito, da Cascata Pulkéria, da gruta do Marco, do Cambará, da Bica; dos personagens inesquecíveis como o Colosso, o João Brandão, o Baiano, a Estelita, o Padre Mário e o mestre Joaquim nas festas do Divino; do bloco carnavalesco "Canela de Zebu em Fevereiro". Enfim, lá estava, somando-se aos citadinos da legendária querência, mais um futuro cliente para a bela agência local do Banco do Brasil.

— Nem te conto, tchê! Aquele taura, que na migração do campo pra cidade chegou com o topete de um ginete que vai domar bagual, de repente *tava* com outro semblante. Passou a vestir-se menos de bombacha, o ponche virou abrigo pros dias de minuano. Mas ainda sorvia o amargo — chama crioula acesa — pra manter uma tradição modernizada, tal como o Banco do Brasil.

— Nem te conto, tchê! O vivente veio pra ficar e trouxe, além dos badulaques, sua família, onde a maioria eram prendas "lindas como laranja de amostra". Apesar de campeiras, tinham na presilha da saia o néctar da lechiguana. Nas lides do amor, souberam dar um tiro de laço em pealo de cucharra na peonada da agência local do BB, que até então relinchava solta no rodeio citadino.

— Nem te conto, tchê! Aquele taura, hoje, talvez tenha pouco tempo de sorver o mate, pois a pulperia lhe toma o tempo todo. E as prendas!? Estão na grande invernada dos dependentes desta manada linda de potros puro sangue da "tradição que se moderniza". Que, depois de fazer a marcação sem mango, os solta — haraganos e chegadores — *carreteando* de pousada em pousada, num cruzar de querências sem regresso. Este viver andarengo *tá* bem a gosto do gaúcho.

(Narrativa enviada pelo funcionário João Conceição da Silva Nunes — Viamão - RS)

Glossário para melhor compreender o linguajar gauchesco:

taura: pessoa valente
entreverado: misturado
manso de letra: de pouca leitura
farquejado: **hábil, experiente**
fio de bigode em penhor: em confiança, de boca, sem documento
querência: lugar, região
bagual: potro arisco, cavalo brabo
amargo: mate chimarrão
chama crioula: espécie de fogo simbólico, aceso todo ano, durante as comemorações da Revolução Farroupilha
prenda: moça, garota
lechiguana: enxuí (inseto que fornece mel de boa qualidade)
pealo: laço ou ato de laçar
cucharra: colher de pau
tiro de laço em pealo de cucharra: laçar, amarrar (sentido figurado: conquistar)
pulperia: taverna, venda de campo
mango: relho, chicote
haragano: solto, que não pára em lugar nenhum
chegador: decidido, destemido, valente
carreteando: **percorrendo**
andarengo: que caminha muito, por muitos lugares

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação, diagramação e pesquisa:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Waldemar de Oliva Brandão, Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Ana Cecília R. e Silva, Antonio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres e Raimundo N. Melo Filho. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal — BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício Sede I, 14º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).

"MUY CUMPADRE..."

O Banco tem sido responsável, ao longo dos anos, pela introdução de hábitos e novas formas de relações sociais e comerciais entre moradores do interior brasileiro. No Rio Grande do Sul não tem sido diferente.

Há algum tempo, numa agência gaúcha do BB, um fazendeiro procurou o gerente para propor, pela primeira vez, um empréstimo na Carteira Rural. Constatando na conversa preliminar que o cliente não sabia ler nem escrever, apesar de tratar-se de pessoa de certa projeção na sociedade local, o gerente procurou agir diplomaticamente. E sugeriu ao fazendeiro que nomeasse um procurador para representá-lo junto ao Banco. Assim, ele não precisaria se incomodar com o andamento da proposta até sua formalização e liberação do crédito.

Tudo saiu perfeitamente e o cliente tornou-se mesmo amigo e admirador do gerente. Tanto que, meses depois, mandava-lhe convite para seu casamento.

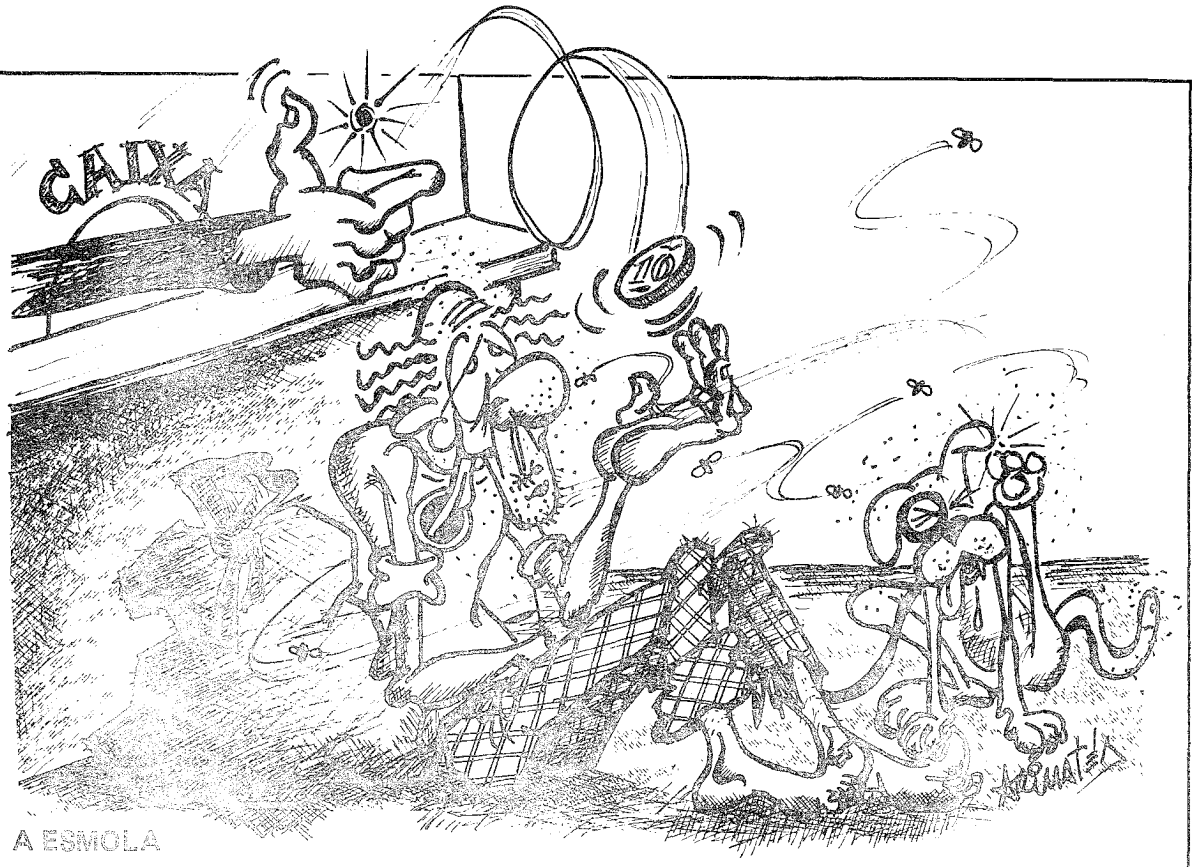
No dia das bodas, quando o administrador do BB chegou à casa do noivo, onde se realizaria o casamento civil, encontrou-o na calçada. Pela janela, o homem olhava para o interior da residência, acompanhando a cerimônia que já havia começado.

Como o gerente estranhasse a presença do noivo ali fora, enquanto dentro acontecia o que devia ser o seu casamento, o homem tratou logo de explicar:

— Pois é. Eu resolvi fazer o mesmo que no Banco. Passei uma procuração ao "cumpadre" Tônio, pra ele casar no meu lugar. E estou aqui fora assistindo. Pra que começar a me incomodar com casamento desde agora? Tenho muito tempo depois ...

(Narrativa enviada por Marco Aurélio Silva Qualisoni — funcionário do posto avançado de crédito rural em Barra do Ribeiro, agência Guaíba - RS).

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação, diagramação e pesquisa:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Waldemar de Oliva Brandão, Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Ana Cecília R. e Silva, Antonio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Raimundo N. Melo Filho e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício Sede I, 14º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).



A ESMOLA

Filas enormes nos guichês de caixa. A agência de Pindamonhangaba (SP) enfrentava uma daquelas sextas-feiras em que o caixa tem vontade de voltar a bater carimbo no cantinho tranqüilo de seu setor de origem.

— Veja o meu saldo, dizia um cliente.

— Encha um depósito pra mim, pedia outro.

— Só este banco dá os "quebradinhos" do troco, elogiava a mocinha.

Apesar de tudo, o atendimento corria bem. Os caixas, muito solícitos, despachavam a clientela e a fila fluía normalmente. Apenas num guichê algo parecia anormal. Um velhinho, camisa xadrez, calça com barras arregaçadas, botina surrada e um saco às costas, estava — já há algum tempo — encostado no guichê do Zé Claro, mas fora da fila. Com o olhar ávido, acompanhava todos os movimentos do Zé, alternando curiosidade, ante a agilidade do funcionário, e impaciência, ao ver passarem os clientes e ele não ser atendido.

Até que, finalmente, o caixa "se manca". Numa rápida análise visual do velhinho, não teve dúvidas: bom coração como ele só, juntou todas as moedinhas que trazia em seu bolso e entregou-as ao velhote.

Surpresa. O homem guarda os níqueis mas não arreda pé do balcão. E, ante o olhar estupefato do funcionário e dos clientes, estende o saco roto e diz, com voz rouca mas firme:

— Agora, bota este dinheirão todo junto com meu saldo e pode esperar que vem mais, das *minha prantação de arroiz*. E não adianta *estrilá*, que fila *num* enfrento *mermo*.

O velhinho era um dos maiores correntistas da agência, embora não fosse conhecido dos caixas. É que seu capataz efetuava as operações bancárias, e ele nunca tinha aparecido.

Até hoje, o traumatizado Zé Claro trata qualquer velhote de *senhor doutor*.

(Narrativa enviada pelo funcionário José Jorge dos Santos — agência em Taubaté - SP)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP*, órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação, diagramação e pesquisa:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Waldemar de Oliva Brandão, Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Ana Cecília R. e Silva, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Raimundo N. Melo Filho e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício-Sede I, 14º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).

O TOURO *RAIMUNDINHO*

O caso aconteceu com o Lucy Maia Costa, um amigo também contador de histórias, que nem eu. Foi lá pelas terras de Mimoso do Sul, quando o Lucy era gerente do BB na cidade. E foi dele mesmo que ouvi, em Brasília, esta fantástica historinha.

Theo era um pequeno criador de gado bovino da raça Gir. Possuía 80 vacas de primeira qualidade e mais o *Raimundinho*, reprodutor orgulho do rebanho e, por que não dizer logo, de toda a região. Se algum dia os avaliadores do "Guinness Book of Records" quiserem fazer justiça, terão que inscrever o feito olímpico do reprodutor mais machão que já pisou as terras espírito-santenses: o insaciável *Raimundinho*.

Pode ser que quem leia esta história ache até fácil, mas para um reprodutor não é, não. Dar cobertura regular e sem tréguas a quase 100 vacas, sem queixa ou lamento de nenhuma delas, não é pra qualquer um... E, ainda por cima, em mais de 200 hectares de fazenda, sem cercas divisórias, com vaca pra um lado, vaca pro outro. Mas o *Raimundinho* nunca reclamou do serviço. Feito, aliás, sempre a tempo e hora. Reprodutor cumpridor de seus deveres estava ali mesmo!

Até que um dia, o Theo, aconselhado por amigos também pecuaristas, resolveu ampliar o rebanho. Procurou o BB e foi falar com o Lucy. Meio timidamente, pitava seu cigarrinho de palha enquanto aguardava a vez de ser atendido pelo *doutor*.

– Pois é, seu gerente, estou pretendendo comprar mais umas 20 vaquinhas Gir. Já tenho 80, das boas, e mais o *Raimundinho*, que é o melhor touro destas bandas.

– Seu Theo, para esse número de matrizes, as normas do Banco recomendam que o senhor deverá adquirir também mais três reprodutores.

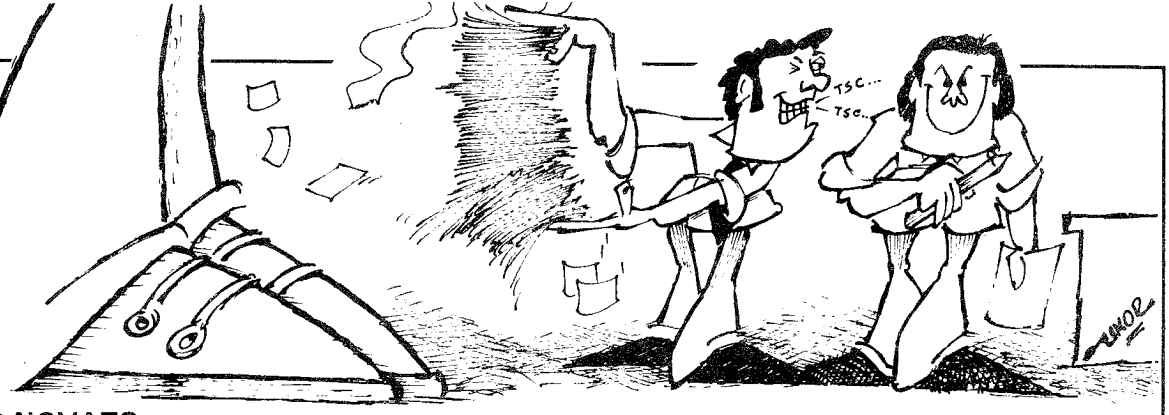
– O que? Pra deixar o *Raimundinho* sem serviço?

– É que pela nossa tabela, seu Theo, para gado solto como o seu a relação ideal – reprodutores/matrizes – é de um touro para cada 25 vacas.

– Esses caras que fizeram a tabela são malucos! Onde já se viu?! Com 80, o *Raimundinho* ainda fica na cerca, olhar pidão, bispando as vacas do meu vizinho! Com só 25 vacas, *doutor*, nem eu vou ter coragem de passar perto do *Raimundinho*...

(Narrativa enviada pelo funcionário Benito Mussolini do Amaral – Vipad-DF)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica – DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Reinaldo de Araújo Lima. **Redação, diagramação e pesquisa:** Constâncio Pinheiro da Fonseca, Waldemar de Oliva Brandão, Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Ana Cecília R. e Silva, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Fernando M. Manhães Tavares, Raimundo N. Melo Filho e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* – BANCO DO BRASIL S.A. – Setor Bancário Sul, Edifício Sede III, 10º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil – DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).



O NOVATO

Já eram duas horas da tarde. Os dois *B-1,* com poucos meses de Banco, ainda estavam às voltas com guias de imposto sindical, soma e relações para fazer. O pior é que não dispunham de tempo a perder: terminava naquele dia o prazo para o repasse da arrecadação do tributo à Caixa Econômica.

Nisso, chegou ao setor aquele latagão, de quase dois metros de altura, vestindo o tradicional terno azul marinho.

— Boa tarde! — cumprimentou. Estou voltando do almoço e vim para trabalhar com o sindical. Só que pouco sei sobre as rotinas do serviço. Gostaria que vocês me dessem algumas dicas.

Ajuda é sempre bem-vinda. Qualquer que seja. E não podíamos exigir muito.

— Ah, tudo bem — disse o Newton. Aguarda um pouco aí que a gente vai ver o que tá faltando. Dirigindo-se para mim, cochichou:

— O que vamos dar para ele fazer?

— Dá as relações — sugeri. Enquanto isso, vamos somando as que já estão prontas. Assim, a gente ganha mais tempo.

Não sei por quê, mas uma dúvida me assaltou: — "E se ele não for funcionário novo, hem, Newtão?"

Newtão olhou o colega, o traje azul marinho, respondeu:

— Deve ser funcionário novo que veio fazer prorrogação aqui no setor. Ainda mais, com esse tamanhão todo!...

— É, você deve ter razão.

O Newtão pegou as guias e alguns formulários, entregou ao novato:

— Pode preparar essas relações. Virando-se para mim, perguntou:

— O problema agora é máquina. Que máquina podemos usar?

— Ora, a única disponível. Aquela lá no fundo. Pede para ele ir buscar.

O novato foi, pegou a máquina e colocou ao meu lado, numa dessas mesinhas auxiliares que se costuma usar para facilitar a execução das tarefas.

E, mergulhado no serviço, não parava um só instante.

— Trabalha bem, né? — observou o Newton.

— Primeiro dia, todo mundo é bom — concluí.

Deviam ser quatro horas da tarde quando lhe passei mais algumas relações. Ele, porém, disse que havia entrado às sete da manhã, estava na hora de sair. Em seguida, perguntou como era processado todo o serviço, quais as outras atribuições do setor, época de picos etc.

Foi quando o Newton interrompeu:

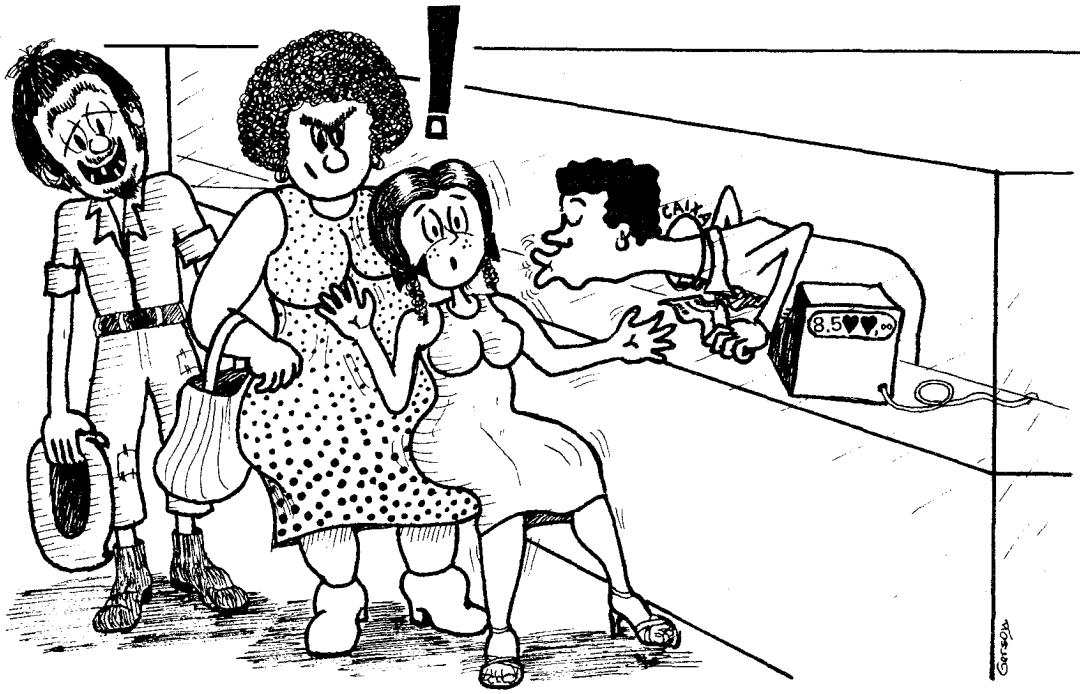
— Segunda-feira que vem, o Costa, auxiliar de supervisão e responsável pelo setor, já vai estar aqui e poderá orientá-lo melhor.

O grandalhão, por nós testado e considerado bom funcionário, aumentou ainda mais a diferença de estatura:

— Eu vim pra substituir o Costa...

(Narrativa enviada pelo funcionário José Antonio Diniz de Oliveira - Ag. Centro-São Paulo - SP)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Constâncio Pinheiro da Fonseca. **Redação, diagramação e pesquisa:** Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Waldemar de Oliva Brandão, Adrino Aragão de Freitas, Ana Cecília R. e Silva, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Fernando M. Manhães Tavares, Raimundo N. Melo Filho e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício-Sede III, 10º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).



NA DÚVIDA, PREVALECE O EXTENSO

Zé era menor-aprendiz. Apesar da pouca idade — os primeiros fios de um bigode ralo despontavam no rosto imberbe —, julgava-se entendido nas artes do amor. Criativo e malandro, quis contemplar a amada com uma mensagem pelo "Dia dos Namorados", que rasgasse o coração, algo que calasse fundo, para jamais ser esquecido.

Imaginou mil formas, até que se lembrou da propaganda que vira numa revista, por ocasião das festas do último fim de ano. E, radiante, escreveu e perfumou a mensagem, logo despachada pelo correio.

Na segunda-feira, dia de "pico", a agência regurgitava de clientes. Diante do João, caiex ainda novo, com pouca "quilometragem", lá estava aquela distinta senhora que, acompanhada de bela mocinha, há muito se postara no final da fila. Viera resgatar o "cheque" que o namorado da menina, funcionário do Banco, remetera como lembrança inesquecível.

De posse da carta e do cheque — e sem responder à cliente que lhe perguntava "se não é o extenso que prevalece quando há dúvidas sobre o valor em algarismos" —, João recorreu ao "professor" Laurindo, caiex ao lado. O caso era uma emergência, procurasse o coordenador.

Mas o chefe Apolônio entendeu que a solução de tão inusitado problema deveria caber ao gerente-adjunto. Ainda mais que a cliente já apresentava visíveis sinais de nervosismo, não só pela fila enorme que logo se formou, mas porque se tornara centro de olhares enviesados daqueles que tinham visto o "cheque" e estampavam, disfarçados mas incontidos, sardônicos sorrisos em suas faces.

E foi assim que o chefe Apolônio, junto com o João e colegas da Retag — estes se acercaram para ver o que estava acontecendo —, se dirigiram ao circunspecto e durão Gerad, conhecedor da CIC como ninguém. Depois de ouvir toda a história, o Gerad pediu ao assustado João que fizesse "a cliente chegar até aqui".

Irritada, nervosa, excitadíssima, veio a senhora sobraçando a mocinha, para receber a triste notícia, decisão irrecorrível: o cheque não podia ser pago porque, embora a parte em algarismos estivesse preenchida corretamente, o extenso dizia: "oito mil beijos e quinhentos abraços" — que ela, descuidadamente, não havia lido.

(Narrativa enviada pelo funcionário Lúcio Ronald de Magalhães Ozorio - Agência em Santiago — RS)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP*, órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Constâncio Pinheiro da Fonseca. **Redação, diagramação e pesquisa:** Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Waldemar de Oliva Brandão, Adrino Aragão de Freitas, Ana Cecília R. e Silva, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Fernando M. Manhães Tavares, Raimundo N. Melo Filho e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício-Sede III, 10º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).

O CASO DA RURAL

O financiamento de custeio agrícola estava vencido, no Banco, fazia mais de uma semana. O jeito seria mesmo procurar o Coronel Horácio, usineiro do lugar, para receber o dinheiro do algodão que lhe fiara.

De pé no meio do escritório, o velho Maneco rodava nervosamente o chapéu entre os dedos, enquanto cobrava a conta do compadre — o Coronel era padrinho de Nezinho, seu filho mais novo.

Homem de muito traquejo comercial, acostumado a safar-se com facilidade de aperturas, o Coronel, que não dispunha na ocasião de um só níquel, saiu-se com esta:

— Compadre Maneco, o dinheiro anda meio vasqueiro aqui na usina. Mas não se preocupe não. Volte cá na próxima semana, logo na segunda-feira, que em lugar dos cobres eu lhe darei uma rural. O negócio dá no mesmo, lhe garanto.

Desapontado, o velho Maneco retirou-se com o firme propósito de voltar no dia aprazado. Não entendera muito bem a proposta do Coronel, porém com mais uma semana poderia solucionar seus compromissos. E, assim, manter o conceito de homem diligente e capaz nos negócios.

Na segunda-feira marcada, logo cedinho, foi o primeiro cliente a entrar no escritório da usina. Mas, não tomaria muito tempo do Coronel, pois tudo fora acertado antes.

O usineiro não se mostrou surpreso com a "visita" do compadre. Depois da troca de cumprimentos, o Coronel Horácio estendeu ao velho Maneco uma nota promissória rural e explicou como deveria proceder para liquidar o empréstimo, com o produto do desconto da letra.

Espantado, Maneco olhou para o documento, depois para o Coronel, e indagou:

— Compadre, a "rural" de que vossemecê me falou é o miserável desse papelzinho?

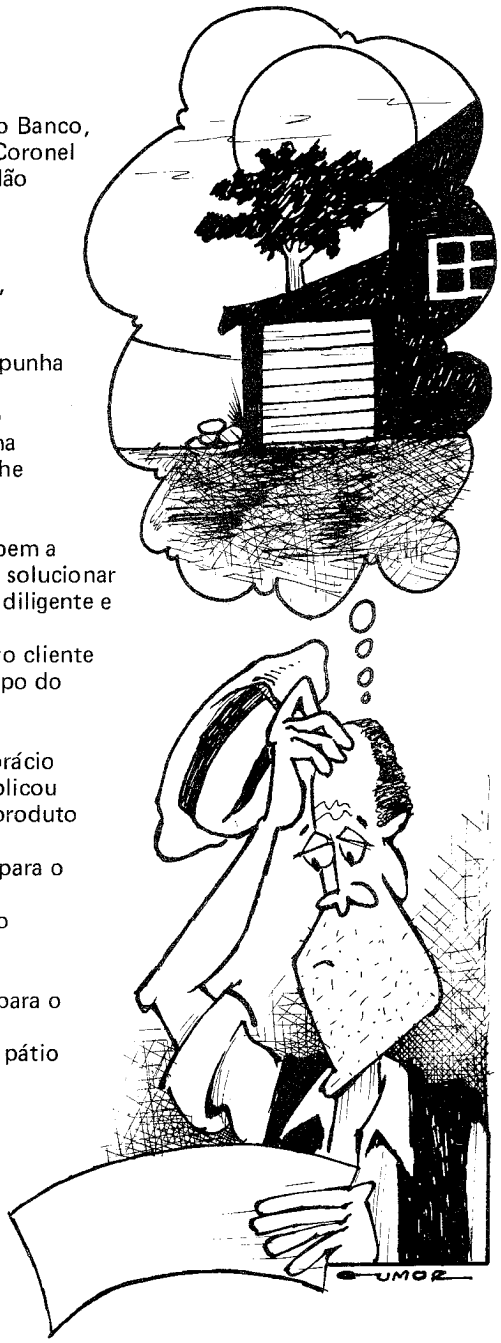
O Coronel balançou a cabeça confirmando.

O velho matuto virou a nota promissória de um lado para o outro, antes de guardá-la no bolso da calça.

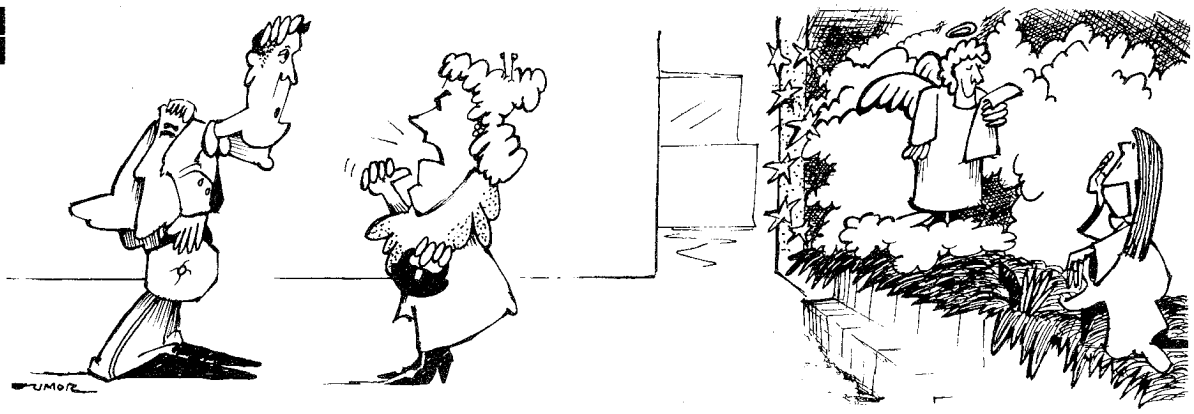
Já fora do escritório, o atrapalhado Maneco parou no pátio da usina, tirou o chapéu, coçou a cabeça grisalha e, ainda confuso, falou para si mesmo:

— É o diabo! Agora quero saber o que vou fazer com a garagem que mandei construir para guardar o maldito carro.

(Narrativa enviada pelo funcionário Antônio Pereira de Oliveira — Inger — DF).



Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Constâncio Pinheiro da Fonseca. **Redação, diagramação e pesquisa:** Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Waldemar de Oliva Brandão, Adrino Aragão de Freitas, Ana Cecília R. e Silva, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Fernando M. Manhães Tavares, Raimundo N. Melo Filho e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício Sede III, 10º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).



NÃO ERA O DO PRESÉPIO

Em meados de dezembro, a agência Centro-Rio costuma armar, no térreo do edifício, o tradicional presépio que, pelo bom gosto da ornamentação e riqueza de detalhes, tem arrebatado ao longo dos anos os maiores elogios. O fato, no passado, chegou a merecer destaque na imprensa, tal o realismo que os organizadores davam ao cenário, colocando pessoas na configuração do nascimento de Jesus.

Nos idos de 1955, os administradores da agência resolveram apresentar um espetáculo diferente. Para o próximo Natal, seria preparado o episódio bíblico da Anunciação. Assim, em lugar dos reis magos e pastores na adoração ao Menino Jesus, o público veria, desta vez, o Anjo Gabriel anunciando à Virgem Maria o mistério da Encarnação.

O trabalho ficou pronto no tempo marcado. Já na segunda-feira, estaria exposto ao público. Decerto, seria um expediente bem movimentado, com "pico" mais alto do que acontecia nas outras segundas-feiras. Por isso, os administradores e o chefe-de-vigilantes traçaram esquema de segurança que garantisse o expediente sem atropelos.

Coincidentemente, começava também naquela mesma segunda-feira o exercício anual de tiros dos vigilantes no campo de treinamento do Corpo de Fuzileiros Navais. Mas isto não preocupou, em absoluto, o zeloso e eficiente chefe-de-vigilantes que, de imediato, dizia estar tudo sob controle: lá para as dez horas, com o expediente mais calmo, ele passaria o comando da segurança para o substituto, saindo, em seguida, para o campo de tiro.

Dito e feito. Abertas as portas na segunda-feira, o saguão da agência lotou rapidamente. Não houve qualquer tumulto, pois tudo aconteceu conforme fora traçado na sexta anterior. O sucesso foi absoluto. O público era unânime em afirmar: naquele ano, mais do que nos anteriores, a Centro-Rio esmerara-se em apresentar um trabalho digno de suas tradições. O tamanho natural dos personagens bíblicos, a expressão do rosto, o olhar, a cor dos cabelos, o traje — tudo combinava. O realismo da cena colocava os espectadores em dúvida: não sabiam dizer se estavam diante mesmo de bonecos de cera, ou se de pessoas reais, em carne e osso.

Próximo ao palco, uma senhora idosa, de aparência humilde, contemplava, há mais de uma hora, a Anunciação. Ora se agachava, ora ficava na ponta dos pés. Às vezes, sacudia a cabeça inconformada, deixando transparecer frustração. Era como se no cenário alguma coisa estivesse em desacordo com o que ela estava acostumada a ver no presépio dos anos passados. Até que, já irritada, se aproximou do vigilante e perguntou:

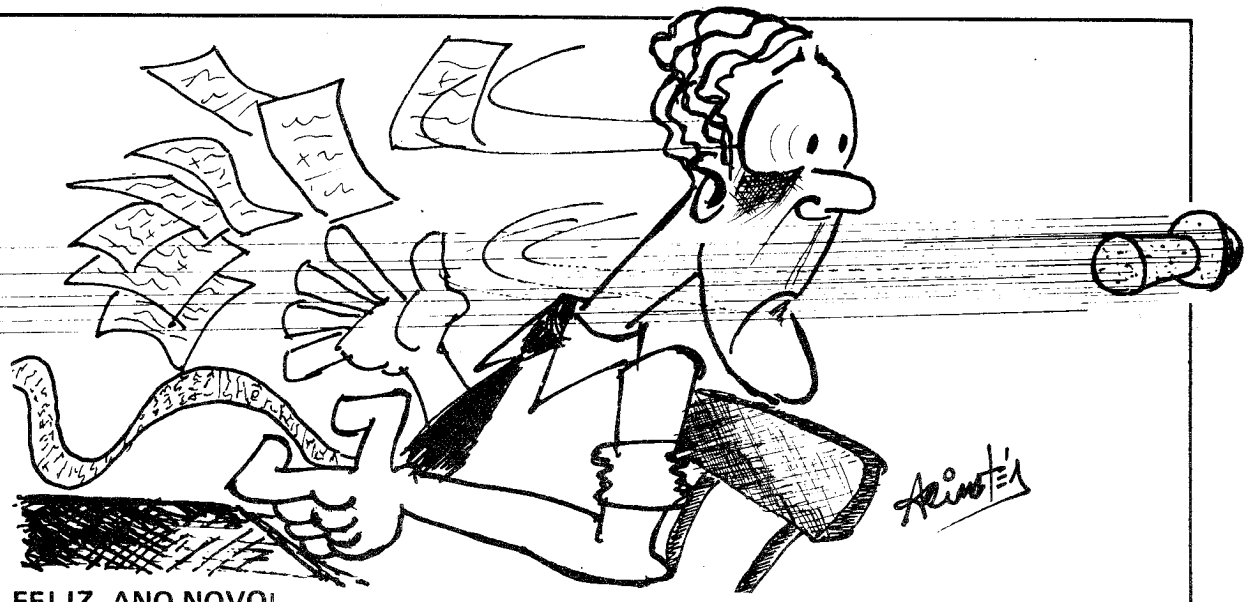
— Ô seu guarda, cadê o Jesus?

O vigilante — que no momento substituía o chefe Manoel de Jesus — levantou o quepe da cabeça, coçou o cocuruto e, sem atentar para a natureza da pergunta, respondeu com convicção:

— O Jesus foi fazer exercício de tiros no Ministério da Marinha e só volta amanhã.

(Narrativa enviada pelo funcionário Carlos Alberto Farah — Depre - RJ)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Constâncio Pinheiro da Fonseca. **Redação, diagramação e pesquisa:** Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Waldemar de Oliva Brandão, Adrino Aragão de Freitas, Ana Cecília R. e Silva, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Fernando M. Manhães Tavares, Raimundo N. Melo Filho e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício Sede III, 10º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).



FELIZ ANO NOVO!

Era 31 de dezembro de 1976. Último dia do ano e, conseqüentemente, dia de balanço.

Uma sensação de tristeza e de vazio tomava conta de mim, à medida que os demais colegas se retiravam para suas casas ou para viajar, despedindo-se dos que ficavam, com votos de felicidades no novo ano. Um a um, todos saíam, sorridentes e felizes. Ficamos apenas eu e o Vanolin, auxiliares, o Bertilo, chefe do setor e o Érico, subgerente substituto.

Trabalhávamos o mais rápido possível, tentando terminar o serviço a tempo de, pelo menos, rompermos o ano novo em nossas casas. Mas o serviço era muito e não dávamos vencimento, ainda mais que havíamos constatado uma diferença nas fichas interdepartamentais ...

Lembrei-me, enquanto conferia novamente as fitas de soma, de meus pais e familiares, que ficaram distante. De minha esposa, sozinha em casa me esperando. Devido ao pouco tempo de banco, ainda não nos havíamos acostumado à cidade e à distância que nos separava de nossos pais e familiares. Perdido na diferença nas fichas, analisava a diferença de costumes: em minha cidade natal, na passagem do ano, saíamos à rua com nossos pais e irmãos a abraçar vizinhos e amigos, apreciando o espetáculo proporcionado pelos fogos de artifício, gritando acima do estrondar dos foguetes, buzinas e sirenes que enchiam os ares saudando o ano que chegava. Aqui, nesta pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, nada, mas nada mesmo, indicava que mais um ano estava findando e outro começava com todas suas esperanças e incertezas. Apenas o silêncio habitual das outras noites se fazia presente. Mas, entendia eu, aquela noite era uma noite especial ...

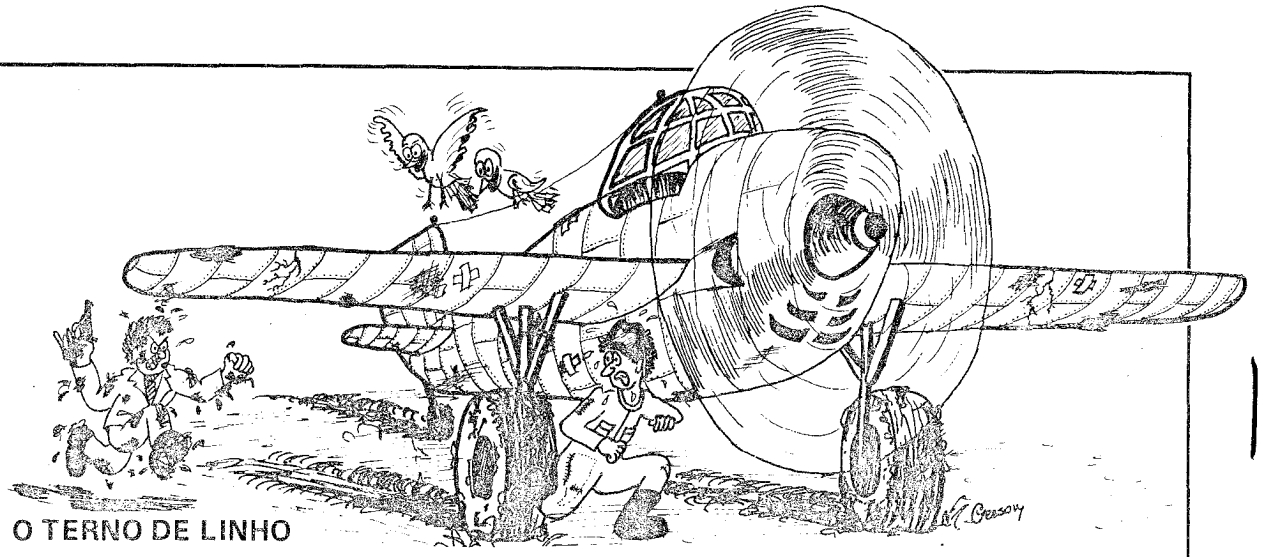
A angústia começou a dominar-me. Quase meia-noite e nós ainda trabalhávamos. Ninguém animava-se a conversar, pois um nó em nossas gargantas insistia em trancar nossas vozes. Era a primeira vez que romperia o ano novo fora de casa e longe da família.

Era quase meia-noite, quando o subgerente nos chamou à plataforma. Lá, fomos surpreendidos com a bandeja e os copos — os mesmos em que tomávamos o cafezinho — já servidos com o champanhe que o Érico ganhara e tivera o cuidado de esconder na geladeira.

Meia-noite em ponto. Apesar do silêncio na rua, apertamos nossas mãos e erguemos um brinde ao ano novo. Éramos uma família, os quatro. Eu chorava, sorrindo. Estávamos irmanados no mesmo sentimento. Abraçamo-nos comovidos e bebemos silenciosamente, esquecendo-nos naquele instante das fichas, médias, diferenças, cartões e balanço ... A emoção era grande demais para que pronunciássemos alguma coisa além de um singelo "Feliz Ano Novo"!

(Narrativa enviada pelo funcionário Edson Poujeaux Gonçalves — Agência em Caçapava do Sul - RS)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Constâncio Pinheiro da Fonseca. **Redação, diagramação e pesquisa:** Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Waldemar de Oliva Brandão, Adrino Aragão de Freitas, Ana Cecília R. e Silva, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Fernando M. Manhães Tavares, Raimundo N. Melo Filho e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício-Sede III, 10º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).



O TERNO DE LINHO

Quando chegamos ao improvisado campo de pouso, o piloto já nos esperava. O avião era um pequeno *Cessna,* meio "amarrotado", dando a impressão de que não ia conseguir decolar com aquela carga toda.

Mas não havia escolha — a aeronave era aquela mesma, não existia outra melhor. Assim, depois que descarregamos a *kombi*, os seis pesados sacos de dinheiro abarrotaram os espaços livres do velho aparelho que nos levaria de Governador Valadares para Belo Horizonte.

Já acomodado, e pronto para a decolagem, pude observar melhor o traje do Adão, meu companheiro naquela viagem de numerário. Realmente, ele estava muito elegante no terno de linho, branco, impecavelmente engomado. Demonstrava, no entanto, inquietação com a arma presa na cintura, que lhe amarrotava o terno e dificultava os movimentos.

Ligado o motor, a aeronave buscou a cabeça da pista (ou do pasto?). Alcançando a extremidade do terreno, o piloto procurava uma reta para a decolagem, quando aconteceu o inesperado: o avião parou de correr e, por mais que o piloto acelerasse, o aparelho não saía do lugar.

— Caímos num buraco — gritou o piloto. O avião está muito pesado. O jeito é vocês descerem e darem uma mãozinha.

Saltamos do aparelho. Realmente, uma das rodas dianteiras e a traseira tinham caído num banco de areia. É que, como o aeroporto local se encontrava em reparos, o terreno de uma fazenda próxima estava sendo usado precariamente para pouso dos táxis-aéreos.

Desajeitados, empurramos o avião; eu numa asa e o Adão na cauda do aparelho, ajudados pela ação do motor.

Não foi fácil safar a roda dianteira do buraco, mas conseguimos. Agora, restava a roda traseira.

As primeiras tentativas foram frustradas. Mas não desistimos. Reunimos as últimas forças que ainda restavam, e Adão gritou para o piloto:

— Pé na tábua. Vai agora ou nunca!

O avião sacolejou, fez uma barulheira infernal e, subitamente, saiu do atoleiro.

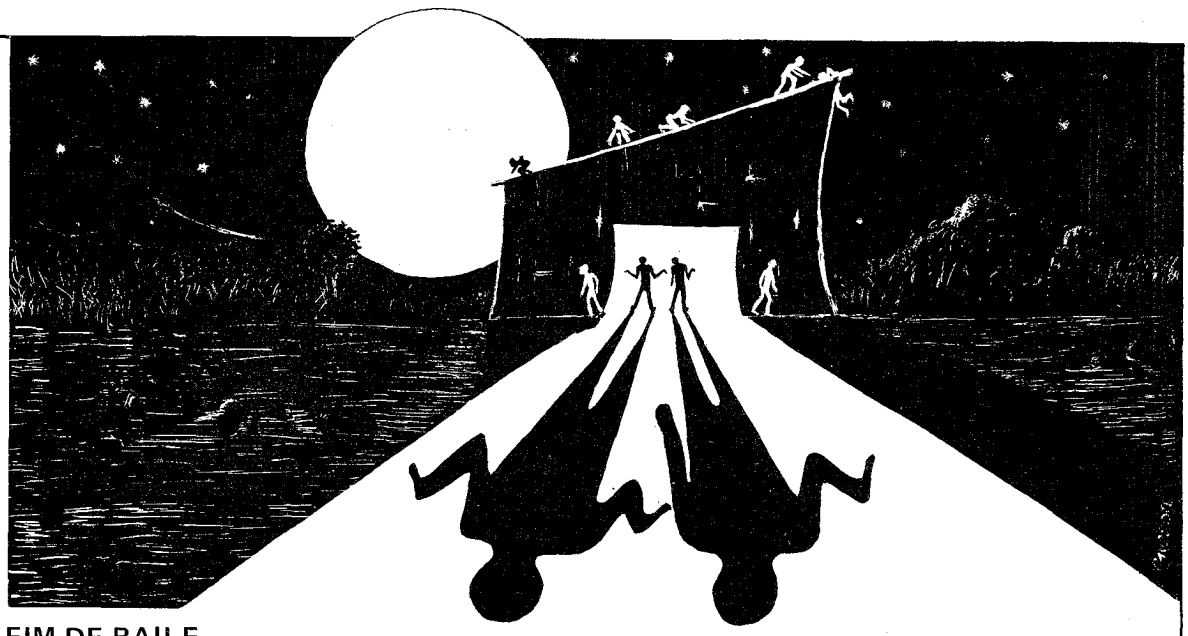
O piloto prontamente acelerou o motor, procurando levar a aeronave para lugar menos acidentado, mais à frente.

Foi aí que Adão achou que o piloto tentava fugir com os sacos de dinheiro. Num rasgo de coragem e desespero, agarrou-se na cauda do aparelho. Firmemente abraçado no rabo do avião, foi puxado aos tropeções, sob uma tempestade de vento, poeira e areia, até que, num espetacular rodopio, caiu sentado dentro de uma poça de lama, uns 50 metros adiante.

Adão ficou uma fera. De revólver em punho, corria atrás do apavorado piloto, em volta do avião. E gritava que ia prendê-lo por tentativa de assalto. Mas eu acredito que o enfurecimento do meu companheiro de viagem era outro: os irreparáveis estragos causados no antes imaculado terno branco, de linho S-120, feitio da moda.

(Narrativa enviada pelo funcionário Sylvio Carlos Vieira — Depes — Brasília-DF)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Constâncio Pinheiro da Fonseca. **Redação, diagramação e pesquisa:** Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Waldemar de Oliva Brandão, Adrino Aragão de Freitas, Ana Cecília R. e Silva, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Fernando M. Manhães Tavares, Raimundo N. Melo Filho e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício-Sede III, 10º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).



FIM DE BAILE

Mineiro, Valmir, Fraga, Bastos e Pedrão — estava formada a mesa receptora de votos para a eleição municipal. *Vinte Tiros* — era assim mesmo que se chamava a localidade, região de difícil acesso, situada no interior de Tupanciretã (RS).

Por ocasião da escolha dos componentes da mesa, o juiz de Direito (não havia juiz Eleitoral) sentenciou: "Vocês, que são funcionários do Banco do Brasil, encontrarão mais facilidades, pois os colonos já os conhecem muito bem, sabem o quanto os senhores são exigentes no cumprimento do dever. Sobretudo em se tratando de eleição renhida como esta, em que as normas eleitorais devem ser cumpridas à risca".

A eleição seria no domingo. Na sexta-feira, o subgerente nos dispensou às 16 horas. A viagem foi muito tranqüila — numa *pick-up,* com três pessoas na cabine e duas na "caixa". Chegamos ao local às 21 horas e conseguimos alojamento na residência de uma viúva que mantinha uma espécie de pensão. O jantar não podia ter sido melhor: galinha com arroz e vinho à vontade.

Lá pelas tantas, apareceu na pensão o Apolônio, rapaz de seus 24 anos e solteiro. E foi logo convidando o pessoal do Banco para o baile no galpão do seu Viriato, apenas uns 12 km a pé. "É logo aliiii." — espichou o beiço.

O entusiasmo foi grande. "Vamos lá, pessoal, dançar a noite inteira."

Mas o Mineiro, que era presidente da mesa e o único casado da turma, foi contra: "Não dá, não. É proibido baile ou aglomerações em véspera de eleições. E não esqueçam a recomendação do sr. Juiz."

Palavras ao vento. Naquele fundão ninguém ficaria sabendo. Com a coragem que o vinho dá nessas horas, não pensamos duas vezes. E, momentos depois, já caminhávamos no escuro por roças de milho, tropeçando nos tocos e pedras, enfrentando ladeiras, sangas etc. "Não reclama, tchê! Vamos bailar a valer."

O baile estava animado. O ronco de duas gaitas chorando um *vanerão.* Entramos no salão, já de olho nas moças. Mas, assim que nos viu chegar, um dos gaiteiros gritou:

— Olha os mesários do Banco, pessoal! Estamos fritos.

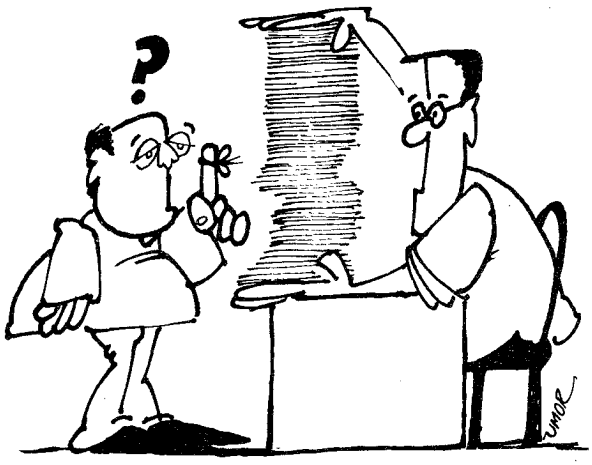
Foi uma debandada geral. Homens pulando as janelas e mulheres correndo aos gritos porta afora. No recinto, ficamos apenas nós quatro, boquiabertos, e os gaiteiros que agora se revezavam, numa voz de choro:

— Não, seu doutor, perdoe. Por favor, seu doutor, não nos prenda...

(Narrativa enviada pelo funcionário Valmir Odone Dal-Más — Agência em São Borja - RS)

Expediente: O *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP,* órgão de circulação interna e quinzenal do Banco do Brasil S.A., é editado pela Diretoria de Planejamento/Coordenadoria de Análise Mercadológica — DIPLA/COMEC. **Coordenador-chefe da COMEC:** Waldir Rodrigues de Mello. **Editor:** Constâncio Pinheiro da Fonseca. **Redação, diagramação e pesquisa:** Francisco Régis de M. Pereira, Uilson J. Morais Miranda, Waldemar de Oliva Brandão, Adrino Aragão de Freitas, Ana Cecília R. e Silva, Antônio Eustáquio M. de Aguiar, Gerson Macedo Ribeiro, José de Arimatéa C. Castro, Oscar D. Costa Filho, Ricardo Torres, Fernando M. Manhães Tavares, Raimundo N. Melo Filho e Wagner Costa. Tiragem desta edição: 113 mil exemplares. Distribuição gratuita aos funcionários de todos os quadros da empresa. Toda correspondência deve ser enviada para: *Boletim de Informação ao Pessoal - BIP* — BANCO DO BRASIL S.A. — Setor Bancário Sul, Edifício Sede III, 10º andar, Caixa Postal 562, BRASÍLIA (DF), CEP 70.070. Impresso na Gráfica do Banco do Brasil — DEMAG/GRAFI, Rua Barão de São Francisco, 177 - 5º andar - Andaraí - Rio de Janeiro (RJ).

o distraído dedé



Dermeval era contínuo na Metr. Copacabana, Rio. Chefe de família exemplar, rapaz muito educado, solícito e bom companheiro. Só tinha uma coisa: era meio desligado — talvez resultado de sua calma excessiva.

Certa manhã, quando se preparava para iniciar o expediente para o público, Dermeval foi chamado a falar com o implantador Maistrelo, recém-chegado de Brasília. Eu estava próximo, pude ver quando o Dedé (era como chamávamos o Dermeval) chegou:

— Pois não, seu Maistrelo.

— Muito bem, seu Dedé. Você foi designado para uma tarefa da maior responsabilidade. A agência confia no seu trabalho e, por ser o senhor uma pessoa muito calma e atenciosa, também confio. Sabe como é, basta uma pequena distração para prejudicar todo o trabalho, o serviço não sair conforme o programado, não é mesmo?

— Tou sabendo, seu Maistrelo. Pode deixar comigo. Trabalho meu é feito sempre com muita atenção e empenho.

— Então vamos lá. O serviço é o seguinte: estas fichas aqui devem ser separadas: uma de cada grupo de 100 — isto as verdes; porque as amarelas ficarão juntas com as brancas, depois de grampeadas. Agora, as verdes, você verifica e entrega ao chefe, que lhe devolverá em seguida, depois de carimbadas no verso. O senhor está entendendo, não está?

— Sim, perfeitamente. E o que faço depois de tudo pronto?

— Vamos em frente. São dez grupos de 100 fichas cada; portanto, um total de 1.000 fichas. E aqui lembro novamente: não pode haver erros, seu Dedé!

— Fique tranqüilo, chefe. E será que o serviço vai levar muitos dias?

— Com boa vontade e disposição, acredito que uns 15 dias.

Dedé pensou um pouco, olhou o monte de fichas, perguntou:

— E, para andar mais rápido com o serviço, eu posso fazer algumas horas extraordinárias?

Mas não parou aí. Dedé perguntava uma coisa, questionava outra. Até que, depois de duas horas de diálogo, Maistrelo estava convencido do interesse do colega pela nova tarefa e já o imaginava fazendo aquele serviço em caráter permanente. Para desencargo de consciência, quis checar:

— Dedé, vamos reconstituir o expediente de amanhã? Você chega às sete da matina, e o que tem a fazer primeiro é assinar o ponto. Certo? Em seguida, o que o senhor vai fazer, me diga?

Dedé, com a maior calma deste planeta, respondeu simplesmente:

— N - a - d - a!

Maistrelo arregalou os olhos:

— Como "nada", seu Dedé? Pelo visto, o senhor não entendeu patavina do que acabei de explicar.

— Entendi, sim senhor.

Aconteceu que só naquele instante Dedé se lembrou que tinha feito na véspera requerimento de aposentadoria e pensava ficar em casa no dia seguinte, gozando o início de uma aposentadoria muito bem merecida...

(Narrativa enviada por Walter Ferreira, aposentado — Rio de Janeiro-RJ)

bip

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º./10º. andar - Caixa postal, 562 - 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

o bom baiano

Sempre bem-humorado, ostentando sua imperfectível gravata borboleta, Jojó (Jorge Frederico na hora do batismo) assumiu, naquela manhã de maio de 1957, o almejado posto de chefe da Creai na agência de Nova Granada, São Paulo.

Embora fosse exercer interinamente a função, Jojó quis logo mostrar serviço, para fazer jus à confiança do titular da carteira. Assim, passou a atuar com denodo na recuperação dos créditos do Banco. Chegou inclusive a solicitar ao investigador de cadastro que procurasse ficar perto dele, para uma eventualidade qualquer.

Não demorou, adentra no recinto o baiano José dos Santos, ex-cliente da carteira agrícola, devedor de empréstimo inscrito em "créditos em liquidação" desde julho de 1952. Jojó, compenetrado e com toda cortesania, puxou uma cadeira para junto de sua mesa e convidou o cliente a sentar-se. Meio sem jeito, amarfanhando o surrado chapéu de palha, o baiano perguntou desconfiado:

— Que é que o sinhô quer comigo? Por que me mandou esse papel?

Jojó, ainda rememorando as instruções — "O cliente responsável pelo débito inscrito em 'créditos em liquidação' deverá ser interpelado a viva voz, por funcionário categorizado... etc." —, retrucou veemente:

— Então o senhor não sabe? Isso aí, em suas mãos, é um convite para vir pagar ao Banco sua velha dívida. O inadimplemento de sua parte fará com que o Banco adote medidas drásticas no sentido de reaver o crédito.

Dito isso, pediu ao investigador de cadastro a ficha do cidadão. Momentos depois, com a ficha na mão, comentou:

— Sua ficha não é mesmo das melhores. Dela constam protestos e inúmeras ações, sendo uma criminal. Aliás, apreciaria se me fosse esclarecida a origem desse processo-crime.

O chapéu de palha sofreu mais um pouco entre os dedos do "bom" baiano:

— Foi um cabra de Onda Verde quem começou toda a história! Ele andou espalhando que eu era desonesto, que não pagava minhas dívidas. Eu num gostei nada disso. Aí peguei ele e dei uma espetadinha no umbigo dele...

Jojó sentiu o sangue gelar. Pálido, recuou a cadeira, dizendo com voz fraca, sumida:

— Com licença, volto já.

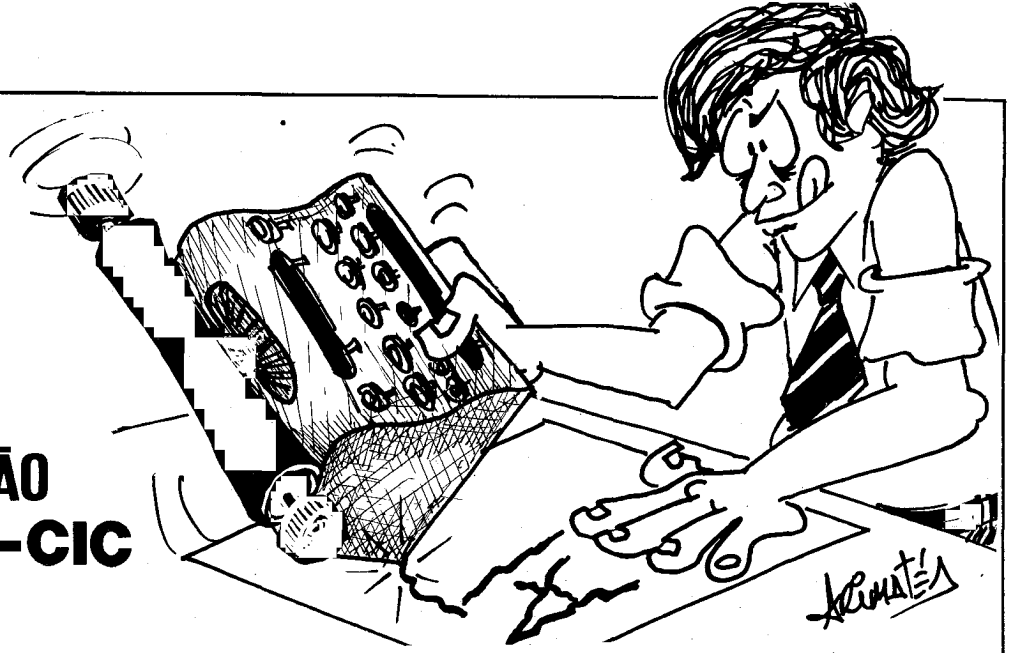
E se mandou a toda pressa pela porta dos fundos, enquanto o cliente começava a enrolar calmamente o cigarro de palha.

(Narrativa enviada por Virgitino Corrêa Lourenço, aposentado — São José do Rio Preto - SP)

bip

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º./10º. andar - Caixa postal, 562 - 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.



SOLUÇÃO EXTRA-CIC

Quando fiz concurso para escriturário do Banco do Brasil, em 1953, só consegui obter três dos cem pontos. Isto é, 0,03 — três centésimos! E não foi por nervosismo coisa nenhuma. Eu não sabia mesmo bater à máquina.

Estudante em São Luís, nas férias escolares, eu ajudava meu pai em seus negócios. Como era incerta a data da nomeação, não me preocupei com o fato de não ser datilógrafo. Afinal, se conseguira aprovação no concurso — com todo aquele rigor —, datilografia me parecia um conhecimento dispensável. Um negócio que poderia aprender em serviço, depois de devidamente empossado.

Ao tomar posse, em junho de 1954, na filial de Vitória da Conquista (BA), o diálogo que mantive com o então subgerente, Sr. Antônio Vitorino dos Santos Júnior, mostrou-me, um pouco tarde, que a história não era bem assim.

— Seja bem-vindo, colega! — saudou-me o homem, carinhosamente.

— O que é que o senhor sabe fazer? É bom datilógrafo? — lascou-me ele, logo em seguida.

— Bem, fui estudante em São Luís até ontem. Papai é um pequeno comerciante e industrial em Viana, também no Maranhão. Ensinou-me a negociar na base do escambo.

Eu tentava encontrar a maneira de entrar no assunto. Resolvi ir direto (também, não tinha outra saída):

— Não sei datilografia. Aliás, a primeira máquina de escrever que dedilhei, em toda minha vida, foi mesmo a do Banco, no dia da prova.

— Era só o que me faltava! Serviço a dar com pau, e a Direção Geral me manda um escriturário que nem sabe escrever a máquina — resmungou o homem, baixinho.

O bom Vitorino estava em pé, diante de sua mesa de trabalho. Atrás dele, ficava a estante com as CICs. Apanhou uma delas, em cuja lombada se lia: CIC Geral — e começou a pesquisá-la. Alguns minutos depois, ele se dirigiu ao colega que me acompanhara até a sala. Mais tarde soube tratar-se do responsável pelo Sefun da agência.

— Como é que vamos resolver isto? A CIC não prevê a realização de despesas com curso de datilografia. Quer saber de uma coisa? Inclua o Benito na folha de prorrogação de expediente. Ele mesmo vai pagar o curso de datilografia. Não precisa vir ao Banco pela manhã. Prorroga na escola.

— Sei não, seu Vitorino. E se houver um acidente com ele durante o tempo em que estiver nas aulas? Para a DG, vai ser difícil classificar esse negócio como acidente de trabalho.

— É. Tá danado, seu Benito. Mas não se preocupe. Pode fazer sua datilografia. Eu pago o curso.

E pagou mesmo. Por essa e outras boas ações, é que eu acredito, piamente, que Vituca, quando morreu, foi diretinho para o Céu.

Homem bom, esse meu primeiro subgerente. Prático e objetivo, com ele não havia problemas, havia soluções. É a funcionários como Vituca que o Banco do Brasil deve sua grandeza.

(Narrativa enviada pelo funcionário Benito M. do Amaral — Vipad — Brasília-DF)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º./10º. andar - Caixa Postal, 562 - 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

CLIENTES INDESEJÁVEIS

Os fatos se passaram em Santarém, nas décadas de 40 e 50, quando a cidade tinha, a cada ano, suas praias tragadas pela enchente do Tapajós — só as recuperava, meses depois, na vazante — e as casas da Rua do Comércio davam fundos para a beira do rio, geralmente terrenos sem edificações, cercados com estacas de madeira de lei. Nesse período da "cheia" (julho a dezembro), as águas invadiam igualmente os terrenos dos prédios ribeirinhos, levando, além de detritos, botos, cobras, jacarés, puraquês e outros grandes peixes. O mesmo episódio se repetia no terreno ocupado pela subagência do Banco do Brasil, quando a maré diariamente subia até o terceiro degrau da pequena escada de cimento que conduzia ao quintal.

Ocorreu em 1941, num dos meus primeiros dias de trabalho. Durante o horário destinado ao descanso regulamentar, eu costumava ficar na porta dos fundos da agência respirando o ar puro e contemplando a permanente luta do Tapajós com o Amazonas, quando a força do segundo se sobrepõe à do primeiro, empurrando-o algumas milhas rio acima. Numa dessas ocasiões, flagrei um jacaré (devia ter uns dois metros de comprimento) com a cabeça fora d'água, repousada no primeiro degrau da escadinha atingida pela enchente. Mas não me assustei: durante minha infância de garoto do interior, presenciei cenas semelhantes, ainda hoje recordadas com muita saudade.

Sorrateiro, fui-me afastando, para não espantar o jacaré. Chamei os outros colegas — naquele tempo, o quadro da agência era formado apenas por quatro funcionários: o agente Walter Guimarães Pereira da Silva, o assistente Joaquim Moura Gomes da Silva, o servente Joaquim Rocha e este narrador. Encorajado pela pequena "torcida", o agente Walter (cargo que hoje corresponde ao de gerente) apanhou o *Colt* no cofre e saiu disposto a enfrentar o "intruso" a bala. Olhou para o jacaré, ele estava a uns três metros de distância. Fez pontaria, bem na cabeça, não ia errar. O tiro saiu seco. A bala passou longe. Veio o segundo tiro, o terceiro, a arma foi descarregada. A decepção parece que não foi só nossa. De onde estava, o jacaré fitava o seu "agressor" e, como se estivesse agradecido pelas balas desperdiçadas, lançou uma piscadela com os olhos marejados de "lágrimas de crocodilo". Antes de desaparecer nas águas do rio, ainda acenou o rabo num último adeus ao chefe Walter.

De outra feita, já em 1952, "visitou" o terreno da agência uma cobra. Não chegou a galgar os degraus da escadinha, como fez o audacioso jacaré. Nessa época, o pessoal da agência era muito maior. O quadro contava com mais de vinte servidores. Dei o alarme: uma cobra de uns três a quatro metros de comprimento desfilava no quintal invadido pelas águas.

Armados de paus, pedras, arcos de barris, fio elétrico e quejandos, surgiram Frazão, Merabet, Iran, Dororó, Aquino, Rubim, Ubaldo, Armando e outros mais. Descalços e com as calças arregaçadas até os joelhos, meteram-se no rio dispostos a escorraçar a sucuri. O mais afoito e falante de todos era o Zé Galas que, com uma velha e enferrujada faca amarrada na ponta do cabo de vassoura, improvisou um arpão. E, talvez encorajado pela algazarra geral, pulou na frente da turma e gritou: — "Deixem comigo. Vou arpoar a bicha bem no meio da cabeça!"

Mas qual! Acuada, a cobra deu um *bote*. Foi um Deus-nos-acuda. Num repente acabou-se a valentia. Zé Galas deu um salto para trás que nem uma *pintada*. Do resto da turma, alguns, mais rápidos que Zé Galas, já tinham atingido o topo da escada e outros desaparecidos porta adentro. Nem deu para ver a sucuri mergulhar nas águas barrentas do Tapajós.

É por estas e por outras que costumo dizer: "Clientes desse jaez — que em lugar da porta da frente buscam a dos fundos para sua entrada clandestina — são indesejáveis ao Banco. Por falta de amparo regulamentar às suas pretensões".

(Narrativa enviada por Wilson Dias da Fonseca, aposentado — Santarém - PA)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL
Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º./10º. andar - Caixa postal, 562 - 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

Uma questão de ponto de vista

Foi nos primeiros anos da década de 50. A Caixa de Mobilização Bancária (órgão que mais tarde se integraria ao Banco Central) havia recebido em *dação em pagamento* o hotel "Sítio Vale da Boa Esperança", em Mendes (RJ), que se achava arrendado com todos os móveis e utensílios. Movida *ação de despejo* por infração legal e contratual, o Tribunal de Justiça deu ganho de causa à Caixa. Nesse meio tempo o locatário já abandonara o imóvel, entregando as chaves ao Juiz, que nomeou um depositário para responder pelo patrimônio.

Na condição de advogado da Caixa, eu quis ver primeiro o estado de conservação dos bens, para depois receber as chaves e o mobiliário do hotel. O imóvel ficava no alto da colina, de onde se divisava toda a cidade. Mas qual foi a minha decepção: em vez de encontrar o terreno limpo e bem cuidado, o que eu via diante de mim eram cercas quebradas, porteira arrancada, árvores tombadas, grama virando pasto para o gado do vizinho, piscina vazia e suja. Nem de longe lembrava o "Sítio Vale da Boa Esperança" de outrora. Além disso, não consegui entrar no prédio, pois as portas estavam fechadas e não encontrei ali qualquer vigia.

Voltei então ao Fórum e relatei ao Juiz o estado lastimável em que se encontrava o imóvel. Ele ouviu-me com paciência e disse:

— Não vejo problema algum. O doutor arranja uma gratificação para o serviço dos homens, e mando colocar tudo em ordem.

Semana seguinte, peguei o "Citroën" e, com o colega Vereza, me mandei para Mendes. A caminho, passei por Barra do Piraí e convenci o gerente da agência a permitir que um de seus funcionários me acompanhasse na viagem, para ajudar a conferir os móveis e utensílios no hotel.

Deu para ver, mesmo de longe, que o "Sítio" voltara a ser o mesmo de antigamente: porteira no lugar, cercas consertadas, grama cortada, árvores podadas, água na piscina. Procurei estacionar o carro. À porta do hotel, uns seis a oito homens nos seguiam, com os olhos, os movimentos. Saltamos os três. Um dos homens se levantou e foi dizendo:

— O doutor Juiz está esperando lá dentro.

Na sala, o Juiz e o depositário, em mangas de camisa, tomavam uma cerveja. Olhei em volta. Soalho varrido, cortinas penduradas na janela, móveis arrumados. Na prateleira, louças, faqueiros, toalhas — tudo muito limpo e arrumado. Era só conferir. Não me contive:

— Como foi que V. Exa. realizou tamanho milagre?

— Muito simples — respondeu ele com um sorriso —, peguei os presos da cadeia e trouxe para cá.

Apreensivo com a segurança de todos aqueles bens valiosos, fui logo ponderando:

— Mas Meritíssimo... já pensou no perigo que corremos aqui, isolados com esse pessoal!...

O Juiz voltou a sorrir:

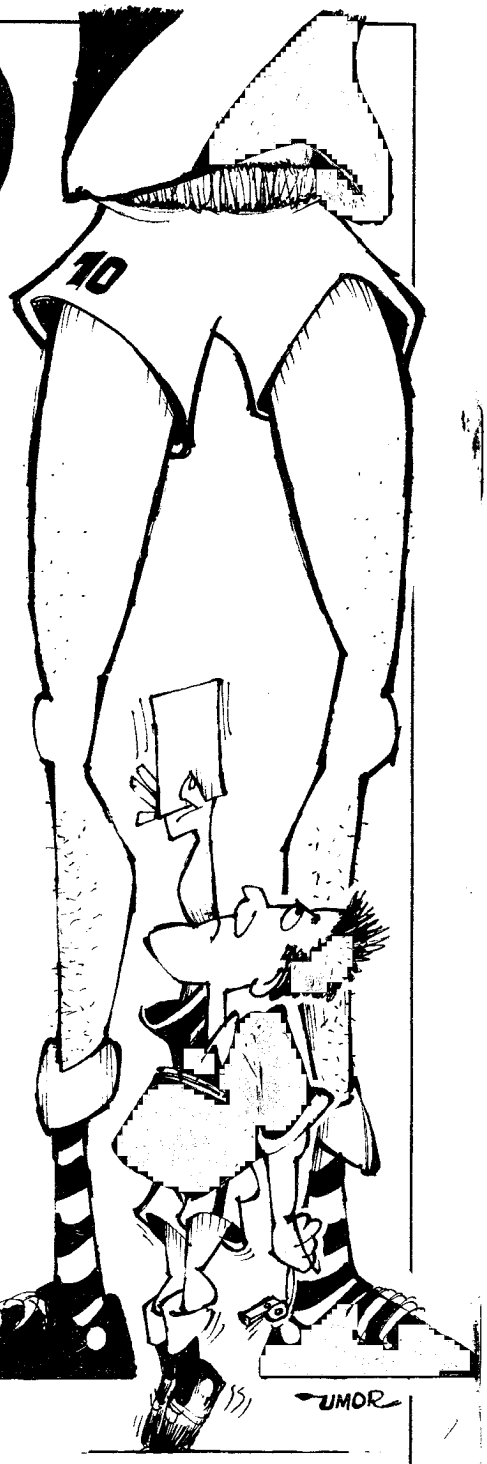
— Ora, fique tranqüilo, doutor. Os ladrões, eu deixei na cadeia. Trouxe só os assassinos...

(Narrativa enviada por Fernando Weiss de Magalhães, aposentado — Rio de Janeiro - RJ)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

camisa 10



Para comemorar o "Dia do Bancário", o Sindicato de Sorocaba programou, ano passado, um torneio de futebol de salão. Mas só podiam participar associados.

O colega Marinho, diretor de esportes da AABB, tratou de formar a equipe. Convocou o pessoal para treino, selecionou os melhores jogadores, escalou o time. Desta vez, o "caneco" estava garantido. Ele prometia uma rodada de chope na Sede, para logo depois da vitória.

Na quadra, minutos antes do jogo, os atletas batiam bola, ensaiavam passes e chutes a gol, tentando parecer verdadeiros craques. Só o jovem Carlos Amadio não se enquadrava no visual da turma de bancários: dava a impressão de que estava ali apenas para completar o número necessário.

O juiz chamou os dois times e iniciou a preleção:

— Pessoal, quero jogo bonito, disputado com muita disciplina e categoria. Não quero ver ninguém quebrado, machucado. Diante de uma entrada mais dura, violenta, não hesitarei em puxar o cartão. Amanhã é dia de trabalho ...

Foi quando o juiz Pautino — esse era o nome da "fera" — notou a presença do desengonçado Pernilongo e, preocupado em fazer cumprir as regras do torneio, foi logo indagando:

— Você aí, camisa dez, é mesmo funcionário do Banco?

O jovem Carlos Amadio, meio embaraçado com a dúvida inesperada, não sabia o que fazer naquele momento, já devidamente uniformizado, para provar sua condição de bancário.

— O rapaz é novo de banco — respondeu o capitão do time. — Melhor dizendo: menor-aprendiz.

— Menor-aprendiz?! Não acredito. Não, com esse tamanho todo, quase dois metros de altura ...

— Mas pode acreditar — garantiu sorrindo, e com a mão no ombro do jovem atleta: — É por isso que o chamam Pernilongo.

O torneio estava atrasado. Os jogadores das outras equipes aguardavam a vez de jogar. Na arquibancada, a torcida, impaciente, começava a ensaiar o coro habitual dos estádios.

O juiz olhou outra vez o jovem Amadio, nunca o tinha visto no Banco ou mesmo no Sindicato. Para deixá-lo jogar, insistia em ter uma prova de que o rapaz era mesmo bancário:

— Então me prove que é mesmo funcionário do Banco!

Desta vez, o jovem Amadio não titubeou:

— O senhor é cliente do Banco e o número de sua conta é 60.558, dígito 1.

E foi assim que o Pernilongo jogou.

(Narrativa enviada pelo funcionário José Eduardo Camargo Ribeiro - Agência em Sorocaba - SP)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

Santa protetora dos ciclistas

Joyce Mesquita era filha do Cleto e da Grace, funcionários aqui da agência de Ribeirão Preto, e neta do Paulo Wilson Holland, gerente no exterior, em Grand Cayman.

Era dessas crianças que vendem saúde nos seus oito anos e olhos verdes, procurando registrar tudo à sua volta. Todas as tardes, Joyce acompanhava a mãe até a agência. Grace trabalhava pela manhã e à tarde vinha, com a filha, esperar o marido. Assim, nos acostumamos com aquela coisinha diminuta, trançando as pernas pela agência à procura do pai, sempre afobadinha, como se tivesse pressa em viver. Ou então, com ela na AABB, chamando a atenção de todos para a esperteza em bater os braços dentro d'água, querendo talvez reeditar os recordes do incrível Mark Spitz.

Numa segunda-feira de março, Joyce não veio buscar o pai. Na sexta à tarde, quis demonstrar para si e para o mundo que já sabia andar de bicicleta. Na inocência dos oito anos, ignorava que existem avenidas e caminhões. Avançou com a bicicleta, cortando a avenida, e o caminhão avançou também. Apavorada, Joyce esqueceu de usar os breques e tentou parar a bicicleta com os pezinhos. O Mercedão avançou, matando Joyce e a companheira que ia na garupa.

Quando soubemos do ocorrido, ficou aquela sensação besta dentro da gente; uma sensação de *boxeur* que leva um soco direto na boca do estômago logo no primeiro *round.*

Confesso que foi duro entrar na fila para as condolências. Dizer o que nessas horas, meu Deus? Dizer o que pro Cleto e pra Grace? Que estávamos sentidos, que era uma injustiça a morte de Joyce? Quando chegou a minha vez, não disse nada — e no entanto já havia pensado numas frases bonitas, cheias de palavras confortantes. Mas, vendo o sofrimento da Grace, o desconsolo do Cleto, limitei-me a apertar a mão dela, a dar um tapa de leve no ombro dele e sorrir um sorriso sem graça. Eu, que sempre entendi o banco como um espaço neutro, onde ia apenas para cumprir uma obrigação contratual, senti-me arrasado. Compreendi que não somos um número frio de matrícula, mas seres humanos com a responsabilidade de assumir a dor dos colegas.

Jamais consegui dizer ao casal que Deus chamou a pequena Joyce porque precisava dela para ser a santa protetora dos ciclistas. É, Deus tem destes egoísmos sadios! Costuma requisitar os bons pra assessorá-Lo. Assim foi com o Casarotti, com o excelente centroavante da nossa AABB, o Foguinho, e com muito nego bom aqui da agência.

Hoje, quando a Ludmila, minha filhinha, pega a bicicleta pra dar umas voltas, minha mulher e eu ficamos com o coração na mão, mas não proibimos. Entendemos que viver é correr risco. E dizemos um "vá com Deus" meio sumido. Mas, no fundo, sei que Deus não tem tempo pra cuidar de tudo e que o ministério *bicicletas* pertence agora à santa Joyce, protetora dos ciclistas.

E sei também que ela deve estar atarefadíssima, tentando botar ordem nesse trânsito louco cá embaixo, onde os ciclistas não respeitam os automobilistas, e os automobilistas não respeitam os ciclistas, todos se ofendendo com palavras e gestos.

À noitinha, fico imaginando o retorno dela ao céu, já cansada, pra se reunir aos outros santos, todos eles já recolhidos aos aposentos divinos.

Como diria o Dalton Trevisan, imagino a pequena santa Joyce subindo trim-trim na contramão pelo céu, apertando a campainha trim-trim, acordando os santos com o trim-trim festivo dos seus oito aninhos.

Ainda ontem, ao sair da agência, peguei minha bicicleta e, logo ali na esquina, um *Passat* tirou um fino em mim, obrigando-me a subir na calçada. Não fiquei irritado. Olhei em direção ao céu e sorri. Juro que vi a pequena santa Joyce piscando para mim os olhinhos verdes e cúmplices.

(Narrativa enviada pelo funcionário Luiz Puntel — Agência em Ribeirão Preto - SP)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

noite da inauguração

A inauguração da agência do Banco do Brasil, com a realização do baile no prédio do grupo escolar, constituía acontecimento marcante em Russas (a 160 km de Fortaleza), naquele 31 de outubro de 1952.

Onze da noite, e a festa já bastante animada. O comparecimento maciço da sociedade local e autoridades do estado fazia de seu Laerte Eduardo um homem muito feliz, embora sua fisionomia demonstrasse sinais de estafa.

Entre um abraço e outro, uma dose de uísque e o som da orquestra, seu Laerte reconstituía o trabalho que deu preparar tudo, até chegar àquele instante. Pela manhã, a alvorada e o hasteamento do pavilhão nacional. Às sete, a "Euterpe Afonso Lima" já desfilava com garbo em sua farda de gala, executando o repertório apropriado para as festas cívicas, sempre saudada com espocar de foguetório. Marcado para as nove, o corte da fita simbólica somente aconteceu às onze, quando os estudantes, em fila defronte ao prédio, já mostravam esmorecimento. O motivo do atraso logo se espalhou. O vigário da paróquia recusara-se, à última hora, a comparecer ao ato, porque no programa das festividades constava a realização do baile. "Não posso misturar o sagrado com o profano", alegou. Às pressas, recorreu-se aos bons ofícios do padre Farias, filho de Russas e que lá estava em férias. "Uma coisa não tem que ver com a outra", explicou padre Farias. E o prédio foi bento.

No banquete, faltara gelo — falha menor, sem dúvida, embora os termômetros em Russas alcançassem facilmente a marca dos 40 graus. Mas até que o dia não fora dos mais quentes. Desde cedo, o aracati soprava, derramando, como diria José de Alencar, "a deliciosa frescura pelo árido sertão". Os discursos foram muitos e entusiasmados, prevendo nova era no desenvolvimento da economia da região.

E depois veio o baile. Cuidadosamente preparado em todos os pormenores. O salão foi decorado com tapetes, cortinas e luzes ainda virgens por aquelas bandas. A pista de dança mais parecia um espelho, encerada com a melhor cera da região. Damas e cavalheiros exibiam elegância e bom gosto. A orquestra, contratada em Fortaleza, era das melhores que se apresentavam na capital. De Aracati e Mossoró veio o reforço de cerveja e gelo. Tudo programado para que não fracassasse o baile.

Seu Laerte respirou fundo. Saboreou sua dose de uísque. O velho relógio da "coluna da hora" bateu as doze pancadas da meia-noite. Mais algumas horas, e o Banco abriria as portas ao público, dando continuidade ao expediente iniciado com o depósito do prefeito local. Terminaria ali, com a festa, suas atividades como gerente instalador.

Súbito, os sinos da igreja matriz de Russas começaram a dobrar em toque de finados. O som grave e solene ecoou por todo o vale. O baile foi suspenso. Que tragédia anunciavam em hora tão imprópria?

Até chegar-se ao sineiro na torre, foi quase uma hora de terrível expectativa. E entre uma badalada e outra, o emissário ouviu: "Os sinos estão tocando por ordem do sr. Vigário", explicou o sineiro. "Compreendo. Mas e daí? Qual o motivo?" O sineiro arrematou: "Ele disse que é em sinal de pesar pelo baile que ora se realiza na cidade".

Da angústia à revolta, todos passaram a condenar a insólita atitude. Alguns sugeriram uma caravana para ir a Limoeiro do Norte queixar-se ao bispo. Outros, mais exaltados, que se exigissem enérgicas providências do sr. delegado de polícia. Foi quando o representante do comércio local pediu a palavra: "Que o dobre dos sinos seja pela morte, neste instante, da intransigência, pois o aparecimento do Banco do Brasil será o marco de uma nova história de civilização para Russas".

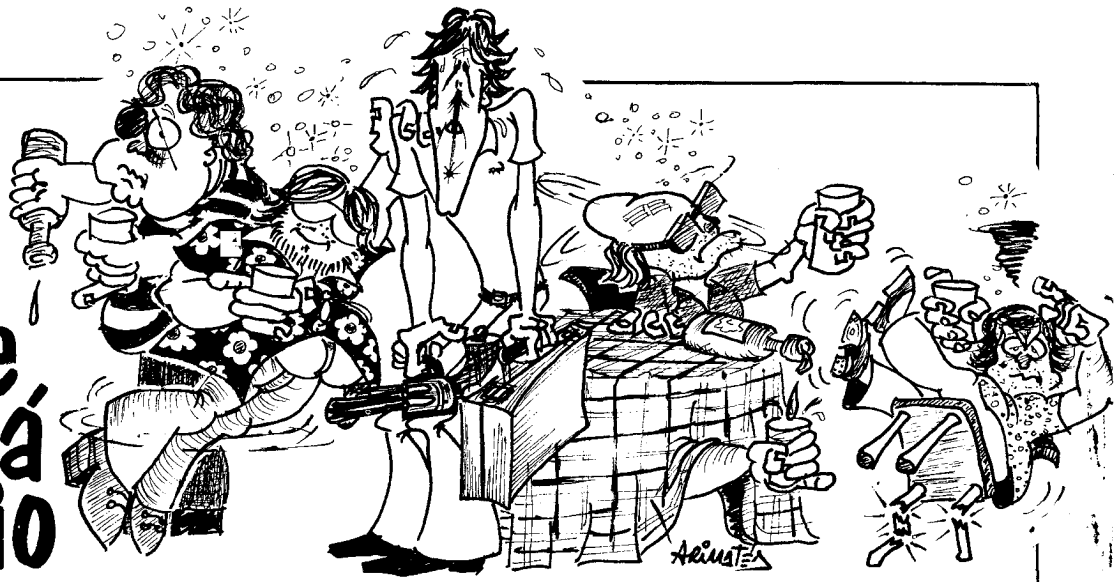
E a orquestra atacou firme até às quatro da madrugada.

(Narrativa enviada por Oswaldo Mendonça Moreira, aposentado — Rio de Janeiro - RJ)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

O precário



Santa Helena de Goiás vivia os últimos dias de fastígio do algodão. Alguns fazendeiros tinham conseguido fazer fortuna. Outros, no entanto, apenas contraíram dívidas ou permaneciam como antes: sem nada.

Apesar do declínio dessa atividade econômica na região, o movimento era ainda grande na agência do Banco. Para reforçar o quadro de pessoal, aguardava-se a chegada, a qualquer momento, de novos precários nomeados pela Direção Geral.

Certa noite, os lampiões e lamparinas eram os únicos focos de iluminação na cidade. Os ponteiros do relógio já anunciavam mais de dez horas. Mas a chuva miúda e persistente servia de pretexto para a conversa comprida de cinco funcionários do BB ali no boteco, estrategicamente plantado entre a agência e o principal hotel da cidade.

Foi quando o táxi chegou e parou junto ao meio-fio. Durante algum tempo permaneceu estacionado, com o motor ligado e os faróis acesos. Pela vidraça da porta traseira, o passageiro olhava a chuva caindo lá fora. Parecia indeciso em descer do veículo e enfrentar o chuvisqueiro. Até que, ajudado pelo motorista, pegou a bagagem e foi-se colocar sob a marquise do hotel.

— Vocês também estão prestando atenção no rapaz ali, debaixo da marquise? Não sei não. Mas algo me diz que é mais um precário que chega para a agência.

— Você disse precário? Tive uma idéia.

Já ao lado do jovem, um deles foi perguntando:

— Você é o novo funcionário do Banco do Brasil, não é?

O jovem respondeu, meio hesitante:

— Sou. Mas como foi ...

— Nós o esperávamos — atalhou, e esticando a mão: — Muito prazer. Eu sou o subgerente da agência, este aqui é o gerente e estes outros são os três chefes-de-serviço. Como foi a viagem?

— Prazer. A viagem até que foi boa — respondeu, já aliviado.

— Ótimo. E você veio de onde?

— De Goiânia.

— Ah, é verdade, da capital. Você vai gostar daqui. E que tal achou a nossa cidade, à primeira vista?

— Bem, não deu pra reparar direito. Parece que está faltando luz na cidade, não é?

O que se anunciava como subgerente sorriu:

— Não é que esteja faltando luz na cidade. O problema é que aqui não existe mesmo energia elétrica. Por enquanto, só fizeram as instalações. Mas você logo se acostuma, garanto. Depois, se ficar neste hotel — apontou para os dizeres na tabuleta à entrada do prédio: "Oferecemos em nossos serviços conforto e segurança" —, não haverá qualquer perigo.

— Perigo? Eu pensei que a cidade ...

— Calma, colega. O hotel é seguro. Além disso, você está entre amigos — e fez um sinal ao porteiro do hotel para que carregasse as malas do novo hóspede.

O quarto ficava no 2º andar. O subgerente se apressou em abrir a janela do apartamento. "A vista é boa e aqui o colega está mais seguro", observou.

— Mas esperem aí! — exclamou o gerente. — O colega trouxe arma? Um revólver, quero dizer.

— Quem?! Não ... Eu não costumo andar armado — gaguejou .

— Pois devia. Nunca se sabe o que pode acontecer — e virando-se para um dos chefes-de-serviço: — Rizael, você, que mora perto, podia emprestar por esta noite o seu 38 aqui pro colega?

— É pra já, chefe — respondeu Rizael, entregando a arma ao precário.

— Depois você devolve — e apontando da janela para o prédio vizinho: — O Banco é ali ao lado. Agora, uma boa noite e fique atento. Amanhã a gente se encontra às sete da matina.

No dia seguinte, bem cedo, o novo funcionário, com ares de insônia, chegava ao Banco. Enquanto se apresentava aos verdadeiros administradores da agência, não pôde esconder a sensação de revolta e constrangimento que se apoderou dele, ao descobrir os cinco colegas da noite anterior se preparando para abrir os seus guichês de caixas-executivos.

(Narrativa enviada pelo funcionário Marcos dos Santos Portero Simon — Agência Centro em Goiânia - GO)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

O MAIOR BANCO DO PAÍS

Realizava-se a Feira Agro-Industrial e de Gado Leiteiro na pequena cidade do interior de Minas Gerais. O repórter da emissora local descrevia o ambiente de festas reinante, não esquecendo de enfatizar: "Esta transmissão é patrocínio exclusivo do Banco X, o maior banco do País".

Até que se aproximou do prefeito, caboclo sincero e de boa fé:

— Com licença, senhor Prefeito. O sr. podia dar uma palavrinha para os ouvintes de casa? Como está vendo a Feira?

O prefeito fecha o paletó, ajeita o nó da gravata, pega o microfone:

— Meu caro repórter e distinto povo de minha terra, só posso dizer que isto aqui tá uma beleza. Mas devo declarar que nós contamos com a ajuda do Banco do Brasil.

O repórter pigarreou, agradeceu ao prefeito e tentou corrigir:

— E não esqueçam, amigos ouvintes, esta transmissão tem o patrocínio exclusivo do Banco X, o maior banco do País.

E, ainda entre as autoridades e convidados presentes, descobre o organizador da Feira. Aproxima-se e pede-lhe que fale sobre o trabalho que teve para preparar a exposição.

— Nem lhe conto, seu repórter. Tenho passado noites e noites sem dormir. Fiz das tripas coração. Mas estou satisfeito com o resultado. Valeu a pena. E não posso deixar de mencionar o nome de quem tanto me auxiliou para o êxito da festa: o sr. Antônio, muito digno gerente do Banco do Brasil. E ia continuar, quando o locutor resolve dar por encerrada a entrevista, aproveitando a ocasião para fazer propaganda do patrocinador do programa, "o maior banco do País".

E logo a seguir:

— Estamos agora com o sr. Rogério, fazendeiro há longos anos e muito conhecido em toda a região. Vimos o gado que ele está apresentando aqui na Feira e podemos garantir que é realmente o que há de melhor. Mas deixemos que o próprio "seu" Rogério diga como conseguiu esse milagre.

O velho fazendeiro pegou o microfone e, meio sem jeito:

— Como o senhor sabe, trabalhei muito lá nas minhas terras. O gado era ruim, as dificuldades enormes. Mas agora, depois que botei lá algumas matrizes holandesas, o meu gado é o que todos estão vendo: o melhor do Sul de Minas. Mas o sr. nem imagina quanta ajuda, orientação e assistência me deram lá no Banco do Brasil.

Novamente, o repórter interrompe a entrevista e corrige que o Banco X, o maior banco do País, estava patrocinando aquele acontecimento.

E as entrevistas continuaram. De repente, o locutor vê a oportunidade de entrevistar o dono de uma pequena e próspera indústria de calçados. Dirigindo-se ao industrial:

— Seu Ângelo, soubemos que o senhor está exportando quase toda a produção. É verdade? Como conseguiu isso?

— Ora, não disseram que somente a exportação e a agricultura poderão conter a inflação e salvar o Brasil? Então resolvemos colaborar com o que podemos. E com as facilidades que temos conseguido no Banco do Brasil ...

O repórter não se contém. Interrompe a fala do entrevistado e conclui, quase gritando:

— Não esqueçam, amigos ouvintes, que acabamos de transmitir diretamente da Feira Agro-Industrial e de Gado Leiteiro, num gentil patrocínio do Banco do Brasil, quero dizer, do Banco X, "o maior banco do País" — E virando-se para a técnica: — Corta! Corta! Corta!

(Narrativa enviada pelo funcionário Gualberto Bruno de Andrade - Super-SP)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

Depósito por telefone

Os anos de Orpag fizeram do Lino o "cobrão" do setor. Emitia ordens, batia partidas, controlava "emitidas" e "cumpridas", redigia expedientes. E mais ainda: atendia com bom humor o insistente telefone, instalado perto de sua mesa.

Mas, como não há bem que sempre dure, nosso homem começou a demonstrar sinais de estafa e nervosismo. Não tanto pelo volume de serviço — que isso ele tirava de letra —, mas pelos telefonemas que martelavam suas oito horas de expediente. A todo instante, era obrigado a interromper o serviço: "Alô! Alô! Alooô!". "Por favor, quero falar com fulano"; "Desejo saber se chegou uma ordem de pagamento para sicrano"; "A ordem da firma tal foi creditada?"; "Desculpe, foi engano" e por aí afora.

Depois de tanto tempo, não dava mais para agüentar. E, querendo se ver livre do telefone, Lino chegou a pedir que o transferissem para um setor onde não houvesse nenhum telefone por perto. Mas onde conseguir outro funcionário com a mesma eficiência e tamanha tarimba? E ele foi ficando.

Finalmente, surgiu a grande chance, com uma vaga para o Caiex. Seria, para ele, uma nova experiência, um serviço diferente do que estava acostumado a fazer. Teria de lidar mais com público e, nos dias de "pico", enfrentar as filas enormes com trabalho duro. Não tinha nada — melhor do que aturar o telefone, tocando a todo instante. Quanto à contagem de numerário, manuseio de papéis, encerramento no final do expediente, não dava para apavorar, já que antes seria treinado na Direção Geral. Depois, na prática, era seguir a rotina, agir com calma e tudo sairia bem. Os outros não davam conta do recado?

Lino fez o curso de Caiex e voltou devidamente "diplomado". Dias depois, era convocado para o seu primeiro dia no caixa. Na tesouraria, conferiu a reserva, recebeu o baú e foi ocupar sua posição no guichê. Distribuído o dinheiro pelos escaninhos, aguardava ansiosamente o início do expediente para o público.

Aberta a porta da agência, o cliente escolheu o guichê do novo Caiex. Era uma pessoa extrovertida, que costumava entrar no Banco falando alto, mexendo com um caixa e outro, e trazia sempre uma piada nova que ajudava a quebrar a monotonia e alegrar o ambiente. Os veteranos da bateria já o conheciam. Mas não o Lino, marinheiro de primeira viagem. E, assim, o espírito alegre e brincalhão do cliente só contribuiu para aumentar-lhe o nervosismo. Foi um branco total de memória. Nem mesmo conseguia lembrar-se das surradas expressões "às suas ordens", "pois não", "o que deseja" etc. Depois de alguns segundos de indecisão, arriscou, como último recurso, a palavra de que tanto uso fizera nos seus anos de Orpag:

— Alô!

O cliente, gozador inveterado, colocou as mãos em concha na boca e no ouvido e, voz fanhosa, atendeu prontamente ao chamado:

— Alooô! Aqui fala o Ozias, conta nº 12.084-0. Alooô!!! Quero fazer um depósito. Alooô! Aloooô!!!

O Lino, ainda mais nervoso — vendo que o cliente pegara no ar sua mancada — e já vermelho como camarão na brasa, concluiu:

— Desculpe, foi engano.

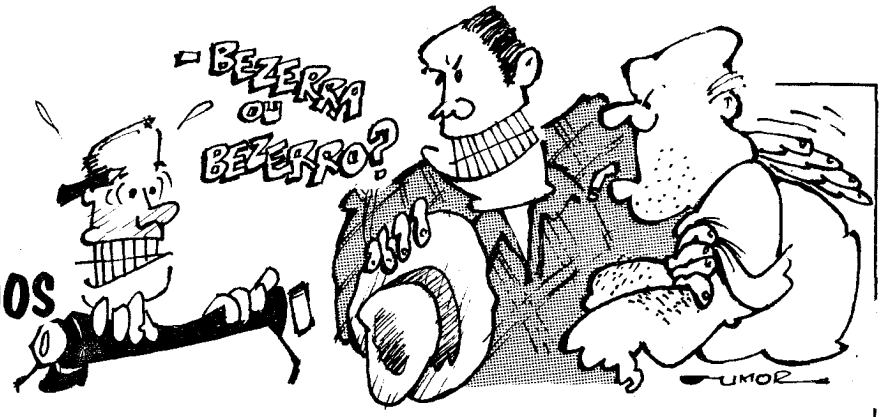
(Narrativa enviada pelo funcionário Vicente Correa da Silva — Agência em Palotina - PR)

bip

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

2 causos sertanejos



1.º Chamava-se sr. Pedro Pereira, ou sr. Pereira, ou simplesmente seu Pepê para os amigos. Beirando os cinqüenta anos, era um homem alto e fortão, queimado de sol e com sorriso permanente que mostrava os dentes alvos e perfeitos. Retrato fiel da figura brava e heróica do sertanejo.

Cliente do Banco desde a inauguração da agência, cumpria religiosamente os compromissos assumidos na Creai. Costumava ir até às últimas conseqüências para fazer valer a palavra empenhada. "O home se pega pela palavra e a muié pela saia" — filosofava.

Num dia desses, eu respondia, interinamente, pelo setor de Cadastro. De repente, interrompo o serviço, levanto a cabeça e deparo com o seu Pereira na minha frente.

— Bom dia, seu Pereira.

— Bom dia. Mas pode me chamar de seu Pepê — corrigiu, e foi logo completando: — Trago aqui algumas coisinhas pra mode amiorá minha ficha.

Despachado como era, não me deixou falar. Mostrou documentos, exibiu recibos, citou datas e tropeçou nas palavras. Como insistisse em repetir "tantos bezerros machos", "tantas bezerras fêmeas", pensei em dar-lhe uma ajudazinha gramatical.

— Seu Pereira, digo, seu Pepê, não me leve a mal. Mas o senhor não precisa dizer bezerros machos e bezerras fêmeas.

— Como que não preciso, seu Zé? — perguntou surpreso.

— É que bezerros são sempre machos e bezerras são sempre fêmeas — expliquei.

Seu Pereira não se deu por achado:

— Ora, seu Zé, vossa micê me adisculpe. Mas o cumpadre Tenório é "Bezerra" e cabra macho tá ali!

2.º Assim como tantos outros programas do governo, o Proagro — instituído para ressarcir prejuízos decorrentes de calamidades naturais nas lavouras — tem recebido críticas e elogios. Mas elogiar como seu Epaminondas, tou pra ver igual.

O ano de 79 fora dos mais duros e difíceis no sertão nordestino. Seu Epaminondas afirmava não ter visto tempo mais miserável. Até que chegou 80. Os açudes secaram, a caatinga murchou, os pastos tostaram e o pouco gado que sobreviveu era aquilo que se viu — magro e doente.

Como tudo o mais, a rocinha do Epaminondas, fruto de suor no sol inclemente do dia-a-dia, também se foi. E com ela, as últimas esperanças de poder saldar os empréstimos no Banco. Ao pobre homem só restava mesmo falar com os homens da Creai, explicar todo o drama da seca, pedir nova prorrogação.

Mas qual não foi a surpresa de seu Epaminondas, ao saber que o Proagro já "pagara" tudo. Emocionado, quase em lágrimas, levantou da cabeça o chapéu de palha e exclamou:

— Deus abençôe esse santo home!

Ainda tentamos explicar, mas ele nem quis ouvir. E continuou:

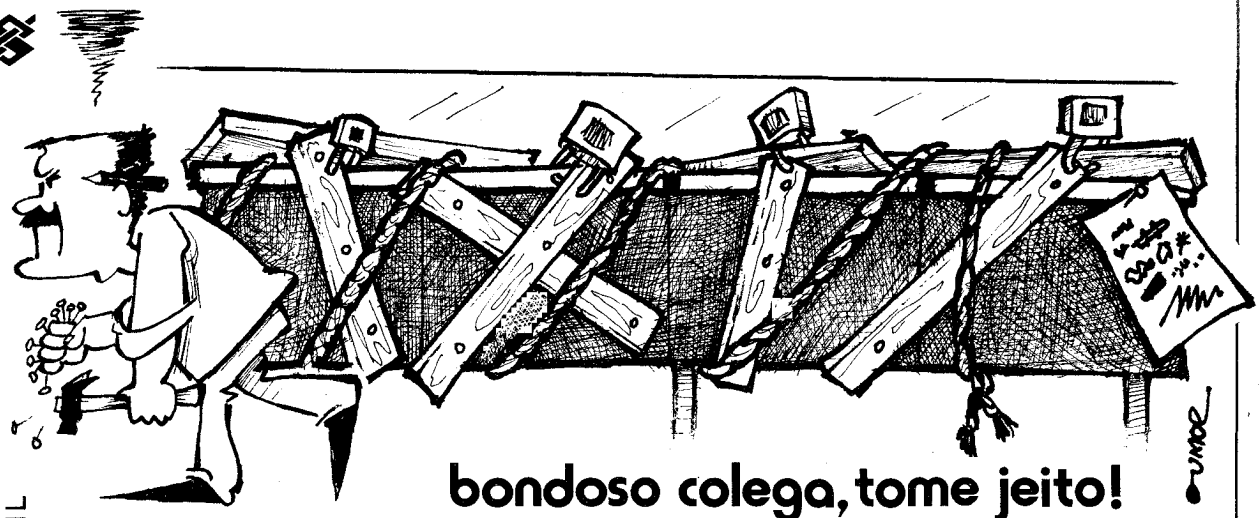
— E pode ter certeza, moço. Se for candidato, vai eleito na certa, pois lá em casa os votos são tudo dele. E olhe, moço: com a graça de Deus, não são poucos!

E, apressado, desceu a escada, de três em três degraus. A fim de contar a boa nova à patroa, que o aguardava defronte da agência.

(Narrativas enviadas pelo funcionário José Arteiro Marques — Agência em Santa Quitéria - CE)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.



bondoso colega, tome jeito!

A agência Metropolitana Praça Mauá, nos anos de 1965, 66, 67 era uma das mais movimentadas do Rio de Janeiro (suponho que ainda hoje o seja). Está ela situada em denso centro de negócios, pois em sua jurisdição se encontram as sedes de grandes empresas comerciais e industriais e também de repartições oficiais, civis e militares, cujas alentadas folhas de pagamento são acolhidas pela agência. O expediente para o público abria-se às nove horas. Às sete, começavam a chegar os "caixa-executivos" (cargo recém-criado), para as tarefas habituais de conciliação de contas, conferência de cheques da compensação, lançamentos diversos e dezenas de outras tarefas penosas, devido ao grande número de papéis e a premência do tempo. E além de todas essas incumbências, cabiam também aos atarefados caixas outros encargos materiais, como, por exemplo, retirar as pesadas tampas de metal dos numerosos tabuleiros que guardavam os cartões de assinaturas dos correntistas. Terminada esta primeira etapa, dirigiam-se aos seus escaninhos (em número de 15), onde iam enfrentar filas que se formavam ininterruptamente, diante deles, durante todo o expediente.

Era natural, pois, que em meio da azáfama, nem tudo saísse perfeito e acontecia, por exemplo — e aqui está o cerne de nossa pequena história —, que alguma tampa das caixas de assinaturas, ao invés de ser colocada no espaço lateral a isso destinado, vinha parar no chão, embaixo do jirau que sustentava todo o conjunto.

Ora, aquela permanente maré-cheia de trabalho havia de engolfar em seu fluxo o então chamado "coordenador" dos caixas, que, além da supervisão de toda aquela parafernália, devia encerrar o expediente, cuidando do "fechamento" das contas. Por isso, demorava-se na agência algumas horas após terem-se retirado os caixas e costumava pedir que não tampassem as caixas de assinaturas, onde sempre havia alguma verificação a fazer.

Era na hora de sair que, indo recolocar as tampas, tinha de, a contragosto, abaixar-se para levantar uma que ficava sempre no chão. Numa noite, apesar do cansaço, resolveu deixar em cima da caixa um bilhete de advertência, que começaria assim: "Bondoso colega". Ora, tal apelativo, não sei por que misteriosas consonâncias, soou-lhe como um pentassílabo e no mesmo diapasão poético prosseguiu:

"Bondoso colega/ De tão triste sina/ Que em plena refrega/ Matutina/ Desta feia lata/ Duro nó desata./ Tenha dó no peito!/ Tome jeito!/ A tampa, elo desfeito/ Não n'a jogues para baixo/ Que diacho!/ Pensando aqui no poeta/ Que não é nenhum atleta/ É que, chegando noite alta/ E do lar sentindo falta/ Já cansado da labuta/ Inda força o coração/ Fazendo uma força bruta/ Para erguê-la do chão!"

No dia seguinte, notou, ao chegar, uma inabitual atmosfera, leve e descontraída e um diáfano sorriso na fisionomia dos caixas. Havia como que um deslumbramento. Foi recebido com exclamação de "Salve o coordenador. Salve o poeta". E, rindo, batiam-lhe nos ombros, amigavelmente. Logo chegaram-se outros, atraídos por aquela incomum manifestação de alegria, como se encontrassem um oásis, um refrigério, em meio à aridez dos cansativos trabalhos de rotina.

É que, ainda que sob forma modesta e tosca, perpassara por ali a asa mágica da poesia. Um episódio de trabalho, em sua banal materialidade, transformou-se em algo transcendente, desligado da realidade. Ganhou as dimensões imponderáveis e abstratas da espiritualidade e da arte e foi essa transfiguração que seduziu os espíritos e pôs nos olhares um novo brilho.

O autor dos humildes versos é o mesmo desta pequena e banal "história".

(Narrativa enviada por Alfredo Pequeno de Arraes Alencar, aposentado — Rio de Janeiro - RJ)

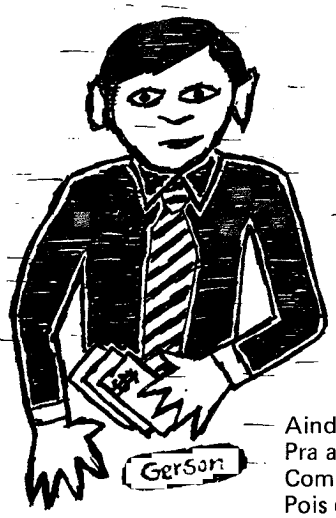
bip

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

GRAFOSCOPIA DE CORDEL



Virgem Santa que sufoco!
Apenas pra passar troco
Tenho tanto que estudar!
Tem a tal grafoscopia
Tem grama, morfologia
Tem laçada e tem presilha
Eu caí numa armadilha
E nem sei como me livrar.

Tem o grama circular
Tem esquerdo e tem direito
Tem guirlanda e tem platô
Que nem sei quem inventou
Tanta coisa deste jeito.

Ainda vem a tal dinâmica
Pra aumentar meu desatino
Com pressão e progressão
Pois é tanta a confusão
Que eu acabo desistindo.

Eu até já estudei grego
Ainda hoje estou lembrado
Morpho: eu sei que é forma
Logia: sei que é tratado
Mas aqui, neste Caiex,
É um monte de riscado!

Ensinaram evocação
Que é a tal morfologia
Vem depois a ideação
Execução e sinergia
Isto, moço, é todo dia
Que mais besta confusão!

Se é fraca a progressão
A pressão tem que ser forte
É uma coisa de morte
Estudar esta lição.

Se houver mudança brusca
No sentido do riscado
Novo grama tá formado
Assim diz o nosso lente
Pra aumentar minha agonia
Ainda tem patologia
Temporária e permanente.

As escritas são: primária,
Secundária e senil.
Veja que barbaridade
Riscado medindo idade...
Nas agências do Brasil...

Pra deixar a gente doido
Ainda mandam fazer trova
Estão é querendo prova
Que de poeta e de louco
Todo bancário leva um pouco.

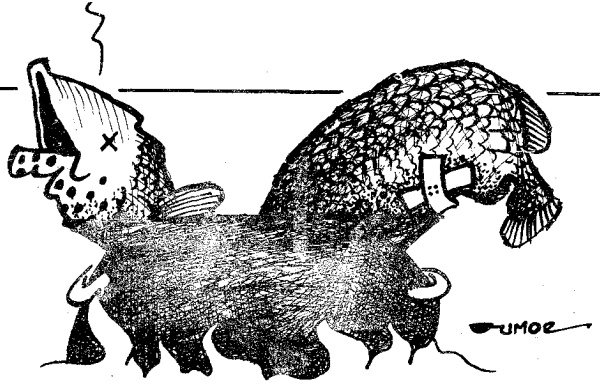
Para completar o estudo,
Mais que empenho nas lições
De letras e relações,
Melhor mesmo é ficar mudo,
Pois para agüentar tudo
De rabisco, traço e caco
E ser caiex de fato
Que Deus me ajude e dê taco.

(Narrativa enviada pelo funcionário Roberto Luiz Gusmão Melo — Agência em Vitória da Conquista - BA)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

pirarucu?



Nelson Castro exercia, nos idos de 67, a "função" de substituto eventual de "vice-carimbador" da agência, no setor de cobranças. Era véspera de seu aniversário e o avaliador da Creai, Cícero Magalhães Novais, trouxe-lhe um filhote de pirarucu pesando uns cinco quilos. Todo eufórico, Nelson mostrou o peixe para os colegas:

— Podem olhar, é pirarucu, gente! Só que, neste aqui, não tem boca não.

E, enquanto guardava na geladeira o peixe enrolado na toalha, advertia:

— Vou convidar somente os amigos sinceros. A peixada vai ser na base de muita cerveja e muito vinho.

Para o azar do Nelson, aconteceu que nem bem ouviu aquele papo, o autor desta narrativa — na época, investigador de cadastro, cujas travessuras superavam as do famigerado Pedro Malasartes — retirou às escondidas o peixe da geladeira, colocando em seu lugar um par de botas recheadas com galochas encontradas ao acaso, no porão do velho prédio. Em seguida, tratou de desaparecer da agência. Na casa do Nelson, entregava o pirarucu à empregada:

— O seu Nelson mandou você preparar este peixe para o jantar. Disse que é pra caprichar; os colegas dele, às seis horas, vão estar aqui para a peixada.

A empregada pegou o embrulho e resmungou:

— Esse patrão é mesmo um chato. Chato de galocha. Logo hoje que meu namorado prometeu me levar ao cinema!

Terminado o expediente, Nelson pegou o embrulho do "peixe" na geladeira e na frente do prédio da agência apreciava como de costume a hora do *rush*. Nisso, o Benito Fregonesi — que já sabia da pilantragem — pergunta:

— Que é isso aí, Nelson, que você tem debaixo do braço?

— É um peixe que você ainda não conhece. Filhote de pirarucu, também chamado de bacalhau do Amazonas. Foi presente do Cícero!

— Gostaria de ver. Posso?

— Bem, vou mostrar apenas a cabeça do bruto. Dá muito trabalho embrulhar o peixe novamente.

Descobriu uma das extremidades. O bico do par de botas apareceu. Nelson abriu todo o embrulho. Neca de pirarucu! Nelson mudou de cor, esbravejou o quanto pôde. Enrolou novamente o par de botas com galochas e se mandou para a agência. Diante do subgerente, foi logo se queixando:

— João, isso não pode ficar assim!...

— Assim o quê, Nelson? — estranhou o subgerente.

— Olha só (mostrou o par de botas com as galochas enroladas na toalha) o que encontrei no lugar do peixe que guardei na geladeira. Imagine você, que outro dia, tiveram a desfaçatez de misturar com café o vinho que a administração reservara para o brinde de véspera de Ano Novo. Anteriormente, haviam "grudado" o queijo do inspetor Camargo no congelador. E o que dizer do dia em que misturaram sal de fruta com açúcar? Quando o gerente adoçou o café, foi aquele vexame: o café espumou, transbordou da xícara. Para completar, agora furtaram o meu peixe e me fazem de palhaço. Mas exijo uma pronta e enérgica providência. Mande fazer uma sindicância. O culpado deve ser punido. Desta vez, foi demais!

Cinco minutos depois (morava apenas a duas quadras da agência), chegava em casa. Angustiado, foi direto para o banheiro, sem dar sequer um "alô" à dona Izabel entregue aos afazeres na copa.

Já de pijama, sentou-se à mesa, um tanto carrancudo. A esposa se aproxima dele:

— Que é isso, homem? Você aqui na sala e seus colegas esperando no alpendre da cozinha. Vá tomar com eles um pouco de vinho. O peixe sai logo mais.

— Peixe? Que peixe?

— Tá ficando besta, homem? Deixa de conversa e vai cumprimentar os convidados. Anda!

Momentos depois, Nelson telefonava para o subgerente João Conforti, que encerrava o expediente lá no Banco:

— João, quem fala aqui é o Nelson. É a respeito do pirarucu. Pode dar o caso por encerrado e vir rápido saborear o tal peixe, tá?

E, voltando à cozinha, levantou a tampa do panelão, respirou fundo o aroma da peixada e perguntou à empregada:

— Pirarucu?

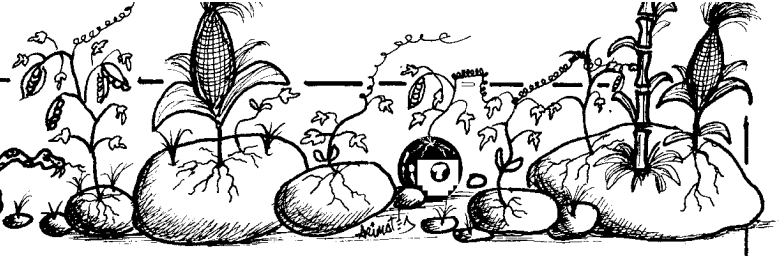
A empregada nada respondeu.

(Narrativa enviada por Virgitino Corrêa Lourenço, aposentado — São José do Rio Preto - SP)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

SEVERINO DUREZA



Quem contava era o Jaguaribe. Ou melhor: Paulino Jaguaribe de Oliveira, cearense de nascimento mas baiano por devoção. Ao comentar o episódio, pensei inicialmente em incentivá-lo a escrever suas histórias para o BIP, colhidas durante os 51 anos de serviços dedicados à Casa. Entretanto, Jaguaribe cumpriu o tempo aqui na terra e foi chamado. Deixou-nos ao findar o outono.

Contava ele que, quando ajudante do Gerente da então agência Bahia (hoje Centro de Salvador) — isto lá pelos idos de 1939 —, foi procurado por um dos clientes do Banco. Severino Dureza, como todos o conheciam, era homem simples e humilde, mas muito esperto. Desses caboclos, compadre de todo mundo, que enxerga no escuro, ouve capim crescer e sabe de que lado vem a chuva. Obstinado e teimoso, acabava conseguindo sempre o que queria. Daí a alcunha *Dureza*.

— Bom dia, dotô Jaguaribe!

— Bom dia, seu Severino!

Severino Dureza foi logo entrando no assunto:

— Dotô Jaguaribe, vim aqui pru qui sei que o Banco do Brasil gosta de ajudá a quem pricisa, di mode qui eu vim pedi um imprestimozinho pra mode podê prantá mandioca, mio e feijão num roçado qui comprei lá pelas bandas da Serra do Pedregulho.

Jaguaribe conhecia Serra do Pedregulho, sabia que as terras eram improdutivas, muito ruins.

— Lamento, seu Severino — se desculpou Jaguaribe. — Não é que seja malquerença de minha parte. Como o senhor mesmo disse, o Banco tem o máximo empenho em ajudar a todos os lavradores da redondeza. Mas conheço essa região como a palma de minha mão; as terras da Serra do Pedregulho têm prestança não! Ali, nem tiririca nasce.

Severino Dureza não era de desistir. Falou então resoluto:

— Pois cumigo nasce, seu dotô.

Jaguaribe ainda tentou demover Severino da idéia.

— E o aval, Severino? Como é que você vai arrumar aval para o empréstimo?

— Bem, esse tá di avá o meu padim coroné Chico disse que mi arranja — garantiu Severino Dureza.

(Coronel Francisco era o próspero boticário e poderoso cacique político da região. Era compadre de Severino Dureza — para desespero do Jaguaribe.)

Os tempos passaram. Correu na cidade o rumor de que Severino estava "colhendo". Jaguaribe recebeu a notícia com reservas e se dispôs a confirmar com os próprios olhos. Saía da agência quando o padre Raimundo chegou montado no jegue.

— Filho, posso saber aonde você vai com tanta pressa?

— Até a Serra do Pedregulho, padre. Quero ver se é verdade o que andam dizendo sobre o Severino Dureza.

Padre Raimundo também ouvira falar, estava curioso para confirmar o que diziam.

— Se não se importa, vou com você, filho. Quero aproveitar a ocasião para dar uns merecidos puxões de orelha no Severino. Não é que ele nunca mais apareceu nas minhas missas de domingo!

E lá se foram os dois. No alazão de boa andadura, Jaguaribe, de estatura baixa. No jegue, padre Raimundo, que nada tinha de nordestino como o nome possa sugerir, pois era holandês de nascimento, cabelos cor de fogo, rosto vermelhão, quase dois metros de altura — os pés quase arrastando no chão.

Jaguaribe foi o primeiro a chegar. Bem mais atrás, vinha padre Raimundo.

— Muito mi alegra sua visita, dotô Jaguaribe. Se apêie, por favor — pediu Severino, com um largo sorriso mostrando os cacos de dentes na boca.

Jaguaribe parecia não acreditar no que estava vendo.

— Não é possível, Severino. Você colhendo nessa terra que nenhuma prestança tinha. Não sei como conseguiu. Se eu não visse, não acreditava.

— Devo isso ao Banco do Brasil, seu dotô Jaguaribe. Foi o Banco qui mi deu sementes e adubo du bão. A ele sou muito grato sim sinhô!

E, virando-se, vê padre Raimundo que se aproxima. Severino tira o chapéu de palha da cabeça, inclina o corpo e beijando a mão do vigário:

— Sua benção, Santo Padre!

— Deus te abençôe, meu filho. — E botando os olhos no verde do roçado: — Virgem Santa Maria! Não é possível, Jaguaribe. Milho, feijão, mandioca... Isso é milagre, Severino. Só mesmo com a ajuda de Deus você conseguiria transformar essa terra, meu filho. Deus o ajudou, não é mesmo Jaguaribe?

— É verdade, aí tem o dedo de Deus. — E, olhando para o Jaguaribe, Severino continuou: — Mas o Santo Padre e dotô Jaguaribe pricisavam vê o estado dessas terras quando era Ele qui cuidava dela sozinho!

(Narrativa enviada pelo funcionário Carlos Alberto Farah — Depre — Rio de Janeiro - RJ)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

RDB Coruja

Aconteceu numa quarta-feira chuvosa de inverno deste ano. Era coisa de uma hora da tarde e — ao contrário dos "dias de pico" — não havia um só cliente na agência. O que fazia aumentar lá dentro o frio que castigava a capital catarinense. Foi quando entrou aquele senhor de 60 anos e dirigiu-se ao guichê do Giba.

— Como vai, seu Pedro Coruja? O que manda desta vez? — falou o Giba sorridente.

— Me diga, seu Giba: com quem falo para aplicar no MDB?

— RDB — corrigiu o Giba e explicou: — Recibo de Depósito Bancário. Sem dúvida, seu Pedro, o negócio mais quente que o Banco do Brasil está oferecendo no momento aos clientes.

— Foi exatamente por isso que resolvi enfrentar esse frio danado de dofdo e vir logo aplicar o meu dinheiro no tal de ...

— ... RDB — concluiu o caixa-executivo.

Giba olhou para um lado, olhou para o outro. Aquele era o único cliente do banco àquela hora. Podia dispor de algum tempo mais com o seu Pedro Coruja: ia, ele mesmo, conduzir o cliente até o Neri, na sala do segundo piso.

Momentos depois, era preenchido o modelo 0.07.005-X, enquanto o seu Pedro Coruja sorvia prazerosamente o cafezinho. Quando chegou no campo destinado ao valor do depósito, Neri quis saber:

— Qual o valor da aplicação, seu Pedro?

— Bote aí um milhão de cruzeiros.

— Um milhão! — falou o Neri, admirado.

— Pensando melhor — corrigiu seu Pedro — bote logo dois milhões.

— O senhor é quem manda, seu Pedro. Dois milhões. Em dinheiro ou cheque?

— Em dinheiro — respondeu seu Pedro Coruja, categórico.

Conduzido à tesouraria, não se fez de rogado quando lhe ofereceram novo cafezinho. O tesoureiro Matella aproveitou o ocasião para um papo informal com o seu Pedro. Pensando que o dinheiro fosse resultado do trabalho da lavoura, indaga:

— O arroz deu bom dinheiro este ano, hein, seu Pedro? — Vendo que o cliente titubeasse em responder, concluiu: — O senhor não trabalha na plantação de arroz?

— Não, senhor. Eu trabalho é com laranjas.

Matella ficou ainda mais sem entender como fora que o seu Pedro tinha conseguido amealhar dois milhões com laranjas. Mas isso não era coisa que o interessasse. Deixou de lado a dúvida e pediu ao cliente:

— Os dois milhões, seu Pedro?

Seu Pedro Coruja meteu a mão na enorme bolsa de couro e tirou os dois embrulhos que mais pareciam pacotões de compras no armazém.

— Tá tudo aqui. É só contar.

O tesoureiro quase desmaia quando viu que era tudo em moedas. Mas o pior mesmo veio depois, ao descobrir que se tratava apenas de dois mil cruzeiros e não de dois milhões, como constava no RDB.

O papel foi substituído e o depósito feito na hora. Mas, até hoje, quando alguém pega um "recibo" do mesmo valor dificilmente consegue evitar e logo exclama:

— Este aqui é um RDB Coruja.

É que mesmo sem fazer um RDB de dois milhões, o Sr. Pedro Coruja acabou conquistando a simpatia dos colegas da agência, quase todos, agora, seus fregueses na banca de laranja.

(Narrativa enviada pelo funcionário Nilberto Luís Soares — Agência em Araranguá - SC)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

Todos os anos, na época das cheias, o rio Tocantins e o afluente Itacaiúnas ameaçam invadir a parte velha da cidade de Marabá. Com as chuvas de inverno, aumenta ainda mais o nível das águas, deixando assustada a população. Só os mais velhos, talvez acostumados com o Rio, têm sempre uma palavra de esperança. Como o seu Chico, quase beirando os cem anos de idade: "Conheço muito bem as manhas do Rio. Garanto a vocês que ele só quer assustar a gente!"

Mas, no inverno do ano passado, a coisa engrossou, ficou preta. As águas foram chegando devagar, subindo, lambendo as ruas ribeirinhas, fazendo os primeiros alagados. Até que invadiram o Estádio Zinho de Oliveira, e começou o corre-corre geral. Aqueles que antes batiam o pé, afirmando que morriam afogados mas não deixavam suas casas, acabaram fugindo para a Nova Marabá, também chamada de Cidade Nova.

E no Banco?

Bem, na agência, ninguém chegou a "bater o pé". Mas tivemos nosso quinhão nessa história. Primeiro vieram os homens da Sudam e avisaram que o nível dos rios subiria uns 10 metros acima do normal. A administração da agência tomou as precauções. O material de expediente foi transportado do térreo para o andar superior e as funcionárias foram para lugar mais seguro.

—Otacy, para desencargo de consciência, coloque as caixas mais pesadas no alto das estantes do Almox — pediu o chefe Couteiro.

Otacy, que não acreditava num novo dilúvio, exclamou:

— Que é isso, chefe? Se as águas chegarem até aqui — e apontou os joelhos —, não será mais enchente, e sim o fim do mundo!

E assim foi. Dentro do banco, as águas deram no tornozelo, na canela, nos joelhos. No fim da tarde, o jeito foi arranjar um barco e transferir tudo para o andar de cima.

Enquanto o Gerente procurava um lugar em terra firme onde pudesse instalar provisoriamente a agência, o funcionalismo ia fazendo o possível e impossível para atender os clientes que chegavam de barco ou de canoa. "Quero sacar tudo, tudo!" "Vim receber a parcela do financiamento". A água continuou subindo. "Entrou água no cofre. E agora?" "Com água até na cintura, não dá, gente!" "E se aparece agora uma cobra?" "Eu diria: e se aparece um jacaré?" "Brincando com coisa séria, né, engraçadinho?"

No dia seguinte, botamos nos barcos e canoas as mesas, escrivaninhas, impressos, armários, cadeiras — e lá se foi a caravana aquática atravessando a praça Duque de Caxias.

Do outro lado da cidade, caminhões, crianças, mulheres e carregadores nos aguardavam. Ao ver aquele amontoado de gente com máquinas de escrever, cadeiras, fichários, fogões, bule de alumínio, xícaras e outras coisas mais, Dona Helena achou que o cenário estava parecendo um mercado persa (essa de "mercado persa" vai ficar na história).

Finalmente, instalamos a agência numa casa de hóspedes na vila do Incra. O Tesou ficou no quarto, o Setin na cozinha, o Setex na sala de visitas, o Setop num barracão improvisado perto da casa. Em seguida, era liberada a 2ª parcela do custeio do feijão para plantar.

No seco mesmo só ficou o pessoal do Pavan, lá em São João do Araguaia.

E a moradia? Por conta do adiantamento salarial, alguns colegas foram para o Hotel Vitória. Outros, no entanto, preferiram alugar casa. Cada um se arranjou como pôde.

Dois meses depois, as águas começaram a baixar. Não demorou, a Velha Marabá voltou a acenar para os habitantes.

— Que estamos esperando, pessoal? A faxina nos aguarda!

E começou o trabalho de limpeza nas casas para o retorno.

— Menina, achei uma cobra dentro do quarto. Quase dois metros de comprimento — garantiu a esposa de um dos colegas do banco.

— Imagine você o que eu encontrei. Sanguessugas e outras porcarias.

— Cruz-credo! - a Dalva morria de medo desses "achados".

No banco, a porta do Tesou emperrada, o segredo não funcionava, não sei como o Herval se ajeitou. Também pudera, foram mais de dois meses com água cobrindo tudo. Mais que isso, só Atlântida!

Não chegamos ao despropósito de sentir saudades do que padecemos na última enchente na Velha Marabá. Mas, agora que tudo passou, posso afirmar: que foi divertido pacas — lá isso foi!

(Narrativa enviada pelo funcionário Amyr Dantas Junior - Agência em Marabá - PA)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

As provas

Como em toda história que se preza, era uma vez uma bela, sonolenta e azul tarde de maio de 1980. A hoje extinta Central de Atendimento do Funci (CAF) funcionava normalmente. Entre um e outro telefonema, havia sempre espaço para se viver e aprender. Desse tempo, permanece até hoje em nossa lembrança de ex-*CAF*onas uma experiência de vida fascinante.

Naquela tarde linda e de céu desimpedido (a terrível seca brasiliense só viria mais tarde, impondo sua paisagem cinzenta e melancólica), tudo corria bem. Os telefones piscavam sem parar, o trabalho era intenso.

Súbito, surgiu o estranho telefonema. Pensei tratar-se de mensagem interstelar (e temi por não ser poliglota), comunicação do cosmo, dos confins da galáxia, tantos eram os barulhos agudos e metálicos que se ouviam do outro lado da linha. Não conseguia me entender com o interlocutor, humano ou sei lá que fosse. No meio de tanta confusão, a palavra torna-se compreensível:

— Alô, colega...

Ô marciano atrevido esse aí, pensei com o telefone no ouvido.

E a partir daí a comunicação se fez possível:

— Colega, bzzzz.... Aqui é de bzzz..... (cidade da Amazônia, Brasil, localizado o evento, nada estranho ou extraterreno como havia pensado a princípio). Fala fulano de tal. Aqui na agência...

Interrupção. Meus ouvidos já reclamavam atenção maior. Mas eu continuava firme, ouvindo os lamentos bem sonoros do colega.

— Pois é, o recente concurso Básico nº tal foi realizado, entre outras, na nossa agência e estamos com um problema muito sério. Devido às condições do tempo, o malote do Banco não passou essa semana e, como a inviolabilidade das provas deve ser garantida, gostaríamos de conversar com essa Sede sobre a melhor maneira de transportá-las.

Expliquei que iria transferir a ligação para a Divisão de Recrutamento e Seleção - Resel, que na época pertencia ao Funci. Após frustradas tentativas, decidi falar em outra linha com a Resel:

— Alô, é da Resel?

Expliquei o assunto direitinho (penso eu). O funcionário da Divisão sugeriu:

— Diz pro nosso amigo esperar o próximo malote.

Transmiti o recado.

— Mas colega — ponderou —, diz pra Resel que é muito tempo até o próximo malote. Como ficarão as provas durante esse tempo todo?

Voltei a comunicar-me com a Resel.

— O que ele sugere então?

Eu, já cansada de tantas idas e vindas, outra vez no telefone:

— A Resel pergunta: o que o senhor sugere?

O colega amazônico:

— Poderíamos mandar as provas por transporte fluvial. Mas eu temo que demorem muito a chegar.

Transmiti os temores do colega para a Resel.

— Então, objetivamente, o que há de se fazer? — pergunta o funcionário da Resel.

— Bem, fica caro mas poderíamos fretar um táxi aéreo até Manaus. De lá até Brasília, a coisa fica mais fácil — sugere o persistente colega.

Assusta-se a Resel:

— O quê?! Transporte aéreo é muito caro. Peça a ele uma estimativa do preço.

Penso como é importante o trabalho do intermediário. Informo-me por quanto sairia o frete aéreo.

— 70 mil cruzeiros para o transporte das provas? Mas isso é muito caro, um absurdo! Vamos ter que optar por transporte fluvial. Diga isso a ele e pergunte quantos candidatos fizeram as provas — decide finalmente a Resel.

Aliviada, transmito a mensagem:

— Senhor, as provas devem vir por transporte fluvial mesmo. A propósito, quantos candidatos fizeram as provas?

O barulho se intensificou. Sons estranhos preencheram o ar. Novamente, o gigantismo da distância se fez sentir e a voz do outro lado da linha afinou, até quase sumir:

— Ummm.....

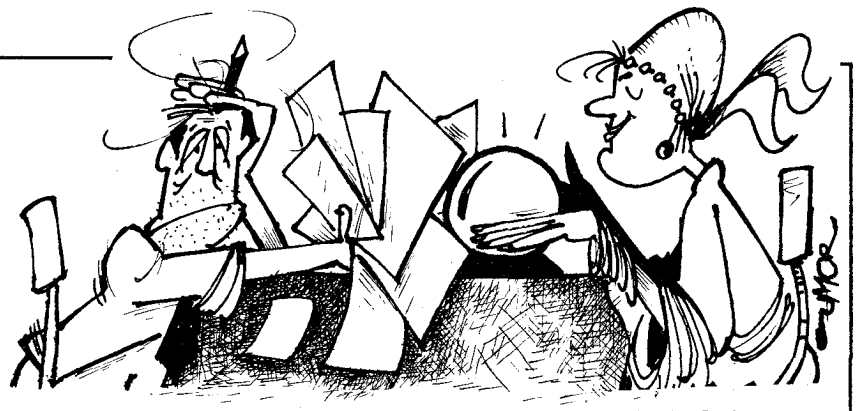
(Narrativa enviada pela funcionária Marina Maria Leite Martins — Funci/Acomp — Brasília - DF)

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

O nó do cartório



Dentre os inúmeros casos que, constantemente, fundem a cuca do pessoal encarregado do Cadastro no Pasep, este se destaca pela originalidade. Conta, sem nenhum exagero, uma das muitas histórias não escritas do Banco do Brasil.

A história teve início quando se descobriu que existiam duas inscrições para uma só pessoa no Programa. As instruções eram claras, a solução fácil, sem nenhum mistério. Uma das inscrições foi cancelada e o fato comunicado, em seguida, ao beneficiário.

Não demorou, o Departamento recebe correspondência do beneficiário que se diz prejudicado e pede explicações sobre o cancelamento de sua inscrição. "Mais um dos muitos casos que diariamente se recebe aqui no cadastro" — pensou o colega indicado para cuidar do assunto.

No arquivo, as duas inscrições apontavam os mesmos dados pessoais: nome dos participantes, nome dos pais, data de nascimento — tudo igualzinho. Não restava dúvida de que se tratava de duplo cadastramento. Mas o beneficiário dizia que não. E agora?

— Muito bem — disse o chefe. — Vamos pedir aos dois beneficiários cópia de suas carteiras de identidade, dos certificados de alistamento militar e do número do CPF. —E acrescentou: — Com esses elementos, tudo ficará esclarecido, a pendência resolvida.

Pura ilusão. Recebida a papelada, fez-se o confronto. Carteiras de identidade e certificados de alistamento militar confirmavam a coincidência dos dados.

Novas dúvidas e sugestões. Novamente o chefe foi consultado.

— Para se matar de vez o quebra-cabeças, só mesmo pedindo as certidões de nascimento dos dois.

Todos concordaram. A certidão de nascimento poria fim no caso que se encompridava igual a novela das oito da noite na TV.

Finalmente, chegam ao Departamento as correspondências. A essa altura, todo o setor acompanhava o caso, aguardava o desfecho.

O chefe abriu a primeira carta. Nome do servidor, data de nascimento e nome dos pais conferiam com os registros no cadastro do Pasep.

— Checado o primeiro, passemos ao segundo — exclamou um dos colegas, esfregando as mãos, uma na outra.

O chefe abre outro envelope, retira o documento e, antegozando vitória, fala para o pessoal que o cercava:

— Aqui está a solução!

— Tan-tan-tan-tan ...Suspense!

O chefe começa a ler a certidão. A expectativa aumenta ainda mais. De repente, o desabafo quebra o silêncio na sala:

— Não é possível! Assim não há quem agüente.

As duas certidões de nascimento passaram de mão em mão. Ninguém entendia mais nada. Além dos nomes iguais, os dois servidores tinham a mesma data de nascimento, os mesmos pais e — agora dando um nó cego — foram registrados no mesmo dia e sob o mesmo número!

Isto deixa o assunto em "banho-maria", à espera de que o "nó cartorário" seja algum dia desatado.

(Esta narrativa é criação coletiva dos funcionários do Departamento dos Serviços do Fiset e do Pasep — Brasília - DF).

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.

O mistério da noite de Natal

Sempre acreditei no óbvio: Deus na Sua infinita bondade e sabedoria jamais dividiria seus filhos em classes, privilegiados e não-privilegiados. Todos, sem exceção, nascem iguais. As castas, as imperfeições e as estratificações somente ocorrem posteriormente, por imposição do próprio homem e nunca pela vontade do Criador. No entanto, casos existem que abalam até as mais profundas convicções de fé.

Toda criança deveria ser feliz. As dores, as incertezas e os medos da vida não deviam caber no mundo do pequeno ser. Sobretudo, de um menino com o coração e a sensibilidade do Sidinho. Fica muito difícil a gente entender ou aceitar o sofrimento na infância, quando se sabe que a criança nada fez para deixar de merecer seu quinhão de felicidade.

Falei que o Sid era um menino. Corrijo: ele nunca foi um menino na acepção exata da palavra. Aos dez anos, perdeu os pais de maneira trágica e se viu sozinho no mundo. Órfão, poderia ter seguido o mesmo caminho de milhares de meninos abandonados: o contato primário com marginais, depois o ingresso definitivo no mundo do crime. Mas foi aí que entrou a mão divina. E, apesar da pouca idade, o guri foi à luta. Mas nunca perdeu a pureza do menino de verdade que sempre foi.

Era gratificante (e também revoltante) vê-lo lutar contra os reveses da vida. Cada dia com força redobrada. Aprendera com os pais que, se continuasse a batalhar, o seu dia chegaria. Até que foi indicado pelo instituto para a seleção de menor-aprendiz. Eu, que o conhecia muito bem, sabia de sua tenacidade por um lugar ao sol, não pude deixar de torcer pela aprovação do garoto. Afinal, que menor-aprendiz melhor do que o Sid o Banco poderia querer? Todavia, definitivamente, a sorte não era o forte do pequeno órfão.

Véspera de Natal. A poesia e o espírito do Natal estavam em toda parte. As lojas exibiam sofisticados brinquedos para a garotada, os supermercados ofereciam vinhos, perus, castanhas e frutas cristalizadas para a ceia da grande noite. Sidney não fez nenhum pedido ao Papai Noel: com a morte dos pais, aprendera que o velho de barbas brancas não visitava os meninos que, como ele, haviam perdido os pais. Mas o guri não estava triste naquele dia. De certo modo, acreditava que ganharia o único presente que almejava. Tinha quase certeza de que a escolha para menor-aprendiz do Banco recairia sobre ele. Era menino comportado, trabalhador e estudioso.

Foi assim, feliz, que atravessou a rua. Não teve o cuidade de olhar os carros que passavam apressados. De repente, um baque surdo e o corpo do menino rolou no asfalto. O automóvel atingira-o em cheio.

Noite da véspera de Natal. Debruçado na paliçada do hospital, eu via os casais que passavam de mãos dadas, rumo ao centro. Acompanhava o brilho dos letreiros e os espectros criados pelos fogos de artifício. Ouvia os sinos convidando para a "missa do galo". Lá dentro, o pequeno Sid agonizava no leito. Estava entre a vida e a morte, na noite que não deveria haver lugar para a morte. De que adiantava agora a notícia de sua aprovação? Talvez não conseguisse vencer a morte, deixando de realizar o sonho que jamais abandonara um só instante na vida.

Foi quando, em meio a essas tristes divagações, a voz do médico me pegou de surpresa:

— Ele está acordando. Vai ficar bom!

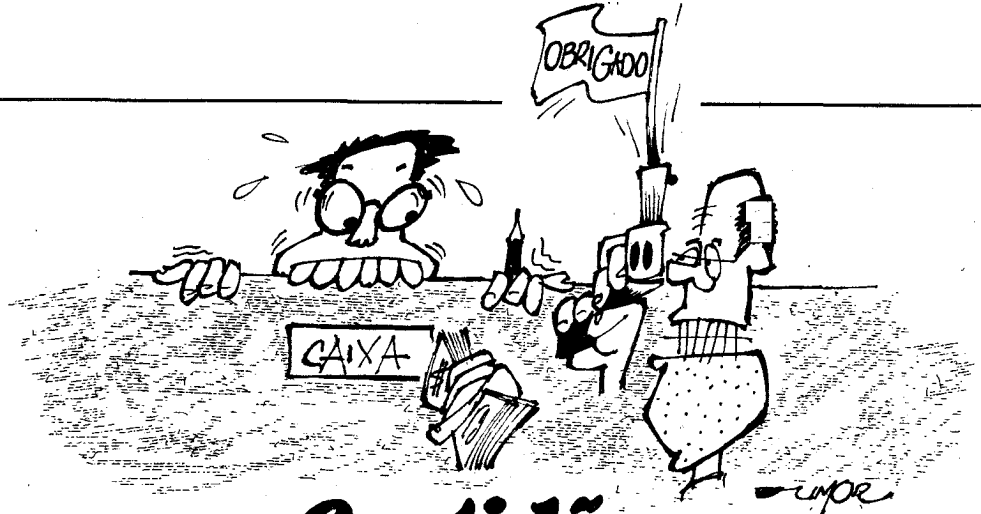
Não pude conter as lágrimas, que escorreram na minha face. No íntimo, eu sabia que por trás daquela triste-alegre história do pequeno Sid se escondia o verdadeiro significado da noite de Natal.

(Narrativa enviada pelo funcionário José Arteiro Marques — Ag. em Santa Quitéria — CE).

bip

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL

Editado pelo Banco do Brasil S. A. - Pesquisa, redação e programação visual: DIPLA/COMEC - Setor Bancário Sul - Ed. Sede III - 9º/10º andar - Caixa Postal, 562 - CEP 70073 - Brasília (DF) - Impressão: DEMAG/GRAFI - Rio de Janeiro (RJ) - Distribuição gratuita a todos os funcionários e aposentados. Tiragem: 113 mil exemplares.



Gratidão

O fato aconteceu em Brasília, por volta de 1965. Apesar de já inaugurada oficialmente, existia ainda muita coisa por arrumar na capital federal. Muitos dos que vieram para construir a cidade não conseguiam se desvincular dos tempos pioneiros em que as brigas, ameaças de morte e crimes perturbavam a tranqüilidade da nova capital. Seu Amado, personagem desta narrativa, era um deles.

Ele chegou como de costume: calado, arisco, curioso, na esperança de que eu o percebesse.

Acabei de atender o pessoal da fila e fui apanhar um cheque avulso, para o saque do seu Amado.

Há mais de um ano ele comparecia ao Banco, invariavelmente, no último dia de cada mês, para a "limpeza" da conta.

A assinatura era conseguida a custo de muita torcida dos funcionários e de muito suor do coitado.

Mesmo assim, nunca se parecia com as anteriores e, muito menos, com as do cartão de autógrafos. O pagamento do cheque não obedecia fielmente às normas de segurança. Era feito assim, meio na base da confiança.

O cliente saía sempre muito agradecido "com a bondade dos dotô".

A simples presença do seu Amado dava a certeza de gente muito sofrida: miúdo, desbotado, com cara de fome crônica. Aparentava 60 anos, mas talvez tivesse apenas uns 40.

O emprego que lhe proporcionava o pequeno crédito mensal teria sido certamente a maior vitória de toda sua vida. O coroamento das labutas gemidas, perdidas no tempo.

Depois de meter o dinheiro no bolso, ele me implorou, cuidadoso, um "particular". Percebi logo a gravidade da ocasião, e saí pro lado de fora do balcão.

"Seu dotô", sussurrou aflito, "sempre que venho aqui o sinhô me atende com muita presteza e bondade. Sou muito reconhecido."

Não há de quê, retruquei satisfeito, ao perceber-lhe as intenções de gratidão.

"Tem muito tempo", ele continuou, "que tava pra fazer um oferecimento, mas fartava corage".

Procurei deixar o homem bem à vontade, pois estava curioso de ouvir o que ele tentava desembuchar.

Mascou ainda um bom tempo, antes de abrir o jogo. Por fim falou: "vim lhe ofertar meu serviço. Sou véio, mas ainda não morri. Comprei ferramenta boa e de cadeia nunca tive medo".

Enquanto falava, exibia o punho cerrado, como se sustentasse uma arma, ao tempo em que movimentava, discretamente, o dedo indicador, o dedo do gatilho.

"Pois então, seu dotô", continuou ele, sem me dar câmbio, "se quiser sumir com algum desprezível, é só falar aqui com o véio. Na Brasília não faço isto pra mais ninguém. Só pro sinhô. É trabalho seguro, garantido. Tenho prática. Na minha terra já ajudei muita gente."

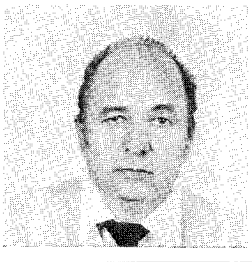
Fiquei entre perplexo e atemorizado com o oferecimento, a forma de o pobre homem mostrar gratidão. Eu ouvira contar muitos "causos" semelhantes, mas nunca imaginei que um dia viesse alguém me propor semelhante serviço. Procurei controlar os nervos, respondi em tom de confidência: fique sossegado, seu Amado. Quando houver ocasião lhe darei a preferência. Confio... (a palavra me fugiu da boca), confio no senhor. Não combinaria o serviço com outra pessoa em quem não tivesse confiança.

Percebi sua emoção nos olhos úmidos, que me fitavam, cheios de realização. Afinal eu era um amigo de verdade.

Despediu-se, e saiu feliz da vida.

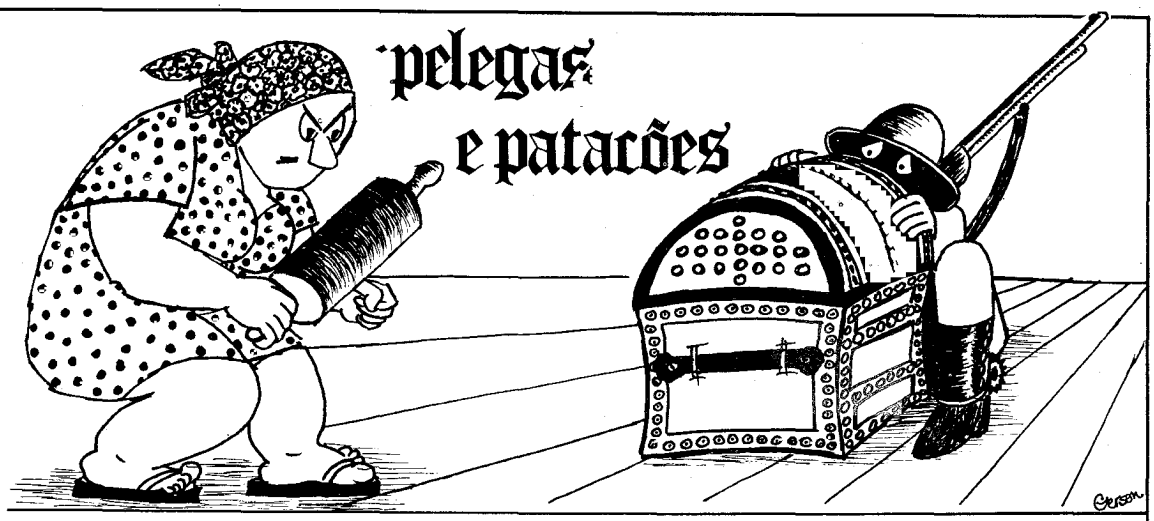
Da minha parte, até hoje trabalho intranqüilo. Tenho receio de voltar a encontrar o seu Amado: como explicar que jamais precisarei de seus préstimos?

Autor:
JOSÉ ARNALDO CANABRAVA RODRIGUES.
Tomou posse na agência de Camaquã (RS), em 24.09.55. Atualmente, é S-5 e assistente de gabinete da Direc (DF).



BIP/92

pelegas e patacões



Muitos anos antigamente, antes que o Brasil tomasse jeito de gente grande e entrasse com passos cadenciados e firmes no concerto das coletividades transformadas em Estados juridicamente organizados, isto nos idos de 1822, as raízes do Banco do Brasil já haviam penetrado no chão de terra ensolarada, dadivosa e boa, onde, segundo o poeta, canta o sabiá...

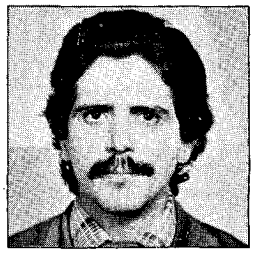
Fincou suas raízes, como assinalou um jornalista em recente comentário, através de um homem, não sábio, mas sabido, Dom João VI. Que nos legou, também, um príncipe estabanado, mulherengo, bem ao modo das gentes tropicais, esta gente nosso-povo, filhos do Brasil.

Crescia o Banco do Brasil à medida que o Brasil também crescia, vencendo, no início, os tropeços de uma mocidade cheia de barrancos e planuras, sem jamais deixar de ser o Banco do Brasil através dos tempos, amoldando-se, sem sair de suas linhas mestras, às variações que o progresso impõe. Cresceu muito, dentro da nação que já o encontrou e o recebeu geminado em seu seio.

Um dia, chegou a Goiás. Aí, então, volto meus olhos ao passado mais recente, onde consulto a crônica imortal e é ela mesma quem diz na memória do jornalista Joaquim Rosa, sobrevivente daqueles tempos, que o Banco do Brasil chegou em Ipameri atrasado, mas em tempo, quando o nosso Estado bem não tinha saído da "Ficção geográfica" em que era tido e onde os valores culturais se reuniam em poucos nomes que ficaram. Chegou lá em Ipameri, à beira da estrada de ferro, e a crônica, em sua memória ressalta, que, naquele tempo, viajar de trem sem gravata na primeira classe era pecado mortal. E este Banco, o primeiro de Goiás, lá em Ipameri, começou a ensinar ao goiano desconfiado, daquela cidade nascente, neste sertão de Anhangüera, coisas novas e esquisitas. Ensinar, por exemplo e principalmente, como tirar os mil réis e os patacões do baú de folha-de-flandres, das canastras de couro de boi enfeitadas com pregos de cabeça dourada ou da mistura com as *resmunguentas* palhas de milho dos colchões, para guardá-los nessa outra coisa chamada Banco, não tão esquisita para nós, os mais recentes, mas esquisita para eles, os mais antigos, onde nem banco de tábua havia e nem tamborete havia também pelo menos para se sentar... Mas, havia sim, uma coisa grande, uma espécie de máquina extraviada, metálica, misteriosa — só acessível aos iniciados como nos antigos templos sagrados de Ísis e Osíris nas margens do Nilo — chamada cofre.

O que não impediu que certo coronel da terra — corria então o ano de 1920 — concordasse em lá deixar seus trocados, quinze contos, e saísse da agência meio indeciso mas com duas coisas pequenas e leves, uma chamada talão de cheques, a outra, caderneta de depósito. E, dois dias depois, a patroa enfezada com tanta desfaçatez do marido como se ele houvesse cometido um delito, e, além do mais, ensimesmada no isolamento da fazenda, insone — não vacilou chamando-o de ingênuo e ordenou que seu homem voltasse imediatamente à cidade, cinco léguas bem puxadas, onde amarrou o pangaré no frade de pedra à porta da agência do BB, deixando os papéis e cadernetas no recinto daquela casa que se chamava Banco, o Banco do Brasil. Foi quando desfez o negócio, e ela, a madame do sertão, respirou aliviada com o retorno das pelegas e dos patacões na capanga pendurada na cabeça do arreio, isto tudo por via das dúvidas.

Os tempos mudaram e passaram naturalmente. A árvore se esgalhou. Invadiu as cidades e os sertões. Invadiu o mundo. Sempre manipulando com dinheiro e papéis que viram dinheiro, outras novas pelegas e patacões: RDB e papéis do mercado aberto.

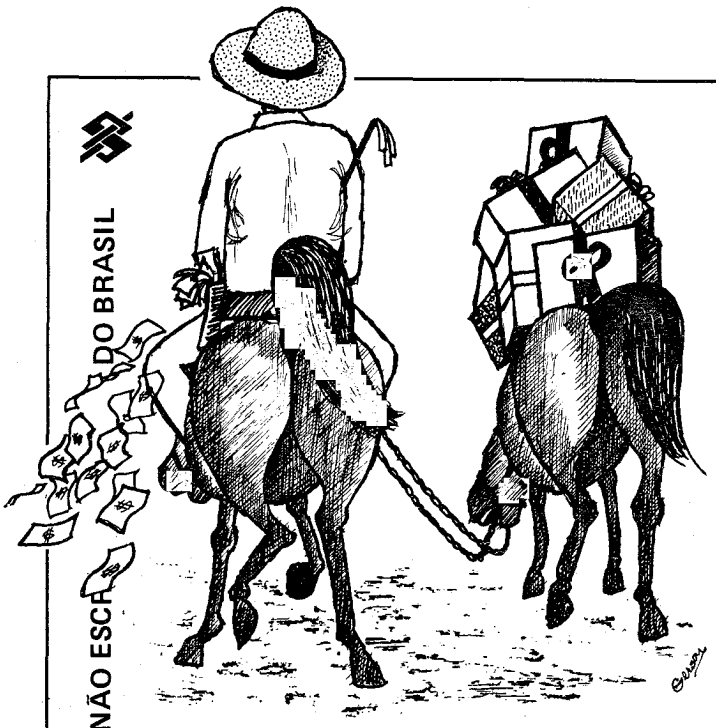


Autor:

ROBERTO FLEURY CURADO.

Tomou posse na agência de Jataí (GO), em 16.12.65. Atualmente é S-2 e caixa-executivo na Centro-Goiânia (GO). Livro publicado: Cemitério de gritos, *contos (1978).*

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BRASIL



Recuerdos da capital

Seu Amaranto, tradicional cliente do Banco, era pecuarista de fama. Índio velho, disposto e bonachão, costumava ouvir fascinado as histórias da cidade grande, contadas pelos amigos.

Um dia, vendeu a boiada por um bom preço, botou a mão na guaiaca recheada de dinheiro e resolveu decidido:

— Pois vou conhecer essa tal de cidade grande!

Dito e feito, pé na estrada. Selou o cavalo baio e se mandou para Passo Fundo. De lá até Porto Alegre, a viagem foi de trem.

Na capital, seu Amaranto hospedou-se no primeiro hotel que viu pela frente. E, logo depois de deixar a maleta no quarto, se pôs a andar deslumbrado pelas avenidas e praças. Muito diferente da pacata cidade onde ele morava. Carros e ônibus disputavam espaços no asfalto. Cartazes e faixas nas portas das lojas anunciavam "liquidação de balanço, com desconto pela metade do preço". Camelôs, cercados de curiosos e desocupados, "vendiam" as vantagens de um novo descascador de batatas.

"Freguês, faz favor!", chamava o vendedor na porta da loja. "Vamos entrar, freguês? Aqui é tudo quase de graça", exclamava outro. "Vai uma calça nova de gabardina? Com uma camisa de tricolina, coisa fina, vai ficar muito bem no senhor, freguês", dizia outro.

Seu Amaranto foi entrando de loja em loja (naturalmente, quase sempre puxado pelo braço por um vendedor mais afoito em aumentar sua comissão no faturamento). E foi adquirindo "coisas bonitas": par de botas, chapéu de barbicado, um Taurus com cabo de madrepérola, alguns metros de tecidos maneiros, um vestido para a patroa e outro para a filha. E acabou-se o dinheiro da guaiaca.

E agora, Amaranto? Devia ter trazido mais dinheiro, já que pensava comprar mais alguns presentes. "Não tem nada, dinheiro eu tenho na conta lá na agência do Banco do Brasil." E então seu Amaranto se lembrou das palavras do chefe da Creai, seu amigo de muitos anos: "Qualquer problema, seu Amaranto, estamos aqui. O Banco do Brasil é um só — onde quer que esteja".

Seu Amaranto tomou um táxi e ordenou ao motorista:

— Toca pro Banco do Brasil.

Minutos depois, o funcionário do Banco fazia a consulta telefônica à agência onde o cliente mantinha seus negócios. A resposta não tardou e seu Amaranto, novamente, estava com a guaiaca recheada, desfazendo-se em agradecimentos e elogios pela rapidez e presteza do Banco. E, risonho e feliz, voltou às suas andanças pela capital.

A certa altura da tarde, já cansado e carregado de pacotes, pegou o primeiro táxi que surgiu.

— Me deixa no hotel.

— E qual é o hotel? — perguntou o motorista.

Seu Amaranto deu um tapa na testa:

— Não é que não me lembro, tchê! Mas não tem nada: vai levando o carro que eu vou perguntando.

O chofer não entendeu muito bem, mas como era o passageiro quem mandava, tocou o carro pra frente.

Aqui e ali, o chofer parava o carro, seu Amaranto entrava no hotel:

— Sabe me dizer se está hospedado neste hotel um senhor de nome Amaranto Bueno da Silva?

Diante da resposta negativa, seu Amaranto voltava ao táxi e pedia para tocar pra frente. Até que, num rasgo de sorte, o motorista arriscou:

— Quem sabe, seu Amaranto, o hotel que estamos procurando não é o De Conto?

— Então, toca pra lá! — ordenou seu Amaranto.

No hotel, seu Amaranto dirigiu-se ao empregado na portaria:

— Pode me dizer se neste hotel está hospedado um tal de Amaranto Bueno da Silva?

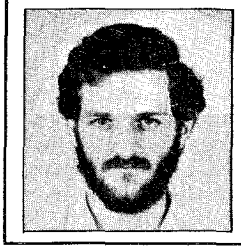
O empregado consultou a relação de hóspedes, olhou no escaninho de chaves, respondeu:

— É aqui mesmo. Só que ele não está no momento.

Seu Amaranto sorriu, aliviado:

— Não tem problema. Seu Amaranto sou eu mesmo, tchê!

Dias depois, quando na agência contava o inusitado da viagem à capital, seu Amaranto arrancava boas gargalhadas de clientes e funcionários.



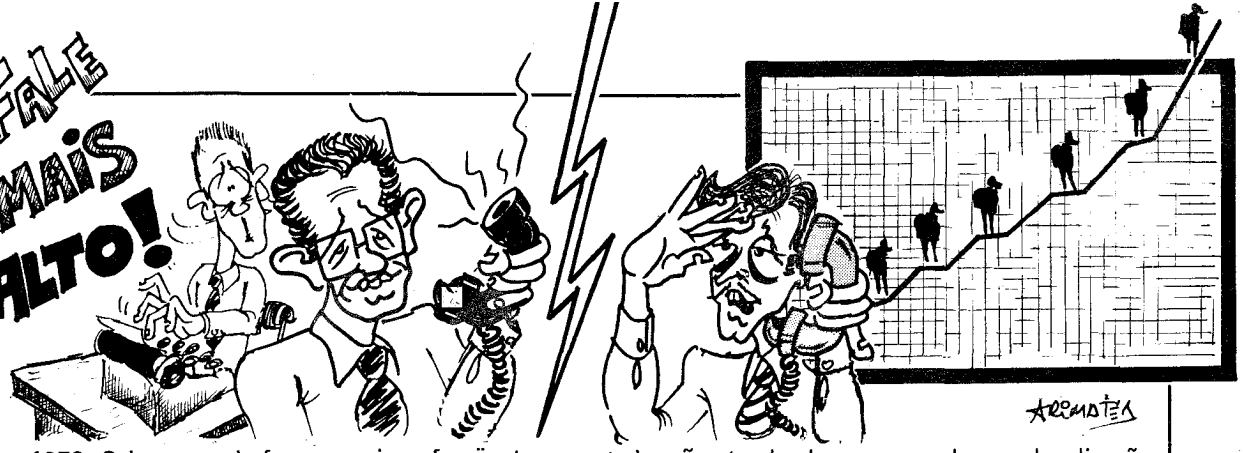
Autor:

JOSÉ CARLOS APEL.

Tomou posse em 1972 na agência de Carazinho (RS). Atualmente, S.1, exerce o cargo de supervisor no Cesec de Chapecó (SC).

BIP/94

FALE MAIS ALTO!



1972. O ingresso, de forma maciça e freqüente, de mulheres no quadro de funcionários do Banco do Brasil ainda não havia sido perfeitamente "assimilado". Se, por um lado, surgiam os elogios de muitos administradores, por outro, existia por parte de alguns aquele temor de que as moças não dessem conta do recado.

Por mera coincidência, justamente na agência de certo gerente que esperava ver a presença feminina entre seus funcionários, os dois ou três concursos ali realizados não aprovaram nenhuma mulher. Decepcionado, o gerente passou a escrever cartas e mais cartas ao Funci, todas postulando a designação, na primeira oportunidade, de funcionárias para a sua agência. Acabou se tornando impertinente com suas reiterações.

Até que veio a seleção de 1973, e bom número de moças obteve aprovação naquela cidade. O Funci não se fez de rogado: nomeou, de uma só vez, oito mulheres para a agência reclamante. Todas solteiras, na faixa de 20 a 25 anos. Elas tomaram posse e não tardaram a casar. E, com o casamento, veio a gravidez. Tudo, naturalmente, por conta do preceito bíblico: "crescei e multiplicai-vos". Uma vez grávidas, sabe como é: 112 dias de descanso-maternidade, horário especial de cinco horas para amamentação do bebê. E o serviço, a produtividade na agência? Sem dúvida, por maior boa vontade que elas tenham, decresce.

Um ano depois, o mesmo gerente, que tanto apelara pela designação de mulheres para a sua agência, clamava agora contra elas. E, se há coisa que irrita, é homem gritar contra o belo sexo. Ao primeiro telefonema, até que no Funci foram muito pacientes com ele:

— Você há de compreender, colega. Leia o parágrafo 1º, artigo 153, da Constituição: "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de sexo...". Dá para entender, não? Se elas superam os homens no concurso, como evitar a nomeação?

Contudo, o homem não se deu por vencido. Toda vez que uma de suas funcionárias requeria descanso-maternidade, ele ficava possesso e investia contra o Funci. Eu já o reconhecia pela voz:

— Você, outra vez, colega? O assunto é ainda mulher grávida?

— E com inteira razão! — dizia. — Das oito mulheres de nosso quadro, sete estão grávidas.

— Mas, colega, há um ano atrás você chegou a se queixar que o Departamento demonstrava má vontade, não atendendo ao seu apelo para localização de mulheres em sua agência, lembra-se?

O homem desligou, fulo da vida. Mas eu sabia que ele voltaria à carga, tão logo tomasse fôlego e arquitetasse argumentação mais convincente. Dois dias depois, o telefone tocou, eu atendi. Do outro lado da linha:

— É da Dimov?

— Sim. Pode dizer, colega.

— Eu queria registrar uma reclamação — e foi falando, meio nervoso: — Não quero mais mulher aqui na agência. Se, pelo menos, o Funci concordasse com um extraquadro, para compensar os afastamentos por descanso-maternidade, ainda vá lá.

Pensei: só mesmo fazendo uma boa; do contrário, o homem não aprende. Então, pedi:

— Colega, eu não estou ouvindo quase nada. Por favor, fale mais alto.

— Eu não quero mais mulher. Não dei sorte com as mulheres nomeadas para cá. Das oito, só uma não engravidou...

— Colega, continuo não ouvindo nada. Fale mais alto!

— EU NÃO QUERO MAIS MULHER! EU NÃO GOSTO DE MULHER! — gritou o mais alto que pôde.

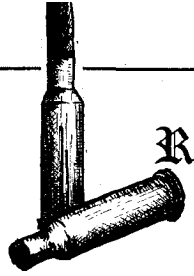
— Colega, pode voltar a falar baixo — pedi. — Já gravei tudo o que você acabou de confessar. A fita cassete será agora encaminhada à Diretoria do Pessoal. De uma coisa estou certo: você vai ser interpelado pelo diretor. Cá pra nós, quando um gerente diz aos berros que não gosta de mulher, o melhor que ele pode fazer é pedir dispensa da comissão...

Claro que nenhuma outra medida foi tomada contra o impertinente administrador. Mas ele também nunca mais voltou a insistir sobre o assunto.

Autor:

BENITO M. DO AMARAL.

Tomou posse na agência de Vitória da Conquista (BA), em 14.06.54. Atualmente é S-7 e secretário de gabinete na Vipad (DF). Livro publicado: Está ficando divertido, *1981.*



Recife, outubro de 1930

O episódio ilustra a fibra, o caráter e a noção de cumprimento do dever presentes no funcionário do Banco do Brasil, por mais adversas que sejam as circunstâncias. Aconteceu no Recife, durante a revolução de outubro de 1930, quando meu falecido pai, José Arraes de Alencar, era gerente naquela cidade.

Eclodido o movimento, Arraes de Alencar sabia que os revolucionários não tardariam a tentar apoderar-se do dinheiro da agência, mesmo que, para isso, tivessem que usar de violência. E, como na canção — "quem sabe faz a hora, não espera acontecer" —, enfrentou a agitação que dominava a cidade, entrou na agência e, de lá, retirou o numerário do cofre. Remeter a "reserva" para a Sede, no Rio de Janeiro, ele só conseguiu com muita insistência, pois o comandante do navio relutava em aceitar a valiosa carga.

Com o dinheiro fora de alcance dos revolucionários, Arraes de Alencar determinou que não abrissem as portas do Banco e foi, com a mulher e os quatro filhos, para a pequena cidade de São Lourenço, próxima a Recife.

A noite avançava, quando chegou a patrulha, intimando Arraes de Alencar a comparecer imediatamente ao Palácio. A ordem era do novo governador, Carlos de Lima Cavalcanti, empossado pela revolução vitoriosa. Arraes de Alencar, sem se intimidar, só compareceu na manhã do dia seguinte, acompanhado do colega José Casemiro Borges (hoje falecido). Ali, na presença de oficiais e civis adeptos do movimento, o governador quis saber por que o Banco estava fechado. Respondeu-lhe Arraes de Alencar que o motivo era a violência reinante na cidade, em poder de revoltosos. Retrucou-lhe Lima Cavalcanti, elevando a voz: "A esta altura dos acontecimentos, temos o movimento por vitorioso e, para levar a termo nosso intento, usaremos de violências, se for preciso". O gerente do BB, mais alto ainda: "Dr. Lima Cavalcanti, há homens que não temem violências; e eu sou um deles". O governador, diante da enérgica resposta, acalmou-se e disse que não se referia a violências físicas. E, em nome do general Juarez Távora, exigiu lhe fosse entregue o dinheiro existente na agência. Arraes foi taxativo: "Não é mais possível, Dr. Lima Cavalcanti, já o remeti para o Rio de Janeiro".

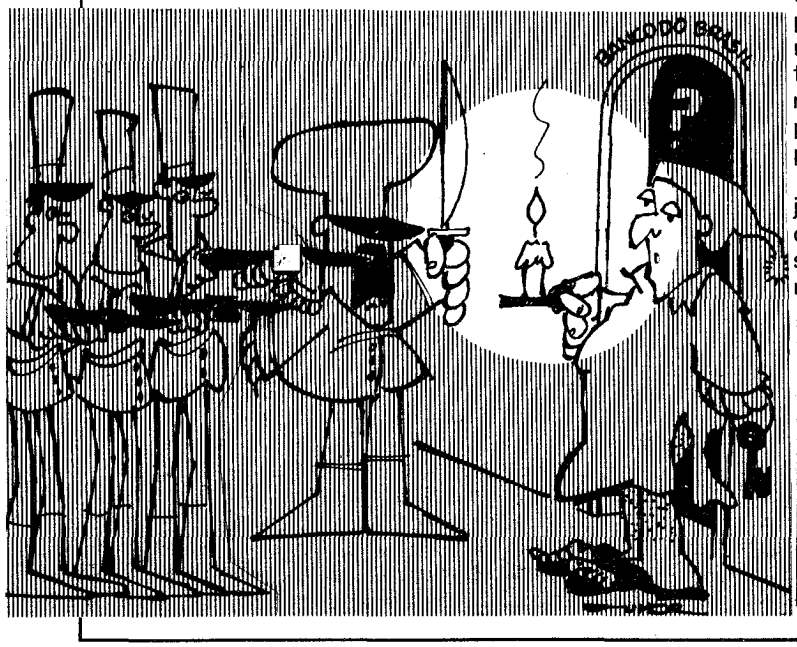
Descrendo da palavra do gerente, o governador despachou uma patrulha ao Banco. Momentos depois, soldados arrombavam a porta da agência a bala — atitude totalmente desnecessária — e abriam o cofre-forte. Estava vazio. Decepcionado, o general Távora nada mais podia fazer, senão liberar Arraes de Alencar, que voltou para casa, onde, já noite, esperava repousar do dia agitado que enfrentara.

Mas eis, pela madrugada, uma nova patrulha a sua porta; desta vez, comandada por um sargento. Bastante nervoso, o militar exigia que meu pai desse conta do dinheiro do Banco, sob pena de fuzilamento sumário. E lá se foi, mais uma vez, o nosso Arraes, levado à força, sem tempo sequer de mudar de roupa.

Não demorou, pequena multidão assistia, espantada, à estranha e dramática cena: encostado na parede da agência do Banco do Brasil, um homem de pijama estava prestes a ser fuzilado pelo exaltado sargento, que se dizia responsável pela guarda do dinheiro (posteriormente, constatou-se que o militar sofria de "neurose de guerra").

Quis a Providência que o tumulto levasse até lá um oficial do Exército. Inteirado do que ocorria, percebeu, de imediato, tratar-se de gesto inteiramente injustificável: a remessa do dinheiro já era fato consumado e aceito pela cúpula revolucionária. Prendeu, então, o tresloucado sargento e, com pedidos de desculpas, liberou Arraes de Alencar para sua merecida noite de sono.

Tão fundo marcou-me o episódio, que ainda hoje consigo ver, bem nítido, o menino de seis anos contemplando aquela figura de pijama, calma e sorridente, fazendo a barba naquela quase trágica manhã de outubro de 1930.



Autor:

ALFREDO PEQUENO DE ARRAES ALENCAR.

Tomou posse na agência de São Paulo (SP), em 31.08.45. Aposentou-se em 06.01.75, no posto de subchefe de seção, na metr. Praça Mauá-Rio (RJ).

Água fresca, praia de rio, sol de quarenta graus. Dormi na rede os dois meses da adição. Obrigueime a enfrentar morcegos, miséria, contrastes econômicos e culturais.

Para conhecer o agreste pernambucano, os "severinos-retirantes", os "raimundo-nonatos", as "marias-da-conceição", os nordestinos todos e suas "vidas-secas", peguei um "pinga-pinga" em Petrolina, padeci duas horas de suor na caatinga, rumo ao sertão.

A cidadezinha chama-se Santa Maria, em homenagem a Nossa Senhora da Conçeição. Da Boa Vista, o São Francisco justifica o nome. Cheguei em dia de festa e novena. A missa, naquela quarta-feira, era por conta do Banco do Brasil.

Quando fui apresentada ao pessoal, estavam todos ocupados com a arrumação do altar: flores amarelas, o logotipo do Banco, coral de música sacra. Lá fora, muito foguetório.

Aquela noite, às margens do São Francisco, compreendi o quanto significa ser gerente do Banco do Brasil. Gerente de agência em cidade pequena carrega andor e o peso de muita responsabilidade.

Da casa do prefeito até a igreja, da igreja à casa do prefeito, o colega Procópio levava nas mãos a imagem de Nossa Senhora. Ao lado dele, esposa e filhos; atrás, os moradores seguiam cantando. Muitos fogos e orações iluminando o São Francisco.

Como sempre acontece, a cidadezinha evoluiu muito com a chegada do Banco. Antes, não se via tamanha animação, num clima permanente de festa e progresso.

Em Santa Maria da Boa Vista os jornais chegam com atraso, a rede telefônica nem sempre funciona, a televisão molda a vontade das pessoas. As notícias caminham pelas ruas.

Os sertanejos, nem sempre "antes de tudo, um forte," têm o Velho Chico como bênção dos céus. Colhem-se uvas, de janeiro a janeiro, além de melões, tomates e mangas enormes. O que seria desse povo, se não fosse a natureza tropical do País?

Trabalho não falta em Santa Maria. Aí entra o Banco do Brasil, com o engenheiro agrônomo, ensinando a trabalhar a terra. Os colegas incentivando o pequeno agricultor para que aprenda a ler e a escrever. Crescem as filas para novas propostas, a Rural torna-se pequena para atender a todos. Em breve sairá o novo prédio da agência.

Para se chegar ao Pavan, em Curaçá (BA), basta atravessar o São Francisco, moradia de 300 espécies diferentes de peixes — do surubim a piranhas.

Às seis da tarde, esgueirando-se pelo telhado sem forro, um morcego fazia *looping* na sala. Pela manhã, acordava com os passarinhos voando sobre minha rede.

Na casa de Tia Dedé, a mãe de todos nós, hospedam-se os funcionários do Banco. Lá, sempre havia uma palavra amiga e alguém para nos ouvir, se necessário.

No agreste pernambucano, as funcionárias do Banco do Brasil não hesitam em modificar hábitos e implantar novos usos e costumes. Lutam contra os preconceitos, enfrentam a "vidinha aperreada" do lugarejo e desafiam o sertão em busca de sua valorização profissional.

Vale a pena saber que não estamos sozinhas nesta luta. A cada dia, em cada Pavan ou agência, gente como a gente empenha-se em construir neste País um mundo melhor.

E tenham certeza, o diabo não é tão feio como se pinta. A adição em terras longínquas e estranhas é perfeitamente suportável e enriquece nossa experiência como pessoa e como profissional. Mesmo para mulheres. Afinal, uma grande empresa se faz com homens **E** mulheres de coragem.

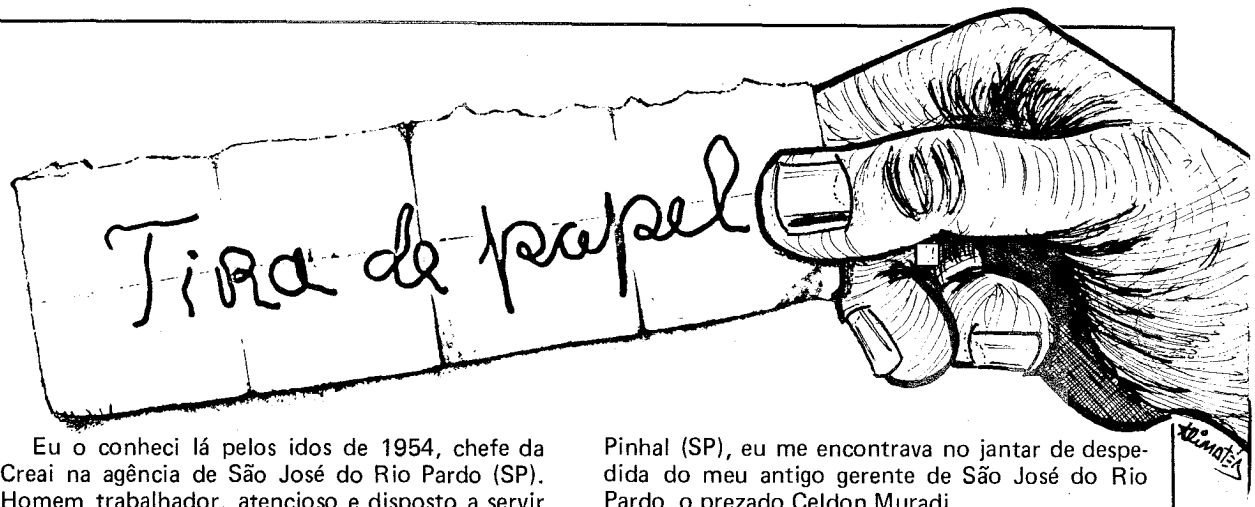
Autora:

NEUSA MARIA GASPAR

Tomou posse na agência Centro de Curitiba (PR) em 17.09.75. Atualmente é B.2 no Cesec de Londrina (PR).

81/97

Tira de papel



Eu o conheci lá pelos idos de 1954, chefe da Creai na agência de São José do Rio Pardo (SP). Homem trabalhador, atencioso e disposto a servir — sobretudo os mais pobres, os menos favorecidos. Seu nome: Fernando Ribeiro de Paiva. Mas todos o chamávamos Tio Fernando. E foi como Tio Fernando que se tornou conhecido e estimado por todos da região.

Numa manhã de chuva, aparece no Banco seu Zé Gomes. Dono de pequeno sítio, pretendia, pela primeira vez, um financiamento para tocar uma quarta de chão em batatas.

Informado das exigências normais que o Banco fazia para conceder financiamento, seu Zé Gomes, arrepiado como era, não quis ouvir mais nada, e se mandou.

Mas Tio Fernando não costumava perder clientes. E não seria seu Zé Gomes, homem trabalhador e honesto, o primeiro. Saiu correndo da agência e alcançou-o já na rua. "Calma, seu Zé. Vamos conversar. O Banco quer ajudar o senhor. É claro que existem exigências... Mas vamos ver o que se pode fazer".

— Não adianta. Só volto lá se for para resolverem o meu negócio hoje mesmo.

Na agência, o movimento era enorme: propostas, laudos e contratos abarrotavam as mesas. Tio Fernando entrou com o seu Zé Gomes, e disse decidido:

— Vamos fazer o contrato do seu José Gomes. AGORA. Ele precisa ser atendido hoje mesmo.

Os *vamos* e *precisa* do Chefe nos soavam como imperativos que ninguém ousava descumprir.

Tudo pronto, surgiu o problema: o cliente não sabia assinar. Aí entrou novamente a bondosa personalidade do Tio Fernando. Ele, que sempre conseguia introduzir "algo mais" nas entrelinhas da CIC, sentenciou:

— Vamos ensiná-lo a assinar o nome. E é aqui e agora.

E escreveu numa tira de 03/14 o nome de seu Zé. Durante mais de hora, o homem riscou, suou, ensaiou, se desculpou pelo nervosismo e de não ter aprendido a escrever. Até que conseguiu garatujar o nome no contrato, e lá se foi feliz com o dinheiro no bolso.

O tempo passou. Ou melhor, passaram-se 23 anos. Gerente da agência de Espírito Santo do Pinhal (SP), eu me encontrava no jantar de despedida do meu antigo gerente de São José do Rio Pardo, o prezado Celdon Muradi.

De repente, entre os convidados que se confraternizavam, vejo que vem em minha direção um homem tímido, meio franzino, vestido num terno um tanto antiquado, mas impecavelmente limpo e bem passado. Reconheço: o mesmo velho amigo Zé Gomes daquela manhã chuvosa de vinte e poucos anos atrás.

Após o abraço apertado, ele começou a contar sorrindo que agora tinha mais de 20 alqueires de terra bem trabalhada, 10.000 pés de café e várias cabeças de gado — isto sem falar em geladeira, televisão e outras coisas que nunca sonhou ter em casa. E mais: o filho estava estudando Medicina. Confessou ainda que viera ao jantar não só para homenagear a pessoa do gerente que se despedia, mas também o Banco do Brasil que tanto fizera por ele.

Foi aí que tirou da carteira a tira de papel. "Sabe, este pedaço de papel é responsavável pela minha subida de vida. Tá reconhecendo? É a mesma que me deram lá no Banco mais de vinte anos passados. Trago comigo como coisa muito valiosa. Só que agora não preciso mais dela para assinar o nome."

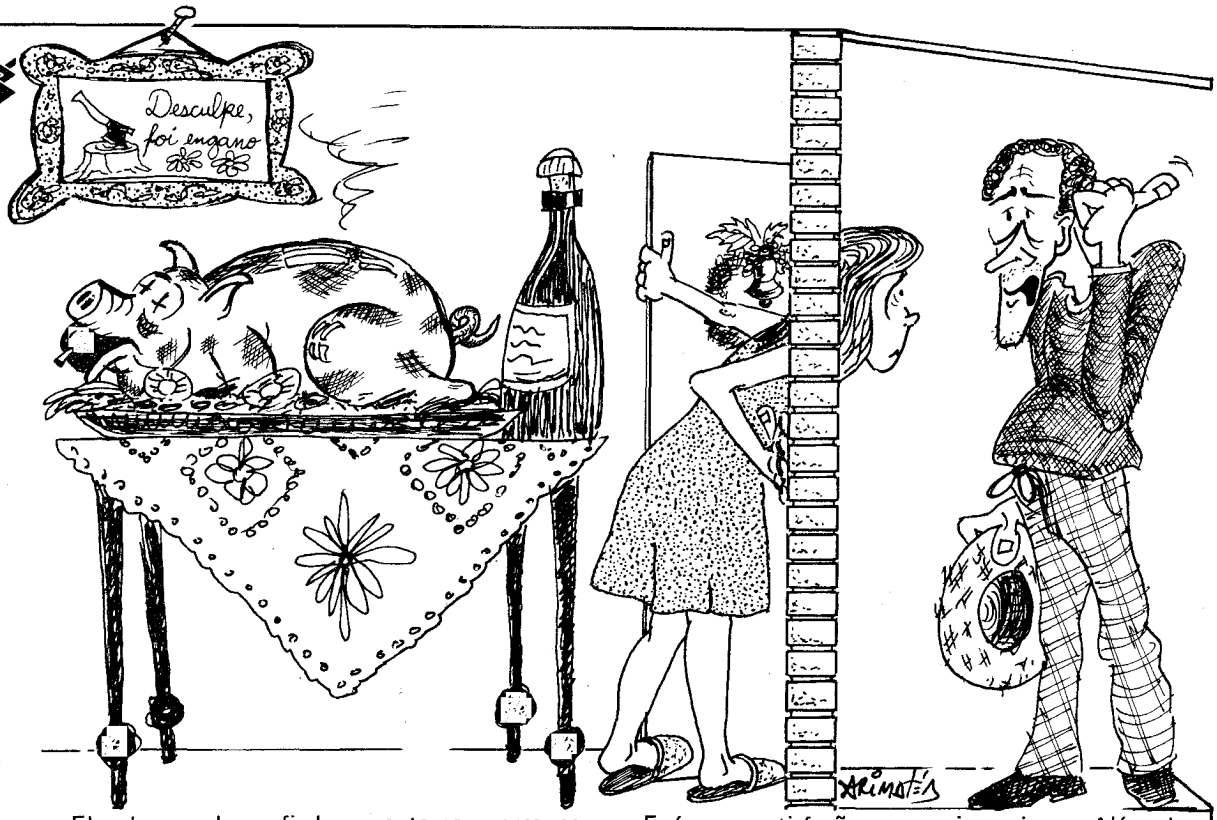
Naquela noite, fui dormir pensando no sucesso do seu Zé Gomes. E não pude esquecer a figura saudosa do abnegado chefe Tio Fernando. Onde quer que ele estivesse naquele momento, deve ter escutado nossa prosa e se sentido plenamente feliz. Pois, na verdade, todo o mérito lhe pertencia.

Para nós ficou o exemplo de como se pode dignificar o trabalho: entregando-se à profissão com dedicação e amor, procurando dar sempre aquele "algo mais".

Autor:

DOMINGOS PEROCCO NETTO

Tomou posse na agência de São José do Rio Pardo (SP), em 14.07.52. Atualmente é S-7 e gerente-adjunto em São João da Boa Vista (SP).



Ele chegou desconfiado para tomar posse na agência. O subgerente Odilon recebeu-o e, antes de mais nada, foi dizendo: "Guarde bem uma coisa, moço: o Banco não é brinquedo; a coisa aqui é séria; o cliente precisa de nós e nós também precisamos dele. Lute, trabalhe, faça do Banco a sua vida, e do cliente, um amigo".

Só mais tarde, muito mais tarde, o jovem Marcelo entenderia o sentido exato daquelas primeiras palavras. Desde menino, fora sempre zeloso, prestativo e trabalhador. Aprendera com os pais o senso de responsabilidade e o ensinamento cristão — "amai-vos uns aos outros".

E foi com esse mesmo espírito que, em janeiro de 1965, assumiu a chefia da Carteira Agrícola. Ainda que assoberbado de serviço, fazia questão de atender pessoalmente a todos os que o procuravam. Ninguém jamais saiu do Banco ressentido com ele. Mesmo quando não conseguia dar parecer favorável à proposta, tinha sempre uma palavra de esperança, uma desculpa sincera e convincente.

Bom funcionário, bom chefe, bom amigo. Gostava de espalhar o bem, o otimismo, a esperança. Nunca esperou recompensa alguma pelo seu modo de ser. Era assim porque era. Nada mais.

Um dia, numa primeira quinzena de dezembro, foi procurado pelo mutuário Antônio Silva, o Totó, que era conhecido por todos da região como elemento sovina, avaro, unha-de-fome.

"Seu Marcelo", diz ele, "estou engordando umas leitoinhas e gostaria de mandar uma no Natal para o senhor. O amigo tem sido tão bom pra gente!"

"Ora, Totó, essa é nossa obrigação. O que fazemos para você, fazemos para os outros também. E é com satisfação que assim agimos. Além do mais, o Banco não permite que aceitemos qualquer tipo de presente."

Cinco dias depois, Marcelo via chegar em casa a leitoa. Devolver, não ficaria bem. Seu Totó poderia magoar-se, já que fizera tanto empenho em mandar a bácora. Pensou um pouco e decidiu: a leitoa serviria para reunir os colegas do Banco num almoço de Natal, na sede da AABB. E logo cuidou de afixar o convite no quadro da agência.

Dois dias faltavam para o Natal. O expediente fora bastante movimentado. Já noitinha, Marcelo voltava cansado para casa. A mulher contou então a grande nova: seu Totó mandara buscar a leitoa, alegando que havia engano na entrega. "A leitoa era para ser entregue ao seu Benício, novo chefe da Carteira Agrícola."

Foi aí que Marcelo se lembrou do fato acontecido durante o expediente. Totó estivera à sua procura na Carteira Agrícola e lá disseram que ele era o novo chefe da Cobrança.

Sic transit gloria mundi.

Autor:

GUALBERTO BRUNO DE ANDRADE

Tomou posse na Metr. Jabaquara-SP, em 15.12.58. Atualmente é S-6 e secretário de gabinete na Super-SP. Livro publicado: Cálice de amargura, *1982.*

31P199

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

Um BIP vai nascer

Banco do Brasil, Setor Bancário Sul, Edifício Sede III, 10º andar, Brasília, quatro da tarde. Chego para conhecer o BIP (sempre quis saber como é feito). Entro receoso e, de cara, me espanto: nunca tantos se movimentaram tanto em tão exíguo espaço.

E que barulho: metralhar de teclas, telefones insistentes, vaivém constante, jornais e revistas que chegam, João e seu cafezinho, visitantes. No meio disso tudo, comentários, discussões e, ao fundo, um incrível rádio, "importado por Umor & Cia. da Zona Franca de Manaus". Certo, também sou do Banco, estou mais ou menos acostumado com isso. Mas, aqui, o bulício de agência lembraria velório.

De mesa em mesa, vou conhecendo a turma: Adrino, Ricardo, Pereira, Brandão, Amorim, Eustáquio, Wagner, Viana, Hélio, Nélson, Paulo Afonso, Arimatéa, Gerson, Ary, Raimundo Nonato (adivinhe de onde?), Maizé, Jussara, João, Umor — será que faltou alguém? E é tudo gente boa, aberta, que fala de banco, futebol, teatro, livros, economia, política, o que vier.

Mas, eu disse *do BIP?* Viana, com jeitão de patriarca da turma (inclusive pelo tamanho da barba e da mesa), me explica que não é só do *BIP*. Aqui se faz também o *BIA*, o *Boletim*, a *Monthly letter*, o *Relatório anual*, o *Brazil - land of the present*, folhetos, *folders*, discursos...

— Só isso, Viana?

— Não. Fazem ainda todo esse barulho. E você veio na data certa. Hoje é dia de fechamento do BIP/99.

Agora, o Adrino recebe os livros que serão encaminhados ao último ganhador da "história não escrita". E, de novo, toca um telefone. Indiscreto, ouço o papo: informam que não vai dar, sei lá o quê. Matéria não aprovada, parece. Adrino balança a cabeça, desanimado. Pereira pega o telefone, pondera, diz que a redação tem prazo, que a diagramação tem prazo. Fala e vai arrancando os últimos fios da cabeça.

À medida que o tempo corre, a coisa fica pior. Um artigo pra ser aprovado, ilustração por terminar. De repente, alguém hesita entre mesas e pranchetas, não encontra refúgio seguro:

— Matéria de última hora. Para este número, que o assunto é quente: *redação no nível Médio.*

O Amorim ensaia cara de furioso, mas acaba redigindo a notícia. Jussara, tranqüila, retoca algum texto. Eustáquio vai tentar liberar matéria na Dicri. Paulo Afonso discute o Fundec com o Nélson. Wagner expede — urgente — cartas de leitores aos departamentos.

Ricardo me dá algumas dicas. Conta que aqui "tudo é urgente". Desde o primeiro dia do BIP, quando o chefe entrou na sala, ainda no Desed, e largou:

— Podem parar todos os serviços. Vamos bolar um boletim para o funcionalismo da casa. É pra ontem.

O pessoal acredita que pode fechar a edição ainda hoje. Eu, que já trabalhei em revista, tenho sérias dúvidas. Mas parece que tudo está resolvido. O pessoal da diagramação pega firme nas *composers*, batalha duro nas pranchetas. Daqui a pouco o malote sairá para o Rio, onde são impressas as publicações do Banco.

Pois é. Valeu minha curiosidade. Então, a redação era isso? Pelo movimento, pelo entra-e-sai, pelo número de publicações, isto aqui são redações. Dei sorte — ou azar, nem sei — já que cheguei exatamente em dia de *fechamento*. De qualquer maneira, estou mais ou menos por dentro do BIP. Faço curso aqui em Brasília, me cansei e tenho que fazer "higiene mental" numa das esquinas da cidade. Isto vai dar "história não escrita". Se publicarem, é claro.

Me despeço, vou saindo. Do corredor, ainda vejo o Pereira bater na testa, em desespero:

— Barbaridade, tchê! Podem parar o BIP/99. Está suspenso. Vamos ter que elaborar, em dois dias, um *ESPECIAL* sobre a criação das 1.117 novas agências (Oh! geral).

Eu não disse? Bem, meu negócio tá resolvido: conheci o BIP. O problema do número especial é deles. Tchau!

Um visitante

Nota da Redação — *Prezado Visitante: o prêmio em livros fica para nossa estante. Mas, mande, ao menos, a foto de praxe para, por curiosidade, sabermos a quem acabamos por revelar os "segredos do BIP".*

BIP/100

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

Primeira dama terceirista

Cidadezinha pequena. Aliás, nem sei se posso chamá-la de cidade. Em pleno Brasil de 1981, com apenas cinco mil habitantes, sei não! Mas, com muita boa vontade, dá pra chegar lá. A igreja, delegacia e prefeitura formavam a infra-estrutura deste pedaço do sertão nordestino, com seus quarenta graus à sombra. Não sei dizer se os homens ficavam à sombra das árvores fazendo a sesta, ou se permaneciam de sexta a sexta naquela sonolência de palitar os dentes com a peixeira. Diga-se de passagem, serviço na cidade quase não existia, a não ser o de capangagem. Capangagem, para os menos avisados, é a encomenda da alma do prezado lá pros terrenos do santo padim padre Ciço, padroeiro da região. Ali, ninguém nunca matou. Todo mundo só fura; quem mata é Deus.

Bem, para dar o toque econômico e o fecho de ouro na progressança da cidade, para lá foi o Banco do Brasil, pioneiro que nem Cabral, a descobrir terras por este Brasil. É bem verdade, já tinha chegado o delegado, mas isto lá são outros quinhentos. Com a agência prestes a inaugurar, a cidadezinha botava ares de futura metrópole. Posto avançado, melhor dizendo. Mas, como o Banco avança muito em pouco tempo, logo virou agência. Só faltava nomear o gerente. Ora, se foi fácil abrir agência num sertão bravo daquele, mandar um gerente seria como tomar água em cacimba. Nomeado o gerente, lá se foi o predestinado para a terra prometida.

Estava um solzinho de fazer inveja a árabe, quando o gerente chegou à cidadezinha, com a mala e a dita cuja. A dita cuja, com todo respeito, era a esposa; mineirinha filha de fazendeiros, só saída de Patos de Minas para estudar em Belo Horizonte, e depois se casar com funcionário do Banco do Brasil, que é gente de futuro.

Se não houve banda de música quando os dois chegaram, na inauguração da agência, ela atacou de marchas e dobrados antes da buchada, sarapatel, carne-de-sol com macaxeira...

A dona gerenta passou a ser a primeira dama terceirista da cidade. Por que primeira dama terceirista? É que em cidade daquele porte, as "otoridades", como mui bem disse o locutor oficial da cidade, são o prefeito, o delegado, o gerente do Banco do Brasil e o padre. Suas respectivas esposas, portanto, primeiras damas. Como o padre não tinha esposa, e de modo a evitar controvérsias e mal-entendidos, todas elas recebiam, com o título de primeira dama, um complemento numérico, por ordem de chegada na cidade. Desta forma, a do prefeito, que nascera lá, era a primeira dama primeirista; a do delegado primeira dama segundista, e a do gerente, primeira dama terceirista.

A casa ficava no centro da cidade. A vizinhança, excelente. À direita, o delegado; à esquerda, o prefeito; em frente, o padre. E lá estava a terceira dama, ou melhor, a primeira dama terceirista, a dar ordens para as três empregadas que arrumavam a casa. Como mineira não apenas dá ordens, mas gosta de arrumar os trens a seu modo, ela se empenhou mais na arrumação da casa que em dar ordens. Estava pois, a limpar parte do vasto quintal, quando oh!, um grito sibilante. Não da cobra, que, coitada, estava toda enrodilhada no melhor do sono, mas da esposa do gerente, que jamais em sua vida tinha visto cobra tão grande. A coitada ficou mais branca que uniforme de pai-de-santo. Depois que a cidade veio toda para matar a cobra, depois da água com açúcar, do repouso da cama, da benzição de espinhela caída, da benzição com chocalho de cascavel, a dona esposa do gerente foi retomando a cor. Refeita do susto, como não tivera tempo de preparar qualquer coisa para a janta, o prefeito fez questão que fossem jantar em sua casa. Comida arretada de boa, como diz o pessoal de lá. Depois do jantar, da boa pinga da região, que até o padre tomava de vez em quando, a mineirinha, já recuperada do incidente da tarde e até com um sorriso de desprendimento nos lábios, deu por si de perguntar à primeira dama primeirista o que era aquele cozido tão gostoso.

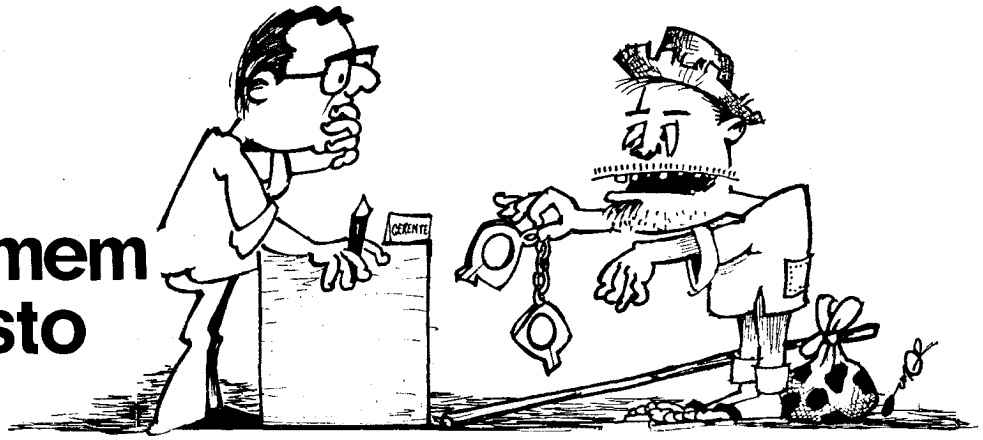
— Sá minina, num sabe? Então essa num é a cobra que quasi matou tu, e que nós matemo hoje de tarde?!

Autor:

FRANCISCO DE ASSIS CAIXETA

Tomou posse em Brasília, em 03.01.80. Atualmente é B-1 no Defip (DF).

Um homem honesto



Corria o ano de 1963. Era eu chefe de serviço da Creai na agência de Catalão (Goiás), onde ingressei em 1958. E, apesar de meus poucos anos de Banco, me vi de repente sentado à mesa da Gerência, pois os substitutos eventuais do titular se encontravam ausentes. Foi quando conheci mais de perto a figura, hoje de certo modo rara, de um homem honesto, mas tão honesto, que esse momento incrível e inusitado vai me acompanhar pelo resto dos meus dias.

Chamava-se João dos Santos. Sem um pedaço de terra sua para trabalhar, tocava roças como meeiro numa das muitas propriedades da região. E, nessas condições, tirava pequeno financiamento no Banco do Brasil para o custeio das lavouras. Homem pontual, cauteloso e trabalhador, não assumia mais de uma obrigação por ano.

Mas, aconteceu que a seca de 62 castigou duramente o município, dizimando plantações e reduzindo as safras a menos da metade do que cada agricultor precisava para o sustento da família. E nesta, também embarcou o pobre João dos Santos. Pela primeira vez, ele deixa de comparecer à agência, para pagar o contrato com o Banco.

Como era normal naqueles tempos, pusemos a fiscalização no encalço do seu João dos Santos, na tentativa de liquidar a pendência, pois não havia avalista nem muito menos o Proagro. Sem outros bens ou recursos de que pudesse se desfazer para liquidar o débito, o pobre meeiro passou a esquivar-se. E ao insistente fiscal, prometia, acanhado: "Eu vou ao Banco, amanhã".

Um dia, depois de muitas noites sem dormir, seu João dos Santos criou coragem. Juntou os últimos trocados, comprou uma passagem de jardineira e se mandou para a cidade. Ali, a primeira coisa foi procurar alguns conhecidos. Pediu ajuda, e nada. Sem dinheiro e sem outra saída, tomou decisão. Rumou para o Banco. Pediu para falar com o gerente. Aguardou sua vez. Até que o mandaram entrar.

— Pois não. Sente-se, por favor - pedi-lhe.

Pálido, cabisbaixo, o chapéu amassado nas mãos, seu João dos Santos foi falando:

— Seu gerente, eu devo ao Banco e minha lavoura não deu nada. De modo que eu não consegui o dinheiro para pagar o Banco. Não tenho gado, não tenho porcos nem sequer uma galinha para vender. Mas estou aqui para "quitar" com o Banco. Os meus amigos dizem que, quando a gente não paga, o Banco põe a gente na cadeia. Então, quando vim aqui, já avisei a minha mulher que não sabia o dia em que eu voltava. O senhor gerente faça aí as contas e pode dizer quantos dias eu tenho que ficar preso para pagar ao Banco, que eu já estou pronto para ir daqui para a cadeia. Porque eu não quero, de jeito nenhum, dar prejuízo a ninguém!

Claro que eu, com os meus poucos anos de vida e de Casa, não estava acostumado a ver gente tão simples e honesta. Nem tinha enfrentado situações semelhantes. Senti um arrepio percorrer o corpo, só de pensar na responsabilidade que repousa sobre nossos ombros, sobretudo no trato com os mutuários mais humildes. Comovido, disse-lhe que sabíamos o quanto ele era direito, que voltasse para a roça e continuasse a trabalhar.

— Quer dizer que não vou pra cadeia?

— Não, seu João. O senhor vai daqui para a sua roça. Quando conseguir o dinheiro, venha pagar o contrato. O negócio do Banco é dinheiro, e cadeia não pode ser emprestada a outros mutuários.

E lá se foi, agradecido e esperançoso, seu João dos Santos.

Autor:

JOÃO MISSIAS DE ASSIS

Tomou posse em Catalão (GO), em 16.10.58. Atualmente é S-7 e gerente em Itaúna (MG).

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

Cipeiro amador

Foi uma senhora eleição.

Na Agcen-São Paulo, 63 candidatos concorreram às 24 vagas da Cipa — Comissão Interna de Prevenção de Acidentes. Futuros "cipeiros" se lançaram em campanha eleitoral disputadíssima, catando vitória. Efervescia a Agência, a escolha movimentava os dois mil funcionários.

15 de dezembro, quase madrugada, a proclamação dos eleitos: 12 membros efetivos, 12 suplentes. Entre os efetivos, Volpe, representante da turma da bateria.

Um mês depois, os caiex se dirigiam à Tesouraria para apanha dos baús. Pavim ia no meio, falando, falando. Ele sempre fora assim, mais agitado do que extrovertido, cordas vocais vibrando para todos os quadrantes e atingindo caixas, colegas da retaguarda, clientes. Estava a plena corda, naquele dia.

Baú para cá, baú para lá, Volpe ("cipeiro" eleito) deixa o dele sobre a mesa e se afasta. Pavim se agita. Passa a mão no extintor e sai atrás do "esquecido". Abraçado ao equipamento, segura-o pela base bojuda, aponta para o outro. Fala, fala:

— Como pode este "cipeiro" largar o báu, como pode? Olha o acidente!

Visto e ouvido por todos, deu-se por satisfeito. E deitou o extintor sobre a mesa, pois de pé não dava.

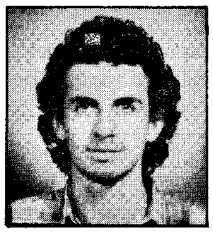
Foi um deus-nos-acuda. Naquela posição, o cilindro pôs-se a apagar incêndio que não houve, soltava carga a plena força. Pandemônio. Espuma para todo lado. Gritos. Gargalhadas. Calado, em pânico, Pavim não consegue parar o jato. Mas faz milagre: se espreme por debaixo de carrinho, vão de 40 cm, e põe o cilindro a vomitar lá no banheiro.

Pavim não sabia, porque não era "cipeiro". Deitado ou de cabeça para baixo, o extintor se aciona automaticamente. E não pára, até descarregar-se.

Cessado o silvo, Pavim ressurge do WC, envolto em névoa. Moura, o encarregado, lhe faz cobrança — com olhar maroto. O cipeiro improvisado teria de se explicar por escrito, além de pagar os estragos.

Pavim concordou, se engasgando. Dia seguinte, esteve de abono. E por muitos outros andou enfumaçado, no fógo de muitas gozações.

A Cipa fora inaugurada. Com cipeiro amador, em incêndio que não houve.



Autor:

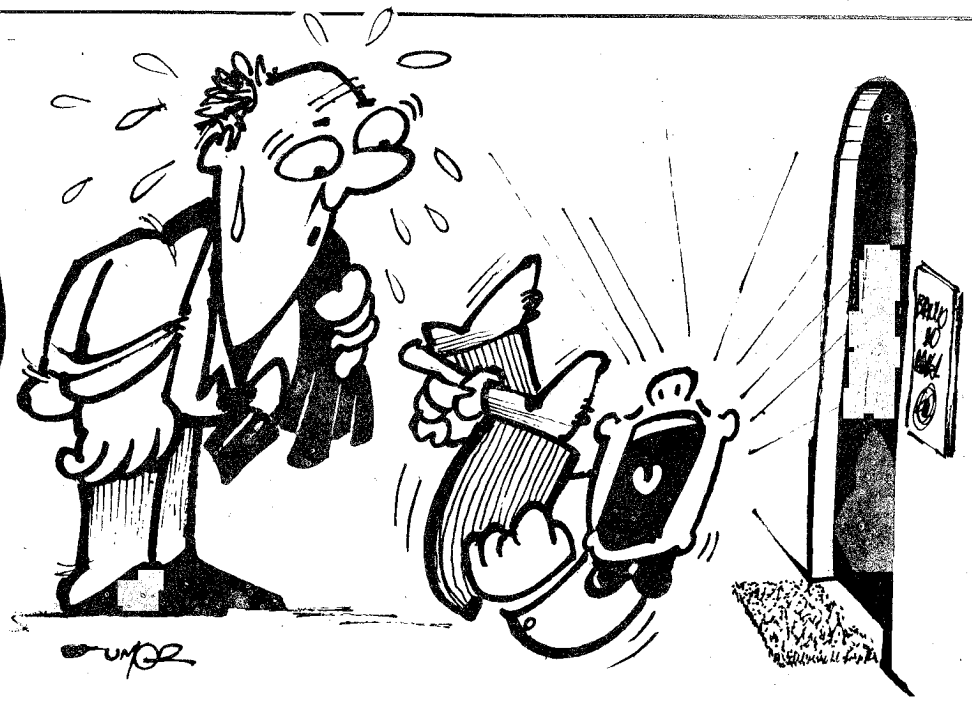
FERNANDO DOS SANTOS FERREIRA

Tomou posse na metr. Ipiranga (SP), em 10.03.75. Atualmente é B-3 na agência Centro de São Paulo (SP).

BIP/104

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

Ministrinho



A agência do Banco do Brasil mudava de prédio em Guaratinguetá. Portanto, dia de festa. Com autoridades, clientes e representantes da Direção Geral prestigiando o acontecimento. Inclusive o presidente do Banco, dr. Carlos Cardoso. Veio e fez discurso, agradeceu, elogiou, estimulou, foi bastante aplaudido. Só ficou mesmo um grilo na cuca de todo mundo, com o inusitado da afirmação do presidente.

No meio do seu discurso, ele disse estar muito contente e honrado, com a presença do ministro da Fazenda que viera prestigiar o ato. Todos se entreolharam. Ninguém entendeu nada, mas também nada perguntou. Afinal, o presidente falou, tá falado.

Mas que todos ficaram intrigados, isso lá ficaram. Que presença de ministro da Fazenda era aquela que ninguém tinha notado? Nem o pessoal da Casa, nem os convidados. Convidados esses que o Newton Oliveira Andrade, um funcionário magrinho e meio espoleta, havia selecionado muito bem à entrada do novo prédio.

Explica-se. No dia anterior à festa, o gerente João Evangelista de Campos Ribeiro chamou-o a sua sala.

— Escute, Newton. Você, que conhece todo mundo na cidade, vai ficar amanhã na porta da agência. E não quero ver penetras lá dentro, ok? Olho vivo, Newton!

O chefe podia ficar sossegado. Se o distinto não for funcionário ou não mostrar o convite, vai ter que se contentar em espiar lá de fora.

E na hora não fez por menos. Barrou os indesejáveis, interpelava os desconhecidos: — Quem é o senhor? Foi convidado? Quem convidou? Com o Newton não tinha conversa. Mostrou o convite, entrou. Ordens são ordens, repetia.

Paletó pendurado no braço e camisa empapada de suor, o homem parecia sufocado com a temperatura de quase quarenta graus, quando se aproximou do Newton:

— Um momento, cavalheiro. O senhor foi convidado?

O diálogo, rápido, é logo interrompido pelo subgerente que apareceu na hora certa:

— Por aqui, doutor Carlos. Faça o favor...

Mas o visitante guardou sua "vingança" para mais tarde, na hora dos discursos. E não deu outra. Só o Newton entendeu o recado. O resto do pessoal só ficou sabendo da história, com a festa já alta:

— Vejam vocês. Cheguei morrendo de calor. Pensava em subir logo ao apartamento do Banco para tomar um banho. Sabem o que me acontece? Este nosso colega aqui — e apontou para o Newton — me barrou na porta perguntando quem eu era. Sou o presidente do Banco, respondi-lhe. Sabem o que ele retrucou?

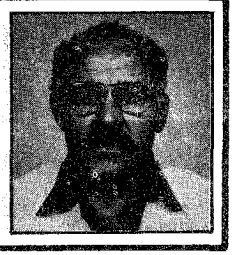
— Bem, se o senhor é o presidente do Banco do Brasil, eu sou o ministro da Fazenda.

Discurso esclarecido, curiosidade saciada, o Newton passou a "Ministrinho", como é conhecido até hoje.

Autor:

JOSÉ ROBERTO DE ANDRADE OLIVEIRA

Tomou posse na agência de Porecatu (PR) em 18.11.60. É S-4, caixa-executivo em Guaratinguetá (SP).



BIP/105

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BRASIL

Índio quer café

A vocação desbravadora do coração *satélite* está tão atuante agora como nos tempos das primeiras pulsações.

Em pleno 1982, precisando abrir fronteiras de progresso, o Banco foi parar em Nova Xavantina. (Foi além, se sabe, mas isto é outra história, ou muitas delas.)

Banhada pelo lendário rio das Mortes — berço dos Xavantes — Nova Xavantina se fez município com o território dos antigos distritos de Nova Brasília e Xavantina, separados pelo grande rio.

O Banco do Brasil chegou com festa. Na inauguração da agência, diretores, autoridades, adidos em profusão, povo defronte ao prédio embandeirado.

Passada a inauguração, o trabalho. E não era pouco.

No primeiro fim de semana, o adjunto Oswaldo (nissei, vindo do Paraná) convoca a turma para uma visita à reserva indígena de Areões. Concordaram todos.

Durante o poeirento trajeto, só nos preocupava a falta de autorização da Funai. Mas a oportunidade que nos dava a F-100 do Oswaldo não era de se perder.

Desafogou-nos uma boa surpresa. Por sorte, encontramos em bolicho da estrada o índio Juarez, que esperava carona. Muita sorte. Na entrada da aldeia, a sentinela quis proibir nossa visita. Juarez e o guerreiro, no entanto, bateram um papinho no idioma deles e tudo foi resolvido. (Só lamentamos a ausência de gravador, para registrarmos a conversa.)

Na reserva, adornados com penas, a pele pintada, crianças e adultos nos rodearam. Nossa sorte continuava: o domingo era de festa, dia de "corrida do Buriti".

Para quebrar o gelo, participamos da corrida, não sem antes tirarmos sapatos, óculos e camisas. Fotos pra lá e pra cá, as índias em frente às choças, distantes.

A despedida foi afetuosa. Num último alô,o adjunto, talvez por força do hábito, fez o convite: "apareçam lá no Banco para tomar um cafezinho com a gente!"

Na segundona seguinte, dia de "pico", nem deu para comentar a "aventura". Mas na terça, mal o vigilante abriu a porta, os xavantes invadiram a agência, balançando as varetas de madeira que lhes atravessavam as orelhas. No balcão, mostraram não querer custeios e quejandos. Foi quando o cacique falou por todos:

-Indio veio tomar café.

A pedido do autor, o prêmio em livros será encaminhado à Reserva Indígena de Areões, aos cuidados da Funai - Nova Xavantina (MT).

Autor:

JOSÉ FELICIANO PEREIRA

Tomou posse na agência de Araçatuba (SP) em 03.03.55. É S-5, supervisor, adido em Nova Xavantina (MT).

GRANDES MENORES

Entram cedo para a escola da vida. Escola de formação, de estrutura pouco convencional, começa logo com manhã de recreio.

— Pega pra mim o alicate de puxar saldo.

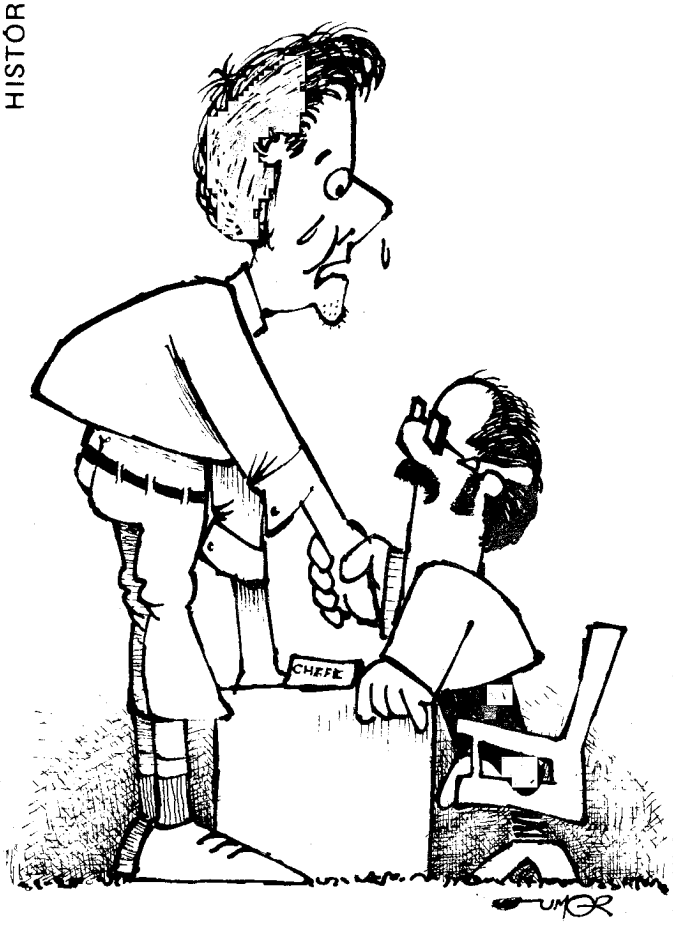
A ordem absurda encontra resposta à altura:

— Não sei onde está. Mas veja pra mim o envelope redondo, aquele da carta-circular...

Nossa! Será que a vida de banco é esse leva-e-traz sem sentido?

Quando colocam a fardinha nova, a escola já os fez praça velha. E receberam medalhas que exibem com orgulho.

— Guardinha, não senhor. Sou funcionário do Banco do Brasil.



(Foi assim que o Yé respondeu ao cliente desavisado, ao entregar correspondência.)

Quando se integram na rotina, sabem sempre onde está a instrução dos insumos, decoram logo os códigos da Compe, sabem o MVR de pronto.

Paulo e Trevisan se revesavam numa atividade meio proibida. Afinal, mesmo nessa escola séria não se pode evitar uma ou outra indisciplina. Foi preciso lembrar-lhes a palmatória:

— Não façam mais isso. Preencher 06/13? Isto não é serviço pra vocês!

Verdade, faltava convicção para botar defeito naquele serviço maior, feito por menores. Mas a proibição funcionava. Já no próximo período agrícola eles se restringiam a dar palpites sobre o custeio do café, ou a lembrar as novas cláusulas de cédulas e fazer apenas coisas *mais pequenas*, de menor.

Quando se percebe que a fardinha lhes ficou meio curta, desbotada, a voz estabilizou no timbre certo, quase profissional, pedem o diploma.

— Chefe, chegou a hora de ir embora.

Me surpreendo. O tempo passa rápido. Digo então:

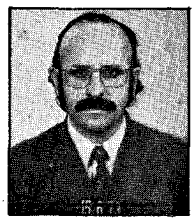
— É pena, garoto. Mas você está prontinho para a vida, para a profissão. Responsáveis meninos: com o dinheiro que ganham, ajudam os pais nas despesas de casa, pagam colégios, cursinhos de preparação à universidade, compram livros, roupas, etc., etc.

Trevisan, Galvão, Trovinha, Sotta, Agnaldo — voltaram, que eu sei. O Paulo trabalha numa seguradora. O nome me foge, mas tem outro que já é subgerente.

São todos bons meninos. Por isso, acabam retornando à Casa. E orgulhosos, nos cursos do Desed, fazem a auto-apresentação lembrando sempre: "Sou antigo menor-estagiário".

Grandes menores. Nesta lembrança há uma dessas homenagens que a gente presta, mal escondendo o orgulho:

— Ao mestre, com carinho...



Autor:

HENRIQUE FONSECA DE MORAES

Tomou posse na agência de Pirassununga (SP) em 29.04.55. É S-6, supervisor em Araras (SP).

DO BANCO DO BRASIL

um jó no meu guichê

Depois de anos e anos entrincheirado no Setin, às voltas com documentos contábeis, transferi-me para o *front*. Era caixa-executivo. Já saturado de balancetes, balanços, diários, a vida de caixa me abria mundo novo.

Uma terrível segunda-feira foi meu primeiro dia. A emoção tilintava com as moedas, cheirava a nota nova. Continha-me, enfiava com cautela os papéis na autenticadora. No fechamento do caixa, a evidência do risco — o coração pulando de incertezas, angústia *amoedada*. Benzia-se um colega, tive gana de rir. Dele? Não. Talvez de mim: naquela estréia paguei cem mangos. (A gasolina, na época, valia Cr$ 4,50 o litro).

Fiz-me mais atento, aperfeiçoei o controle das emoções. Meses depois, já arriscava um *papinho* com clientes. Davam-me informações sobre safras, condições climáticas, previsões de colheitas. Aquelas notícias possuíam vida, ao contrário das estatísticas frias da Rural. Os clientes mostravam as lutas do homem domando a natureza; os números eram de papel, encerravam-se tranqüilamente nas gavetas.

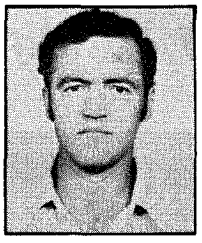
Paulatinamente fui conhecendo a verdadeira função do caixa. Deveria ser advogado, veterinário, agrônomo, contador, psicólogo, economista (no que nunca tive problemas: sou mineiro), além de jornalista e, às vezes, até mesmo vidente. Juiz, nunca; convinha me esquivar de julgar pendengas. Mas sobre preços de gado opinei, ou a respeito de capins e pastos. Fui retransmissor de manchetes, sim senhor. E adivinho, ora pois, descobrindo aquilo de que precisava o cliente. *Assuntando* sobre cafezais, muitas vezes lamentei altos custos de manutenção. E assim e assim, de tal modo confundia a minha personalidade com a do cliente (contingência do necessário entendimento), que costumava chegar em casa com o próprio ego em frangalhos.

Bem que consegui muitos amigos. Embora as dificuldades da função, eu bem mais amigo deles do que eles de mim. Havia os menos assíduos, mas que me tratavam como se nos víssemos todos os dias. Eram os clientes da época de liberação de verbas, de que eu guardava vaga recordação.

Numa quarta-feira, seu Luís, tradicional agricultor, aparece diante do meu guichê. Preparo meu latim, observando o homem. Lanço-lhe as perguntas normais: "Como foi o ano?", "Colheitas boas?", "Teve lucro, seu Luís?" As palavras me soam como gravação, mas surtem efeito. Seu Luís sorri, riso amarelento e simples. Parece transfigurar-se, o homem. No jeito resignado não estará redivivo o Jó do testamento velho? Talvez sim, pois a fala dele veio mansa, bíblica:

— Sô Sobrin, o ano não foi lá dos mió, não sinhô. Prantei feijão das água, chuveu dimais e o feijão nasceu antes de colhê. Prantei arrois, munto, pra discontá o prijuízo. Deu veranico no finar de janero e nos principe de feverero, quando o arrois emburrachava; só deu cacho branco. Pois é. Di maneira que o feijão morreu afogado e, o arrois, por farta d'água.

Senti pena. Não sabia se ria ou chorava. Evitei qualquer comentário. É assim que nos tornamos o maior banco agrícola do mundo: vivendo a vida dos agricultores. Sentimos suas perdas e brindamos seus lucros. Procuramos transmitir-lhes novas esperanças. Afinal, todos dependemos dos sucessos e insucessos dos que plantam, mas que nem sempre colhem.



Autor:

OSVALDO PEREIRA SOBRINHO

Tomou posse na agência de Paracatu (MG) em 02.10.74. É M-3, caixa-executivo em Patrocínio (MG).

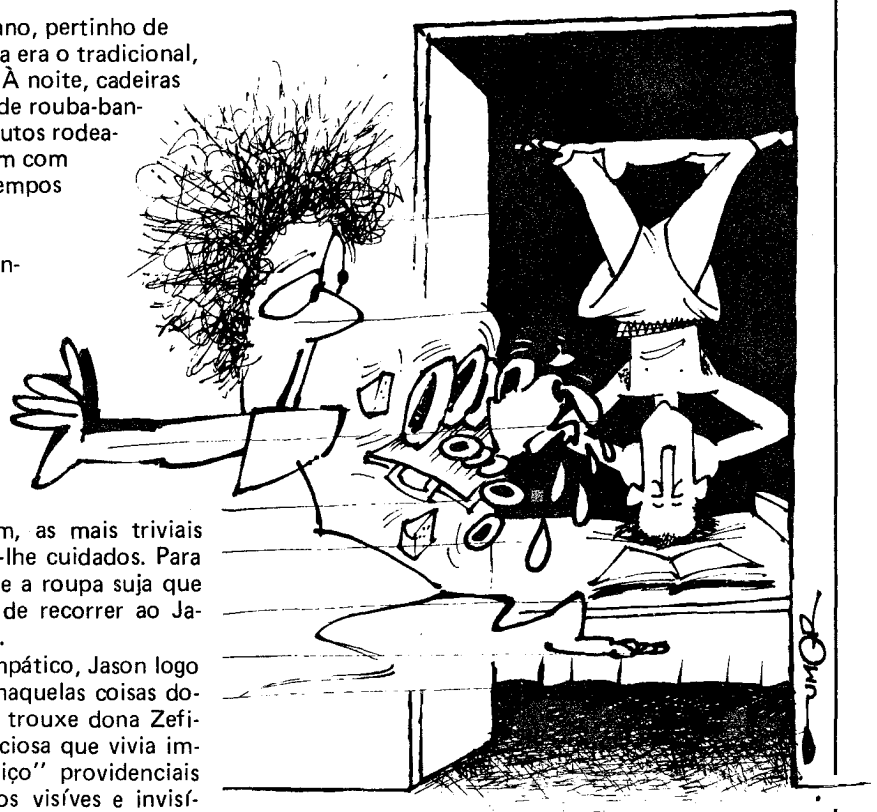
BIP/108

do "arto dos bode"

Palmeira dos Índios, 1959.

Incrustada no agreste alagoano, pertinho de Maceió, o padrão da cidade ainda era o tradicional, longe das influências televisivas. À noite, cadeiras nas calçadas, garotos brincando de rouba-bandeiras ou garrafão. Na feira, matutos rodeavam bons cantadores ou vibravam com histórias de cordel. Como nos tempos do saudoso e querido Graciliano Ramos.

Foi quando assumiu na Agência nosso amigo Pinheirão: alto, magro, cabelo escovinha, sempre enfiado nos livros e desligado das contingências do dia-a-dia. Vegetariano bom de saladas, alimentava o intelecto estudando Latim, Francês e Inglês. Para sintonias transcendentais valia-se da ioga.



As pequenas coisas, porém, as mais triviais desta vida, começaram a exigir-lhe cuidados. Para limpeza da casa, da louça e ante a roupa suja que se amontoava, Pinheiro achou de recorrer ao Jason, colega mais antigo na praça.

Bom de conversa, além de simpático, Jason logo arranjou quem pusesse ordem naquelas coisas domésticas. Do "Arto dos Bode" trouxe dona Zefinha, viúva e beata, tão supersticiosa que vivia implorando ao "finado padim Ciço" providenciais proteções contra "mardades dos visíves e invisíves". Tudo acertado. No sábado, depois da novena, a boa velhinha já dormiria no emprego e, logo de manhã, pegaria no batente.

Acordou às cinco, quando Pinheiro já revisava declinações latinas, pronunciando pomposas frases no velho idioma. Cismou, mas se conteve.

Às sete, depois do café, revisão do Francês. Em voz alta, para bem sentir a prosódia, Pinheiro declamou Racine. Desconfiada já, Zefinha começou a reparar no patrão.

Dez horas. Inglês. Shakespeare saiu da estante e sonorizou-se a meia-voz. Zefinha, que tais parlapatórios observava, foi ficando arisca.

No almoço, feijoada gostosa cheirava na mesa posta. Pé de porco, toucinho, charque, farinha de Sergipe. E a garrafa d'água. Coisa de "comer até ficar triste", julgava Zefinha. Errou. Indiferente, Pinheiro passa pela mesa, pega na geladeira algumas folhas de alface e sai, mastigando-as com prazer. "Oxente. Já se viu?" – murmurou-se Zefinha.

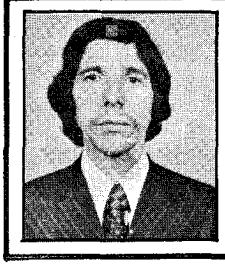
Quatro da tarde, bastante intrigada, Zefa passa pela porta do quarto, carregando gostosuras para o café. Olha pra dentro. E não, não acredita no que vê. Santo Deus! De cabeça pra baixo, pernas entrelaçadas, Pinheirão clamava: *To be or not to be, this is the question!*

Era demais. Zefinha, no susto, deixou cair pães e quejandos, desceu ladeira com sarapanto de quem foge. Bateu à porta do Jason.

– Que é, Zefinha? Viu o cão?

– Como se visse, seu Jason. É doido, o home. Só come fôia, passa o dia de cabeça pra baixo e vive dizendo coisa que ninguém entende. Doido.

Explicações e promessas de nada adiantaram. Zefinha enveredou de volta para o "Arto dos Bode", persignando-se e a murmurar pedidos ao finado padim Ciço. Foi-se, estribada em sabenças velhas. E o Pinheirão, que remédio!, por bom tempo teve de amargar os prosaicos desta vida. Com latim e tudo.



Autor:

MARCIAL DE ARAÚJO LIMA

Tomou posse na agência de Canoinhas (SC) em 23.11.65. É S-3, auxiliar técnico no Cesec de Maceió (AL).

sim com plim

Cabo Frio é beleza que Deus criou, franceses descobriram, portugueses tomaram e os brasileiros desfrutam. Dizem que, chegando aqui, os amigos do interior (de Minas, principalmente) vão diretamente à praia. Ali, ante as extensas areias brancas e o sem-fim das águas verde-azuis, exclamam sempre, surpresos: "Êta marzão besta, sô!" De colega-turista ouvi que o lugar bem pode ser comparado à "Ilha da Fantasia", onde todos procuram realizar os próprios sonhos, ainda que mirabolantes. Em Búzios há magia maior. De beleza inigualável, é ponto de desencontro do *jet-set* (mesmo o internacional), pois lá se escondem uns dos outros em mansões e praias particulares.

Temos de tudo um pouco. Do turista americano ao de Laje-do-Muriaé; de magnatas a mendigos; de late Clube ao bar do Liliu. Caçarola. Nas praias se podem ver artistas e políticos famosos em ensolarada convivência com o homem da terra.

Disso tudo, alguma coisa "sobra" para a agência, naturalmente. O americano chega perto do Alcilem, o guarda, e vai tascando: *"Please, I would like to change dollars, where..."* Pronto, nosso vigilante de gago vira mudo, desmancha-se em mímica nervosa, sai à cata de intérprete. Entre os mais exóticos trajes e maravilhosas tangas que as turistas usam longe de casa (*olha a chuva!* — alerta a turma da bateria), os casos e acontecenças pintam por aqui a todo o instante. Como naquele dia.

Expediente começando, toca o telefone. Com agilidade felina, Pelé, nosso menor-maravilha, consegue atender antes do Ivan, auxiliar de supervisão, 18 anos de Casa, 23 de INPS, 11 de Cabo Frio, dez de sócio do Tamoio, 15 de assinatura autorizada, S-4, nota 10 em culinária e condimento certo nas peladas da AABB.

No Pelé, só notamos a expressão de susto nos olhos arregalados, fone colado ao ouvido. Também, pudera. Ele estava sendo metralhado de portunhol. Uma mulher lhe dizia: "Por favor, señor, yo soy Elba. Estoy acá em Búzios, treinta y dos quilómetros, dos horas de omnibus, y quiero saber si *tiem uma* ordem, si, *una* ordem de pagamento en mi nombre, porque sabe, yo vení de Buenos Aires ayer, *ontem*.... e blá-blá-blá". Espantado, Pelé tampa o fone, vira-se para o Ivan e transfere: "Olha aí, você que entende de alemão, será que pode ver o que a moça quer?"

Ivan acudiu, como não! Vasta experiência acumulada em anos e setores, o mestre endireitou o colarinho da camisa (*griffe* da loja do Cirilo), alisou bigode, jogou-se para trás na cadeira que faz que vai mas não vai. Na maestria que pôs em segurar o fone, mostrou que superara, em muito, todas as sabedorias de sua Jequitinhonha. Caprichou na dicção:

— Siiíím!

Rápida, a interlocutora disparou, sem pausa:

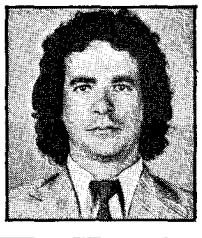
— Oh, si, si señor! Muchas gracias! Estoy a ir-me, já me voy.

E plim!, desligou.

Explicações? Qual! E houve tempo?

Duas horas depois, aparecia na agência uma cliente, querendo receber ordem de pagamento que não existia. Era a argentina. Quem foi, quem não foi, sim, foi o Ivan.

Depois de gastar e forçar todo seu portunhol, Ivan teve de pagar passagem de volta à *desfavorecida*, com engomadas desculpas. Nunca mais atendeu telefone exclamando sins. Agora, diz "alô!" como todo mundo. Parece que aprendeu: *sim* com *plim* é encrenca. Na certa.



Autor:

NILTON DE OLIVEIRA E SILVA

Tomou posse na agência metropolitana Governador (RJ) em 26.03.71. É S-2, caixa-executivo na agência de Cabo Frio (RJ).

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

O outro departamento

Ivaiporã, Paraná, meados de 1976.

Segunda-feira, "dia de pico", entra na agência um senhor de meia idade, andar firme. Fala com o vigia, confirma: sim, Banco do Brasil. Examina filas, escolhe a menor.

Mais alguns minutos, e está diante do caixa. Casemiro, novo na função, atende o homem com um sorriso que estica ainda mais o bigode amarelo:

— Pois não, meu senhor. Às suas ordens.

O cavalheiro, seco:

— Quero saber quanto tenho na conta.

Outro sorriso:

— Nome, por favor?

— Geraldo — informa o homem, sacand o título de eleitor.

Solícito, Casemiro trata de procurar a ficha gráfica. Pela ordem alfabética, nada. Revira o arquivo, de "A" a "Z". Preocupado, quase desesperado, vê crescer a fila diante do guichê. Quem sabe não procurou direito? Eficiente como vassoura nova, começa a pensar que caixa-executivo não pode ser lá essas coisas. Põe-se a reprocurar. E nada. Coça a cabeça, decide entregar os pontos: leva o caso ao supervisor, enquanto se desculpa com o cliente. Respira fundo, estufa-se de serenidade. Encara o Sr. Geraldo. E diz, firme:

— A ficha está separada para lançamento, seu Geraldo. O senhor terá que aguardar mais alguns minutinhos só.

Sisudo, o cliente concorda.

Casemiro atira-se ao trabalho de diminuir a fila. Seu Geraldo se refestela em poltrona da plataforma. Na retaguarda, a busca continua, mobilizando mais e mais funcionários.

— Quem sabe está entre as contas não movimentadas? — lembra o Nadir.

— Ah, pode ter sido expurgada! — descobre o Hermínio.

O *menor* não faz por menos:

— Vai ver que tá na gaveta de alguém.

O Godeny chega e põe fogo:

— Pois é, há pouco vi a ficha em cima do meu armário.

Duas horas depois, o cliente, que observava toda a movimentação, começa a dar sinais de impaciência: tamborila os dedos nos braços da poltrona, balança as pernas.

Assef, o gerente-adjunto, acha de tranqüilizar o homem, puxa conversa:

— Não se preocupe, logo encontraremos sua ficha. Lamentamos fazê-lo esperar, fato como este jamais aconteceu em nossa agência.

— Não, não estou preocupado não senhor — fala seu Geraldo, aparentemente tranqüilo. — Sei que o Banco do Brasil é muito organizado, e por isso pedi que os depósitos fossem feitos aqui.

— Ah! Então não é o senhor que deposita?

— Não. É a Aparecida.

— Aparecida? Aparecida de quê? — acende-se o Assef, em busca de pista.

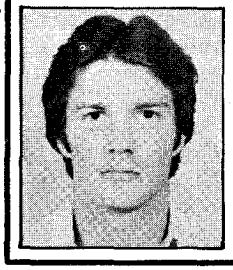
— Duvido que o senhor não conheça, duvido! — começa o homem, arrebitando o nariz. — É a santa que a todos protege, Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil.

Tudo esclarecido. Com a resposta, Assef acha na memória a ficha do seu Geraldo. Não a gráfica, mas a *cadastral*: o homem nunca tivera conta na agência. Era doente mental.

Ganhando tempo, o adjunto puxa pigarro, ajeita o nó da gravata. E fala, sério, com presença de espírito:

— O senhor está equivocado, seu Geraldo. Depósitos de santos não são feitos aqui. Dirija-se à igreja, por favor, e fale com o vigário. Lá é outro departamento.

Seu Geraldo saiu, seguindo o rumo apontado pelo Assef. Se tinha ou não saldo no "outro departamento" ninguém ficou sabendo. Mas verdade é que não voltou. Nunca mais.



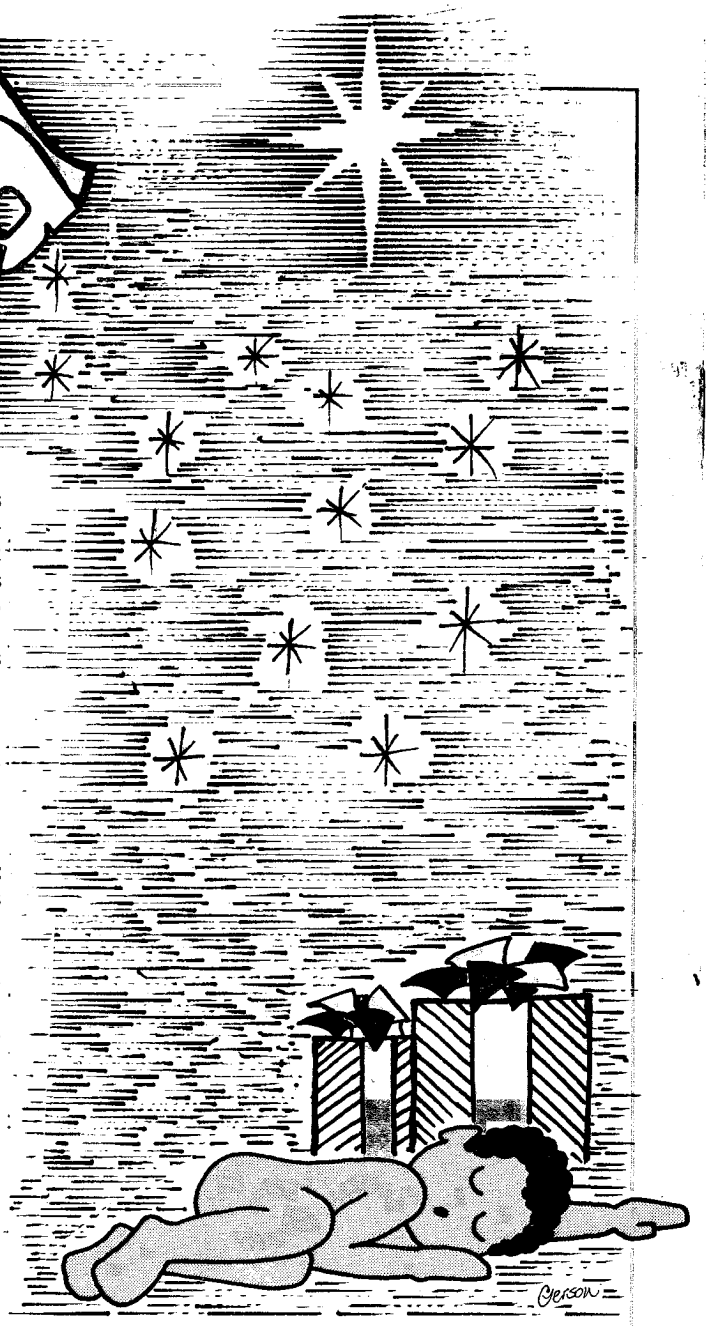
Autor:

VALMOR DE FÁTIMA FERREIRA BUENO

Funcionário (M-1) da agência de Ivaiporã (PR), onde tomou posse em 18.09.79.

BIB/113

Papai Noel



Dezembro, segunda quinzena.

À medida que se aproximava o Grande Dia, as pessoas se mostravam mais alegres, risonhas, irmanadas em ideal de amor. Em clima festivo, a paz irradiava das pessoas, floresciam a amizade entre os homens e o respeito pela natureza. Um presépio pairava no ar, ia chegando o Menino-Deus.

Entre cantos de passarinhos e risos de outras crianças aquele menino tinha olhar distante, não brincava. Ria, mas sorriso pálido de retraído, amargura presa nos labiozinhos magros.

Pergunto por que ele não brinca. Ele me diz que a culpa é do Papai Noel. Explica: o velhinho nunca lhe dera presentes. Ele esperava, esperava, mandara recados pela mãe, recorrera à vovó. Mas nada.

Ele me olha, úmido de esperança. E revela: muitas vezes ficara acordado até tarde, nas noites de Natal, ânsia de ver o velhinho. Sempre em vão. Adormecia, sonhava com presentes, brincava com eles, enchia de beijos e carícias os brinquedos novos. Quando acordava, a primeira coisa que fazia era passar as mãos por debaixo da rede. Ah, mas os brinquedos nunca estavam ali, só o velho chão de terra batida. "Papai Noel não gosta de menino pobre" – conclui, acabrunhado.

Tento consolá-lo (e àquele menino que também fui):

– Quem sabe o velhinho não achou sua casa? Olhe, eu também vou escrever uma cartinha para ele. Por você.

O menino brilha um "muito obrigado". Aos pulos, junta-se aos outros.

Chegando à república, trato de reunir o Bianor, Dorismar e Zé Airton. Conto-lhes a dor criança, agora adulta e minha. Instantaneamente ela passa para eles, reparte-se. E quer se tornar alegria.

O dinheiro aparece, embora as dívidas e o déficit de fim de ano. Compramos alguns balões, uma bola, carrinhos de brinquedo. E até uma bicicleta usada, vejam só!

Conversamos com dona Francisca, a mãe do menino. Ela chora de felicidade, abençoa-nos, ri. Acertados os detalhes, tudo está combinado.

Véspera de Natal, meia-noite quase, Bianor volta à casinha pobre, saco às costas, barba de algodão, roupão vermelho e botas pretas. Se o garoto despertar, verá o Papai Noel de seus sonhos. Bianor volta e garante: tudo bem. O menino dormia. Nós permanecemos acordados.

Madrugada ainda, com as primeiras claridades chegamos ao casebre. Em silêncio esperamos.

Lá dentro solta-se a voz do menino:

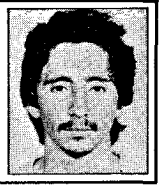
– Papai, mamãe! Olha o que ele trouxe! Ele veio, ele veio!

Cá fora, os cúmplices do Papai Noel se marejam de alegria funda como o céu. Gritamos, recompensados: feliz Natal! Feliz Natal!

Autor:

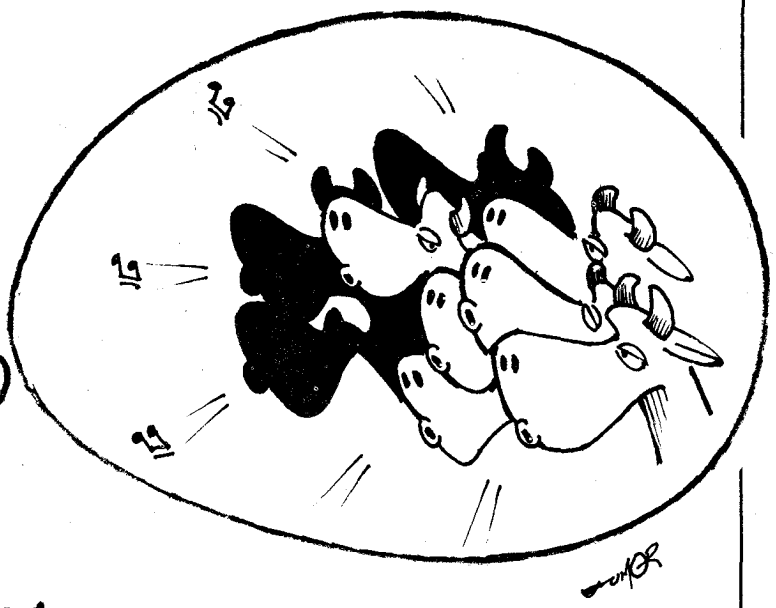
ROBERTO MAGALHÃES FARIAS

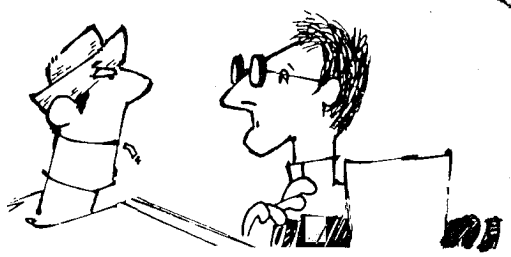
Funcionário (B-1) da agência de Santa Quitéria (CE), onde tomou posse em 11.08.80.



BIP/114

foi assobio demais





Houve época em que era hábito das famílias interioranas enviarem um de seus filhos ao seminário, para serem padres.

O Ferreira, da agência de Buriti Alegre, tinha sido um desses "enviados". A vocação faltou, e ele voltara para a cidade ostentando cultura que provocava a admiração de todos. Dizia-se até poliglota, além de inflamado orador. Prestou concurso para o Banco e, para confirmar a fama, foi aprovado.

Tomou posse e foi trabalhar no setor Rural. A fama de culto mais as grossas lentes dos óculos, além do jeito intelectual de falar e fumar, davam-lhe uma aura de respeito.

Embora devoto das instruções, compenetrado, faltava ao ex-seminarista o conhecimento de alguns macetes. Aquela experiência que a gente só consegue no dia-a-dia da rotina. Recebia as propostas de financiamento tal como mandava a CIC. Mas o palavreado do pessoal da roça deixava-o meio atrapalhado.

Com pose, cigarro e óculos, Ferreira, um dia, está ao lado do balcão quando entra o Juquinha Branco. Queria fazer uma proposta. Diante do novato Ferreira, Juquinha ficou meio arisco. Mas foi em frente. Com desconfiança, mas respeitoso, enfrentou o moço com ar de sabichão.

Ferreira fez a ladainha de perguntas normais: quais as pretensões do Juquinha, o que ele fazia, que garantias dava, qual a renda, dados sobre a terra e o rebanho. Ferreira ia anotando: quatro touros, 120 vacas, 80 garrotes, 60 bezerros e alguns cavalos e porcos. A cada tipo de bicho, Ferreira fazia comentário em que procurava mostrar o quanto sabia.

E pergunta que pergunta, indagou:

— Qual a idade dos garrotes?

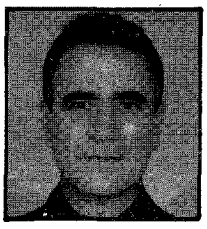
Juquinha Branco nem titubeou:

— *Sobiano.*

Ferreira empacou. Meio aturdido, puxou as rédeas do questionário, olhava pro teto, fumava nervosamente. Não, a fama de sabido não lhe permitia perguntar, mas por que diabos o homem deu de falar que seus bichos *assobiavam*? Segurou-se nas tamancas, paramentou a pose. Decerto a garrotada, em alguma fase do crescimento, emitia grunhido ou som que se confundisse com assobio. Só podia ser aquilo. E neste sobrepasso, perguntou, quase triunfante:

— Mas senhor Juquinha, com 80 garrotes assobiando, então deve ser um barulhão danado lá na sua fazenda, não é mesmo?

Sorriu, amável, limpando os óculos. Juquinha olhava-o, intrigado. E um coro de risos, ainda que discretos, homenageou o sabichão, que nunca mais esqueceu que "sobreano" designava o animal acima de um ano de idade. Vivendo e aprendendo.



Autor:

RUBY NAVES

Tomou posse na agência de Buriti Alegre (GO) em 26.01.59. S-6, gerente-adjunto na metr. Taguatinga (DF).

BIP/116

Mulher fatal

Inaugurava-se, em 1972, o novo prédio da Agência de São José do Rio Preto. Cada chefe de serviço recebeu um molho de chaves, todas devidamente etiquetadas. Um outro molho coube ao Octávio Nery, contínuo prestativo e inteligente.

Mãos à obra, Nery tratou de conferir logo o material que ficaria sob sua guarda. Terminado o trabalho, aceitou o convite do pessoal do Cadastro para um chopinho no bar Danúbio. No bom papo, histórias do pessoal, da inauguração, da antiga agência, o tempo se ia e ninguém notava. Ninguém, é exagero. O garçom sabia, não parava de anotar.

Lá pelas tantas, Nery pediu a conta. Nem conferiu. Assinou cheque, entregou. Sentou-se ao volante, chispou para casa.

Dia seguinte, a estranheza. Nery chega de cara fechada, taciturno. Tão nublado que ninguém se atreve a indagar o motivo. Arrisco, porém:

— Como é, Nery, tudo bem?

— Que bem coisa nenhuma.

— Posso saber?

— Se pode! Olha, acho que você nem vai acreditar. Quando cheguei em casa encontrei tudo na santa paz. Minha mulher me recebeu feliz da vida, nem deu bola para o atraso. Tratei de tomar banho, fui espalhando pela casa a roupa toda. Calças também. Pois é. Foi aí que entrou areia. A mulher inventou de dar uma geral nos bolsos, antes de mandar lavar. Imagine o que foi que ela encontrou. É. É isso mesmo: as chaves. Quando saí do banho, a mulher estava preocupada, cenho franzido, pra lá de séria. Perguntei o que tinha acontecido. Pra quê! Ela resmungou:

— Ora, ora, você deve saber muito bem!

— Eu? Saber o quê?

— Olha aqui, ó — retrucou ela, raivosa. — Encontrei isto aqui no bolso de sua calça. Quando você se atrasou eu comecei logo a adivinhar: deve ter mulher na jogada. Agora tá explicado porque você sempre anda nessa dureza. Sim, foi por isso que não pôde trocar de carro nem comprar móveis novos para a copa. Foi por isso.

Nery faz pausa. Prossegue, cabisbaixo:

— Nunca ouvi tanto desaforo. Foi um Deus-nos-acuda! De que jeito eu podia explicar para ela que a *Admea* das chaves era apenas o nome do meu setor, no Banco? É a tal coisa. Aquele pessoal da Direção Geral bem que podia pensar nesses galhos, antes de bolar as siglas.

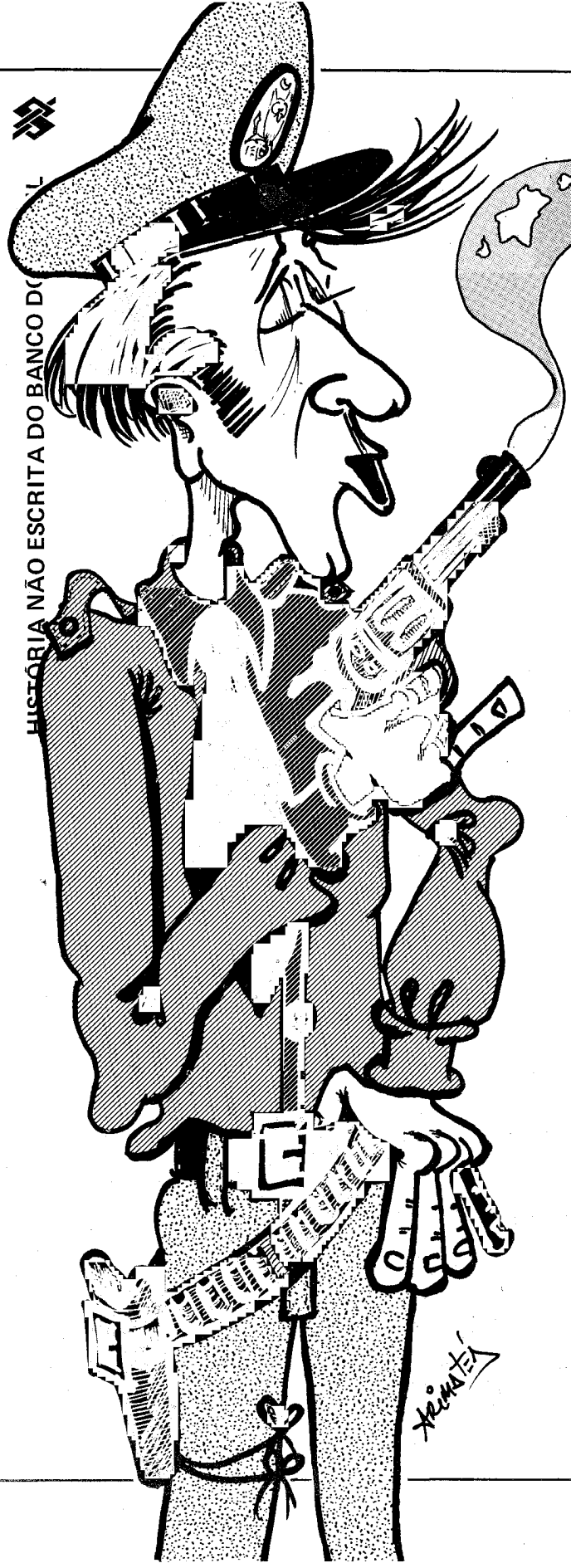
Nery achou que tinha conseguido convencer a mulher. Mas decerto desejava estar bem seguro, pois pediu ajuda:

— Olha aqui, será que você pode dar uma chegadinha lá em casa, só para mostrar à Cida o volume da CIC que tem as siglas do Banco?

Autor:

VIRGITINO CORREA LOURENÇO

Funcionário aposentado - São José do Rio Preto (SP).



O vigilante que matou o facínora

Toda agência pequena que se preza tem um vigilante linha-dura. A nossa, em Uraí, no Paraná, não fugia à regra. Tinha no João Vane um vigilante zeloso, atentíssimo. Qualidades que se redobravam, quando chegava sua vez de fazer o turno da noite.

Usava um quepe meio caído para o lado esquerdo e descobrira, à maneira dos mocinhos de faroeste, que o revólver deve estar sempre ao alcance da mão para as emergências. O coldre preso à perna pela tirinha de couro, para maior segurança.

Aquela noite era igualzinha às outras.

Tudo calmo. No interior da agência, o tique-taque do relógio acentuava o silêncio. Do lado de fora, a cidade dormia, esperando pelo tumulto da segunda-feira.

Com passos ecoando na pouca luz da madrugada, João Vane vai dobrar um canto do prédio, quando nota o vulto. A rotina estava quebrada. Afinal, na pequena Uraí, havia mais alguém que não dormia. Amigo do alheio, certamente.

Recua. Cabra safado! Não sabia que o Banco tinha vigilante? e que o vigilante era *ELE*?

Tira a arma do coldre, destrava-a.

Devagarinho, põe a cabeça adiante da parede. Espia.

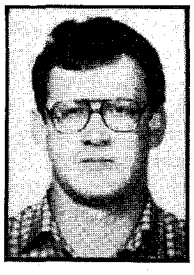
Encolhe-se, surpreso. No mesmo instante, o sujeito também botara a cabeça de fora, encarando-o lá da outra ponta. Não tinha opção. Era preciso enfrentar o homem.

Suando coragem, João Vane decidira pelo dever. Salta à frente, coloca-se cara a cara com o facínora, que o enfrentava também de arma em punho.

No silêncio da noite sem lua, soam três tiros.

Era uma vez um bandido. O corpanzil mal-intencionado se desfez em milhares de cacos de vidro, tilintando de encontro à calçada.

O que o intrépido vigilante não sabia: haviam recoberto todas as janelas com uma película *ray-ban*, transformando-as num espelho perfeito. João Vane alvejara, certeiramente, a própria imagem.



Autor:

NILTON MAZZINI

S-3, tomou posse na agência de Uraí (PR) em 03.01.67, onde é supervisor do Setop.

o mendigo

Corria o ano de 1962. Clientes apinhavam-se no saguão da agência de Sorocaba, a maioria ferroviários aposentados. "Plataforma", "bateria", "retaguarda" ainda não haviam nascido. De dentro da *gaiola* gradeada, o caixa ia gritando números-senhas, pagava cheques, recebia depósitos. No balcão, funcionários se aligeiravam, atendendo aquela gente toda. Azáfama: preencher formulários de depósitos, receber cheques, fornecer senhas, informar saldos e (haja tempo!) atualizar as famigeradas cadernetas de depósitos.

Contas novas eram abertas lá na ponta do balcão, por falta de espaço. Ali os dados podiam ser colhidos com alguma discrição. Semanalmente rodiziava-se um funcionário que colocava a máquina de escrever sobre o balcão e nela batucava as respostas, o novo cliente de pé, do lado de fora.

Naquela semana, o plantonista era João Amaro, catarinense dos bons. Documentos espalhados pelo balcão, ia atendendo a novo depositante. Debulhava perguntas de colher respostas um tanto confidenciais, como endereço, estado civil, emprego, rendimentos, etc., quando aparece na área do interrogatório um velhinho magro, malvestido, enorme barba branca, cabelos em desalinho. Ele vem-se achegando, achegando e com ar interrogativo se posta bem diante do João Amaro. Ante a presença constrangedora, o "curioso" silenciosamente intrometido entre ele e o cliente, Amaro não pensa duas vezes. Enfiando a mão no bolso, tira cédula de cinco cruzeiros, dobra-a e a passa ao velhinho.

— Muito obrigado! — fala o curioso, voz sumida. E se afasta, alguns passos só.

Dois minutos depois, volta o velhinho. De novo se posta à frente do Amaro.

Intrigado, o plantonista das contas novas se debruça por cima da máquina e pergunta educadamente, mas firme:

— Eu já não lhe dei um dinheirinho? O que o senhor quer, ainda?

A sumida vozinha balança a vasta barba branca:

— Não, eu não tenho pressa, moço. Mas só queria fazer um depositozinho de Cr$ 500.000 na minha conta.

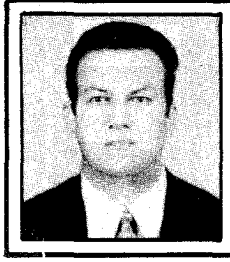
Amaro engole a fala, os olhos já grandes se abrem. Aos trancos, a voz irrompe, gaguejante:

— O se...se...nhor me me desculpe, é...é...eu não quis o...fen...fen...

— Não tem importância — atalha o velho, batendo a mão enrugada sobre a nota de cinco pratas, visível no bolso da camisa puída. — Não tem importância. Vou comprar balas pros meus netinhos.

Era tímido o sorriso do velho.

As aparências haviam enganado. Outra vez.



Autor:

IVAN ZABOROWSKY GALRÃO

Tomou posse na agência de Vitória da Conquista (BA) em 09.04.60. S-4, auxiliar de supervisão em Sorocaba (SP).

HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

RDB

Estava lançado o desafio. O Banco deveria captar depósitos, especialmente através de RDB, para que pudesse expandir suas aplicações.

O engajamento do funcionalismo,como sempre, ia superando as expectativas. As agências se enfeitavam de imensos cartazes, mostrando vantagens e taxas aos aplicadores, reuniões e reuniões motivavam os colegas na busca aos depósitos. Com isso, clientes eram assediados por vários funcionários, num mesmo dia. Já havia quem entrasse na agência exibindo seu certificado de depósito, como a dizer: *sossega, leão; já apliquei!* Com a ajuda da publicidade, rádios, jornais, televisão, em pouco tempo RDB passou a ser sinônimo de Banco do Brasil.

Nossa modesta Agência de Capanema, lá no extremo Oeste do Estado do Paraná, divisa com a Argentina, entrou com força total na onda do RDB. Todos os funcionários fizeram sua aplicação, troféus eram oferecidos aos colegas que captassem maior volume de recursos. E, no auge da campanha, o destaque ficou por conta do Aramis.

Aramis atuava como Caiex no Pavan de Planalto. Era um dia pouco movimentado, desses em que o caixa pode até se permitir um papo (regado a RDB) com os clientes.

No meio dessa calmaria, chega seu Moreira, humilde agropecuarista, bolso inchado de dinheiro. Quer depositar trinta mil.

No devagar, Aramis puxa logo o assunto do prazo fixo, vantagem dos juros, correção monetária, garantia do maior banco do Brasil. RDB, claro.

Seu Moreira concorda. Aramis, no entanto, depressa volta à carga:

— O senhor não tem algum outro dinheirinho parado, seu Moreira?

O homem revira os bolsos e descobre mais dois mil e quinhentos. Entrega-os também.

Mas o Aramis não pára. Ataca de novo, pergunta se o Moreira não tem mais, a oportunidade é esta, etc. e tal. O homem remexe todos os bolsos e tilintam no guichê algumas moedas: mais doze e cinqüenta.

Com ar de vitória, Aramis preenche o RDB de Cr$ 32.512,50, autentica-o. Sorri ao entregar o recibo, felicita o novo erredebista pelo excelente negócio.

Seu Moreira pega o recibo, agradece, guarda no bolso. Aramis volta a sorrir. Seu Moreira empalidece, dá um tapa na testa:

— Xiii, doutor! Não é que botei aí todo o meu dinheiro, não sobrou nem pro ônibus. E agora? Como vou pagar a passagem de volta pra casa?

Aramis esboça um sorriso amarelo. À sua volta, o supervisor, cabisbaixo, com alguns papéis na mão, finge não flagrar o acontecido. Sem outro remédio, Aramis mete a mão no bolso e aplica cem pratas no erredebista.

Seu Moreira agradece. Sai feliz da vida.

Autor:

JAIR MÁRIO BORK

Tomou posse na agência de Videira (SC), em 21.03.66. S-4, gerente de Descanso (SC).

cliente de casa

Em 1963, Coromandel não tinha luz elétrica nem telefones. Na cidade do diamante, simples e mineira, água sempre faltava, e o acesso a outros municípios era difícil. Mas a amizade do povo superava tudo, a gente se sentia feliz e em casa.

Para a inauguração da agência o maior problema era hospedar os 15 bravos funcionários que iam chegar, mas a solução saiu: reformaram casa velha que ficava ao lado do BB. Daqueles casarões antigos, de pau-a-pique, pedindo demolição. Ali fundamos nossa república e passamos tempos agradáveis. Os 15.

Por força de circunstâncias, tornei-me chefe da Creai. Não tinha subordinados, em compensação sobrava serviço: do arquivo à contabilização. Faltava-me experiência, mas o serviço era simples, custeio de lavouras de arroz, milho, feijão e mandioca. (Só depois é que apareceu café.) Mutuários vinham ao Banco em grupos, verdadeiras romarias, aproveitando condução. Para evitar tumulto, o Vasco lhes dava fichas de metal. Eu chamava pelo número.

Meu trabalho na acanhada Creai era pequeno, se comparado com o de presidente da república. Quando fui democraticamente empossado, em 1964, meus problemas se multiplicaram. Era uma azáfama constante, compra de gêneros, acertos de final de mês, contas, empregada, entregar para a lavadeira a roupa da turma toda e recebê-la de volta. E um mundo de outras coisinhas.

Numa segunda-feira de 1965, eu e a agência completávamos dois anos de vida bancária. Trabalho intenso, lufa-lufa. Mutuários vão-se enfileirando no balcão, ansiosos, segurando a chapinha. Algumas delas caem, estalam. Todos desejam dinheiro pra tocar a lavoura.

Chega a vez do número 10.

– Nome, por favor.

– Antônio Benedito da Silva.

– E o que o senhor deseja?

– Quero o dinheiro da mandioca.

Tudo bem. Levanto-me vou ao arquivo em busca do contrato. Nada. No cadastro também não está, me diz o Osmar. Alcides, que tudo sabe, nega fogo. O Juarez e o Zé Rodrigues também estão por fora. E nem ficha gráfica o homem tem.

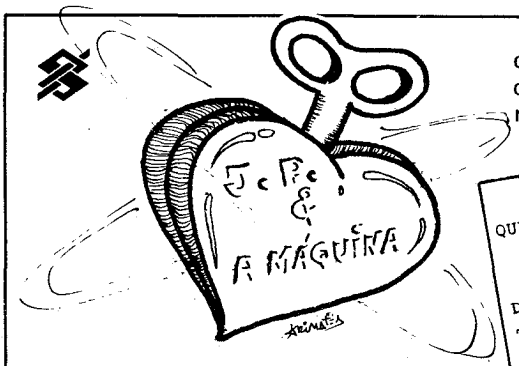
A fila aumenta, chapinhas repinicam impaciência na pedra do balcão. Situação assim complicada, de que modo resolver? Digna de um chefe, só há uma saída: pagar do próprio bolso a famigerada mandioca. O cliente, homem simples, olha calmamente para mim, estranhando aquele movimento todo. Tomo coragem, começo a lhe fazer a proposta:

– Quanto é mesmo o dinheiro da mandioca, seu Antônio?

– Pouco, moço. Só dez quilos, que vendi pra empregada da sua república. Ela pediu pra receber aqui no Banco.

O alívio foi geral, risonho. O mutuário era *de casa.*

Autor:
TARCÍSIO BORGES DA COSTA
Tomou posse na agência de Patos de Minas (MG) em 21.05.63. S-4, caixa executivo em Guarujá (SP).



A gente já esperava, tinha de acontecer. Um dia, nossa agência de Foz do Iguaçu entraria na era da cibernética.

Mas quando os implantadores chegaram, falando em *Sistema DEB*, ficamos todos curiosos. Diminuiria a mão-de-obra da turma? E no Câmbio, como vai ser? O mapa do movimento diário de câmbio era escriturado todo santo dia, por moedas, em várias contas. Com as famosas máquinas **NCR**, de tantos préstimos.

Muda daqui, muda de lá, a cibernética decidiu: todas as **NCR** iriam embora. Nosso colega J.P., lançador exclusivo dos mapas, não ficou sabendo da triste notícia. Estava de férias. Ao voltar, encontrou sua máquina ainda "viva". E o derradeiro "lançamento", ajudado pelas mãos da Filomena:

QUERIDO J.P.

ESTA E MINHA DESPEDIDA, CHUIF, CHUIF. DEPOIS DE TANTOS ANOS TRABALHANDO JUNTOS, ACHARAM DE NOS SEPARAR. ESTOU TRISTE, CHUIF, MAS CONFORMADA. NUNCA ESQUECEREI VOCE, O CARINHO DESSES AMACIANTES DEDOS TOCANDO DE LEVE MINHAS TECLAS E NOS JUNTOS, UNIDOS PELO TRABALHO.

CHUIF.. EU ESPERAVA ANSIOSA SUA CHEGADA, ERA BOM TER VOCE COMIGO. NA SEXTA-FEIRA, DESESPERADA, EU FICAVA AGUARDANDO A SEGUNDA. CHUIF. QUE PENA EU NAO PODER ACOMPANHAR VOCE. EU SERIA USADA PARA ESCREVER SUAS CARTAS, PARA VOCE SE COMUNICAR COM SEUS AMIGOS, AH, SERIA DIVINO.

MAS EU SOU MAQUINA, VOCE E GENTE. NOSSO DESTINO ERA MESMO VIVERMOS SEPARADOS. AGORA SO ME RESTA AGRADECER POR ESSE AMOR TAO DECLARADO, QUE O ENCHIA DE CIUMES QUANDO ALGUEM ME TOCAVA.

J.P., EU GOSTARIA DE ME DESPEDIR MAQUINALMENTE, CHUIF, VOCE ME DEDILHANDO E EU ANGUSTIADA, QUERENDO FICAR. MAS FOI MELHOR NAO NOS VERMOS. PARTO COM O CORAÇAO ESTRAÇALHADO EM TECLAS. E DEIXO-LHE UM CARINHOSO CHOQUE. CHUIF.

SUA NCR.

Ao receber a carta, J.P. se emocionou. Respondeu:

Estou chocado com nossa aparente separação. Digo aparente porque sabemos que nas suas peças corre a mesma corrente elétrica que movimenta meus nervos e órgãos. Nós compunhamos um conjunto, mas outro operador de muita sorte, em outra agência, haverá de tratá-la tão bem como eu, tenho certeza.

Pensando com meus botões e você com suas teclas, sabemos que nosso encontro não foi casual. O "Grande Gerador" quis ensinar-nos que ninguém pode nomear-se dono de uma NCR. Este, aliás, é o grande erro dos manuais de lançamentos, eles induzem os operadores a pensar que cada NCR é de posse individual.

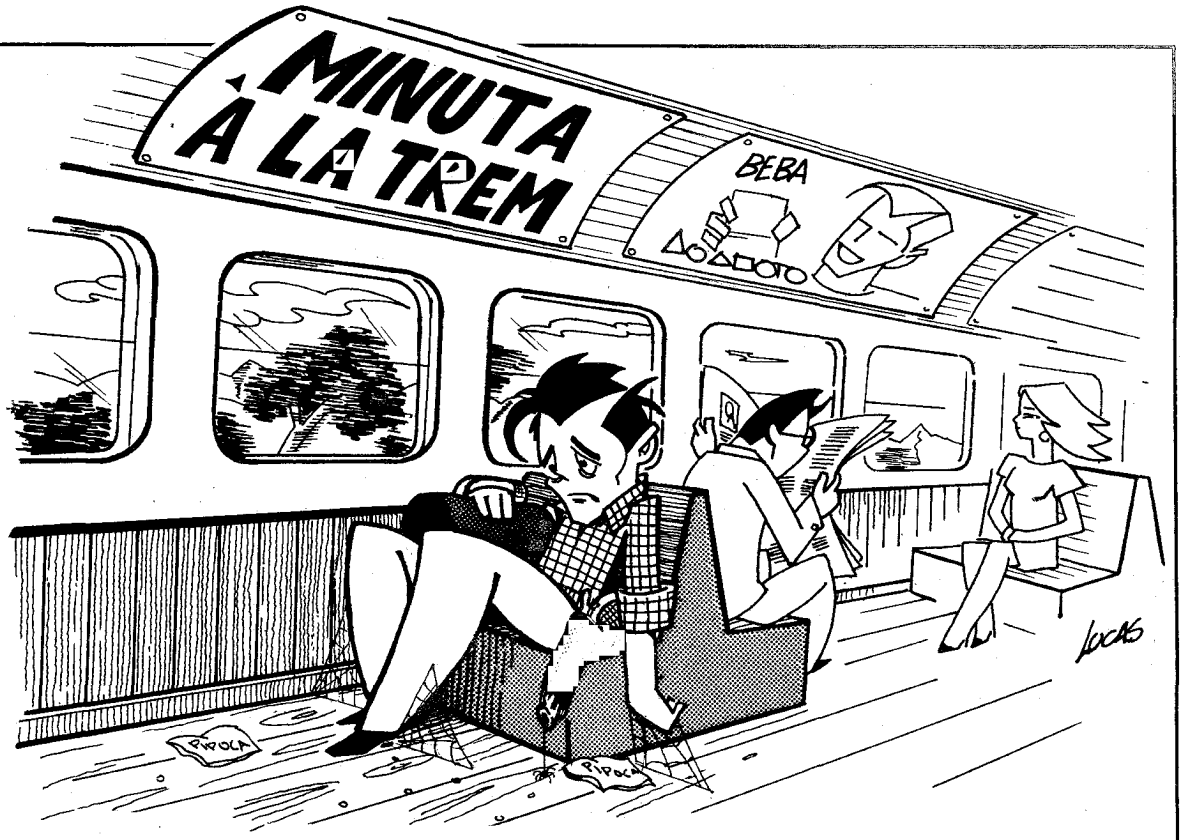
Dentro de minhas voltagens, acho que aproveitei cada instante de lançamento segundo a vontade do "Grande Gerador". Mas agora que o aparente vazio é sentido por meus dedos e suas teclas, deixemos tudo por conta da corrente que nos percorre. Ela nos guiará a novos encontros, você com novas teclas e barras, eu com novos dedos e órgãos.

Assim seja. Seu J.P.

Narrativa enviada pelos funcionários do Secam da agência de Foz do Iguaçu (PR): **José Francisco de Barros, Domício Ferreira Neves, Marli M.Lopes Paese, Filomena M.Lavado Villa, Mario Venilton M.Fontanella, Adenir José de Góis, Inácio Dall'Agnol, Rosane Christina Soares, Carlos Eduardo Josué Pezzodipane (J.P.).**

BIP/122

MINUTA À LA TREM



Aconteceu há mais de 15 anos.

Naquele tempo a transferência de numerário entre "supridoras" e "caudatárias" era feita pelos próprios funcionários. As empresas transportadoras de valores ainda não tinham nascido. E nunca se ouviu dizer que portador do Banco tivesse sido assaltado.

A "caudatária" enviava telegrama cifrado para a "supridora",pedindo certa quantia. Dois funcionários partiam pelo meio mais fácil, trem, ônibus ou mesmo táxi, revólver à cinta, mala recheada de dinheiro.

Naquele dia, João Pessoa e Maurício iniciavam uma destas viagens. Iam para Itararé, a 250 km de Sorocaba. De trem.

Acomodam-se na primeira classe do *luxo* da E.F. Sorocabana. Tratam de colocar a mala do dinheiro bem em cima das próprias cabeças, no porta-bagagem.

Com a fome já chegando, combinam: João almoçaria primeiro, Maurício ficaria junto da preciosa carga. Ao se afastar, João faz a dispensável observação:

— Olha lá, hein! Olho vivo.

E vai para o carro-restaurante. O último.

Almoço já terminado, o trem pára numa estaçãozinha. João pede sobremesa, repete. Espalita-se, usa o guardanapo. E o trem, parado. Vem o cafezinho e ele fala ao garçom:

— Que demora, hein? Assim a gente vai chegar atrasado em Itararé...

O rapaz se admira:

— Não. Itararé não. Este carro foi desligado da composição e espera por outro, que vem de São Paulo. A gente vai é para Presidente Prudente. O senhor não ouviu o aviso do chefe-de-trem?

Não ouvira,claro.

Friozinho na barriga, João dispara para a estação. O único táxi está ali, uma Kombi. Com o "combustível" de polpuda gorjeta, a camioneta voa atrás do trem. Chega à próxima estação, 15 km adiante, mas ainda atrás do trem — que já passara. Outra vez pé na tábua, mais 10 quilômetros. Tarde demais, de novo. Em louca correria alcançam Itapetininga. O trem ainda está parado na estação, soube depois que esperava por outro, vindo do Paraná, que se atrasara uns ralos minutos.

João precipita-se vagão adentro, a composição já se movimentando.

Empoeirado, suarento, coração escancarando a boca (foram duas horas de corrida *fórmula-trem*), ele se aproxima do colega, já pensando em explicar a desventura *bem-rodada.*

Sentado sobre fome decerto comprida, Maurício franziu a testa. Com olhar enviesado, bronqueou:

— Arre, como você come, hein?

Autor:
IVAN ZABOROWSK GALRÃO
Tomou posse na agência de Vitória da Conquista (BA) em 09.04.60. S-4, auxiliar de supervisão em Sorocaba (SP).

veneranda lição

No interior do País, o analfabetismo tem sido uma das manchas mais tristes da vida brasileira. Felizmente, existem esforços consideráveis para minorá-lo.

Há vinte anos, essa chaga nacional produziu um caso exemplar na agência do BB em Uruguaiana (RS).

No dia de pagamento dos pensionistas do Exército, as filas eram extensas. As horas se arrastavam. E praticamente paravam, quando chegava a vez de dona Setembrina, uma velhinha de setenta anos. O pessoal de sua fila começava a resmungar, suspirando. A demora é certa. Dona Setembrina precisava passar tinta nos dedos, para "assinar" o recibo com a impressão digital. Mas ela cria caso, não quer. Que *cique* que nada, diz, não sujo não, esse pretume depois não sai. Com muitas explicações, ela finalmente se convence. Borra o dedo e deixa o impresso, "assinatura" de analfabeta.

Para evitar outra dessas habituais cenas, o caixa e o subgerente tratam de convencê-la a nomear procurador. Chamam o advogado da agência, que reforça o conselho: pois é, a senhora vai ao cartório, faz assim, assado, e está pronta a procuração por instrumento público.

Dona Setembrina, no entanto, não quer saber de procurador. Já tinha sido passada para trás, uma vez. Outra não se repetiria:

— Fico de dedo sujo, então.

Por outros seis meses ela continuaria freqüentando as filas, cada fim de mês, com aborrecimentos quase folclóricos. E cada vez se irritando mais:

— Sujar de novo? Mas de novo, guri?

Em certo fim de mês, também de filas enormes, chega a vez dela. Os clientes se inquietam. A história vai se repetir. O caixa empurra a carimbeira bem molhada. Ela protesta logo:

— Pode ficar com ela. Não vou mais me sujar.

— Mas olhe o tamanho da fila, dona. Não crie caso, os outros também querem receber a pensão — pondera o caixa.

— Não quero. Nunca mais ponho minhas mãos limpinhas nessa sujeira aí.

A velha fala alto, chama atenção. O caixa se azeda:

— Pois se não sujar o dedo, não recebe. E estamos conversados.

— O quê? Estás muito enganado, guri. Recebo, sim. E já te mostro como.

Dona Setembrina pega a caneta, segura firme o papel do recibo. Olha à volta e começa a assinar, letrinha trêmula mas bonita.

Um espanto percorre a fila, o pessoal se emociona. A velha encara o caixa, ar de vitória. Explica:

— Pois é, guri. O doutor advogado aí do Banco me levou para a *Somar*. Aprendi. Agora, nunca mais vou precisar dessa droga imunda.

Talvez para não perder o costume, reclamou do caixa:

— Vê o recibo aqui, guri. Tá errado. Meu nome é Setembrina da Silva Moraes, com *e*. E não Morais aí, com *i*.

Ela tinha razão.

O caixa foi fechando a carimbeira, olhos marejados. E dona Setembrina teve saída triunfal, entre sorrisos de admiração.

A *Sociedade Magistério do Ar*, mantida pelo bispado local, alfabetizara a velhinha em curso que mantinha pelo rádio, horário noturno. E daquela alfabetizada aos setenta anos, nos ficou a lição veneranda, encanecida: *nunca é tarde demais para aprender.*

Autor:

JOSÉ BERNARDO DE MEDEIROS NETO

Tomou posse na agência de Uruguaiana (RS) em 10.04.58. Advogado letra "G", no Sejur de Porto Alegre.

NOME IMPRÓPRIO

O jovem colega, cheio de teorias, acaba de fazer o curso de Caiex. Transborda apreensões, medita sobre o próprio desempenho no futuro setor: a bateria de caixa será experiência nova. Tinha passado por outros desafios e se saíra bem, tanto que fora indicado para o curso. Agora, o contato com o público seria diferente. Entre ele e o cliente, maços de barões. E haja capacidade, segurança no serviço.

Tilintam-lhe na cabeça ensinamentos recentes, dicas, conclusões pessoais. Medo: "quem paga errado, paga duas vezes". Mas não há de ser nada, pensa com suas moedas. Autoconfiança não lhe falta. Além disso, há solidariedade e apoio dos outros colegas de "gaiola". Como o instrutor costumava dizer: "O ofício não é apenas ossos".

As portas da agência se abrem para o primeiro expediente do novo caixa. Meio de semana, movimento pouco. As pessoas vão-se distribuindo pelos guichês. O esperado cliente inaugural se dirige para o estreante, último guichê. O cumprimento do novato é tímido, quer disfarçar o nervosismo. Mas o cliente, que nem liga para o sorriso, vocifera logo:

– Este relógio está atrasado, rapaz! Será que vocês não conseguem abrir na hora certa?

Assim que sai o *reclamante* inaugural, o cliente seguinte já começa:

– Vocês não têm caneta para colocar ali no balcão? Quer dizer que no maior banco do Brasil o freguês tem que ter a dele, se quiser depositar? Ora, tenha dó!

Enfrentando casmurrices e rabujentos, ainda assim tudo bem! – resigna-se o novato. Mas o terceiro cliente esbraveja:

– Não, não é possível! Vocês têm que dar um jeito no meu caso. Minha ordem de pagamento deve estar engavetada por aí. Já disse, repito agora, faz uma semana . . .

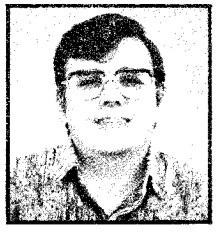
Em torno do guichê a atmosfera se faz tensa, as queixas começam a despertar atenções. Há murmúrios, olhares convergem. O coordenador percebe, se aproxima. Com sorriso, pousa a mão no ombro do caixa promissor. E observa:

– Paciência, meu jovem, paciência! O pessoal nunca iria imaginar que a palavra na plaqueta é o seu sobrenome. Que você se chama Roberto de Oliveira QUEIXAS. Logo, não há do que se queixar.

Autor:

JOSÉ JORGE DOS SANTOS

Tomou posse na agência de Taubaté (SP) em 2.1.74. S-1, supervisor na agência classe "1" de São Luís do Paraitinga (SP).



HISTÓRIA NÃO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

O assalto

Madrugada de sábado, maio de 1974.

O vigilante Felipe consegue manter-se alerta em seu posto, rotina de mais de quatro anos. É mansa a noite mineira, Bom Sucesso dorme em sossego. No silêncio, ruídos de cascos vagueiam.

De sua "cadeira cativa" bem à entrada da agência, Felipe vê através dos vidros espelhados a praça e todos os arredores, bichos boêmios e raros humanos. Lugar privilegiado, para ver e não ser visto.

Lutando contra o sono, a cabeça de Felipe ora pende, ora se ergue, quase em susto. O olhar passeia por espectros de animais, se apaga e acende. Um dos espectros, tourinho holandês "PO", desfila em plenitude reprodutora, pose de campeão. Defronte ao Banco, cheira o ar, pára. Escarva, recua ante o "rival", que também escarva e recua. A cabeça do Felipe quer levantar-se, a do touro se abaixa. O tropel é curto. E o estrondo contra os vidros espelhados estilhaça o silêncio. No susto, se ergue a cabeça do Felipe, olhar povoado de fantasmas. Esbugalhando-se, zonzo, Felipe dispara para o alarme mais próximo.

A cidade toda acorda, o corre-corre assusta até os boêmios vacuns. Chega ao gerente a tragédia: "Assaltaram o Banco".

Quem foi, para onde foi, de que jeito, vai daí que alguém repara na pose do tourinho "PO", ares de gladiador, olhar aceso de sobrevivente à liça.

— Olha aquele touro ali, ó!

A cabeça do animal mostra outras provas, cortes fundos, sangue ainda escorrendo: o "assaltante".

Ao raiar o dia, reunião na gerência. Felipe, cabeça erguida, ouve o dono do "PO", que anuncia o "veredito":

— Pois é, Dr. Sebastião, quando o senhor me financiou aquele touro, eu não podia imaginar que o condenaria à morte. E antes mesmo da primeira prestação.

O domingo foi de festa: o "vitorioso" morreu. Elogios póstumos não lhe faltaram. O churrasco esteve ótimo, saboreado por funcionários e clientes.

Autor:

JAERDIL OLIVEIRA DUTRA

Tomou posse em Inhapim (MG), em 17.01.72. S-2, supervisor na agência de Bom Sucesso (MG).

Paixão recolhida

Agência de Pirapora, verão de 1976, calor demais nas Gerais. Pela plataforma há corre-corre, azáfama, os assuntos percorrendo caminhos abafados. Ali, porém, circula o frescor de funcionária simpática, que espalha sorrisos e inteligência. É Tetê pra cá, Tetê pra lá - e ela resolve tudo, toda atenção para os clientes.

Três, quatro vezes por semana, Tetê vinha recebendo senhor muito tímido, de voz escondida. Cliente ótimo, dono de muitas terras, Tião nem precisava mostrar a voz para receber sorrisos e trato especial. A moça não sabe, porém, que o tímido é mais tímido só por causa dela. Paixão surda, escondida: com tanto dinheiro neste bancão, mais uma garota dessas, quem seria mais feliz que eu?

No auge da paixão, já insone, Tião consulta amigo íntimo:

— Compadre Zé, não agüento mais. Qual é o jeito de falar com a moça?

O outro não entende. Enruga-se:

— Como é que é? Moça?

— É, é isso mesmo. Não sei coisas bonitas para dizer àquela moça que me atende lá no Banco. Como é que eu faço?

— Ah, sim, a Tetê — adivinha o outro, sorriso matreiro. Problema não, compadre. Compre chapéu. Bota nova. E, de barba bem-feita, chegue dizendo bom-dia ou boa-tarde, conforme a hora, que ela logo vai gostar do chapéu ou das botas. Depois é só dizer palavras doces, carinhosas. Mulher nenhuma resiste, homem!

— Mas será que vai dar certo? Isso eu tenho que treinar bastante, porque senão . . .

— Que nada! — interrompe o compadre, rindo de sabido — Vá em frente, Tião. Não tem erro.

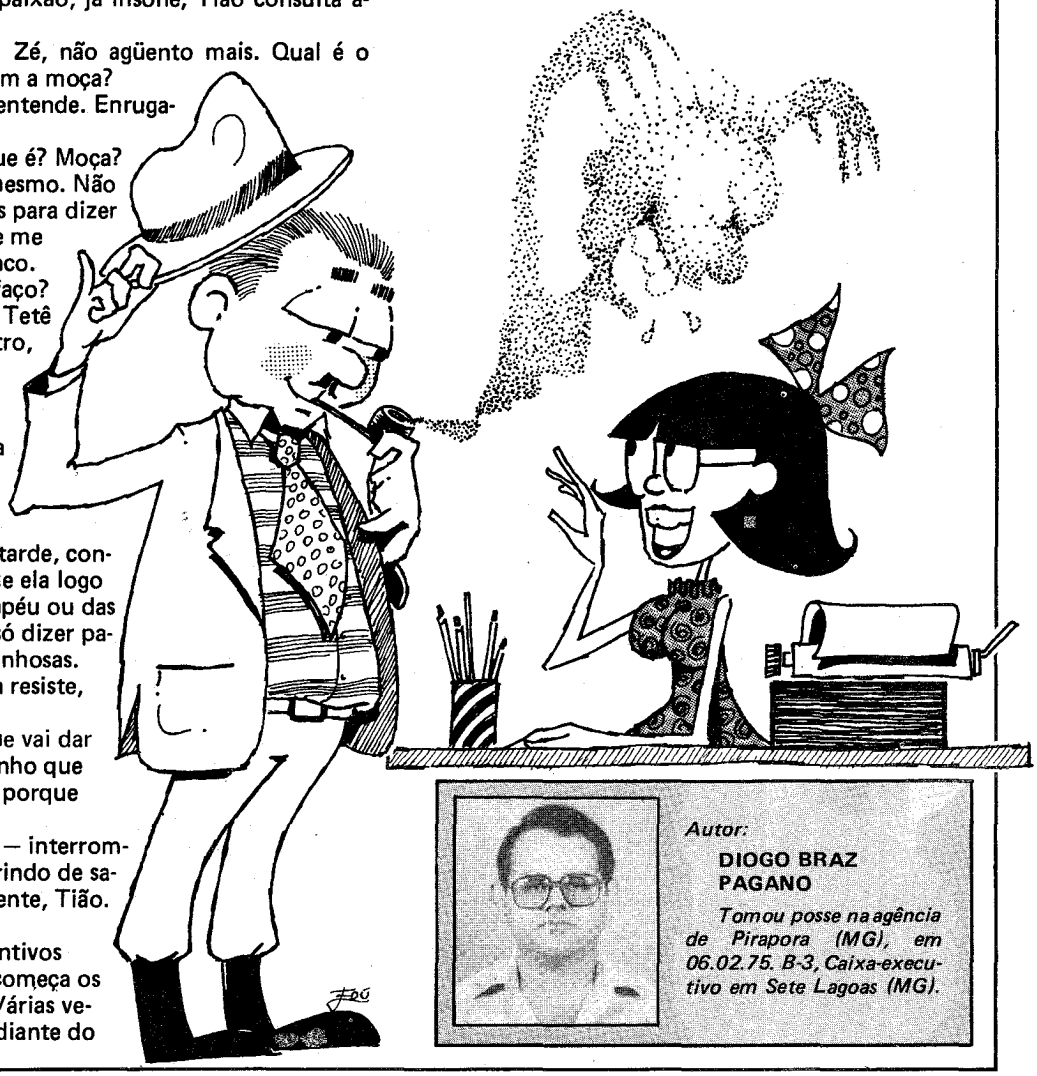
Com tais incentivos amorosos, Tião começa os planejamentos. Várias vezes encena falas diante do espelho, treina expressões faciais, gestos, passos. Adia por dias e dias, mas enfim decide: é hoje ou nunca.

O calor abafa. Naquela tarde, a agência transborda de suores e filas. De repente, aparece na porta o fazendeirão. Terno de linho branco, impecabilíssimo chapéu de aba larga, Tião entra pisando firme — *mise en scène* arduamente treinada. Bafora com cachimbo *made in Brazil*, dá uma paradinha e parte em direção à Tetê de seus sonhos.

Aproxima-se de mansinho, nada vê senão ela, a deusa. Sofre de medo, agudo medo de esquecer as palavras que guardara. Precisa dizê-las, é o dia "D". Pára diante da Tetê, fala como robô:

— Bom-dia, boa-tarde, conforme a hora que chegar, se gostar do meu chapéu ou de minhas botas estão às ordens e se você gostar também de melancia, melão, uva, abacaxi, maçã, é só dá um pulinho à fazenda, que lá tem tudo que é doce, desculpe, até logo e muito obrigado.

Tetê, sem nada entender, permaneceu perplexa, vendo Tião sair apressado, sem nem olhar para trás.



Autor:

DIOGO BRAZ PAGANO

Tomou posse na agência de Pirapora (MG), em 06.02.75. B-3, Caixa-executivo em Sete Lagoas (MG).

BIP/127

O pulo do prato

Começo dos anos sessenta.

Na gaúcha Bagé, fiscais da Creai estão reunidos. Assunto: novas zonas de fiscalização, rodízio, coisas da CIC. Fala Boucinha, o polivalente, com jeito de ator:

— Pois é. Estou deixando minha zona de trabalho. Mas a quem me substituir deixo algumas dicas. Coisa pouca, tchê. Mas que pode servir.

Começa a debulhar informações:

"Das estradas não me queixo, boas o ano todo, em qualquer condição de tempo. Mas no Rincão dos Encerrados durante o inverno só se entra a cavalo, com o bicho ferrado nas quatro patas."

"Os mutuários?" — se pergunta, eloqüente. "Todos bons. Sempre há alguns *carretões*, como o pessoal do Rincão dos Saraiva. Mas tudo gente boa, apesar de grossa que nem porta de cofre."

Sorri, gesticula. Prossegue: "O melhor jeito de incursionar pelo Segundo de Lavras do Sul é fincar base no Antoninho, cliente amigo, boa mesa, bom quarto".

Pisca o olho: "Já no Coronel, lá nos fundilhos do município, a coisa é braba. Te prepara para apertar o cinto. Da última vez que circulei naquelas bandas, morto de fome, no segundo dia de classificação do gado, resolvi enfrentar um charque magro; bá! aquilo deu mais volta no estômago que burro de olaria, até descer. Bebi água como cavalo e nas Três Vendas acabei com o sonrisal da prateleira."

A gente ia escutando. Nada escapava à bem-humorada perspicácia do Boucinha. Ele tinha o mapa das gentes, plantações e rebanhos. Ouvi-lo era aprender.

Acontece, porém, que coube a mim substituí-lo. E toda vez que precisava "fazer meio-dia" em casa de mutuário, a pergunta surgia sempre, indefectível:

— O doutor também sofre de úlcera?

Eu negava. E o mutuário vinha com a explicação:

— Pois é. O Dr. Boucinha sofria de úlcera e só podia comer galinha, gostava muito da galinha com arroz que minha mulher lhe fazia...

Em outro mutuário, a mesma pergunta, úlcera igual. Mas prato sempre diferente:

— Pois é, tão moço e com úlcera, o coitado. Mas se dava bem com a galinha ao molho pardo daqui de casa.

Encontrei a úlcera do Boucinha em quase todos os almoços. E "curativas" receitas de galinha, respeitando a especialidade da casa.

Estava ali o "pulo do prato", que Boucinha não nos ensinara. Tratando de sua conveniente úlcera, Boucinha atravessou invernos, cansaços e solavancos sempre gordo e luzidio, os fartos bigodes recendendo a saborosos galináceos. Da úlcera dele me ficou a lição-cicatriz: não perece quem se adapta.

Autor:

CLOVIS MACEDO GAUDIE LEY

Tomou posse na agência de Bagé (RS), em 12.08.59. S-6, Assistente Técnico na CTRIN - Porto Alegre (RS).

O concurso do Banco, de 1952, aprovou cinco candidatos em São José do Rio Pardo: Zízimo, Montanheiro, Iwanyr, Soares e eu. Tornamo-nos grandes amigos. José Soares Filho cativava a todos, com sua lucidez e fala fácil. Eu tinha apenas dezoito anos e o respeitava pelos seus vinte e nove bem vividos. Trabalhamos na mesma agência por quase vinte anos, descendo e subindo juntos as mesmas ruas.

Por monótonas que fossem as tarefas bancárias, executava-as maravilhosamente, em ritmo compassado, *estilo* repleto de humor e dignidade. Foi o melhor plataformista que conheci, com dedicação quase filial para com os humildes, inválidos e idosos do INPS. Carnê algum ficava por ser entregue; à hora do almoço ou à noite,ele levava o das pessoas acamadas ou internadas.

Foi parar na Crege. E ali, Soares granjeou a confiança de todos os gerentes que passaram pela agência. Amansou clientes magoados, ajeitou desavenças familiares, improvisou velório, "recuperou" operações, medicou, fez de tudo.

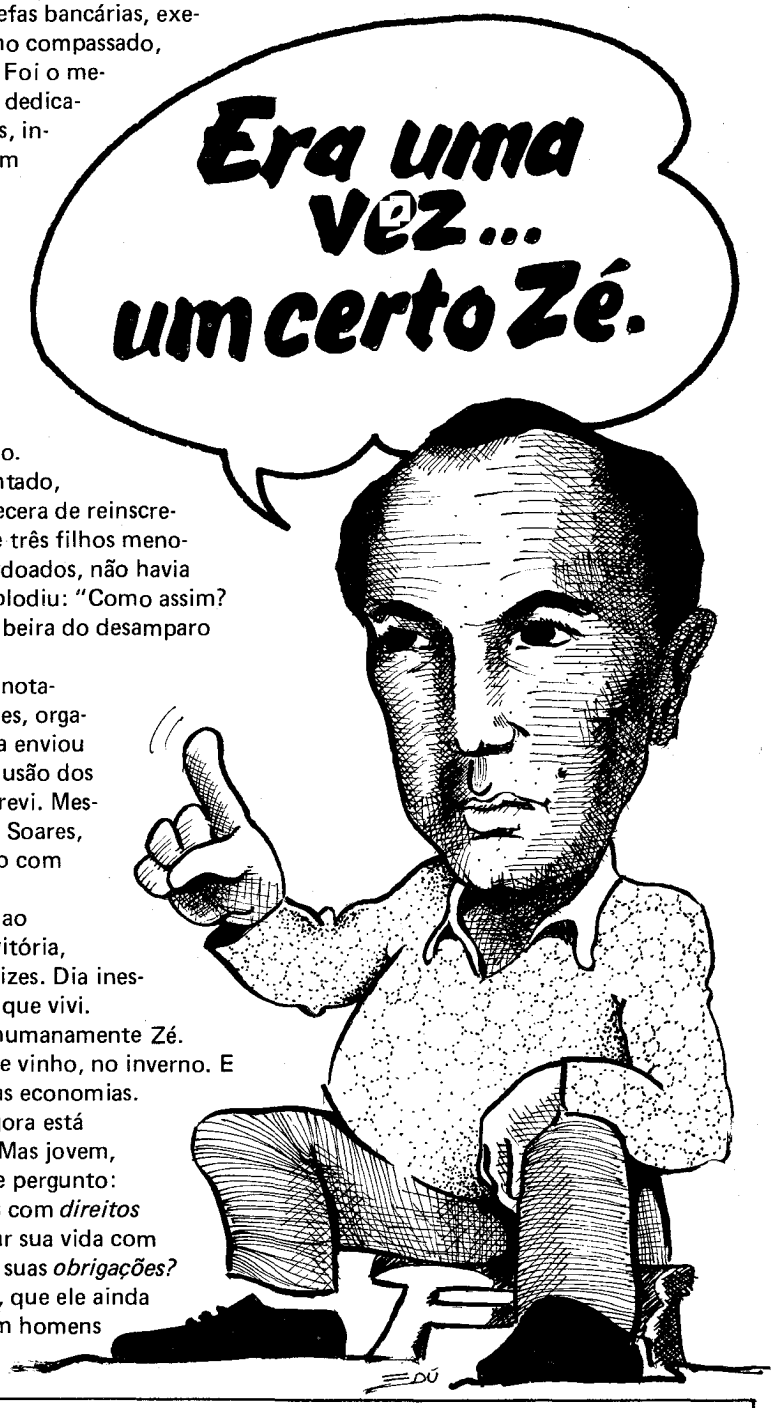
Quando faleceu um colega aposentado, descobrimos falha do *de cujus*: esquecera de reinscrever como dependentes a filha viúva e três filhos menores, que ele sustentava. Ficamos atordoados, não havia nada a fazer. Nada. Mas o Soares explodiu: "Como assim? Nada? Então a filha do colega está à beira do desamparo e não podemos fazer nada?"

Decidido, revirou papéis velhos, anotações. Juntou bilhetes, cartas, certidões, organizou dossiê. Tanto fez que a agência enviou mensageiro ao Rio, para tentar a inclusão dos quatro como dependentes, junto à Previ. Mesmo não acreditando numa vitória do Soares, aguardamos o retorno do funcionário com indisfarçável ansiedade.

— Conseguimos! — gritou Soares, ao saber da resposta. Foi uma festa. A vitória, conquista dele, também nos fazia felizes. Dia inesquecível, aquele. Um dos mais belos que vivi.

Soares tinha manias, é claro, era humanamente Zé. Cervejinha à noite, no verão. Copo de vinho, no inverno. E ações do BB: nelas aplicava todas suas economias.

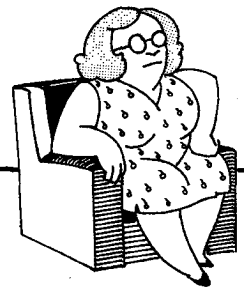
Assim vivia nosso bom Soares. Agora está se aposentando: trinta anos de casa. Mas jovem, sempre jovem no viço de servir. E me pergunto: quando muitos se preocupam apenas com *direitos* como é que esse Zé conseguiu rechear sua vida com o prazer — tão simples — de cumprir suas *obrigações?* É um prazer tão natural, tão simples, que ele ainda se sente sempre Zé, apenas Zé. Foram homens assim, como o Soares, que construíram a História desta casa.



Autor: **DOMINGOS PEROCCO NETTO**

Tomou posse na agência de São José do Rio Pardo (SP), em 14.07.52. Atualmente é S-7 e gerente-adjunto em São João da Boa Vista (SP).

ASSINATURA AVULSA



Em Criciúma, cidade próspera, nossa agência tem uns 120 funcionários, três classe "I", e é a 5ª em arrecadações no Estado de Santa Catarina, com 18 guichês na linha de frente.

Fevereiro, 28, segunda-feira. Mais outro turbulento "dia de pico". Como em todo fim de mês, a bateria é um sufoco. Às 7:30 começa o batente, compensação de cheques. Vem depois o bloqueio nas listagens. O tempo voa. 8:45, os caixas requisitam seus baús. 8:55, todos os guichês ocupados, caixas a postos, máquinas em prontidão. Lá fora a multidão se aperta junto às portas ainda fechadas, aqui dentro o coordenador corre os olhos pela bateria. Seja lá o que Deus quiser, pensa ele com seus botões. E dá o sinal para os guardas.

As portas se abrem e uma explosão de gente invade o salão, pessoas correm, se atropelam. Puxa! A pressa é tanta que até parece distribuição gratuita de dinheiro. Tudo para última hora: FGTS, INPS, taxas, impostos. Além dos depósitos e saques habituais, claro.

Trabalha que trabalha e mais tarde o burburinho vai se desmanchando, o salão se tranquiliza. Aproxima-se o encerramento do expediente externo, os caixas suspiram de alívio e cansaço.

Na fila do guichê do Arcângelo, aquela senhora não parece ter pressa, lá no fim. Com a agência já fechada, chega a vez dela. Quer o saldo. Arcângelo se apressa, prestimoso; não vê a hora de *se mandar*. Vai à listagem, informa. Ela pede:

— Por favor, faça um cheque avulso de trinta mil.

— Pois não, minha senhora — sorri Arcângelo. E nervosamente apanha um avulso, coloca número de conta, nome completo, valor em números e por extenso, data, assinatura. De olho na rotina, vai confrontar com o cartão de autógrafos.

Uéi, se exclama. Não é que o raio da assinatura não confere? Trata, então, de aplicar sua "reciclagem em grafoscopia", feita na semana anterior:

1º — Espontaneidade. Beleza.

2º — Dinâmica. Jóia!

3º — Gênese. O problema está aqui. Não começa igual nem termina igual. Cadê os momentos negativos? E o sentido sinistrovolvente?

Resolve levar o caso ao coordenador que, atarefado, passa o olho e nem titubeia:

— Devolve. Alínea "B".

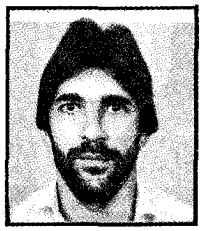
Arcângelo volta ao guichê, coçando a cabeça. Como devolver um recibo avulso? Para não melindrar a senhora cliente antiga, ele convida:

— Dona Magdalena, a senhora poderia ir ali na plataforma, para fazer novo cartão de autógrafos? Sabe, sua assinatura evoluiu, ficou diferente ...

Dona Magdalena arregala os olhos. Interrompe:

— Mas é claro, moço. Tem que estar diferente, ué. Pois foi você quem assinou!

Arcângelo caiu das nuvens. Completamente *reciclado*.



Autor:

ADILOR ANTONIO BORGES

Tomou posse na agência de São Joaquim (SC), em 24.02.75. S-1, Caixa-executivo na agência de Criciúma (SC).

Não quebre, não estrague, não destrua. Conserve e proteja a sua cidade.

BIP/130

Reforço de peso

Nos tempos em que era preciso chegar ao trabalho às cinco da matina para dar conta de todo o serviço da Compe (hoje, o computador me substituiu), somando, separando, somando e novamente organizando cheques, acontecia, às vezes, de haver mais cheques do que disposição ou mesmo capacidade para somá-los todos (será que o computador sente a mesma coisa?).

Em trepidante compensação de terça-feira (benditas terças-feiras dos cheques de fim de semana!), apelei para o chefe, pedindo reforços. O Braz, que ainda trabalha na metropolitana Cinelândia, me manda chamar:

— Procure aquele cara que veio há pouco lá de Brasília, um tal de Éder, ou coisa assim.

Na sobreloja, pergunto. O colega aponta:

— É aquele cara ali, ó. O de terno.

Identificando o reforço, tasco-lhe o recado à queima-roupa:

— Éder, o Braz quer que você dê uma força lá embaixo, na Compe. Você se prontificou a nos ajudar quando fosse preciso, não é? Pois tá na hora, cara. Tem uma pirâmide de cheques assim, pra você somar.

O reforço me olha com jeito de quem pouco entendeu. Mas se levanta e desce, para me ajudar. Soma que soma cheques, eu e o reforço já tínhamos somado uns dois mil, quando noto um grandalhão zanzando por ali, meio perdido.

— Você está procurando alguém, ô?

— Tou sim. Um cara, o Emerson aqui da Compe.

— Pois sou eu. Qual é o galho?

— Disseram que você andava me procurando para somar a Compe, que está muito grande. Me dá os cheques aí, que mando brasa.

— Ué. É você o Éder?

— Eu mesmo.

— Então quem é você? — pergunto ao reforço impostor, já preocupado com a soma dos meus queridos cheques.

— Eu sou Ézer.

— Ézer? Ah, bem, quer dizer, então me desculpe, pensava que você fosse ele aqui. Se quiser, pode deixar os cheques que agora nós somamos. Obrigado. E desculpe, viu? Eu . . .

Enquanto falo, o Ézer vai arrumando cheques, até me interromper:

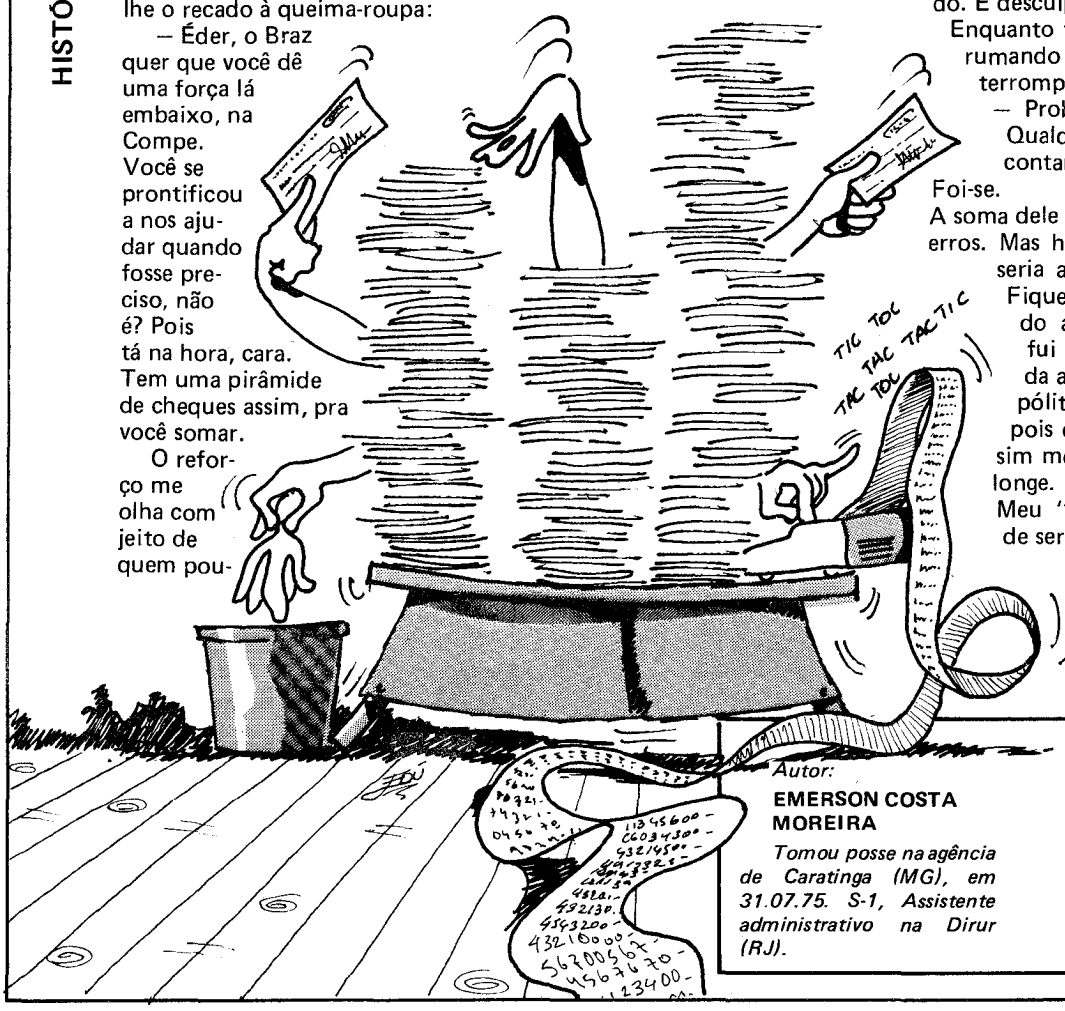
— Problema não, colega. Qualquer coisa pode contar comigo. Tchau.

Foi-se.

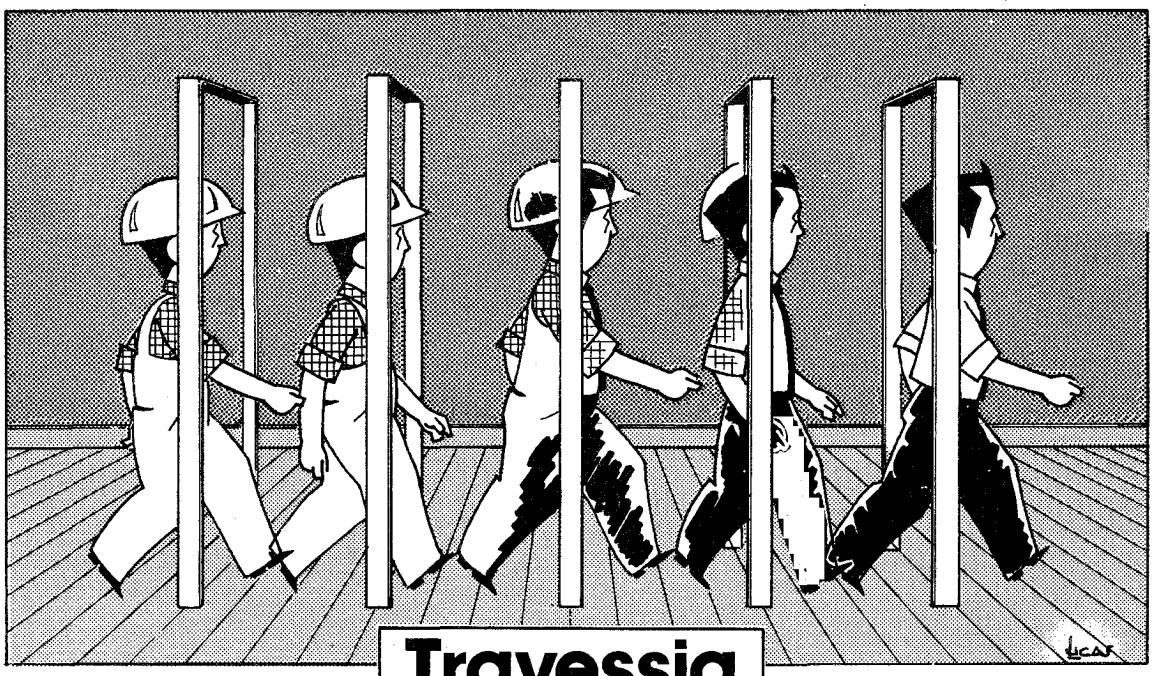
A soma dele estava correta. Sem erros. Mas havia o grilo: quem seria aquele tal de Ézer?

Fiquei um tanto assustado ao lembrar que só fui conhecer o gerente da agência, o Paulo Hipólito, três meses depois de minha posse, assim mesmo de vista, e de longe.

Meu "grilo" tinha razão de ser. O excelente trabalho do misterioso reforço tinha explicação bem fácil. Ézer era o novo gerente-adjunto.



Autor:
EMERSON COSTA MOREIRA
Tomou posse na agência de Caratinga (MG), em 31.07.75. S-1, Assistente administrativo na Dirur (RJ).



Travessia

Retornas à casa mastigando cansaço das chapas de aço e prensas hidráulicas, no malabarismo de sobreviver até o próximo salário mínimo. Ruminas vicissitudes, dez horas de fuligem e calos que consomem teus encantamentos. Falta sorriso aos teus vinte anos, entusiasmo para saborear tua própria juventude. Diante do Banco, porém, vês o mágico edital: "... 6 horas ... 546 cruzeiros ... gratificações ... "

Entras na agência amordaçando frustrações com remendada tira de novas crenças. Com alguns cruzeiros emprestados e muitos sonhos próprios, eis-te habilitado ao concurso, tua safra de aflições agora se mascara em sorriso aos "colegas". Ousas, enquanto te atendem, passear os olhos pelo ambiente, degustando a atmosfera agradável. Tomas o cafezinho que te oferecem e os votos de "boa sorte" te soam espontâneos, genuínos.

Em busca do sonho, agora sacolejas com mais dezoito esperanças, o lotação te conduz também às provas. Nervosismos se disfarçam com cigarros de dar coragem, ou anedotas já surradas. As esperanças se assemelham, transpassam os assuntos. E vai se adiando a detonação da bomba-relógio armada em teu peito, recheado de preocupações.

Na volta, eis-te deslizando com outras nove crenças pela estrada chacoalhada por alguns desencantos. Foi dura, a prova. Mas ainda te permites acariciar o sonho, turvado apenas pela "miserável datilografia". Intermitentes, as certezas. Mas permanece, resiste o fio de entusiasmo.

A notícia chega e te atropela: foste aprovado!

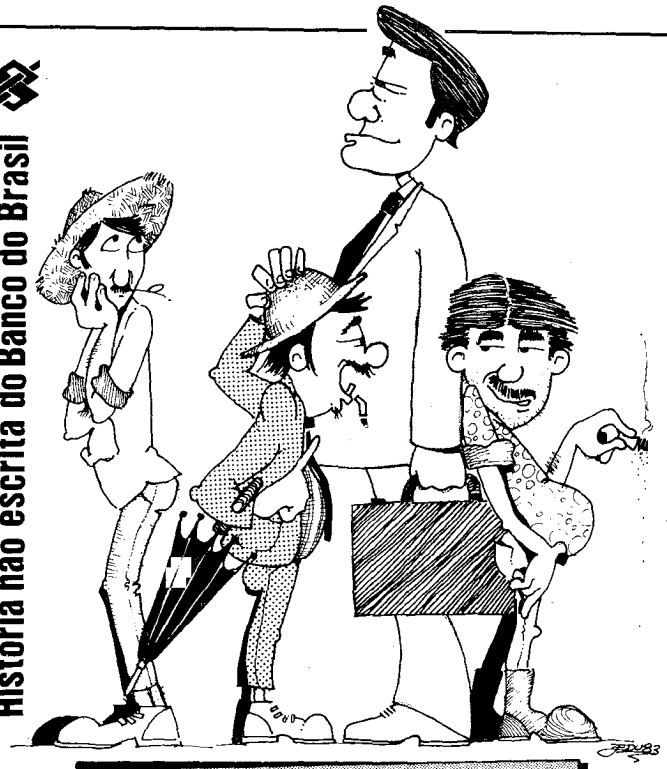
Tens vontade de cantar fora de tom, abraçar, abrasar. Os anos de inação e metalurgia se abreviaram, mas relevas tudo desse tempo findo. Até que o pesadelo não foi de todo horrível: amadureceste.

No dia da posse, a gravata quase asfixia, a camisa cheira a etiqueta. Não controlas o gigantesco sorriso, aquele "estado de graça" turva tua lucidez. Fazes o "juramento de posse", ficas à cata do "Livro de Diferenças", cometes outros *trabalhos* que fazem a alegria dos veteranos. Cessados os risos, digerido o teu papel na brincadeira, eis-te engajado à Casa.

Surgem as partidas, depois; os débitos, os créditos, descontos, promissórias, propostas e contratos; os mapas de volume e fitas-detalhe. Assimilas a linguagem bancária: *espelho, boca-de-caixa, mula-mecânica, oitavado* ... E aprendes a amar o Banco.

Hoje, teus ideais se mesclam com a estrutura e organização da empresa. Já não és aventureiro e mercenário, pois te seduziram os anos de aprendizado e convivência, dissolvendo tuas possíveis mesquinharias. O Banco, este paradoxo de frieza e aconchego, gera tanto neuroses como realizações pessoais. Ele se instalou em ti, germinou esse respeito e emoção que te fazem orgulhoso do *teu* Banco.

Autor:
ROMEU BOHLKE
Tomou posse na agência de Sapiranga (RS), em 19.5.71. Implantador "B" no Deorg/Impla - Uri (PR).



A proposta

Época de custeio agrícola.

A agência se prepara para atender agricultores que, às centenas, procuram o Banco. É grande a expectativa do pessoal do Setop. Quando se iniciar o expediente, será aquela correria, todo mundo querendo ser atendido ao mesmo tempo.

Às nove horas, as portas se abrem. A multidão entra em atropelo, derrubando, esbarrando. Com dificuldade, os colegas conseguem organizar as filas.

No meio daquele mundo de gente simplória e humilde, uma exceção. Metido em paletó escovado, rosto sério, ares solenizados, o sujeito carrega pequena maleta e se ajeita como pode entre os clientes que se apertam. Estranho cliente, o homem.

Poderia chamá-lo, interpelar, saber qual era a dele. Mas preferi esperar que chegasse sua vez. Afinal de contas, cada qual se veste como bem entende. Na faina de colher propostas, desligo-me do paletó escovado, do rosto sério, da pequena maleta. Vou almoçar. Volto. A fila continua andando vagarosamente.

Lá pelas tantas, quatro ou cinco da tarde, o sujeito do paletó avança em minha direção, escovadamente. Noto que os olhares dos colegas se voltam para mim, o enigma também é deles. Seria louco o homem de ares sérios? Quarenta graus à sombra, calor de assar a alma, e o cara ali, plantado na fila. Sem almoçar. Paletó e gravata. Mala e solenidade. Que diacho de perseverança seria aquela? Vou ao assunto:

— Boa tarde.

— Boa.

— Qual o nome da sua fazenda?

O homem estranha:

— Hein?

Eu, mais ainda:

— O nome, o nome da sua fazenda. Vai plantar quantas tarefas?

— Bem ...

Insisto, o homem balança dentro do paletó escovado:

— Sua roça tá arada legalzinha, tá?

— Eu ...

O ar solene do homem se transforma em espanto mudo. Ataco:

— Tá se sentindo mal?

— Mas ... eu não tenho fazenda! — balbucia a figura.

— O quê? Não tem?

— É . Eu nunca tive fazenda.

Parece enrolado. Trato de debulhar detalhes:

— Certo, certo. Mas, se não é sua, de quem é?

— De quem é o quê?

— A fazenda.

— Ah! a fazenda. Não, não tenho, já disse.

Tento ser objetivo, trato de encurralar:

— Agora entendi. Cadê a carta de anuência?

O proponente me encara com ingenuidade inverossímil:

— Carta de quê?

— Anuência, poxa. A-n-u-ê-n-c-i-a.

— Não. Não me deram isso.

— Bem, se não tem carta de anuência nem fazenda, o que é que o senhor deseja, afinal?

— ... Tomar posse.

— Posse?

— É. Vim tomar posse.

Pensando em lavouras, feijões, milho, propostas, fico ainda sem entender. Será que o maluco queria *se apossar* de dinheiro? Pergunto:

— Sim, posse. Mas posse de quê? Desculpe-me, mas não entendi.

— Posse, posse! — enfatiza o *mutuário*. — Eu não sabia que precisava trazer essa tal de anuência!

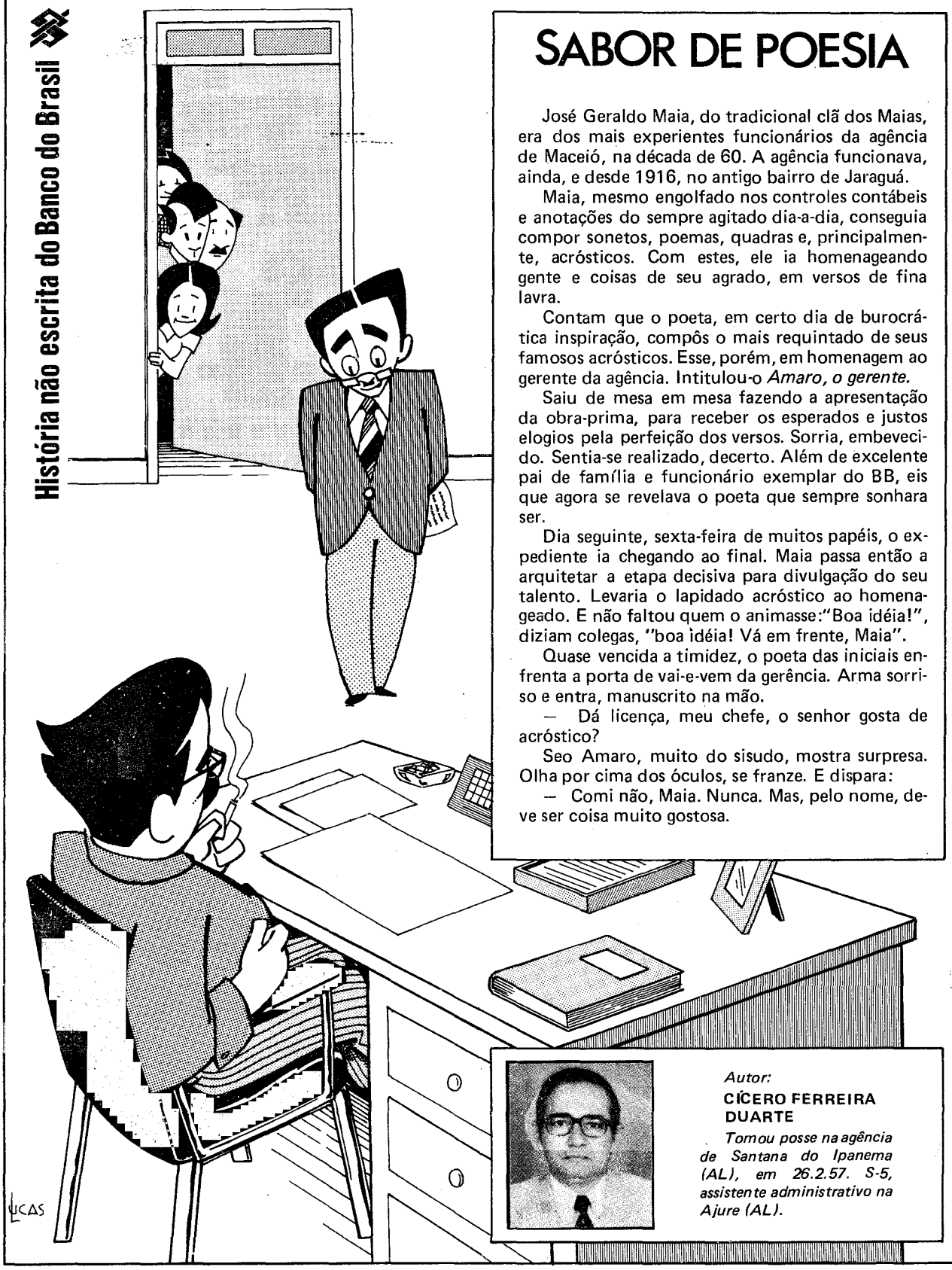
Só então me lembrei. Estavam chegando os novos funcionários, aprovados no último concurso externo para o nível Básico. Eles sabiam pouco (ou nada) das rotinas da Casa. Tinham direito de chegar assim, com jeito escovado, para a solene *proposta* de posse.

Autor:

JOSÉ ADEMILTON TUY CARNEIRO

B-1 na agência de Irecê (BA), onde tomou posse em 04.12.81.

História não escrita do Banco do Brasil



SABOR DE POESIA

José Geraldo Maia, do tradicional clã dos Maias, era dos mais experientes funcionários da agência de Maceió, na década de 60. A agência funcionava, ainda, e desde 1916, no antigo bairro de Jaraguá.

Maia, mesmo engolfado nos controles contábeis e anotações do sempre agitado dia-a-dia, conseguia compor sonetos, poemas, quadras e, principalmente, acrósticos. Com estes, ele ia homenageando gente e coisas de seu agrado, em versos de fina lavra.

Contam que o poeta, em certo dia de burocrática inspiração, compôs o mais requintado de seus famosos acrósticos. Esse, porém, em homenagem ao gerente da agência. Intitulou-o *Amaro, o gerente.*

Saiu de mesa em mesa fazendo a apresentação da obra-prima, para receber os esperados e justos elogios pela perfeição dos versos. Sorria, embevecido. Sentia-se realizado, decerto. Além de excelente pai de família e funcionário exemplar do BB, eis que agora se revelava o poeta que sempre sonhara ser.

Dia seguinte, sexta-feira de muitos papéis, o expediente ia chegando ao final. Maia passa então a arquitetar a etapa decisiva para divulgação do seu talento. Levaria o lapidado acróstico ao homenageado. E não faltou quem o animasse:"Boa idéia!", diziam colegas, "boa idéia! Vá em frente, Maia".

Quase vencida a timidez, o poeta das iniciais enfrenta a porta de vai-e-vem da gerência. Arma sorriso e entra, manuscrito na mão.

— Dá licença, meu chefe, o senhor gosta de acróstico?

Seo Amaro, muito do sisudo, mostra surpresa. Olha por cima dos óculos, se franze. E dispara:

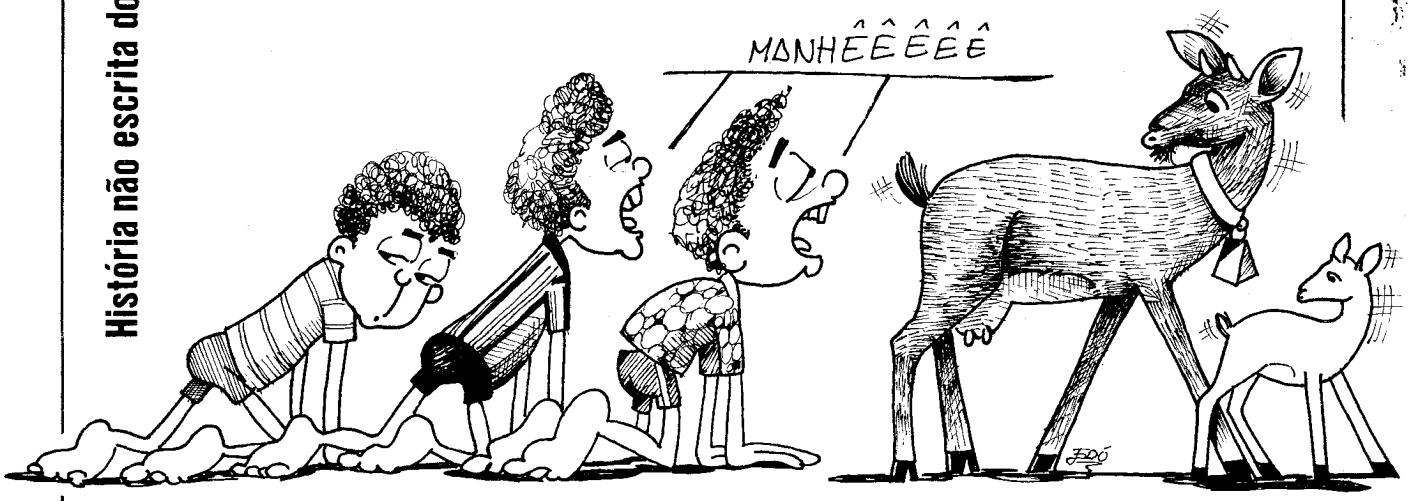
— Comi não, Maia. Nunca. Mas, pelo nome, deve ser coisa muito gostosa.

Autor:
CÍCERO FERREIRA DUARTE
Tomou posse na agência de Santana do Ipanema (AL), em 26.2.57. S-5, assistente administrativo na Ajure (AL).

BIP/134

História não escrita do Banco do Brasil

Operação coração



Formosa do Oeste, cidade fincada naquele canto do Paraná, foi uma das que receberam sua agência "classe I".

O entusiasmo do pessoal da terra, sequioso pela presença do Banco, derramou-se na procura de financiamentos de custeio agrícola, tratores, construções de casa e outros. Mas entre tantas operações, houve uma que se tornou marcante.

Dona Maria, mãe de três filhos, família de bóias-frias, andava em dificuldade muito especial: conseguir leite para suas crianças. Foi quando alguém lhe soprou que o Banco estava emprestando para compra de animais. Quem sabe financiasse a cabra que ela pretendia.

Ansiosa, olhos brilhando esperanças, dona Maria procura a agência: "Quero financiar uma cabrita, sabe, é para o leite dos meus meninos, são tantos!"

— Isto é com o "Kapixaba" ali, ó — aponta o funcionário.

"Kapixaba" é como se tornou conhecido o Paulo Roberto, supervisor em exercício. Ele ouve a história de dona Maria, coça a cabeça.

— Quanto é que custa a cabra?

— Dez mil. O senhor sabe, ela já tem cabritinho, tá dando leite ...

— E quanto a senhora tem de seu, para comprar o bicho?

— Quase nada, moço. Vou precisar de tudo, a bem dizer.

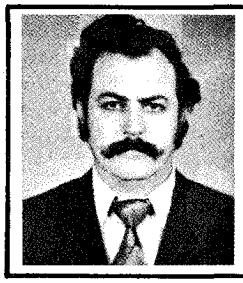
"Kapixaba" se ajeita na cadeira, pisca. E resolve:

— Vá lá, dona Maria, vá lá. Junte o que a senhora tem, que o resto o Banco empresta. Só tem uma coisa: vou fazer uma vistoria pra ver se a cabra vale isso mesmo.

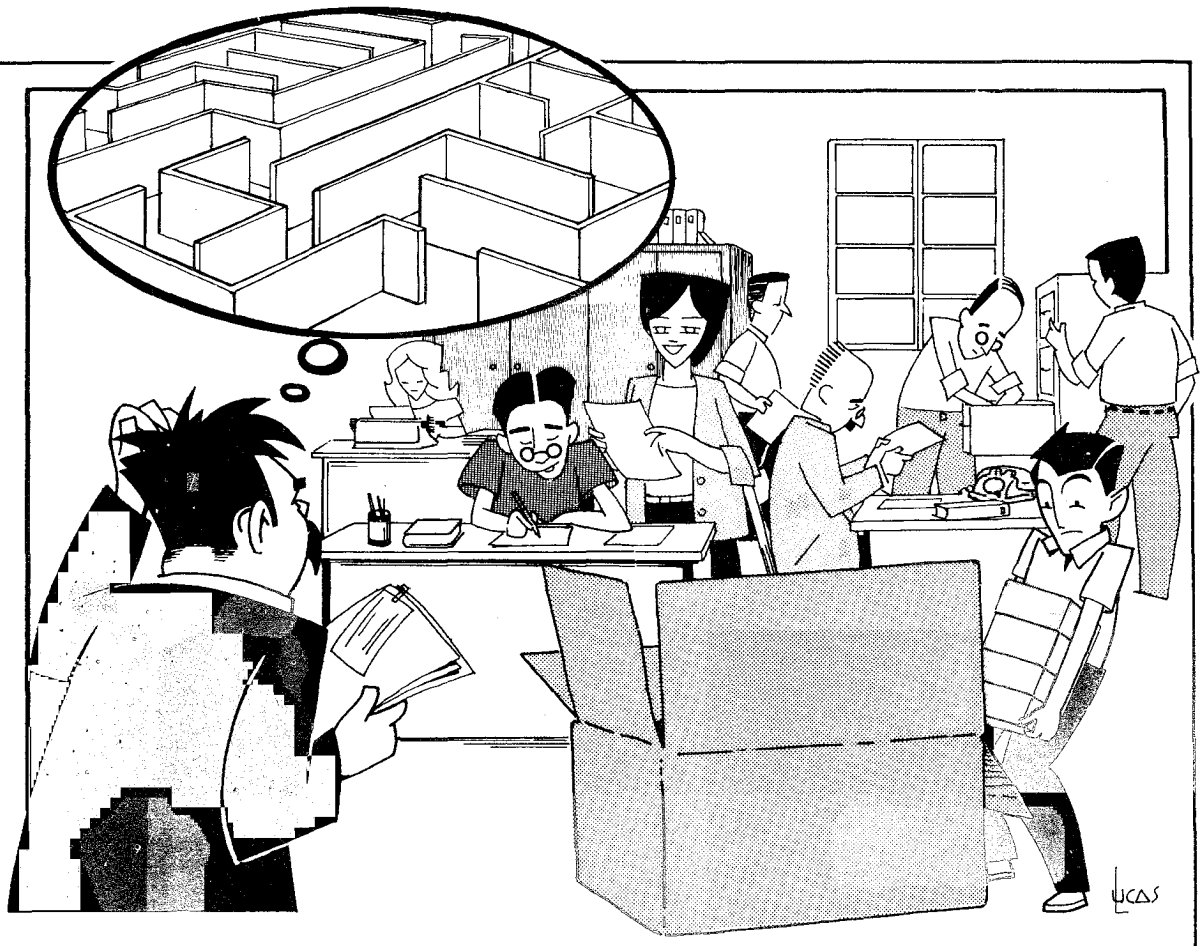
"Kapixaba" foi. Viu a cabra, o cabritinho, o leite. Entregou, na hora, o dinheiro de que dona Maria precisava. Ela prometeu: pagaria. Mas como pudesse.

Três meses depois, a "mutuária" devolvia ao "Kapixaba" a última parcela do dinheiro emprestado. Ela já tinha assegurado o leite das crianças. A operação, no entanto, não apareceu em documento algum da "Classe I". Saiu do bolso do "Kapixaba".

Dona Maria ainda hoje pensa que foi o Banco do Brasil — graças a Deus — que arranjou o dinheiro. Sem juros, imagina! Uma verdadeira *mãe.*



Autor:
ANTONIO MARAFON
M-2, tomou posse na agência de Assis Chateaubriand (PR), em 27.9.79, onde atualmente é caixa-executivo.



UMA CAIXA NO CAMINHO

Na agência do Banco, movimento enorme: liberação da primeira parcela do custeio agrícola. O trabalho é intenso, acelerado.

Da fila onde me encontrava (na ocasião eu era apenas cliente da Casa), dava para notar que a coisa não estava fácil para o Idélcio. Muitos papéis na mesa. Pressas. Mar de clientes rurais. Mas o Idélcio sempre de bom humor.

Do outro lado do balcão, seu Evaristo aguarda, impaciência de cliente de primeira vez.

– Evaristo Arnaldo de Souza! – chamam.

– Presente! – grita ele, alvoroçado.

– Pode entrar. Sente-se, por favor.

– Apois não, sinhor.

Idélcio confere, carimba, destaca, assina, rubrica, separa, grampeia. Com jeito aturdido, seu Evaristo acompanha a movimentação. Para adiantar serviço, Idélcio lhe passa via "anexo de caixa", pede que assine. Trêmulo e desajeitado, seu Evaristo põe garatuja no papel.

– Qué dizer que tá tudo pronto?

– Tudo pronto, sim. *Caixa*! – confirma Idélcio, passando rapidamente os papéis.

Minutos depois, seu Evaristo volta. Entra apressado, vermelho de angústia. Parte para Idélcio.

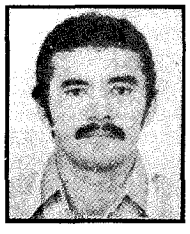
– Então o sinhor acha que sou palhaço?

– Calma, calma. O que foi, lá?

– Apois já vim aqui pra mais de dez veiz, fiz cadastro, sinei tanto papel e adespois desses protocolos todos o dinheiro acaba não saindo? E tem mais, não tô aqui pra bola de bilhar, não sinhor.

Felizmente o Idélcio logo adivinhou a razão da bronca. Sem perder papo nem tempo aplica solução dupla: primeiro, acalmar o homem; depois, levá-lo pelo braço diretamente ao Caiex, na bateria.

Estava certo, o Idélcio. Era a melhor maneira de evitar nova caminhada do seu Evaristo à Caixa Econômica Federal, com todas as rezingosas conseqüências. Naqueles dias, falava-se muito em *Caixa* em Barra do Corda. A cidadezinha vibrava com a recente inauguração da CEF.



Autor:

HENRIQUE JORGE OLIVEIRA

B-1, na agência de Barra do Corda (MA), onde tomou posse em 9.11.81.

Casanova impaciente

Duas horas da tarde. Setembro. Grande movimento na agência em Mandaguaçu, Norte do Paraná: financiamentos de soja, milho e algodão. Do balcão da carteira rural, já apinhado de gente, se aproxima um rapaz com jeito encabulado. Quer saber quem faz "papagaios".

O proposteiro abana a cabeça: não é aqui, não. E aponta para a turma do crédito geral.

Na Crege, Zé Mário atende:

— Não vai ser fácil, moço. Não temos teto, chegamos ao limite de nossas aplicações. Mas o empréstimo pode sair noutro dia, depende...

— Olha aqui — gagueja o tímido, nervoso. — Será que não posso botar a mão nesse dinheiro hoje mesmo?

— Não vai dar, compreenda. Melhor é você voltar no fim da semana. Aí, então...

Zé Mário não chega a concluir. Olhos rútilos, o tímido insiste:

— Sabe duma coisa? Tou precisando *mesmo* desse dinheiro, rapaz. É pouco, mas tem que ser hoje. — Olha para os lados, piscando angústias. E revela, cochichante: — Esta noite vou fugir com uma menina. Já viu, né?

Zé Mário nem precisou consultar instruções. A operação shakespeariana *não casava* com nenhum regulamento da Casa.

Quanto à fuga, bem... o desfecho decerto foi outro. Afinal, os tímidos também amam.

Autor:

LUIZ HOLAK

B-1, na agência de Mandaguaçu (PR), onde tomou posse em 21.12.82.

Noé e seus irmãos

O maltratado Gurgel dá sinais de estafa: engasga, sacoleja, esturra. Silencia. E pára.

Silva, o fiscal, salta para fora, abre o capô. Pela terceira vez tenta reviver a máquina do velho companheiro, que já deveria estar aposentado daqueles buracos, cocurutos, poeiras e lamaçais. Limpa velas, lixa platinado. Sobe. Dá na chave de ignição. Nada.

Com resignação bicuda de raiva, Silva se acocora ao pé da algaroba sem folhas, fica olhando o sol parado sobre a caatinga e os horizontes que dormem à distância. Nem vê que se aproxima um jegue, coxeando, puxado por criatura miúda, de cor indefinida.

— No prego, dotô?

— Pois é, — responde o Silva, saindo do seu próprio *enguiço*. — Logo hoje.

— Moço, essas terras são do coronel Anastácio. Casa grande fica logo ali. E o coronel tem carro. Lá deve de tê quem entenda dessas mecânica.

Silva se ilumina. Levanta, batendo o pó da roupa:

— Você caiu do céu, rapaz. Vamos lá!

O menino olha o burro. E pede:

— Pois me ajude a descê esses jirau de carvão, pra descansá o Mimoso. O dotô tá com pressa?

— Mas claro. Logo mais já é Natal, quero ir para casa. E você? Não está com pressa de chegar?

— Não sinhô — fala a criaturinha miúda, com ar de surpresa. — Chego sempre na meminha hora. Esse Natal ... quem é ele?

— Ei, pára aí. Sujo assim, você até parece de outro planeta. Mas é tão da Terra quanto eu. Todas as crianças conhecem Papai Noel. Seus pais nunca lhe falaram do Natal?

O menino mexe nos próprios dedos, meio confuso.

— Noé eu sei. É meu nome. Era de um home santo, que fez canoa gigante e nela salvou muita gente num dia de chuva comprida. Minha mãe me contô. Mas ela já morreu, faz treis inverno.

— E seu pai, menino?

— Deus levô primeiro, antes de mãe — responde o menino, remexendo os dedos. — Ficamo treis, Zezito, Rosinha e eu, o mais véio.

— E ... e como é que vocês se arranjam?

— Bom, de tarde nóis corta madeira e queima pra tirá carvão. De manhãzinha, eu venho pra cidade, vendo o carvão e compro comida.

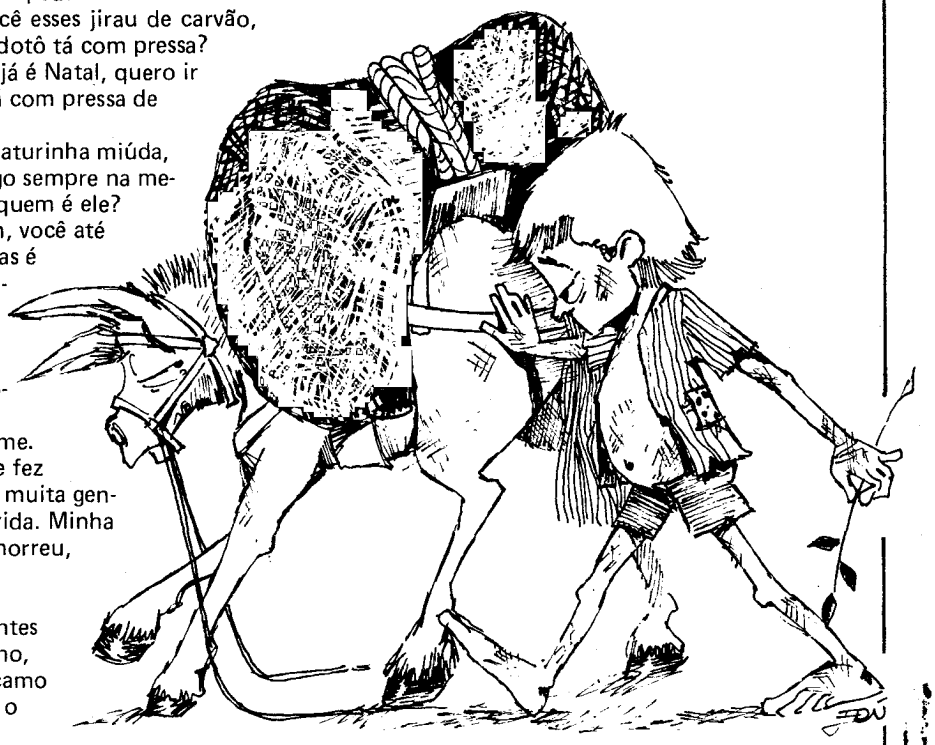
Silva quer saber mais:

— E se alguém adoece, quem cuida de vocês? Quem olha os menores enquanto você está na cidade?

O menino fita o chão, começa a arrastar o pé na terra ressequida. E sintetiza:

— Deus.

Silva esquece carro, presentes e festas. O Natal não deveria ser comemorado enquanto existissem a miséria, o descaso, o ódio. E crianças como Noé e seus irmãos.



Autor:

JOSÉ ARTEIRO MARQUES

Tomou posse na agência de Princesa Isabel (PB), em 14.8.79. B-1 em Santa Quitéria (CE).

Custódia, a tal

Novo concurso. Aprovados novos. De dezembro a janeiro, uma turma de mais ou menos 15 funcionários chega para tomar posse em nossa agência de Três Corações (MG). Na Retag, cinco estão enfrentando seu primeiro emprego. Muita fibra: dão tudo de si para que nada saia errado.

"Barra" bem maior é ser ao mesmo tempo bancário de primeira viagem e boca-de-caixa. Pois aconteceu comigo. E não foi fácil. Imagine seu primeiro dia de trabalho, você jogado no meio daquele monte de papéis e tendo que saber a *identidade* de todos eles. E separa, e soma, e faz partidas, grades, fichas de lote — pagamento/recebimento — e, pior de tudo, no final do expediente o total tem que bater com o da tesouraria. É a *coroação* do serviço.

Não se pode negar que o aprendizado do serviço é meio automatizado. Foi o que sucedeu à Marília Condé, a mais nova, recém-chegada de Rio Pomba (MG). Tudo que ela fazia era com orientação de veterano. Logo, tinha que dar certo. E dava.

Chega o final do mês, o primeiro de Marília na carteira. Aumenta o sufoco; é papel que não acaba mais. A moça, heróica, vai dando conta do recado. Lá pelas tantas, porém, hora de fechar o movimento do dia. E a soma da Marília não bate com o total da tesouraria.

O Duda, responsável pelos recebimentos, arranca os cabelos: a diferença é grande. Marília, nervosa. Toda a Retag é convocada para procurar a diferença.

De repente, Duda suspira, aliviado. Com ar de suspense, e depois de olhar para cada funcionário, vira-se para a mais nova novata:

— Marília, onde está a custódia?

Ela, com a ingenuidade de bancária novíssima, se irrita logo:

— Puxa, Duda! Você vem perguntar isso pra mim, logo agora que estou tão atarefada! Além do mais, não conheço quase ninguém da agência. Diz pra mim, pelo menos, em que andar trabalha essa pessoa.

Duda não entende:

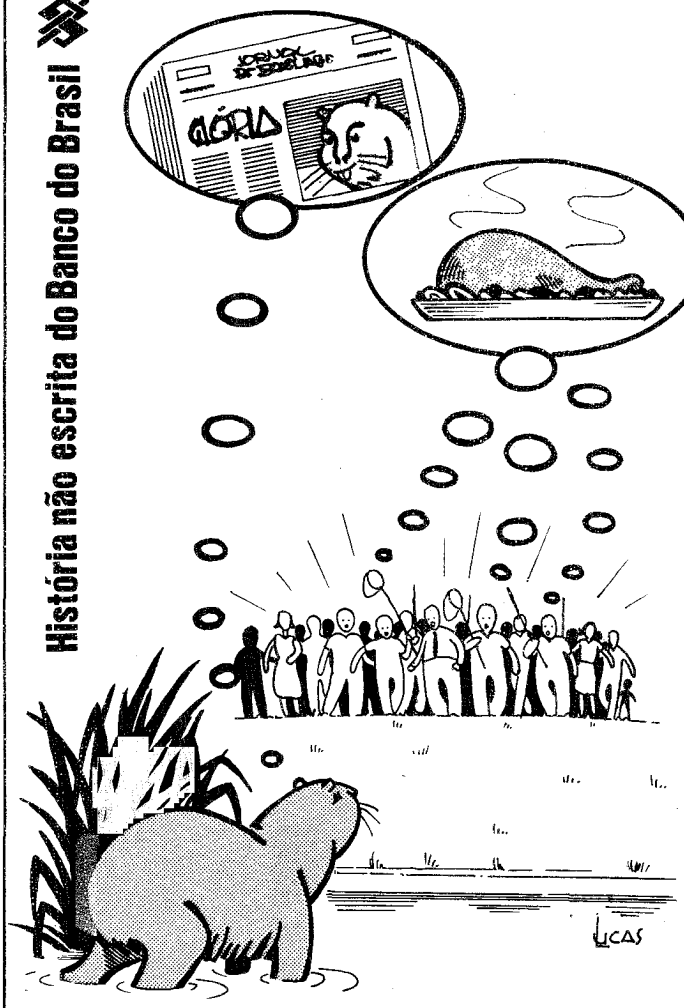
— Que pessoa, menina?

— Ora, Duda. A tal de Custódia!

A gargalhada foi geral. Estava *apresentada* a diferença. E a agência ganhou nova funcionária. A tal da Custódia.

Autora:
LENICE GOMES DE LÂNES
B-1, na agência de Três Corações (MG), onde tomou posse em 25.2.82.

BIP/139



SAFÁRI FEDERAL

O rebuliço aconteceu quando 1983 agonizava. Céu nublado, venho chegando para mais um dia de trabalho. Antes, porém, de me deixar engolfar pela rotina, dou meu passeio pelas redondezas, que é para avivar o sangue.

Assim distraído, sou puxado à terra pelo alarido de gente que se debruça sobre arbusto do jardim, junto ao prédio do Banco. Alguns afoitos se enfiam galhos adentro, alvoroçados. Aproximo-me com prudência, talvez medo.

Vã preocupação. A causa do ajuntamento está ali, pacífica: um inocente roedor. Mas que poder sobrenatural teria o bicho para imantar tantos passantes? Que carisma quadrúpede seria esse? Desde a turma da carreira de Apoio até o venerável S-8, ninguém teve a preocupação de obedecer ao incisivo "não pise na grama". Seria um simples rato? Nem pensar. Para tanto estrelismo, só o Mickey Mouse.

Eis que o bicho se vira. E se sacode, entre exclamações. Na verdade, é uma roedora. A maior delas: capivara.

Os bombeiros chegam desconfiados, medo de trote. Mas se desvanecem os sorrisos dúbios dos homens do fogo, pois a intrusa dá salto ornamental e se esparrama no espelho d'água do edifício. No fogo do alarido, aos trambolhões, os heróicos soldados se lançam à captura da desaforada. Pega, cerca, corre: questão de honra profissional. E no *ajuda*! e *corre aqui*! envolvem-se respeitosos bancários engravatados e passantes a passeio. Um dos respeitáveis, vetusto e grave, doutor advogado do Banco (portanto, defensor da Lei e da ordem), se arroja valentemente, buscando os pés da fugitiva. E recebe como paga, isto é, honorários, um banho enregelado. A bichinha não é boba, não senhor; e na água sou mais ela. O Bernardino jura ter ouvido do causídico aquele cesáreo *alea jacta est,* antes de sua gravata mergulhar nas águas. Quem poderá desmenti-lo? Ninguém, nenhuma daquelas pessoas encarapitadas nas janelas dos prédios, todas muito atentas às tropelias da forasteira.

Quanto ao jardineiro, alheio ao tumulto, devaneava do outro lado do laguinho, quando, de repente, vê o cortejo ameaçador, capitaneado pelo... *hipopótamo*! (pois esse é o grito que escapa de alguém, na multidão). Paralisado de espanto, já que seu forte é botânica e não zoologia, ele contará para seus filhos que foi levado de roldão por bombeiros, bancários, passantes, redes. E, de quebra, pelo *hipopótamo.*

Após batalha lacustre um tanto demorada, inferior em número e espécie, a roedora deu-se por roída. Houve quem lamentasse a captura, pura hipocrisia. Outros aplaudiram os destemidos varões perseguidores, em lances cinematográficos e nem sempre bípedes. Alguns, mais passeantes que passantes, dão-se ainda à cachimônia de vasculhar novos recantos verdes, em busca de mais uma capivara ou, quem sabe, até bicho de maior porte.

Com câmeras e caixas, chegam os homens da televisão, mas atrasados. Por certo não acreditaram na história absurda que lhes contaram.

Ah, ia-me esquecendo do lugar da acontecença. O palco da capivarice circunda o conspícuo Edifício Sede III do Banco do Brasil. Em Brasília, Capital Federal.

Autor:
JAIRO LUIS BROD
B-2, na Presi/Cotec. Tomou posse em 8.1.80, na antiga Dipla.

BIP/141

amor bancário

Certo coleguinha bastante dedicado ao trabalho e muito bem lotado no Setop, tanto se adaptou ao *idioma* bancário que, brigado com a namorada, escreveu-lhe:

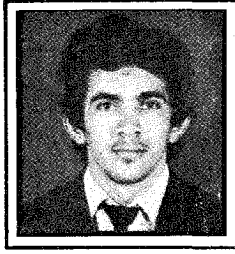
Querida,

Neste instante de sentimentos consolidados, encaminho-te meu pedido de prorrogação de nosso amor, que o Tempo esqueceu de contabilizar nas partidas do Destino, esse Cesec de Deus. Porque venceram as restantes parcelas do que foi um grande amor, achei de firmar esta declaração.

Volta pra mim, meu amor, que te hipotecarei meus sentimentos todos. Passarei procuração de minha personalidade e me terás obediente, como fiel depositário. São infinitos os arquivos da saudade, ilimitada a plataforma da paixão. Soluço como autenticadora recém-acionada, da caixa-forte do meu ego jorra solidão dilacerada. Os olhos já não brilham como painel de calculadora. Fotocopiadas na imaginação e processadas no cérebro, as lembranças registram sempre aqueles dias que não voltam mais. E o coração, ah, o coração datilografa aqueles mesmos e imperecíveis impulsos no teclado da Vida.

Querida, és mais linda que cédula rural hipotecária, tua bondade é grande como a de cédula rural pignoratícia. Tens a simplicidade da nota de crédito rural, olhos verdes como 06 / 13, cabelos com negrura de carbono novo. Por tua causa, o almoxarifado de minha inspiração está em crise, ficou confusa a expedição de idéias. Não, querida, não leves em conta as glosas em nosso relacionamento. Indeniza meus erros. Custeia minhas faltas. E podes investir neste declarado amor, deferindo esta suplicante proposta de melhoramento.

A resposta? Decerto houve. Afinal, a declaração foi muito bem *processada.*



Autor:

VALDECY DA COSTA ALVES

B-1, na agência de Ipaumirim (CE), onde tomou posse em 29.11.82.

o bem velado

Ao aposentar-se, Antônio Carlos Ferreira da Silva era gerente-adjunto da agência em São Bernardo do Campo. Extremamente dedicado ao Banco, não era qualquer dor ou mal-estar que o impedia de trabalhar. Um dia, porém, exagerou, chegando a pregar, involuntariamente, enorme susto em um dos inúmeros clientes que o admiravam.

Naquela manhã de sexta-feira, atendo ao telefone da Plata e uma voz feminina me pede detalhes sobre a morte de nosso gerente. O desenlace foi ontem, em pleno trabalho — conclui nervosa.

Assustado, retruco:

— Deve ser engano, dona. Não pode ser. Seu Carlos está aqui perto, vivinho da silva. Não apresenta sinais de fantasma, não senhora.

— Mas não é possível — espanta-se a voz. — Meu marido ouviu tudo no telefone. Ele estava ligando para o Banco justamente quando o gerente morria. Foi de repente, não foi? — Olha, meu marido sofre do coração e está muito abalado com a morte do seu Carlos.

Apesar da experiência em tratar com o público, fico sem saber o que falar. Consigo descartar-me da voz. Mas permanece a curiosidade: como é que a tal *notícia* chegou ao cliente cardíaco?

Pergunta daqui, assunta de lá, acabo descobrindo.

Na véspera, a Eletropaulo resolvera consertar a rede elétrica. Às seis da tarde, quando a agência estava às voltas com processamento de papéis, compensação, fechamento e outras urgências, a luz faltou. E deu-se o corre-corre.

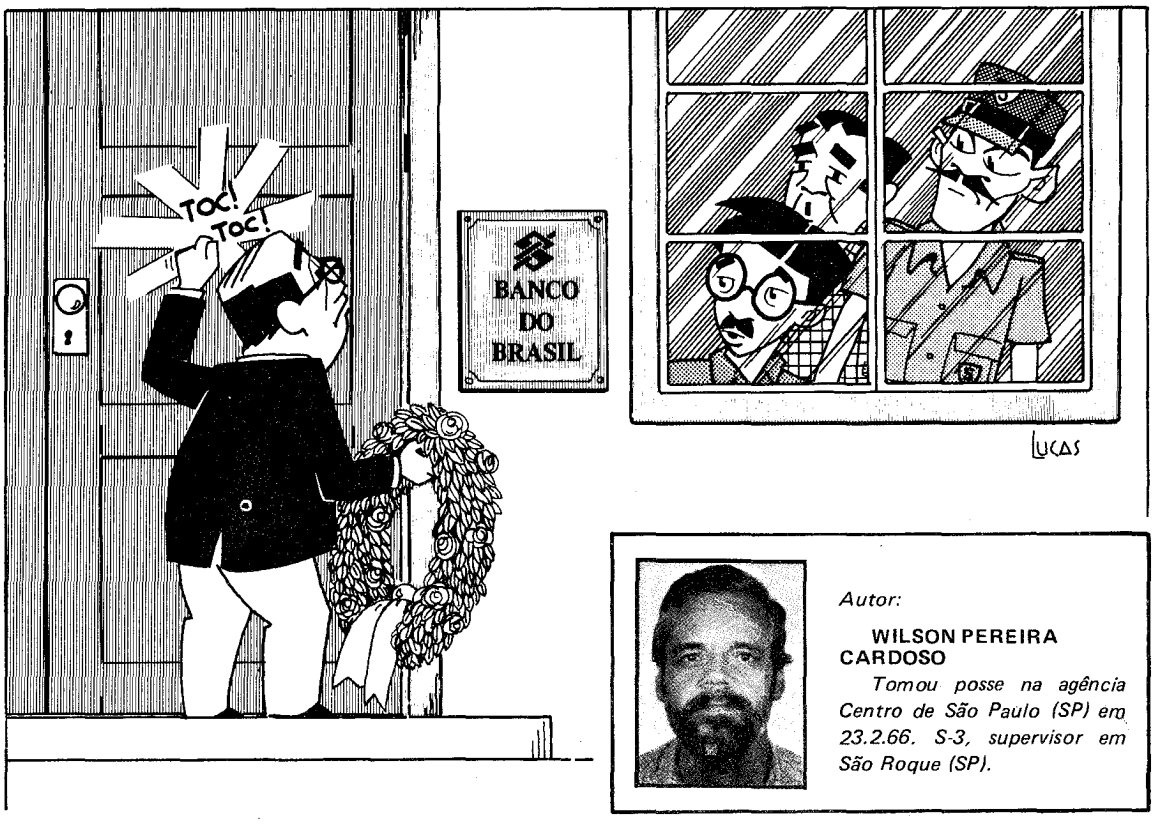
Alcides, chefe de supervisores, pressurosamente distribui velas, a luz se faz e o serviço prossegue. Na sala da gerência, seu Carlos se queixa a Renato:

— Pois é. Durante todo o dia estive sofrendo com estas cólicas no estômago. E, agora, ainda mais essa. Antes tivesse ficado em casa; minha mulher estava certa quando me recomendou que não viesse trabalhar.

Com a agência às escuras e o gerente se contorcendo em dores, toca o telefone. Renato atende, aflito; mal responde às perguntas do cliente, do outro lado da linha. Ante outro gemido e contorção mais forte, ele se esquece do telefone e grita:

— Lorenzetti, ô Lorenzetti! Traga uma vela depressa, que o gerente está passando mal!

Daí para a *morte* foi um salto de interpretação. E bruxuleante, bem de acordo com as circunstâncias.



Autor:

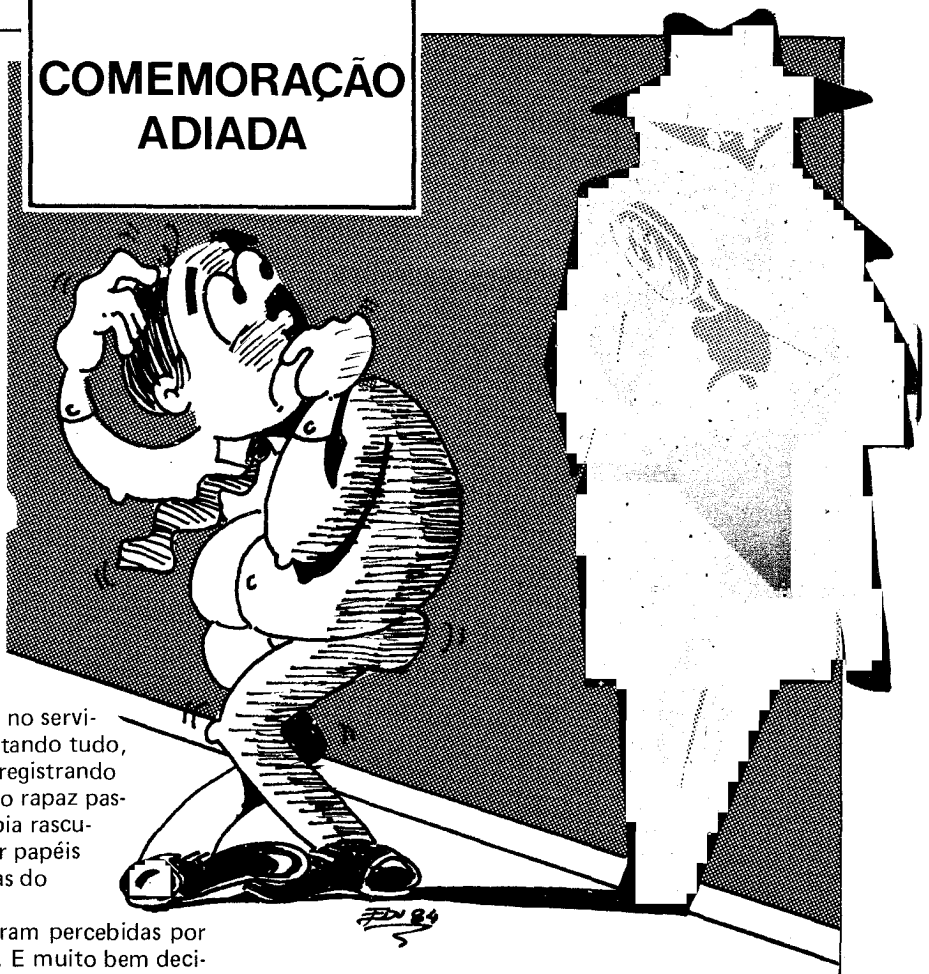
WILSON PEREIRA CARDOSO

Tomou posse na agência Centro de São Paulo (SP) em 23.2.66. S-3, supervisor em São Roque (SP).

BIB/143

História não escrita do Banco do Brasil

COMEMORAÇÃO ADIADA



Em 1966, clima de mistério e expectativa na agência de São José do Rio Preto. Inspeção especial, inspetor Geraldo de Arruda Camargo.

No ambiente carregado e tenso, o letra "A" Raul "Fininho" Gonzales colhe e datilografa contratos. Ativo funcionário, domina bem o trabalho, mas vive com medo de perder o emprego. Verdadeira doença, embora não confesse.

A preocupação, quase crônica, vinha abalando Fininho. Inseguro, meditabundo, ele se pergunta: "Que estará dizendo de mim, no relatório, esse enigmático inspetor? Com jeito tão circunspecto, caladão assim . . . sei não. Sabe lá quantos funcionários e gerentes foram demitidos por causa de relatórios. Preciso me cuidar".

E Fininho trata de caprichar no serviço. O homem decerto estará notando tudo, marcando em cima cada gesto, registrando atos e palavras. Nessa angústia, o rapaz passa junto à mesa do inspetor, espia rascunhos, bisbilhota. Chega a revirar papéis na cesta do lixo, buscando pistas do pensamento do homem.

Para azar seu, tais ânsias foram percebidas por Marcão, um tremendo gozador. E muito bem decifradas, tanto assim que resolve pregar uma peça ao faro do medroso. Usando papel carbono, Marcão forja um relatório de inspeção. O carbono é jogado na cesta, bem à vista.

Não deu outra: ao final da tarde, Fininho morde a isca e põe em saquinhos plásticos os "resíduos" do trabalho do inspetor. Vai para casa. Quase chega a esquecer tudo, pois a esposa o espera para comemorarem, a sós, o quinto aniversário de casamento. Filhos longe, aos cuidados da sogra. Mesa posta. Música suave. Luz de velas. Cheiros de leitoa assada, quitutes, bolo. Expectativa de muitos etcéteras. Uma beleza.

Mas antes do começo, lembra-se dos *resíduos*. Vira-se para a esposa:

— Ia quase me esquecendo de coisa muito importante.

Sai, tranca-se no banheiro. Examina logo a folha de carbono. Novinha, usada uma só vez. Fácil. Coloca-a em frente ao espelho. Lê:

Além do Chefe, trabalham no setor mais 4 funcionários. Tudo em ordem... ... Há que reconhecer, entretanto, o despreparo e incompetência do escriturário Raul Gonzales, rapaz indisciplinado, razão pela qual sugiro sua dispensa ...

Relê. Quase desmaia. Pálido, abre a porta, mal conseguindo falar. Explica para a esposa: indisposição súbita, terrível mal-estar. Cancela tudo, jantar, música, velas, leitoa. E etcéteras. Telefonema à sogra: filhos de volta. Passa a noite em claro, fuma sem parar, vagando pela casa. Calmantes. Resmungos da mulher.

Pela manhã, trêmulo, olhos no fundo, Fininho chega à agência. Ao assinar a folha de ponto, pergunta ao João Conforti, subgerente:

— Alguma novidade, chefe?

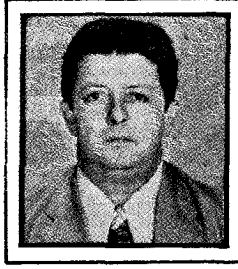
Conforti parece estranhar:

— Ué! Como foi que você adivinhou?

Fininho quase tem um troço. Por sorte, o outro logo completa:

— Você acaba de ser nomeado ajudante de serviço, rapaz. Indicação do inspetor Camargo. Meus parabéns, adivinhão!

Naquela noite, deve ter havido muitos etcéteras na reativada comemoração.

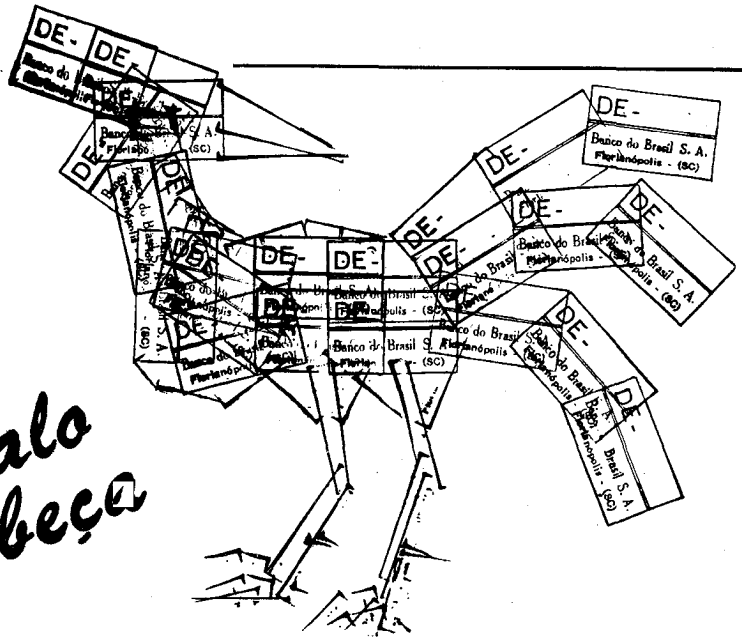


Autor:

VIRGITINO CORRÊA LOURENÇO

Funcionário aposentado — São José do Rio Preto (SP).

318/144



galo na cabeça

Ernesto MEYER FILHO é nome de destaque nas artes plásticas. Famoso no Brasil e no exterior por seus inumeráveis galos, terráqueos ou siderais. Mas é, também, funcionário aposentado do Banco do Brasil. Recentemente — fato inédito em Santa Catarina — realizou exposição no próprio recinto da agência Centro de Florianópolis, onde trabalhou mais de 30 anos.

Meyer e eu entramos quase juntos na Casa, em Blumenau. Depois, voltamos a trabalhar em Florianópolis, desde os idos de 1946. Na realidade, o escriturário de então encobria o artista renomado que é, hoje, o nosso herói.

Cuidava o Ernesto, na Carteira de Câmbio, dos créditos vindos do exterior e que no Banco tinham a sigla "DE". Iniciado o expediente, fumava muito e falava pelos cotovelos. Ao lado da máquina de escrever, códigos e telegramas espalhados na mesa de trabalho. O timbre de voz metálico, inconfundível: *bitu-bitu-bitu-bitubiriba* ou então *terereco-reco-reco-reco.* Já nos havíamos acostumado, era bom sinal: o bancário estava realmente no trabalho.

Quando acontecia de silenciar, era evidente que estava desenhando ou pintando, de qualquer forma ou modo, com lápis, tinta ou *crayon.* Eu então me levantava, chegando pé ante pé, por trás e reclamava: "Ernesto, chega de desenhar. Há serviço às pampas."

Ele abria os braços e, com sorriso de contentamento, respondia: "Não é nada, não, chefe. É só um galo rápido..."

— Que galo, que nada. Deixa aí o desenho para a hora do lanche. Agora tu és bancário e o cliente está esperando a carta de crédito.

— Mas, chefe, eu não sou bancário. Sou artista. — E logo remendava: Tá certo, tá certo. Vou terminar o crédito. É que, quando me dá vontade de desenhar, eu fico doido. (*Bitu-bitu-bitu-bitubiriba, terereco-reco-reco-reco.*)

Num belo dia, quando o serviço estava acumulado pelos feriados, resolveu baixar todo o espírito de artista no bancário e o homem estava impossível. Por duas ou três vezes surpreendi-o desenhando, às escondidas. Na última, me queimei. Dando uma de sargentão, fui à mesa do Meyer e confisquei sumariamente todos os lápis, canetas e *crayons.* Recordo ainda hoje o olhar desesperado do pintor, como o de uma criança a quem tiram o brinquedo predileto.

Com apenas máquina de escrever, papel, código, carimbo e carimbeira, Ernesto voltou a *bitu-bitu-bitu-bitubiribar.* Era sinal de que o bancário estava no batente.

Lá pelas tantas, ele silenciou. De lá, eu ouvia somente o baque do carimbo no papel. Atendi rápido o telefone e, intrigado, saí de fininho, disposto a desvendar aquele mistério.

Outra vez o artista sufocara o bancário. Com o único carimbo de numeração de créditos (DE — Banco do Brasil S.A. — Florianópolis SC), Ernesto fez nascer, em instantes, o galo que ilustra esta página e que ainda hoje guardo como lembrança dos primeiros vôos do artista.

Vejam os pormenores do desenho singular: o esporão, as pernas e o bico do galo. Realmente, o Meyer Filho era pintor e não bancário.

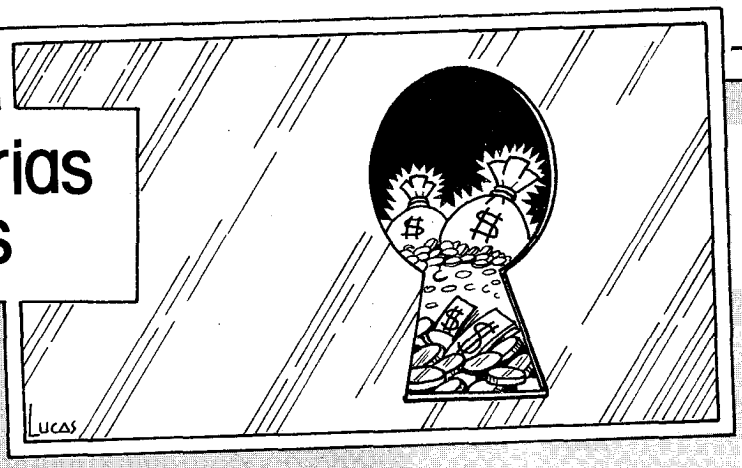
Autor:

CARMELO MÁRIO FARACO

Funcionário aposentado — Florianópolis (SC).

BIP/145

breves estórias de Breves



No começo dos anos setenta, a agência de Breves, no Pará, funcionava em prédio pequeno, inadequado e sem os mínimos requisitos de segurança. No salão apertado, tudo ficava à vista da clientela — até mesmo o cofre.

Certo dia, durante o expediente, o caixa pediu suprimento de numerário. O gerente foi ao cofre, mexeu no segredo, rodou a chave. Girada a maçaneta, escancarou-se a porta. Devagar, ele abriu o compartimento da "reserva" e começou a retirar os pacotes de cédulas. Mas ao voltar-se, surpreendeu-se com uma visita inesperada.

Trajes humildes, voz vacilante, a velhinha havia penetrado no salão interno da agência, postando-se exatamente atrás do gerente. Acompanhou o trabalho de abrir o cofre, silenciosa. Agora se explicava, fala trêmula:

— Não zangue comigo, não senhor. Imagine que estou nesta idade, mas nunca vi muito dinheiro em toda minha vida. Sabe, eu sempre fui muito pobre. Deixe, meu filho, me deixe ver, por amor de Deus.

O gerente convidou-a a aproximar-se. Ela tocou nos milheiros, mãos tímidas. Fazia perguntas e o gerente ia respondendo, comovido com aquelas lágrimas que brilhavam no rosto enrugado.

Passado o êxtase, disse a velhinha:

— Obrigado, meu filho. Muito obrigado. Que Deus abençoe o Banco e todos os que trabalham aqui. Realizei meu sonho. Vou morrer satisfeita.

Ano de 1972. Não era uma segunda-feira normal, todos os funcionários sabiam. Era preciso esconder o enguiço da porta do cofre: não convinha deixar que os clientes soubessem. Estavam previstos vultosos pagamentos às prefeituras da região.

Aguardávamos todos a chegada do técnico, especialista em abertura de cofres. O avião decolara às sete horas do aeroclube de Belém. E o homem chegaria a qualquer momento, pois a viagem, em condições normais, levaria uma hora.

Com céu encoberto e chuva torrencial, já passava das nove horas e nada, notícia alguma do avião. Desvio de rota, decerto. Ou, quem sabe, acidente. A tensão sumiu quando ouvimos ronco de avião cruzando a chuva. Logo depois chegava um senhor gordo e idoso, um tanto assustado de solavancos e emergências. Era o técnico esperado. E, se demorara, a culpa tinha sido do mau tempo, que desencaminhara o avião.

Foi logo partindo para o cofre.

Cola o ouvido à porta, gira segredo pra lá e pra cá, pra cá e pra lá, diversas vezes — ante muitos pares de olhos. Em menos de três minutos, pronto!, abre-se a porta.

Serviço terminado, o gordo vira-se para o gerente e diz o preço da encomenda. "Uma exorbitância!" — estrila logo o subgerente.

Pra quê! Enfezado, o técnico vira as costas, roda o segredo e encara o segundo gestor:

— Pois se está caro, abra-o o senhor!

E deu no pé, irritado, deixando toda a agência em pânico. Não queria papo. Na emergência, acalmar o gorducho deu verdadeira mão-de-obra. Por fim, convencido, executou novamente o serviço — com a condição de que o subgerente saísse de perto.

Valeu-nos a lição. Houve, porém, quem observasse:

— Pois é. Depois de tanto fricote, abriu duas vezes pelo preço de uma...

Autor:

EDUARDO JOSÉ PEREIRA DE MATOS

Tomou posse na agência de Juazeiro do Norte (CE) em 9.4.63. S-6, Gerente-adjunto em São Bernardo do Campo (SP).

Dona Comunicação

Otávio, o caixa, por certo nunca ligara para problemas de comunicação. Falava . . . e *dizia*. Pronto. O interlocutor que ouvisse. . . e *escutasse.* Ignorava, talvez, que a cada universo de ouvintes corresponde linguajar específico, um repertório. Palavras como "isótopo" e "fissão" só costumam ser inteligíveis entre os iniciados em Física Nuclear. Expressão como "Malagueta diz que vai apagar o macaco" pode ser corriqueira entre policiais e malandros, mas para outros mortais carece de tradução (Malagueta diz que vai matar o policial).

Otávio não atentava para isso. E se julgava, decerto, possuidor de comunicação universal, acessível a qualquer repertório. Falava e *dizia.* Quem ouvisse, que *escutasse.*

Assim, quando Terezinha lhe apresentou o cheque, ele nem imaginou que a cliente talvez não entendesse o *idioma* bancário. Falou:

— Por favor, moça. Seu cheque é nominal a Terezinha Gomide. Precisa de endosso.

Terezinha escutou mas não *ouviu.* Nominal? Endosso? Endosso tinha sabor de açúcar. Mas não, não era possível, não tinha nada a ver.

— Desculpe, seu Otávio. Não entendi.

De novo o caixa falou. E *disse:*

— Simples. Coloque sua firma aqui no verso.

Ainda sem *ouvir,* a cliente espichou-lhe o olhar interrogante. Verso? Firma? Que diabos. Antes "nominal". Agora, "verso". "Endosso" e também "firma". Ora, eu não sou sócia de nada! Nem poeta! Terezinha, atônita, achou de desperguntar:

— Perdão, seu Otávio. Continuo não compreendendo.

Deu-se, por fim, o estalo. O caixa sentiu os cifrões da própria língua, pensou no repertório de Terezinha e tratou de adivinhá-lo. Fácil, pensou. Com sorriso de psicologice, foi virando o cheque. E apontou, jeito cúmplice:

— Coloque aqui seu nome. Assim . . . como você faz no final de carta pro seu namorado.

Terezinha iluminou-se. Decidida, pegou firme na caneta e lascou no verso do cheque: *Com todo o amor, um grande beijo. Terezinha.*

Diante daquela Terezinha sorridente, Otávio, o caixa, foi apresentado à dona Comunicação. Sentiu, naqueles olhos brilhantes, que há repertórios e repertórios. E que falar nem sempre é *dizer.*

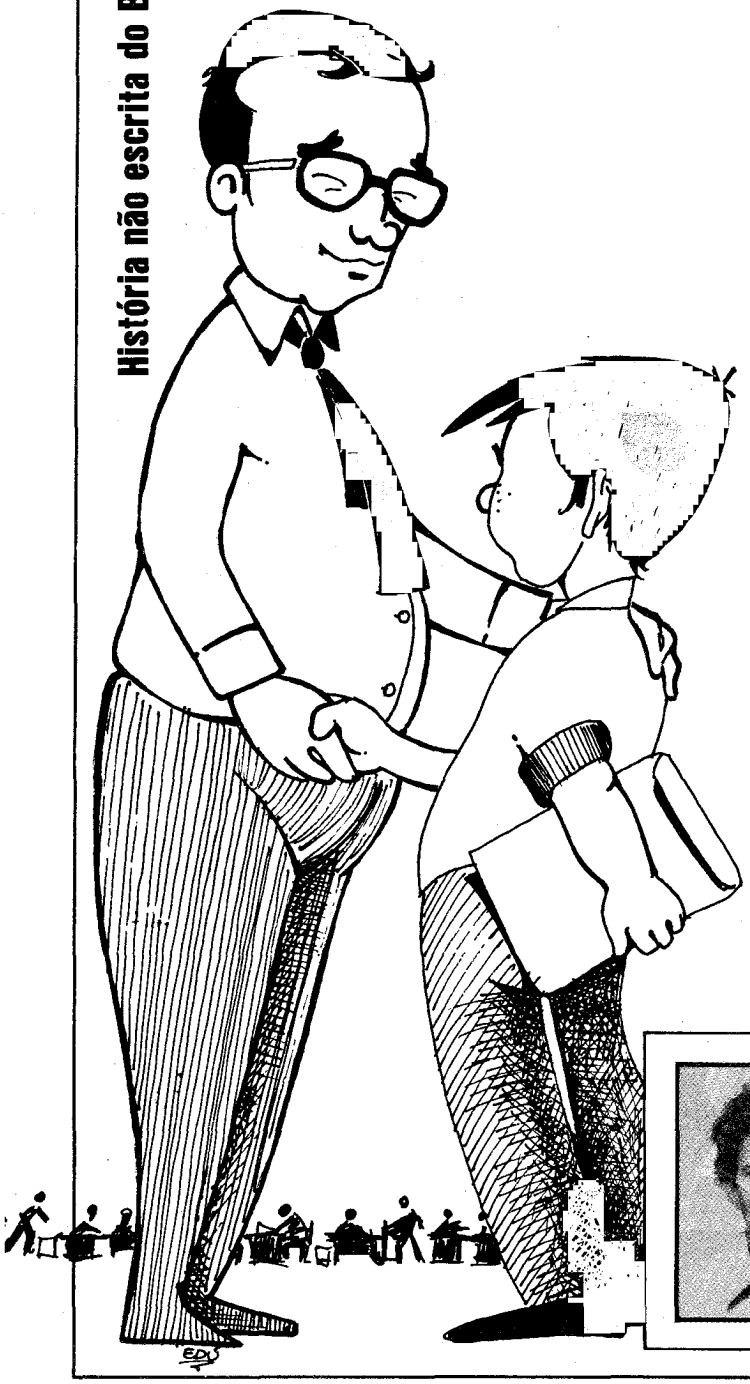
Autor:

ARIOVALDO PENTEADO

Funcionário aposentado — Campinas (SP).

História não escrita do Banco do Brasil

Mais um



De repente, ele se achou estranho naquele ambiente quieto e liso. Corredores. Paredes de brilho limpo. E o silêncio preso mas tiquetaqueando letras, vozes quase sussurros.

Com temor de inocente, ele lê a placa da porta. *Ajure*, é aqui. (Gira a maçaneta, entra.) Mas *vixe*! Como é diferente do meu Mercado do Ver-o-Peso! Lá, confusão de gente, bananas, laranjas, cupuaçus, bacuris, taperebás. Pregões. Movimento colorido. E eu ali no meio: "Quer saco de papel, dona?" "Baratinho, vai levá?" Aqui, o barulho organizado. Teclas. Telefones. Multidão..., só de livros se enfileirando em estantes posudas. Muitos arquivos. E, ao invés de sacos de papel, as folhas brancas — de doutor escrever.

Sorri, talvez de medo. Quer desarmar-se, abrir-se. Diante daquela gente calma, em quase susto trata de dar o recado:

— Sou o João, da "República do Pequeno Vendedor", do Padre Bruno. Vim para a entrevista do emprego.

Pegam-no pelo braço, fazem apresentações. O sorriso agora floresce, brilha nos olhos. Dão-lhe pequena tarefa — arquivamento de fichas. Ele *encara*: uma sopa. Começa depois uma conversa mansa, de conhecer e ser conhecido. Escola. Família. Trabalho. Grana. E futebol.

O pessoal da Ajure fica sabendo que João está freqüentando a 6ª série de colégio público. Tem mãe, mais irmãos menores. Ele ajuda a sustentar a família, sim. (Dizendo isso, ergue a cabeça: orgulho já adulto.) Padre Bruno? É meu herói, um homem incrível — diz. E João desanda a falar sobre a "República" do Padre, casa que ajuda um montão de garotos, ensinando ofício, aconselhando, fazendo a gente crescer. É. E eu tenho que ser grande muito depressa, sabe? Minha mãe...

Alguém lhe faz outra pergunta. Ele ri. Mas é claro que eu gostaria de trabalhar no Banco — responde. Todo o mundo quer crescer, não é?

Sim. E porque quer, João há de crescer. Conosco.

Talvez nem todos tenham percebido. Mas aqueles minutos foram densos de importância, projetaram-se para o futuro. O Banco começava a conquistar e a ser conquistado por um menor auxiliar de serviços gerais.

Mais um.

Autor:

ELIELSON DE SOUZA MESSIAS

Tomou posse na agência de Santarém (PA), em 22.4.64. S-3, assistente administrativo na Ajure Belém (PA).

História não escrita do Banco do Brasil

as chuvas de Motomu

O forte dos serviços da agência de Colorado, como não poderia deixar de ser — por sua localização em região predominantemente agrícola do Paraná —, se concentra no Setop/Rural. E foi ali que a história se escreveu.

Motomu, o fiscal, excelente colega estimado por todos, é desses nisseis recheados de eficiência e seriedade, mas de pouquíssima conversa. Sozinho, dava conta de toda a fiscalização.

Apesar de quieto, histórias ele tem. Muitas, extraídas das cotidianas andanças. Por exemplo: já teve que tomar 24 injeções à volta do umbigo, só por causa da antipatia do raivoso cão de certo mutuário. Mas nunca havia feito milagre. Pelo menos, que se soubesse.

Certo dia ele foi fiscalizar rocinha de arroz lá no vale do Paranapanema. Chegou, anda daqui, vê do lado de lá, Motomu constatou que a lavoura estava em fase de cacheamento. Carecia de chuva, sim, apesar de toda a água que "mamãe natureza" já despejara por ocasião do plantio e crescimento do arroz.

De volta à agência, Motomu fez o laudo da vistoria. Tudo na exata, tintim por tintim, cacheamento, falta de chuva. E, seja por zelo ou por consciência do dever, sapecou no frontispício, com letras bem maiúsculas e grifadas: LAVOURA PRECISANDO DE CHUVA, URGENTE.

Com seus grifos, o laudo seguiu caminho. Mesa do supervisor. Outra. E por fim se apresentou ante os olhos do gerente-pioneiro, Geraldo Contadini, com maiúscula urgência.

Lido o laudo, Contadini olha o tempo lá fora. Cismava: céu azul, sol escancarado, nuvem nenhuma. Mais água? Que fazer se já havia chovido tanto, tudo a que a região tinha direito? Só uma providência era possível. E soltou o despacho, com igual destaque, letras maiúsculas: FALAR COM SÃO PEDRO.

Se Motomu falou com o santo, ninguém sabe. Nem ele comentou, pois o assunto era sério, de serviço. Verdade é que não demorou nada, uns diazinhos só, e tudo se molhou de chuvadas boas, bem ao gosto de arroz que cacheasse. Não é à toa que gabam tanto a eficiência japonesa.

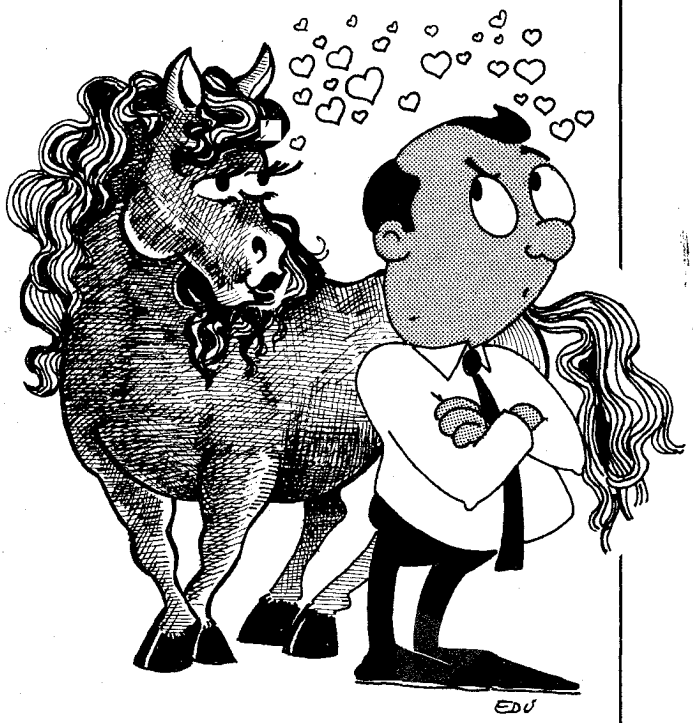
Autor:

JOSÉ LEONIR BLONSI

Tomou posse na agência de Colorado (PR), em 2.12.77. M-3, supervisor em Laranjeiras do Sul (PR).

BIP/149

ARRE ÉGUA!



Ano ruim, aquele. Tempo de vacas magras, sol sem fim. Chuvas? Que esperança! No horizonte, apenas a sombra de dias amargos.

Com a estiagem, o pessoal da Carteira Agrícola se esturricava de preocupação. Mas nem se percebia. Naquele distante 1968, a Carteira funcionava no pavimento superior da agência, imponente prédio plantado no espigão da rua São Pedro. Dali a gente divisava toda a plácida praça Anísio José Moreira, com seus muitos flambuaiãs. Mirassol, a cidade, era aquela praça.

Naquele dia, o chefe Fábio Guzzo chegou apressado, enquanto o imprevisível relógio da igreja matriz debulhava sonolentas badaladas do meio-dia. Subiu escadas, com passos estrondando no assoalho. Apanhou xícara de café fumegante e fez previsão marota, ante o céu azul-azul escancarado na janela:

— Ô Machado! A seca, este ano, vai branquear de vez esses teus cabelos. . .

Roberto Machado, palmeirense até o palmito, pouca fala e estopim curtíssimo, embranquecera as gadelhas por causa do Corínthians e das assíduas incursões nas páginas da CIC Rural. Era (e é) o experto em assuntos da Carteira. Entendeu de imediato a insinuação do chefe. Mas nem teve tempo de responder. Anunciaram, lá do balcão:

— Seu Machado, tem cliente aqui, à sua espera.

Lá foi ele:

— Boa tarde, seu Genésio. Às suas ordens.

— Óia, vim avisá vocêis qui a coisa tá ruim por demais. Perdi de tudo. O arrôis não cacheou, o milho nem embonecou, o argodão também não abotoou. Um desastre.

— Mas ainda não há razão para desespero — quis consolar o Machado. — O contrato venceu há pouco, a gente estuda uma saída. . .

— Num tem saída não, sô Machado. Inté já larguei a lavoura e não tenho mesmo jeito de pagá. A derradeira coisa que me sobrou, além da muié e dos filhos, é uma égua troteira, muito da boa, que posso até me desfazê. Só não quero entregá assim por quarqué preço, que a bichinha é de estimação.

Duas semanas depois, seu Genésio está de novo no balcão:

— Tá danado, sô Machado. Não consegui vendê a egüinha. E agora?

Machado trata de botar buçal no problema, leva-o ao Fábio. Numa reunião da Carteira, o assunto é colocado na corda. Afinal, a dívida é pequena e a turma se dispõe a domá-la. Para que atropelar o gerente? No fala daqui, sugere dali, Machado se adianta e se compromete: eu pago o contrato, fico com a égua e vou ver se vendo o bicho, mesmo com prejuízo.

Assunto resolvido. Seu Genésio se despede com emoção de agradecido. Mas já saindo, ele se volta e insiste, com voz embargada:

— Obrigado, muito obrigado, sô Machado. Trate bem de minha *Braveza*. Óia, ela tá amarrada ali fora, na porta do Banco. Até loguinho, sô Machado.

Foi-se. E o Machado gelou. Ele admitiria tudo, menos ter que sair às seis da tarde, no lombo manso da Braveza. Nem vacilou. Reuniu de novo a turma e disse, resmungando:

— Já paguei a dívida, não é? Mas levar o bicho eu não levo. Tampouco fico com o prejuízo sozinho. Vamos rifar a égua aqui mesmo, entre os funcionários.

Meia-hora depois, todos os números estavam vendidos. Machado também ficou com um, "outra colaboração", disse ele. No final do expediente, o sorteio. Cumbuca na mão, o gerente comanda e oficializa a solução final. Suspense. Com a voz grave e solene, anuncia o felizardo:

— Dezesseis!

Fatalidade. Era o Machado.

Autor:

EDILBERTO IMBERNOM

Tomou posse na agência de Nhandeara (SP), em 28.2.66. S-3, caixa-executivo em Mirassol (SP).

BIP/150

O novo patrão

Senador Pompeu, aqui no sertão central do Ceará, está ressuscitando de uma seca de cinco anos. Há viço sobre tristezas de antes, o verde cobre a terra e a esperança os rostos sofridos. Nesse *campo* a agência teria que colocar nossa cota de ações do Banco. Mas êta papelzinho bom! Logo logo, todos os lotes estavam *plantados*. Por razões que nós e os investidores estamos cansados de saber. Mas houve outras. As do seo Ermivan, por exemplo.

Coberto de enorme barba preta, do rosto dele só se viam os olhos brilhando astutos, e ele ouvindo aquele papo sobre ações. Até que recebe o argumento definitivo: ele seria um dos donos do maior banco do Brasil. Ele se mexe, os olhos saltam do fundo da barba. Diz:

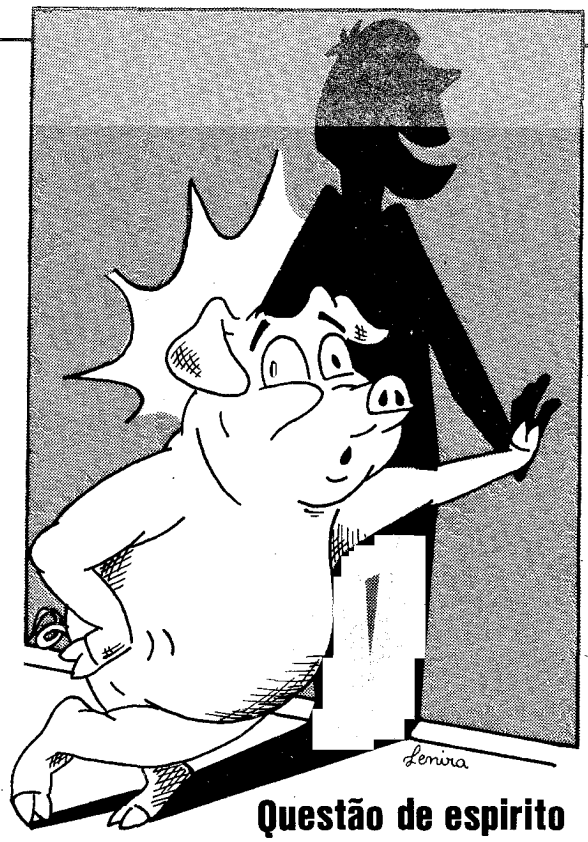
— Quero quinze lotes. É. Dez pra mim e cinco pra Cândida, minha mulher. Assim, posso mandar no Banco mais do que ela.

Razões machistas, bem se vê. E tem mais. Contrato assinado, ele caminha para o guichê. Paga. Quando sai, se vira para os caixas, de contrato em punho. E proclama:

— Olha aqui, seus malandros, vocês agora têm que me tratar na palma da mão! São meus empregados, ouviram?

E não estava brincando.

JOSÉ NEVILLE PAZ — *Tomou posse na agência de Senador Pompeu (CE), em 13.1.64. Gerente em Campo Maior (PI).*



Questão de espirito

Quando soube que o Banco venderia quase três bilhões de ações, espalhando-as através das agências, imaginei um desastre. Vender em Januária, ações neste agreste mineiro, seria "arrancar minhoca do asfalto". Com essa descrença fui à entrevista, via Embratel, com o presidente Colin. Meu derrotismo quis fazer perguntas, mas não pôde. Acabei recebendo inesquecível lição de ânimo e otimismo. Principalmente quando o Dr. Colin ressaltou nosso *espírito de corpo* — nossa arma contra crises e desafios. Todos.

Já que vender era preciso, reuni os funcionários para o mãos à obra. Meta anunciada: 528.000 ações. Pra quê! Bronca geral. Obstáculos, derrotismo, perguntas de doer. Tive de pedir calma. Apelei para o tal *espírito*. O desafio estava lançado. E, naquele momento, já vencido (só que eu não sabia). Duas semanas depois, apareceria o *corpo* daquele *espírito*: 1.530.000 ações vendidas. Com suor, mas sem contusões.

Era para comemorar. E com bolo igual ao do anúncio.

No meio da alegria, Álvaro, o gozador, nos pede silêncio. Fala:

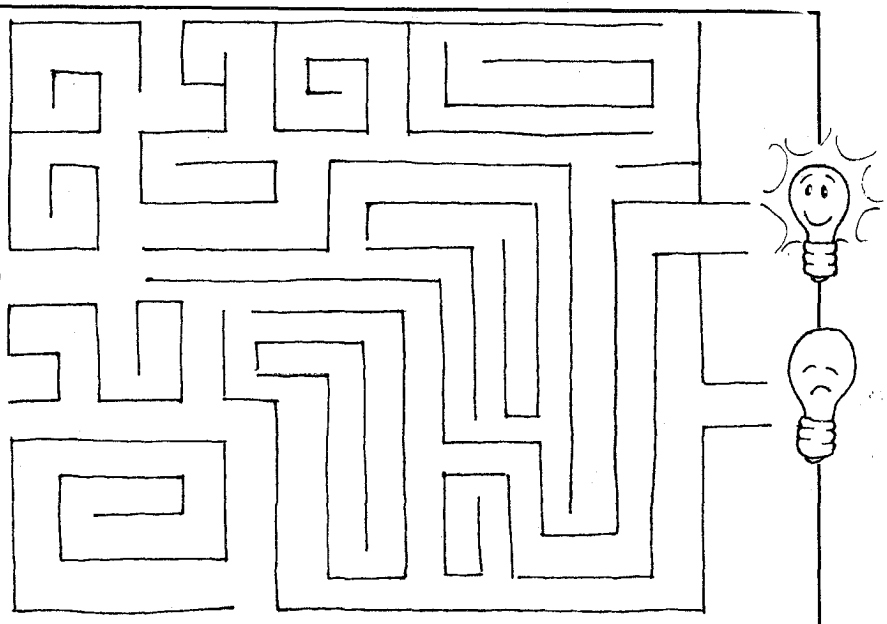
— Até hoje estou em dúvida: afinal, o gerente disse que temos *espírito de corpo* ou que somos espírito de porco?

Tentei explicar, mas sei não. Ainda tem colega me olhando de banda.

ARMANDO IMBELLONI JR. — *Tomou posse na agência de Carangola (MG), em 8.6.62. Gerente em Januária (MG).*

BIP/151

História não escrita do Banco do Brasil



Bonde errado

Houve tempo em que o cargo de gerente-adjunto era chamado de contador em todos os bancos, inclusive no BB. Depois, essa designação mudou para subgerente, mas os bancos particulares continuaram a ter seu contador.

Pois bem. Nessa época o Vital foi transferido de Ribeirão Preto para São Bernardo do Campo. Chegando à cidade, tratou logo de se ambientar e conhecer a agência do Banco.

Na rua Marechal Deodoro havia dois prédios de idêntica fachada (por sinal, pertencentes a um mesmo dono), separados apenas por terreno baldio. Num deles funcionava nossa agência. No outro, o antigo Banco de São Paulo. Passando de carro, o amigo apontou o prédio para o Vital:

— Olha, a agência é lá.

No dia seguinte, Vital se apresenta:

— Sou o funcionário transferido de Ribeirão Preto.

— Poxa! Vem cá. A gente não agüentava mais de tanto esperar por você. Venha!

E tome serviço, num baita dum arquivo.

O Vital estranhou a organização da agência. Não foi apresentado aos colegas (naquele tempo ainda se usava). Mais: desprezaram olimpicamente, sem ao menos abrir, o envelope que apresentara. E — engraçado! — se ele foi transferido em tempo recorde, que diabo de conversa era aquela de que "não agüentavam mais de tanto esperá-lo"?

Vital Moronte, no entanto, sempre foi funcionário disciplinado. Não lhe competia discutir ordens ou observações. Vai daí, ficou mourejando no enorme arquivo por mais de duas horas, cabeça confusa, sem saber o porquê daquela torrente de papéis de outro banco, para arquivar.

Lá pelas tantas, desinsofrido, não consegue se conter. Olha em torno, identifica seu subgerente. Vai lá:

— Desculpe, mas . . .

— Pois não. Senta aí.

— O senhor é que é o subgerente?

— Subgerente, não. Contador.

— Subgerente . . .

— Não. Contador!

— Ué . . . Então mudou de novo, porque o contador tinha passado pra subgerente.

— Impossível, menino. Se tivesse mudado eu saberia.

— Ah, é? Pois já está na CIC. Pega lá pra gente ver.

— CIC? *Quiqué* isso?

Era demais. Vital se levanta, lívido:

— Como? O senhor, subgerente do Banco do Brasil, não sabe o que é CIC?

O contador arregala os olhos:

— Mas . . . mas aqui não é o Banco do Brasil, rapaz. É o Banco de São Paulo!

Vital murchou. Desenxabido, mal pôde balbuciar:

— Pois é . . . Desculpe. Acho que tomei o bonde, quer dizer, o banco errado. Onde é mesmo que tá meu envelope?

Sob olhares espantados, tratou de sair. Foi se apresentar no Banco certo, onde teve que explicar o atraso. Melhor seria que tivesse inventado outra justificativa. Vital Moronte aturou por muito tempo as gozações da gente. Só até se aposentar, é claro.

Autor:

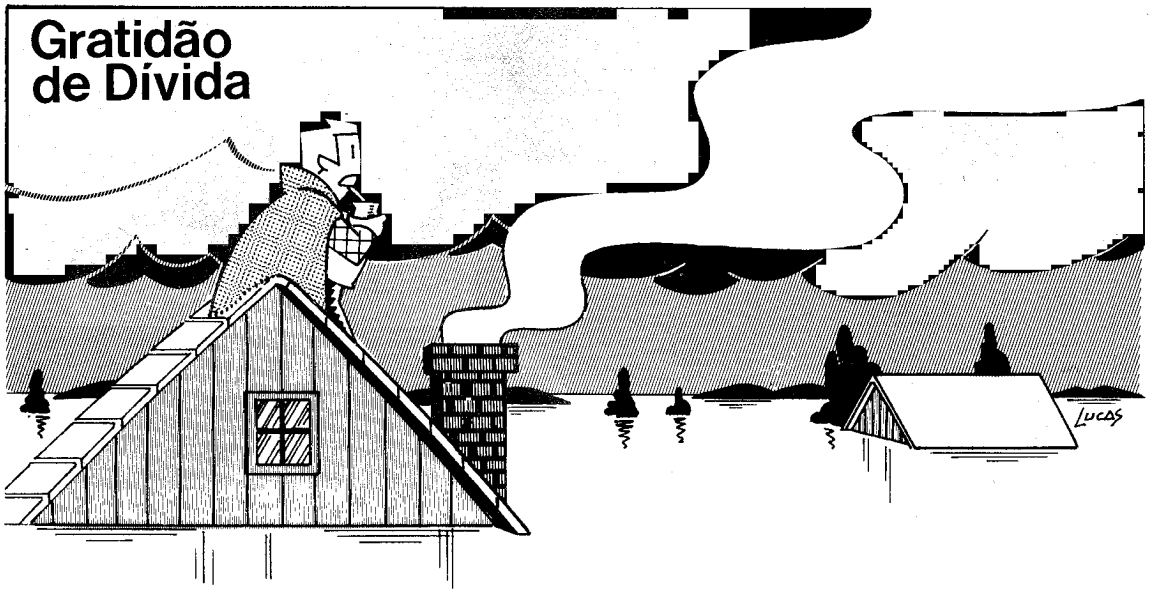
MÁRIO SÉRGIO DE-MARZO

Tomou posse na agência de São Bernardo do Campo (SP), em 11.12.64. S-4, gerente em Maria da Fé (MG).

BIP/152

História não escrita do Banco do Brasil

Gratidão de Dívida



Há cerca de um ano, a região Sul e particularmente Santa Catarina começava a sofrer um dos maiores flagelos que o País já viu. As intensas chuvas, verdadeiro dilúvio, não pouparam o município de São Domingos. A coisa ficou feia para todos, principalmente para os pequenos produtores rurais, que sofreram prejuízos sérios, com as colheitas apodrecendo nas roças e nos paióis.

Contra chuva tanta, o Banco tratou de aprontar cobertura. Era preciso proteger os agricultores flagelados, para que pudessem recuperar-se. E vieram ordens de prorrogar dívidas, conceder créditos de emergência e até mesmo custear novas safras.

Começou um trabalho torrencial. Buscando nossa cobertura, os homens do campo formavam filas enormes à porta da agência. Debaixo de chuva, às vezes. E o fiscal lá, se atolando em lavouras alagadas.

Ao fim de um mês, resultado surpreendente: 120 clientes com dívidas prorrogadas e outros 250 beneficiados com crédito de emergência. Com as águas já diminuindo, passamos a receber propostas normais de custeio.

Seu Otoni, muito merecidamente, teve dívidas prorrogadas, recebeu crédito de emergência e pôde ver custeada a nova lavoura. Mas não parecia satisfeito. Encharcado de preocupações, sempre chegava ao Banco com jeito cabisbaixo e envergonhado. Com boas razões. Duas safras não tinham sido grande coisa. E agora chuvas e enchentes, com dívidas a jusante: o caos.

Mas aquele mau humor era, na verdade, fibra. Muita fibra.

Seu Otoni teve fé na terra, apostou na natureza e suas nuvens. Rasgou de novo o chão, trabalho sempre árduo, fecundando-o de esperança velha.

Janeiro veio e amadureciam previsões de safra ótima. Pelos laudos do fiscal, seu Otoni colheria 1.000 sacas de milho em vez das 250 (de péssima qualidade) da safra anterior.

Previsões certas: safras gordas para todos. Plenitude. Ar de festa.

Em meados de abril, seu Otoni vem chegando ao Banco, pára no balcão. A voz é firme, o sorriso brilha maduro. Noto a diferença: algo deve ter acontecido. Um papel de recebimento aterrissa diante de mim, para conferência, e o sorriso se explica. Seu Otoni está pagando tudo. Já que o sorriso dele está maduro, acho de puxar conversa:

— Ô seu Otoni, este só vai vencer em agosto. Vai pagar, mesmo?

— É sim. Olhe aqui, seu Carvalho, quando devolvo o dinheiro do Banco eu fico muito mais contente do que no dia em que venho pra levar.

— Certo, seu Otoni. A safra foi mesmo boa, não é?

— Boa? Pra lá de boa, homem.

E, com riso de bom tempo, entortou o indicador apontando seu próprio corpo, alegremente perfilado. Ele mostrava a roupa, que estalava de nova.

São muitos, por esse Brasil afora, os seu Otoni que sabem ser gratos aos bons serviços prestados por nosso Banco — principalmente nas épocas difíceis, em que é preciso confiar e reconstruir.

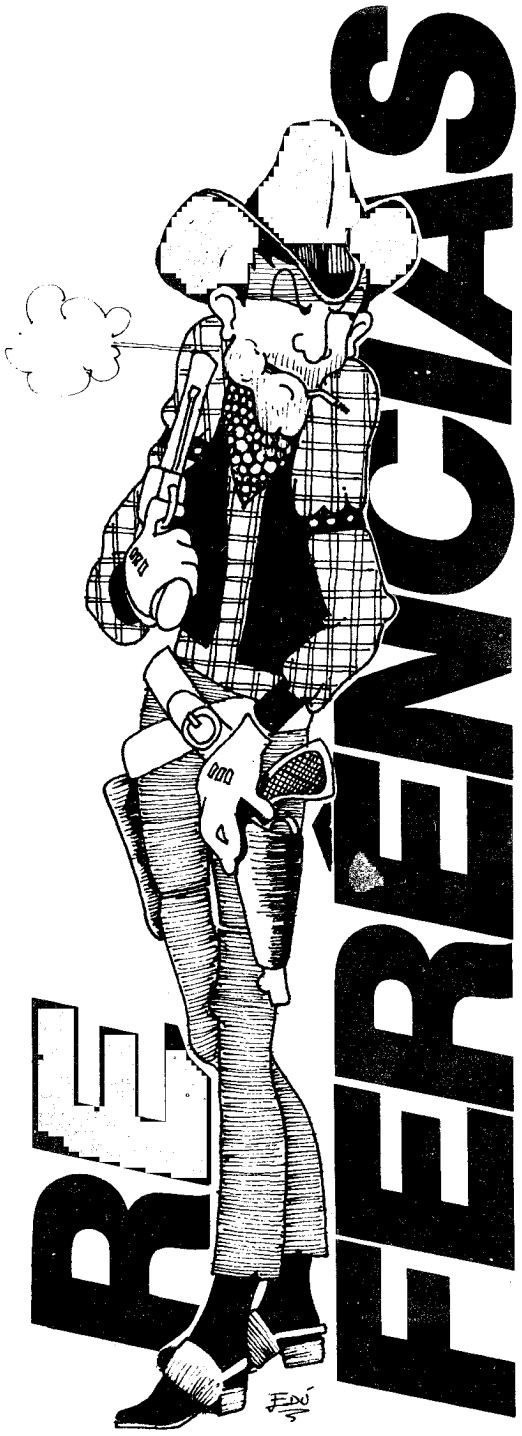
Autor:

ANTONIO JOSÉ DE CARVALHO

Tomou posse em Estância (SE), em 19.7.72. S-2, supervisor em São Domingos (SC).

BIP/153

REFERÊNCIAS



Que aconteceu, aconteceu. Exatamente assim como vou contar, o que pode ser confirmado por muita gente. Divulgadas ou não, o importante é que acontecenças como esta acabam se tornando gostoso alimento da saudade, toda vez que olhamos para trás. E, no meu caso, já lá se vão 24 anos em nossa fabulosa Casa.

Eu trabalhava em Itumbiara, Goiás. Às duas horas da tarde daquele calorento dia de 1960, ele me apareceu quase de repente:

– Fichar, é aqui?

– Sim senhor.

Meu candidato a empréstimo (custeio de arroz) se refestela na cadeira. Abanando-se com o chapéu, ele me encara enquanto ajeito o papel na máquina.

– Seu nome, por favor.

– Rufino. De Picos, no Piauí.

– De quê?

– Filho de Tunico Dó e Marcolina Pereira.

– Título de eleitor, por favor.

– Não voto, nem soletro.

– Onde é que mora?

– Ali, depois do mata-burro do Corgo do Leitão.

– Casado?

– Só arriado. Com a Benedita. Quer o nome dos filhos?

O calor sufoca, a fila se encomprida, medonha. E minha paciência quer acabar. Resolvo dar uma paradinha. Começo a explicar ao seu Rufino a finalidade daqueles dados todos. A muito custo vou conseguindo preencher os claros da ficha. Mas quando chego nas referências, o impasse:

– Que que é isso?

– Nomes, seu Rufino. Nomes de pessoas que conhecem o senhor, para informar sobre sua experiência na roça.

Com jeito de quem não quer mais conversa, seu Rufino se empertiga, põe o chapéu. Empurrando a cadeira com a ponta da bota, ele se levanta. São dois metros (ou mais) de magreza e poeira. Ele bate com a mão no revólver que pende da cintura e proclama, categórico:

– Minhas referências estão aqui, moço. O cabo anda meio ensebado mas o cano berra que é uma beleza.

Seu Rufino saiu pisando duro, deixando o empréstimo para trás.

Desse meu candidato a mutuário tivemos notícia pouco tempo depois. Foi preso numa arruaça, depois de balear o telegrafista da delegacia. Havia muitas marcas no cabo de seu 38, *referências* que deixara enterradas em cemitérios do Piauí, Alagoas e Goiás.

Autor:
JOSÉ ALBERTO FIRMO CALDAS
Tomou posse na agência de Itumbiara (GO), em 31.8.59. S-5, auxiliar de Setop na Vila Rica Metr. (MG).

Coração Maloteiro

De repente, o blecaute.

No aeroporto de Congonhas as pessoas cruzam-se apressadas, entre malas e sacolas. Lá fora, na engarrafada avenida, uma catarse de buzinas anuncia que São Paulo está sem luz.

Neste cenário iluminado por isqueiros a gás, acontece nossa não contada história. Apesar de diferente do cotidiano dos funcionários do Banco, este é o local de trabalho do catarinense Odílio, passageiro diário do vôo um-três-nove, de Florianópolis para São Paulo. Faltam cinco minutos para as seis quando ele aparece na escura recepção paulista. Fica logo apreensivo. Resmunga para o nissei ao lado:

— *Pucarana*! São Paulo sem luz é fogo.

Previdente, ele espera sair o verde malote cansado-de-guerra e agarra-o com carinho de mãe coruja. Todo cuidado é pouco. Sai com os quarenta quilos de cheques de seu Estado, até assomar à entrada do aeroporto. Aquele malote da *Compe Nacional* é o motivo de sua presença diária na Paulicéia. O táxi do *Boca* deveria estar à sua espera, no lugar de sempre.

Boca, baiano-espanhol e devoto da democracia corintiana, todo santo dia leva o *Catarina* (como Odílio é conhecido) do aeroporto até a Câmara de Compensação, no centro. Mas com o blecaute (soube-se depois), ele ficou perdido no Vale do Anhangabaú. E seu fiel passageiro foi abandonado ao deus-dará.

— E agora? — pergunta-se Odílio, pioneiro naquela missão e sempre pontual. — Como é que vou me arranjar?

A decisão tem que ser rápida: o malote pode chamar muita atenção, ali na porta do aeroporto. Trata, por isso, de descer à avenida, em busca de outro táxi. O trânsito não anda, porém; o tempo passa e nada de táxi para o malote que ele abraça, nervoso. Só um guarda acontece, atônito, com apitos anêmicos demais para a forte confusão. Alguém ao lado faz comentário sarcástico: "Olha, até que isso é capaz de melhorar, quando chegar a luz".

Preocupado, suando, Odílio sente às costas os quilos e o peso da responsabilidade. Pensa no que lhe pode acontecer, além do indesejável atraso na entrega do malote. E se me roubarem, aqui nesta escuridão? De que jeito vou explicar ao larápio que já se foi o tempo em que o Banco transportava dinheiro em saco?

A decisão precisava ser rápida.

Resolve, então. Em disparada, ziguezagueante, volta à sala de embarque do aeroporto. Coração saindo pela boca, entra no Serviço Médico aos trambolhões, com malote e tudo, até esbarrar no enfermeiro de plantão. Ofega:

— É a pressão, doutor, é a pressão!

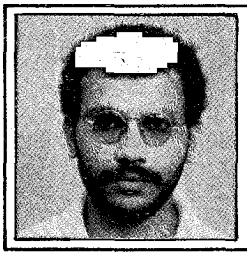
Pronto. Tornou-se *paciente*.

E foi determinada sua imediata remoção para o centro da cidade.

No dia seguinte, de novo no táxi do Boca, Odílio contava como fez para chegar no horário, quando os malotes dos outros Estados atrasaram. Tinha sorriso de vitória:

— Pois é. Toquei a ambulância para a Câmara de Compensação, sirene ligada. Haveria lugar mais seguro para o malote?

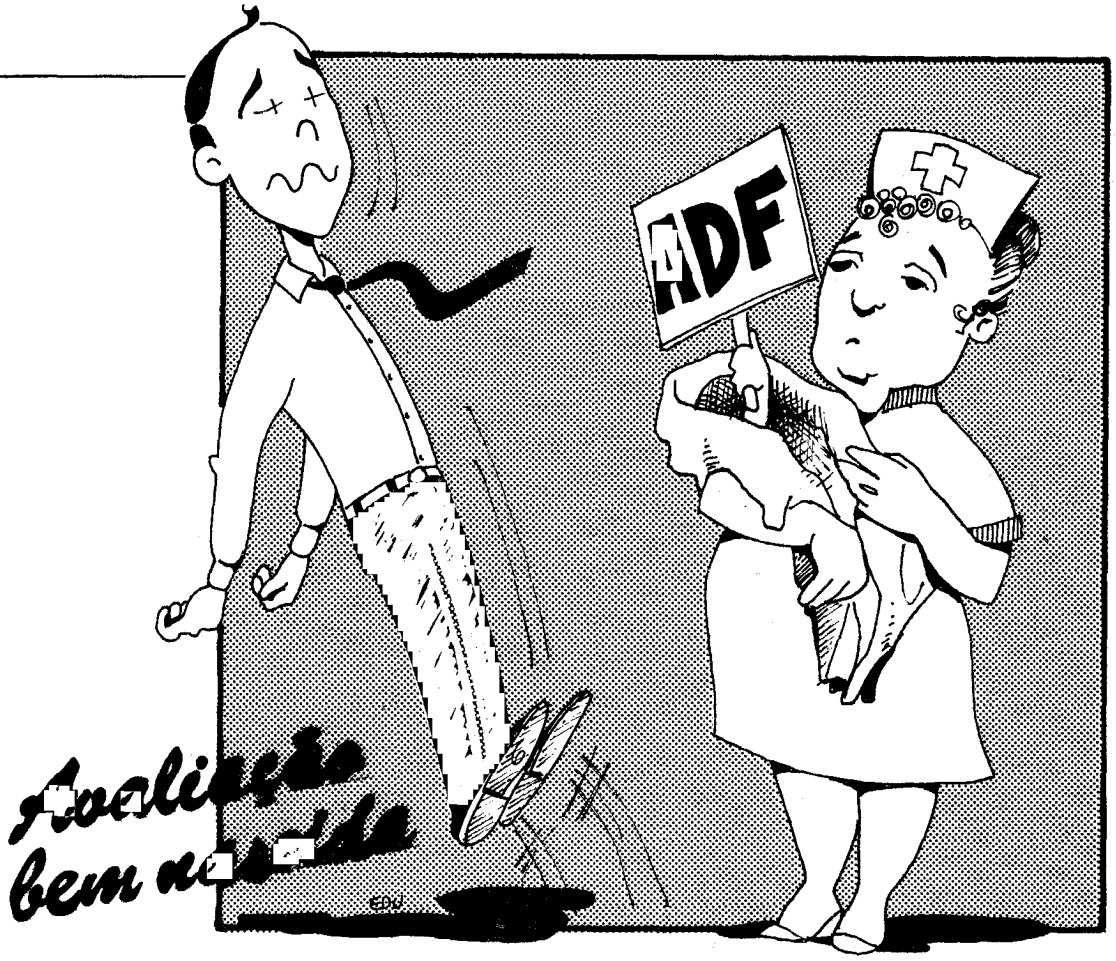
De fato, aquela foi uma vertiginosa compensação. Para corações e malotes que não podem esperar.



Autor:
MARCOS ANTÔNIO ROCHA APOLINÁRIO SANTANA
B-1, no Cesec Belo Horizonte, onde tomou posse em 18.8.82.

BIP/155

História não escrita do Banco do Brasil



A Avaliação do Desempenho Funcional, renovadora proposta do Banco, nos pegou de surpresa. Logo após as primeiras reuniões, não havia funcionário que não se preocupasse em melhorar o próprio rendimento. Era preciso evitar que na fase final, já no mês de outubro, aparecesse algum temível "A" ou "B" nos formulários de avaliação.

Outubro terminado, tudo pronto. Avaliadores elaboram suas conclusões e passam a chamar seus funcionários. É hora de examinar, em conjunto, os resultados. E o avaliado tem que se pronunciar formalmente sobre os conceitos expendidos por seu superior imediato.

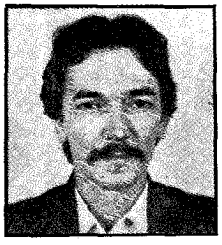
No Setex, chefe Cândido se vê atropelado pelo volume de expediente. Filas. Término da compensação do dia anterior. Problemas, mil probleminhas de agência pequena, com volume de trabalho triplicado e reduzido quadro de pessoal. Para cúmulo, ele precisa encerrar as avaliações. Já. Alguns estão quase entrando em férias. E ainda tem o caso da Ilze, que está a ponto de tomar o rumo do hospital: parto.

Logo no começo do expediente, Ilze começa a sentir as primeiras dores. O gerente-adjunto se apressa em ajudar, mas o hospital libera a colega. Ela volta para o trabalho, para alívio do chefe Cândido. Ufa! Ele não pode desperdiçar aquela chance de terminar a avaliação. E não faz por menos: pede que a moça se dirija à sala da Compe, para analisarem os resultados da ADF.

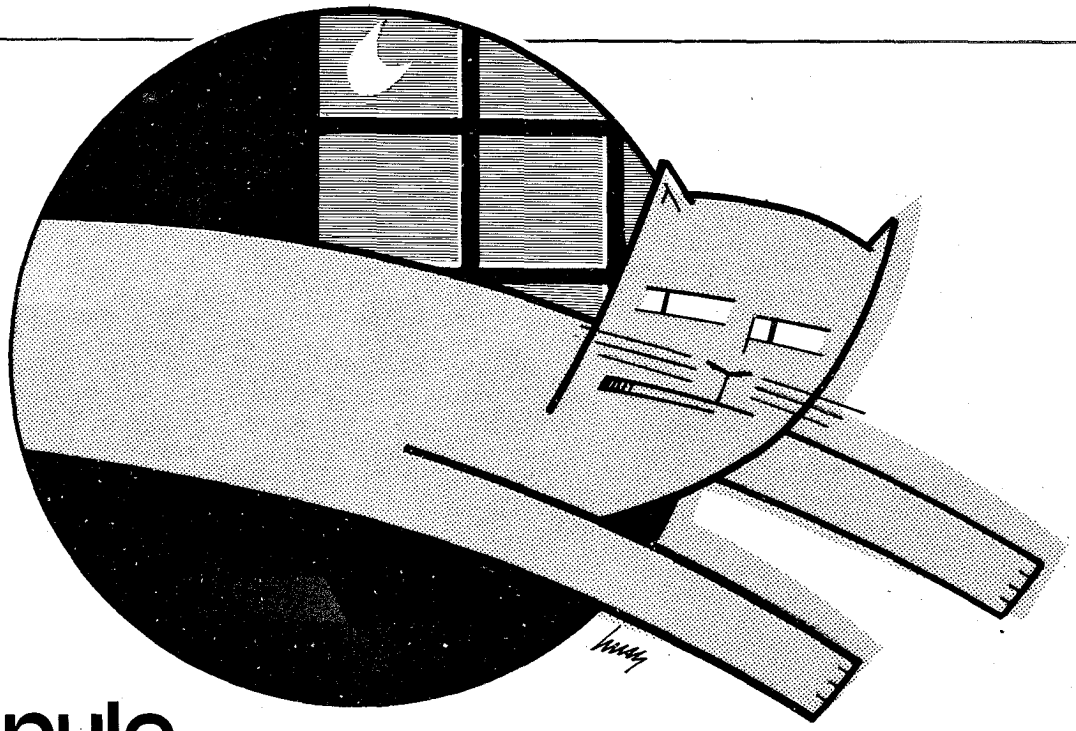
Surgiu, porém, um problema dentro do problema. A Vida já fizera outros planos. Ilze se contorce, as dores aumentam. Com os nervos à flor da pele (era o primeiro filho), o rosto dela está mais vermelho que a camisa do Inter. Mas Cândido não dá trégua, a ADF tem que nascer primeiro. No pergunta-que-pergunta, Ilze vai respondendo entre gemidos pequenos e leves contorções, mordendo os lábios. Cândido também treme. Se demorar um pouquinho mais, o trabalho de parteiro da ADF talvez fique prejudicado pelo outro, de ajudar a Ilze a dar à luz ali mesmo, sabe lá como.

Foi só terminar e Ilze já estava chegando ao hospital, para outro tipo de avaliação. Que, por sinal, se concluiu também: um lindo meninão.

À felicidade da avaliada, do marido e dos familiares, juntava-se, é claro, a do Cândido. Avaliador, sim senhor. E, *por oportunas,* de avaliações bem nascidas.



Autor:
PEDRO OMIRO GODOI
S-1, na agência de Esteio (RS). Tomou posse em São Borja (RS), em 19.1.73.



O pulo do gato

Pacata cidade do interior de Pernambuco, Ribeirão recebeu de braços abertos a nossa Classe "I". Mas foi por obra de delicioso incidente que nosso prédio entrou em reforma.

Na quarta-feira de cinzas, cansado e sonolento, chego ao trabalho às 11 horas e abro a porta da agência. Recuo. No teto, um rombo me espiava. De relance, dou uma geral no ambiente; tudo parece em ordem, apesar do buraco, da suspeita de roubo ou sabe lá que delito. Mas a situação exigia profissionais. Liguei logo para a delegacia e em menos de três minutos o prédio estava cercado.

Espingarda 12 à frente e 38 na cintura, o sargento entra e vasculha rombo, teto e adjacências. Nada. Casa forte, cofres, armários, equipamentos: nenhum dano, tudo intacto.

— Aqui teve gato! — lasca o sargento, ar de Sherlock.

— Gato?

— Gato.

Mais confuso que surpreso, quero decifrar a gíria:

— Sim, gato. Mas gato gato ou gato gente?

— Gato gente, oxente!

Ainda em dúvida, avento:

— O senhor não acha que o buraco é meio pequeno para gente?

O policial se empertiga. Insiste:

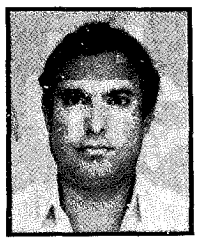
— Eu digo que foi gato. E acho bom o senhor registrar a queixa. Vou chamar a técnica para procurar digitais.

Àquela altura, o expediente externo já se iniciara. Pedi, então, que fossem retirados os guardas. Ficamos, o sargento e eu, estudando o rombo e a situação. Gato gato ou gato gente?

De repente, *bluummmmm, bleblémmm, brech, cataplummm, miaauuuu*! E, esganiçando desesperos, arrepiado, doido, enorme gato gato pulou do teto bem diante da bateria. Antes de dar com os bigodes no chão, rebateu na sofrida cabeça branca da pobre dona Quitéria, que, felizmente, nada teve além de muitos ai-ais. Velhinhos que recebiam o Funrural correram trôpegos, pois não é que a joça do teto de gesso estava caindo? Nas caras tensas de espanto, riso nenhum — surpresa só.

O sargento, agora mais para Dr. Watson que para Sherlock, olha desolado o buraco recém-aberto, compara. Idêntico ao outro. Gira em torno de si mesmo, procurando. O gato está ali, encolhido num canto, acuado pelo povo. Não pestaneja. "Teje preso!" — grita, segurando o bichano, alheio às gerais gargalhadas. Com ar de vitória vira-se para mim e se gaba:

— Eu não disse? Era gato.



Autor:

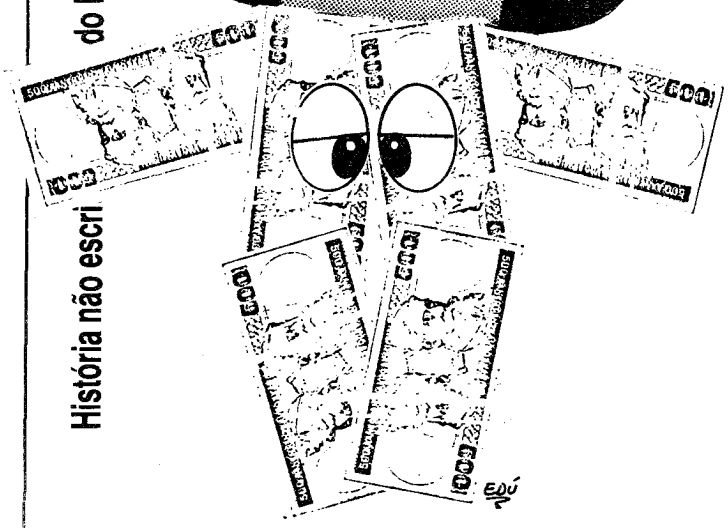
MAURO LUIZ DOS SANTOS BONONE

Tomou posse na metr. Santo Amaro Paulista (SP), em 23.10.69. S-2, gerente em Ribeirão (PE).

do Brasil

História não escri

Os garrotes



Ele nasceu em Caetité (BA), mas sempre residiu em Montes Claros (MG), e ali, juntamente com a esposa dona Duca, foi proprietário da conhecida Pensão Guimarães. João Ribeiro Guimarães, meu sogro de saudosa memória, era muito inteligente, sincero e, sobretudo, franco. Homem de dar troco na hora, principalmente se lhe pisassem os calos.

Pois aconteceu que lá pelos anos 40 um negociante de gado insistia em lhe vender um gadinho. Naquele tempo, era hábito "encarteirar o gado", no dizer dos contratos de financiamento da Creai. O vendedor caprichou: "Faça empréstimo no Banco, seu João; moleza, juro baixo, dinheiro rápido e sem burocracia..."

Vai daí que, apesar de ter horror a dívidas, lá se foi seu João, desconfiado, rumo à Creai. Proposta, cadastro, informantes, avaliação, garantias. E, enfim, o dinheiro na conta. O gado foi comprado e seguiu para os pastos da fazenda.

Nem demorou muito, a surpresa. Numa tarde tranqüila, estava seu João posto em sossego, refestelado em poltrona de vime e sonecando no amplo alpendre da Pensão Guimarães, quando foi entrando um moço falante, jeitão apressado, e que sem mais aquela foi dizendo a que vinha. Era fiscal do Banco do Brasil.

Ainda meio dormindo, cabeça baixa, seu João nem levantou os olhos para dizer:

— E daí? O que é que tenho a ver com isso?

O fiscal quase perdeu a linha. Por conhecer o temperamento do fazendeiro, no entanto, tratou de se recompor. Escolhendo palavras, quase suplicava: tinha que vistoriar a garantia, o gado.

Seu João ainda protestou; se soubesse da exigência não teria procurado o Banco. Mas com conversa de que "era rotina", "formalidade" e quejandos, ajustaram a ida à fazenda. Vistoria rápida: gado juntado e fiscalizado, voltaram para Montes Claros. Tudo parecia normal.

Isto é, quase tudo parecia normal. No mesmo alpendre, no meio de outra soneca, seu João recebe uma "igrejinha" pedindo comparecimento ao Banco. Que diacho seria? Alguma coisa errada? Mas o quê?

Saiu de casa arisco, pois não admitia advertência. Por nada deste mundo. E que seria desta vez? — matutava.

Na agência, soube. Com mesuras, o chefe da Creai explicou que o fiscal não vira um dos quatro garrotes da garantia. O "malhado".

— Mas homem, eu mostrei sete para ele! — vociferou seu João. — Três a mais. O "malhado" devia estar por ali mesmo, no pasto.

O chefe vacilou um pouco, mas tentou explicar tudo. A importância do "malhado" e a pouca importância dos garrotes excedentes. Mas seu João nem esperou o final do papo. Saiu como um doido rumo a um outro banco perto da agência e sacou a dinheirama que achou necessária, exigindo que só lhe dessem notas de 500 mil réis. E tocou de volta para o Banco do Brasil.

Chegou berrando:

— Entra "malhado", entra garrote desgraçado! Entra...

Em meio ao espanto geral, público estupefato, funcionários atônitos e parados, o enfurecido seu João deu de enfiar maços de notas para dentro do guichê do caixa, assustado pelos gritos de *Entra malhado*! *Entra garrote desgraçado*! e pelas notas caindo nos pés. Gritos e sustos continuaram até que ficasse pronto o papel para a liquidação do "pomo da discórdia", medida rápida e sábia para a situação tão *malhada*.

Meio trêmulo, o caixa ainda inventou de dizer que havia dinheiro demais.

— Nada não, tem demais não! Na fazenda eu tenho garrote demais também! — gritou seu João, ainda enfiando notas caixa adentro.

Passado o tempo e a raiva, meu sogro João, ele próprio, contava para os amigos a estória do empréstimo e de como tocou a tropa de notas de quinhentos de um banco para outro. Com algum repúdio pelo rompante.

Mas as notas de 500 mil réis ficaram conhecidas em Montes Claros, durante muito tempo, pelo apelido de "garrotes". Pelas impagáveis razões do meu sogro João.

Autor:
LUIZ GONZAGA DE OLIVEIRA
Tomou posse na agência de Montes Claros (MG), em 16.9.57. S-5, supervisor na agência Belo Horizonte Centro (MG).

BIP/158

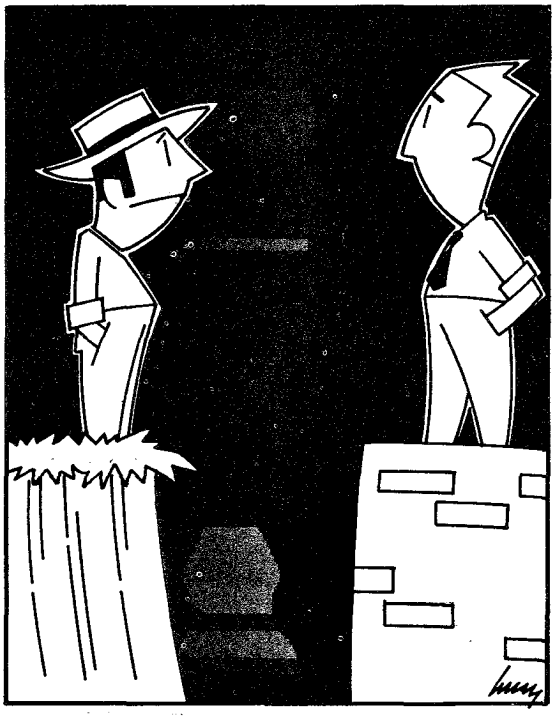
História não escrita do Banco do Brasil

mas Jorge...

Jorge é um desses muitos exemplos de vontade de vencer na vida, que a gente encontra Banco do Brasil afora. Um forte. Filho de agricultores humildes, lutou contra adversidades desde a infância. Persistiu, estudou. Hoje é funcionário do Banco e principal personagem desta história, acontecida quando ele servia no Setop de nossa agência.

Porfírio, como Jorge, é filho de agricultores. E também nasceu num povoado aqui pertinho da cidade. Meninos, Porfírio e Jorge saíam caatinga adentro, levando a tiracolo as baladeiras de sempre. Ótimas pontarias: no rastro dos dois não sobrava rolinha. Juntos brincavam. Petecas. Bolas de gude. Muitos brinquedos, muita amizade.

Mas o tempo correu.



Homem feito, Porfírio chega ao Banco. Quer saber o resultado de sua proposta de financiamento. De longe, atropelado por outros clientes, ele vê: é Jorge, sim! E vêm-lhe cenas da infância, tempos idos. Ah, o Jorge, quem diria! Agora ali está ele (até parece doutor) na mesa grande, bem vestido. Porfírio se olha, comparando: roupa surrada, velhas sandálias de couro. Encabula, mas de novo levanta os olhos. Jorge maneja a máquina de escrever muito melhor do que o bodoque. Que rapidez! Com aquela destreza nas mãos, ele não erra um "tiro": tá-tá-rá-tá-tá-rá...

Porfírio hesita um pouco; mas parte, decidido. Aproxima-se e diz, voz tímida, sumida:

— Bom dia, Jorge. Como vai?

— Olá, Porfírio. Diga aí, moço. Sente-se! — retruca Jorge, esfuziante. Ele quer deixar o outro à vontade, usa gestos com espalhafato, mais gestos que palavras.

— É... é sobre minha proposta, Jorge. Tou marcado pra hoje...

Jorge procura. E acha: INDEFERIDA. Fica atônito, não sabe mais o que dizer. *A proposta não logrou atendimento por falta de amparo regulamentar*: não, isso não. Tinha de esclarecer tudo, tintim por tintim.

Foi o que fez:

— O negócio é o seguinte, Porfírio. Você já tem empréstimo para "melhoramentos". Desmatamento. Cerca. Caixilho. Pense bem, quando as prestações começarem a vencer, você terá dificuldade para pagar, não?

Jorge roga a Deus para ser entendido. Sorri sem graça. Mas o amigo:

— Acontece, Jorge, que esse dinheiro de melhoramento a gente mesmo ganha. Com a família. Só compro arame, entendeu? Trabalhador a gente não paga. Olhe aqui, veja só.

Porfírio mostra as mãos calosas. Atarantado, Jorge de novo explica tudo, o retorno, a capacidade de pagamento, prestações acumuladas.

Silêncio. Porfírio fica parado, olhar vagueando. Jorge suspira de alívio, o amigo entendeu — ufa!, graças a Deus!

De repente, Porfírio exclama, súplice:

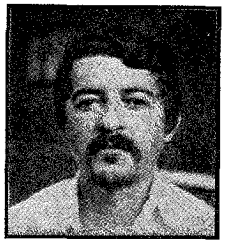
— Mas Jorge, *quequié* isso? Você já se esqueceu? A gente brincou junto, quando menino. Matamos tanto passarinho, tanto!

Embora ressuscitados, os tempos de infância de nada adiantaram. Haviam ficado longe, muito longe. Porfírio se despede de Jorge, ambos chateados. Jorge olha para os lados, procurando quem lhe diga um "é isso aí, rapaz, coisas da vida!" ou coisas assim.

A consolação parecia chegar com Paulo, que a tudo assistira. Paulo se aproxima com expressão solidária, ouve as explicações, balança a cabeça. Resmunga. Parece concordar com tudo. Jorge se anima e faz uma pausa, esperando palavras confortadoras. Sente-se arrasado. Paulo, muito sério, acerta o alvo:

— Mas Jorge, vocês foram amigos!

E, nos sorrisos, a infância fica boiando, doída. Agora cheia de cifrões.

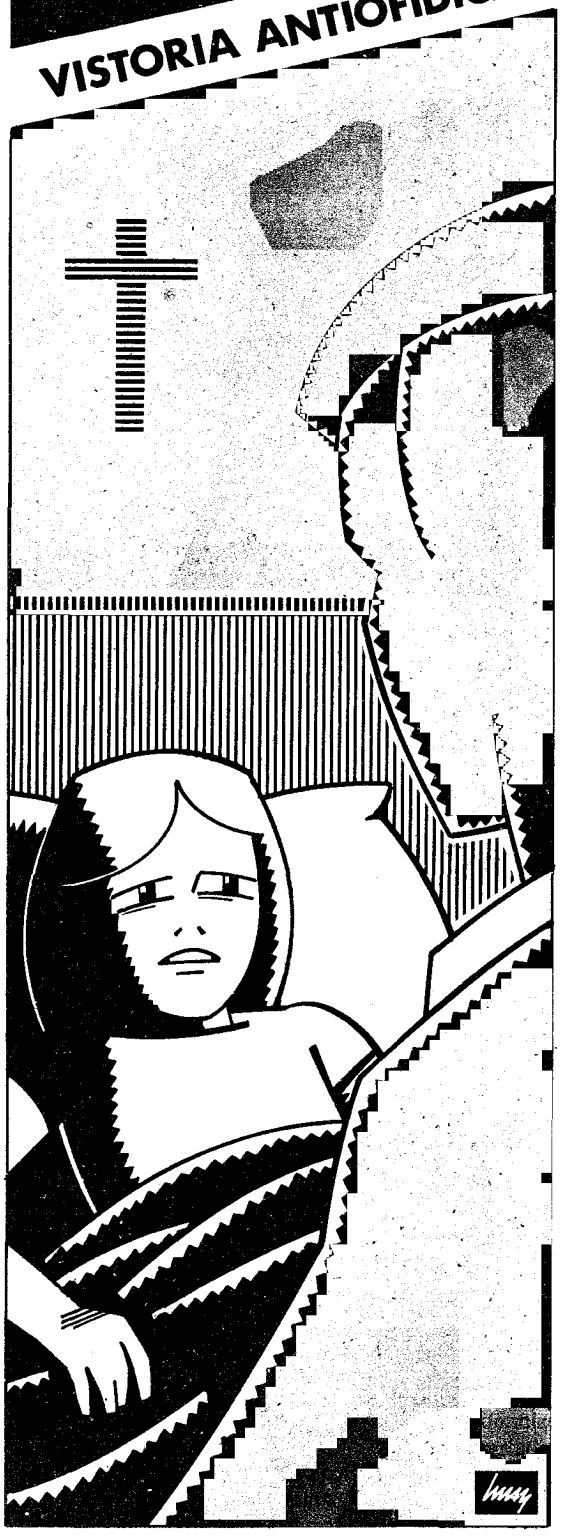


Autor:
JOÃO ADAIZ DE SOUZA
Tomou posse na agência de Juazeiro (BA), em 4.11.64. S-5, gerente em Afrânio (PE).

BIP/159

História não escrita do Banco do Brasil

VISTORIA ANTIOFÍDICA



Em 1968, fui fiscal-visitador na agência mineira de Santos Dumont. Mas não fiscalizava, apenas. Procurava clientes novos, esclarecia os ruralistas sobre o papel e funções do Banco como agente financiador, e ia conseguindo evitar que lavradores deixassem o campo, iludidos pelos atrativos da cidade. Fiscal. Mas assistente social também.

Pois foi nessas andanças que aconteceu de ir trabalhar em Mercês, a 82 km da sede. Lá pelas cinco da tarde, vistoria pronta e quase de volta à casa do mutuário, contaram-me que ali perto uma criança de oito anos estava mal há dois dias. Picada de cobra.

Fui lá.

Na casa da menina, gente atônita. Fui perguntando. E os pais e parentes explicaram: precisava de médico não; remédios de casa e mais algumas rezas haveriam de fazer o milagre.

A menina estava prostrada na cama. Coloquei a mão em sua testa: febre altíssima. (Até hoje não esqueço o olhar de súplica da pobre criança.) Ergui o cobertor rasgado e me horrorizei. Perna esquerda inchada. Bolhas de ar, várias, parecendo bolas de pingue-pongue. Unhas enegrecidas.

Falei em hospital e os pais começaram a chorar. Não, não queriam que a filha saísse de casa; pediram que eu trouxesse remédios. Ameacei de buscar a polícia, em Mercês. Mas eles só se convenceram quando lhes garanti que poderiam ficar com a menina no hospital.

Toquei para Rio Pomba, distante 20 km. Deixei-os no hospital (bastante bom, por sinal) e tratei de procurar o Dr. Ordelino Mota, médico muito humano. Em minutos ele estava junto da menina. Terminado o exame, ele me puxou para fora do quarto :

— Demoraram muito, Édison. O caso ficou sério. É quase certo que ela perderá aquela perna.

Fiquei desolado. Só me restava rezar... e voltar. Rezei e pedi a parentes e amigos, em Mercês, que rezassem também.

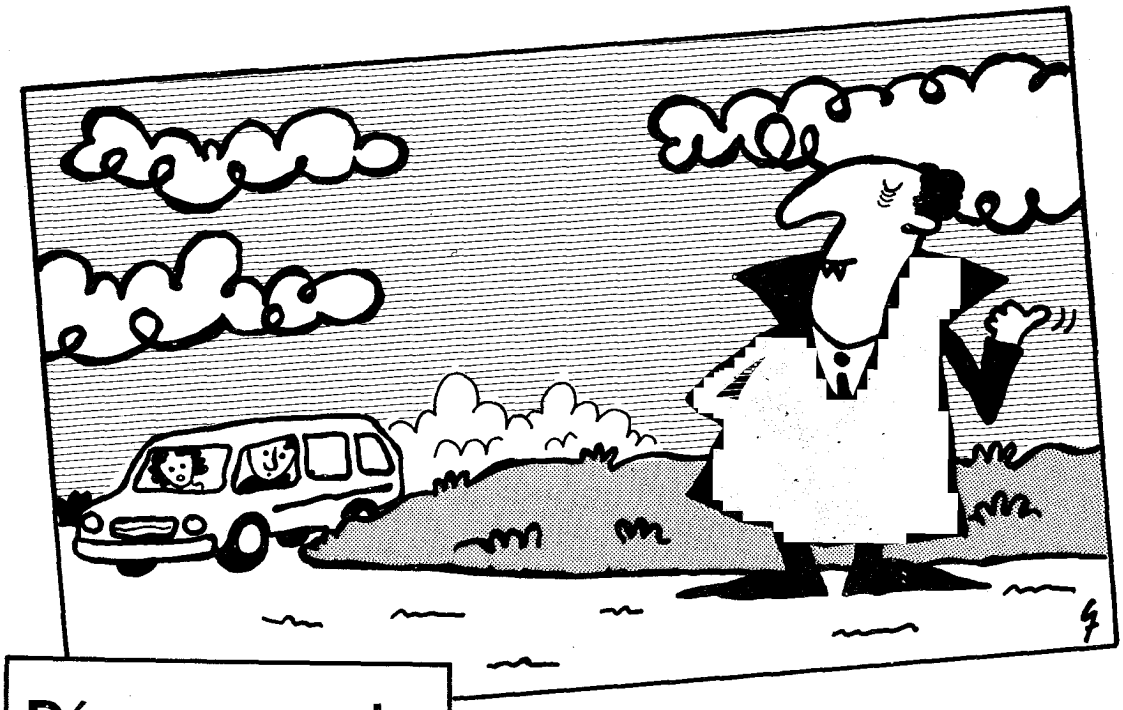
Depois de uma semana, eu ainda não me sentia com coragem de perguntar por notícias da criaturinha. Mas foi nas mesmas andanças de fiscal que tive a sorte de cruzar com o carro do Dr. Ordelino. Alegre, o médico levantou o polegar. Estava tudo bem.

E estava mesmo: quarenta dias depois a menina deixou o hospital. Boa, completamente boa. Andando.

Vencêramos.

Autor:
ÉDISON PIRES DE MENDONÇA
Tomou posse na agência de Juiz de Fora (MG), em 11.8.58. S-5, supervisor em Valença (RJ).

BIP/160



Pé na estrada

Domingo a meio, calorento.

Depois de três dias à procura de transporte, surge a condução tão esperada. Uma ambulância.

— Moça, a senhora mora do outro lado da cidade, né? — pergunta o motorista. Ela confirma. "Então apanho a senhora primeiro, pra depois passar no hospital e pegar dois velhos mais três defuntos" — sugere seu Manoel, com naturalidade.

Chegar. Mas a vontade de chorar começa a crescer, agora é maior. Precisa ir, segunda-feira termina seu prazo. Tristeza e medo a abraçam, sair de casa pela primeira vez já é difícil. Com três defuntos, então, é uma barra.

Até que a distância não assusta: 140 km separam Vitória da Conquista de Tanhaçu, local onde Célia Maria Ferraz Rocha deve chegar. Se chegar. Mas vem o primeiro imprevisto, muito previsível, aliás. Em estrada de chão, algum pneu tinha de furar. E furou. A viagem continua, tudo sacoleja. Os candidatos ao pó viajam indiferentes ao calor e à poeira da caatinga, ora vermelha, ora torvelinhando amarelos esbranquiçados.

— Assim que acabar a serra — fala seu Manoel—, a gente pára e entrega o primeiro.

De longe se avistam algumas criaturas, caras amareladas, olhos secos como caatingas. Uma mulher desmaia ao ver o rosto do morto, sabe lá se de medo, fome ou sol.

— Ali adiante — avisa seu Manoel —, na fazenda "Riacho das Traíras", vai ficar outro. O anjinho. Morreu de desidratação, coitado.

Célia se enche de coragem, desce da boléia para espichar as pernas. Falta uma hora e meia para chegar a Tanhaçu. E ainda vão passar na fazenda "Lagoa do Tanque", onde será enterrado o último.

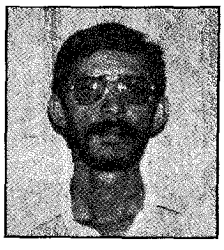
Terminadas as "entregas", depois de curvas e mais curvas, eis enfim a cidade. Às seis da tarde, a paisagem não pode ser mais lúgubre. Silenciosa. Abafada.

Coração deste tamanhinho, Célia desce em frente da casa em que vai hospedar-se. Desfaz malas, toma banho de fundo de quintal e se deita. Corpo cansado, mal começa a madorna e sente, opa!, a casa, os móveis, tudo estremece, quase aos pulos. Credo! Os defuntos? Assombração?

Grita, desesperada. Dona Maria vem correndo:

— Se assuste não, filha. É o trem passando. A estrada de ferro é aí ao lado.

Mas ela chegara. E à margem de todos os sustos e desconfortos, voava a esperança. *Amanhã, amanhã é o grande dia. Serei, finalmente, funcionária do Banco do Brasil. Ufa!*



Autor:
ANTÔNIO CERQUEIRA DE FARIAS
Tomou posse na agência de Itambé (BA), em 4.1.73. S-2, supervisor no Cesec de Vitória da Conquista (BA).

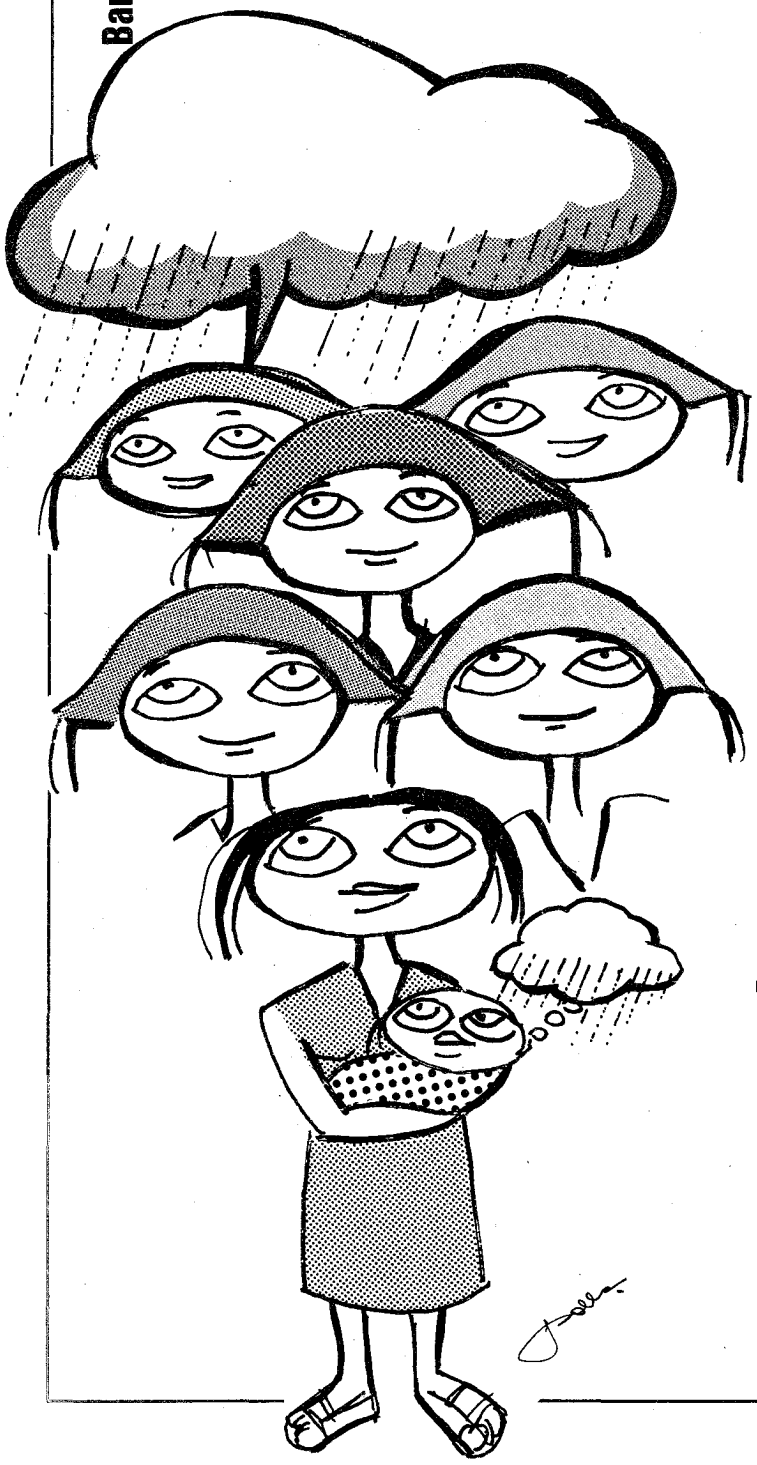
BIP/161

Banco do Brasil

Presente do céu

1983, dezembro. Outra vez Natal. Não aquele de infinita beleza e esplendor: os tempos mudaram. Na terra estéril, os homens vagueiam tristes pelas veredas do destino. Estamos no Nordeste.

Sempre dura, a vida. Sofrida. Crianças sem riso. Pássaros ... onde os pássaros? A natureza está morrendo sem cantos.



Toda essa dor seca, sedenta, só encontra amparo na solidariedade de brasileiros distantes. De uma agência do BB no interior paulista, recebemos providencial doação. A dádiva logo se transforma em gêneros de primeira necessidade, para distribuição a algumas famílias sertanejas.

No começo da tarde, aproximamo-nos de um casebre de taipa, esburacado de humildade. Soubemos: ali moram seu Manoel, dona Francisca e quatro filhos. O pequerrucho brinca num canto da casa. As duas meninas têm olhinhos miúdos. O mais velho está por aí — diz seu Manoel. Uma família digna de amparo.

Entregamos o pacote.

A dádiva parece sol: uma alegria brilha intensa nos rostos rudes. Seu Manoel agradece, comovido. E quer que a gente espere o cafezinho.

— Ainda tem um pouco de pó no fundo da lata — ajuda dona Francisca. — E com um pouco deste açúcar que vocês acabaram de trazer, o café fica pronto logo, logo.

Comovidos, ficamos.

Seu Manoel vai falando de seus planos enquanto o café não vem. Com fé em Deus, o ano novo há de ser bom, sim senhor. Minha sorte é tanta que até consegui com o seu gerente um dinheiro pro desmatamento. Pois é. Fiz o serviço com a ajuda aqui da Francisca e do meu mais velho, e foi o que valeu. Assim, a gente teve dinheiro pra enganar a barriga até o inverno chegar.

Depois do café, barulho de gente chegando. O filho mais velho entra, aos gritos:

— Chuva, pai! Tá chovendo! Tá chovendo!

Seu Manoel resplandece, os olhos cintilam de satisfação. A chuva é certeza de renascimento, de verdes, flores, pão. Logo, paz. E fartura. E prosperidade. No silêncio de uns poucos segundos, vemos seu Manoel plantar, limpar e colher toda uma safra (e que grande safra seria!): aquele sorriso dele não engana.

Saímos sem nos despedir, evitando quebrar o encanto que pingava, silencioso. Lágrimas vindo eram chuva também e a água escorria forte pelas valas do terreiro. Feliz, com os olhos marejados pelos arco-íris do sertanejo, agradeci ao Menino-Deus o presente do céu. E fiz minha oração de nordestino:

Senhor, não deixes morrer a última esperança. Lembra-Te que Tu mesmo disseste: "Dai água a quem tem sede e pão a quem tem fome."

Autor:

ROBERTO DE MAGALHÃES FARIAS

Assistente de supervisão. M-2, na agência de Santa Quitéria (CE), onde tomou posse em 11.8.80.

BIP/162

ele? ou nós?

Embora a agência fosse recém-instalada, já gozávamos de prestígio naquela cidadezinha do sertão da Bahia. Durante as cheias do São Francisco, naquele ano de 1980, o Banco tivera papel atuante nas comunicações (rádio) e no auxílio à comunidade. Até vacinadores nós fomos.

Nossa agência vivia em sérias dificuldades para constituir um quadro funcional estável. Todos os funcionários eram adidos, com exceção dos administradores e um ou outro mais. Tantas foram as reclamações que o Funci nomeou sete ou oito aprovados em concurso realizado em Juiz de Fora. Destes, somente cinco tomaram posse, porque convencidos pelo supervisor do Setop — que era de lá.

Os rapazes foram acolhidos como heróis, pois a precariedade da cidadezinha transformava tudo em motivo de festa. A chegada de pequenos aviões, por exemplo, aterrissando num pasto, com jegues e tudo. Abertura de malotes. Passagem do pessoal do Projeto Rondon. Isso se justificava: o centro urbano mais próximo (cidade também pequena, mas com água encanada, luz, telefone, televisão, cinema e hotel) distava 200 km, que levavam 8 horas para serem percorridos. Com tantas carências, a frase comum na boca da gente era: *Quando eu voltar para o Brasil...*

Na posse dos cinco "heróis", portanto, o clima foi de festa. Com pequenos trotes, aplicados com boa-fé e calor humano. Depois do juramento sobre a CIC, terminadas as "solenidades", encontramos na mesa do gerente-adjunto uma mensagem transmitida via rádio, nosso único meio de comunicação. Estava desautorizada a posse de um dos rapazes, Ronaldo. Ele viera sem autorização do Banco. Havia sérias restrições ao seu estado de saúde.

Foi um alvoroço. Administradores e comissionados se reuniram, discutiram, e de corações apertados resolveram conversar com o rapaz. Ronaldo empalideceu, tentou dar mil explicações, falou de uma delicada operação que sofrera quando menino, gaguejou, marejou-se. "Mas olha aí, pessoal: será que esse rádio é autêntico?" — desconfiou um colega. Não. Não era. Todo mundo caíra no trote. Sorrindo, o adjunto chegou a ponderar: "Isso não se faz: e se o rapaz sofresse do coração?"

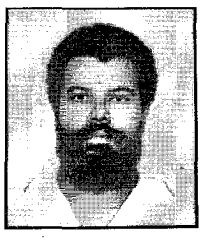
A gente ainda conversava, fazendo brincadeira, quando começou a correria. O Ronaldo desmaiara lá na cantina. E parecia estar passando muito mal. De verdade.

Foi um Deus-nos-acuda. Gente levando ventilador. Outro com copo d'água com açúcar. Outro, chamando médico. Na plataforma, a mocinha já de olhos vermelhos. Em tais entrementes, o autor da brincadeira apareceu, se declarando culpado e arrependido. E toca a procurar o *galo* na cabeça do "herói": a queda fora forte. Aflição, enorme aflição em cada rosto.

Mas no meio da geral consternação, eis que o Ronaldo se levanta todo sorridente — como se nada tivesse acontecido:

— Como é pessoal? Passei no teste? Tomo ou não tomo posse?

Incrível. O danado nos pregara um trote. Memorável trote, por sinal. Nunca haveremos de esquecer aquela tarde ensolarada em que ele cativou, para sempre, nossa admiração. A gente ficou sem saber quem era realmente o calouro. Ele? Ou nós?



Autor:
JOÃO ALFREDO RODRIGUES DA SILVA
Tomou posse na agência de Pirajuí (SP) em 12.6.72. S-1, gerente-adjunto em Belém do São Francisco (PE)

BIP/163

História não-escrita do

depósito "aéreo"

Em 1979 ainda não existia o Serviço de Atendimento Opcional, alternativa de atendimento cômodo e rápido. Mas naquele ano, na agência de Coxim, Mato Grosso do Sul, um conhecido cliente inaugurava outro tipo de SAO, o "Sistema *Aéreo* Opcional" de depósitos.

Seu Viturino, ou *coronel* Viturino, da Cidade do Pé do Cedro, era talvez o comerciante de maior tradição, proprietário da mais antiga farmácia do lugar.

Mas o *coronel* tinha outra virtude de que se orgulhava muito. Cliente do BB desde a instalação da agência, mantinha um hábito, verdadeiro compromisso de honra, que resistia ao tempo e às intempéries. Todo dia, chovesse ou fizesse sol, lá estava o *coronel* à porta da agência, esperando a abertura do expediente para fazer seu depositozinho costumeiro. E com que eficiência! O dinheiro dele era todo arrumado, dobrado; as notas dilaceradas vinham apartadas, os cheques também. A guia de depósito jamais continha erros. E o zelo se completava no cuidado em envolver tudo com elástico.

Às vezes solitária no seu "plantão", a figura do *coronel* já fazia parte do quotidiano matinal da agência. Ele tinha lá suas razões: com ar de satisfação e orgulho, gostava de exibir um maço de recibos, todos com autenticação nº 001. Para não ser o 002 ou 003, ele madrugaria à porta do Banco, se necessário.

Naquela segunda-feira de julho, o *coronel* estava a postos e, com ele, uma considerável multidão. Todos aguardavam, impacientes, a abertura do Banco. Dentro, entrincheirados na bateria, os caiex já se punham alerta, esperando.

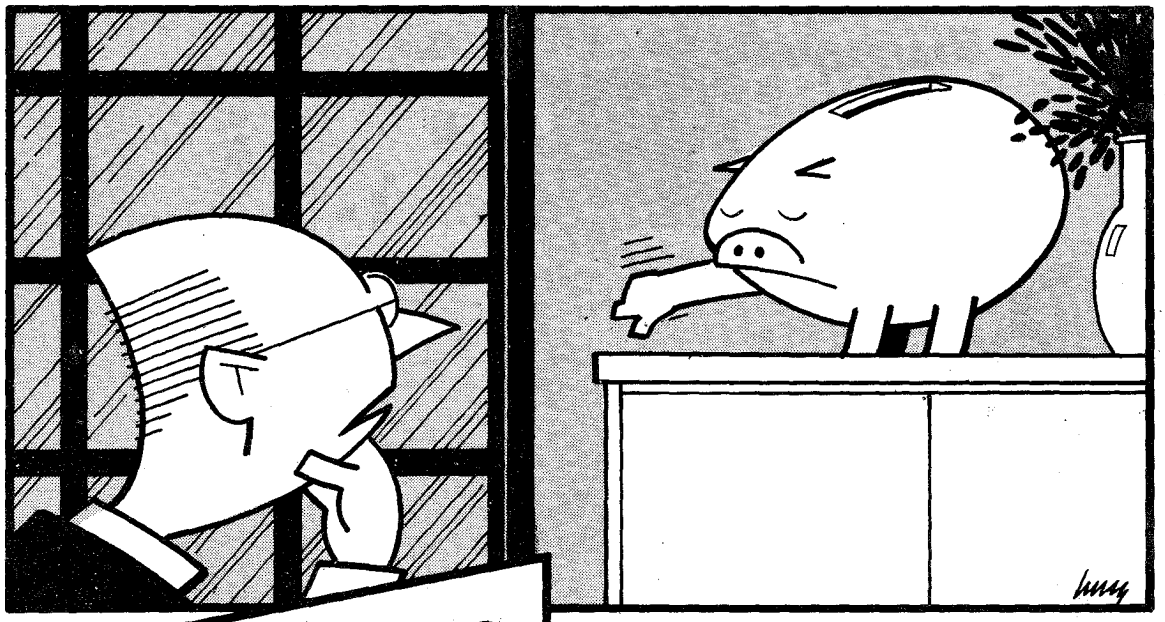
Inicia-se o ritual da abertura da porta. O segurança se movimenta, lá fora o pessoal se agita e o *coronel* também, ensaiando sua arremetida em direção a mais um depósito nº 001. No que a porta se abre, porém, apenas fresta, um garoto se enfia agência adentro, ganha o saguão e parte correndo em direção ao guichê.

Cheio de espanto, meio desequilibrado pelos empurrões, o *coronel* arregala nos olhos o imenso desespero de ver estilhaçada uma tradição mantida a custo e por muitos anos. Mas não se dá por achado. Num repente, usando agilidade quase incompatível com sua idade um tanto avançada, ele arremessa o pacotinho do depósito nº 001 (tinha que ser o 001) *via aérea,* rumo ao guichê. E que pontaria certeira! O caiex Zingra, por sua vez, age como goleiro de seleção: com jeito de felino, se lança no ar e, fazendo uma senhora "ponte", intercepta e encaixa no peito o objeto voador mais do que identificado. Nem bem se levanta, ainda se refazendo do susto e do depósito, dá de cara com o arremessante. Ofegando muito, emocionado, mas com os olhos brilhando vitória, *coronel* Viturino tenta explicar:

— Olha, moço... eu... eu sou cliente do Banco... desde... desde (tosse)... que vocês chegaram aqui. E... e... sempre fui... pois é... sempre fui o primeiro (tosse)... o primeiro a depositar... Não posso... admitir (tosse)... que um menino... um menino!... ganhe de mim!

Autor:
ÍRIS DE MORAES SARMENTO
Tomou posse na agência de Coxim (MS), em 30.8.73. B-4 em Campo Grande (MS).

História não-escrita do Banco do Brasil



Solução de ouro

Sem saber, aquele velhinho simpático conquistou o pessoal da agência de Rio Tinto (PB). Magro, alto, com seus risonhos 75 anos e paletó estilo 1930, seu Mauro aparecia todo mês, munido do inseparável guarda-chuva. E sacava sua minguada aposentadoria.

Por segurança (sabe lá que intempéries a vida ainda lhe reservaria), seu Mauro fez uma aplicaçãozinha em RDB. O que pôde: Cr$ 150 mil, dinheiro que lhe dava o orgulho de possuir economias, rendendo juros no Banco do Brasil.

Três meses depois do RDB, seu Mauro veio à agência e não foi só para sacar a velha aposentadoria. Gastara muito com remédios e andava precisado de uns Cr$ 30 mil. Para fazer a feira, sim senhor: estava liso, lisinho. Não, não tinha cara para pedir empréstimo. Muito menos aval. Oxente, ninguém precisava saber daquele apertinho. E botava fé na gente: pois não tinha dinheiro guardado ali, no tal de RDB? Tinha. Então estava tudo resolvido.

Era com solução assim tão simples e segura que ele nos encarava firme — transfigurado de confiança. Tinha certeza de que não sairia dali sem o dinheiro no bolso.

Conversa daqui, fala de lá, especula-se, aventa-se e nos *ora-pois* e *por-que-não* deu-se enfim, por nascida, a solução. O jeito era colher dados cadastrais e implantar contrato de cheque-ouro para seu Mauro. A jato, é claro. E com vencimento coincidindo com o do RDB. Seu Mauro nem precisava saber dos detalhes: nada de cartão-ouro e talonário.

Assim pensado, assim se fez.

Dinheiro no bolso, lá se foi o velhinho, ostensivamente satisfeito. Saiu apertando, uma a uma, as mãos da gente, rosto enfunado de sorrisos, o guarda-chuva balançando no braço.

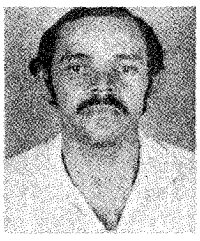
Quando chegou o vencimento, a conta de cheque-ouro foi coberta e o contrato, cancelado. Final feliz. O jeitinho dera certo: cliente atendido, dívida quitada e, por acréscimo, o velhinho *fez questão* de aplicar em RDB os restantes Cr$ 300 mil.

Não demorou muito, apenas dois dias depois, o velho aparece de novo. Na visita havia algum porém, a gente adivinhava. Todo à vontade, com ar de quem sabe das coisas, seu Mauro vai direto ao assunto. Precisava de Cr$ 20 mil.

O pessoal da plataforma ainda estava de boca aberta quando uma voz insinuou lá de trás:

— Ouro nele, pessoal!

A solução brilhou de novo. Risonhamente atendido, lá se foi seu Mauro — também risonho. E feliz. Num bolso do velho paletó, levava nosso trunfo, o recibo do RDB. No outro, sua conquista, o dinheiro. Balançava-lhe no braço o velho guarda-chuva de homem mais que prevenido. E no brilho dos olhos dele, cliente especial, uma condição também especial: *titular, outra vez, de cheque-ouro... mas sem saber.*

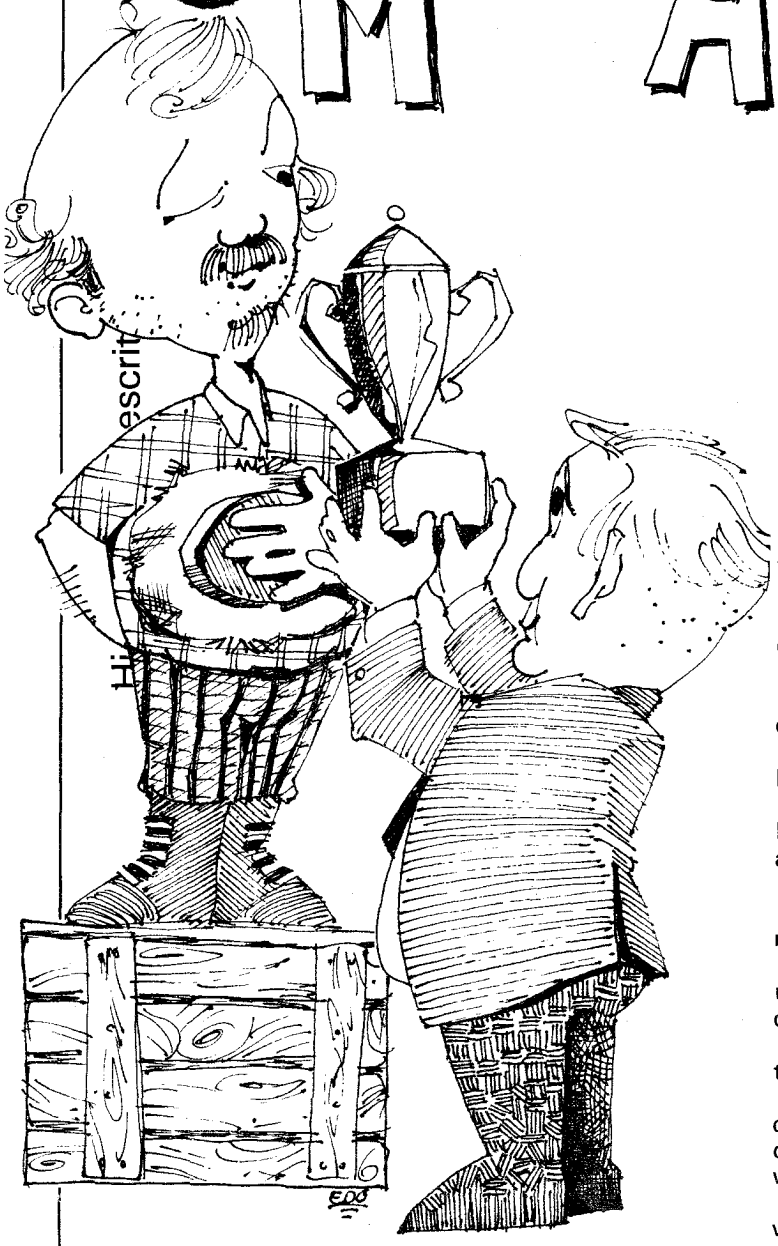


Autor:

MELCIADES JOSÉ DE BRITO

Tomou posse na agência de Sapé (PB), em 18.2.72. S-6, supervisor em Rio Tinto (PB).

O Maior Agricultor



Custeio de 1983.

Nosso velho prédio, em Lagoa dos Gatos, nunca vira tanta gente, desde os seus tempos de cinema municipal. Com três meses de inaugurada, a agência já se tornara pequena para a leva de agricultores. E todos eles ansiosos, excitados pela expectativa de bom inverno.

Na Plata, colegas recém-empossados (e vindos da capital, como eu) davam tratos à bola para decifrar o vocabulário daqueles homens. Gente querendo tirar o *CPS*, fazer *cadarço* ou *preposta*, procurando tirar do seu mundozinho concreto algumas palavras que se assemelhassem àquelas outras que lhes soavam tão abstratas.

No caixa me chega um velhinho:

— Moço, quero trocar meu *carneiro*.

Antes que lhe mande procurar o mercado ou a feira, o vigilante (*intérprete*, por ser do lugar) me socorre. O *carnê* deve ser trocado ali, na representação do Funrural.

Antecipando-se à fila, chega seu Genival, pele enrugada, curtido de vida e sol. Brilham os olhos que viram crescer tantas roças e filhos. Ele fala:

— Quero botar roça, moço. E a coisa comigo é pra já, pois mexo com o Banco desde o tempo em que vocês ainda estavam lá em Palmares.

— Tudo bem! — respondo. — Então vá ali no balcão, por favor.

— Não, o senhor não tá acreditando em mim. Eu já disse, o negócio comigo é pra já. Fui o maior agricultor da Lagoa dos Gatos, no ano de 1963.

Disfarço a surpresa:

— Acredito, sim senhor. Mas é que, aqui, eu só recebo e pago.

A fila me lança olhares impacientes. O homem, no entanto, não se afasta, me encara com jeito de quem exige ainda mais atenção e respeito.

— Olha aqui — insiste. — Se o moço não acredita, eu mostro.

Enquanto fala, vai tirando papéis amarelados de dentro do saco plástico, alguns já em pedaços. Sou compelido a ler o que me aponta aquele dedo nervoso.

A explicação estava toda ali, escrita. Seu Genival sabia ler, mas pontuação não era seu forte. E tampouco o do colega que há vinte anos datilografara, lá em Palmares, a qualificação civil na cédula rural. Ele escrevera:

GENIVAL DOMINGOS DA SILVA — Brasileiro, casado, maior agricultor residente em Lagoa dos Gatos . . .

Olhei para aqueles olhos que viram crescer tantas roças e filhos. E contive o sorriso:

— Meus parabéns, seu Genival!

Não seria eu quem haveria de acabar com aquele sonho, que já durava vinte anos.

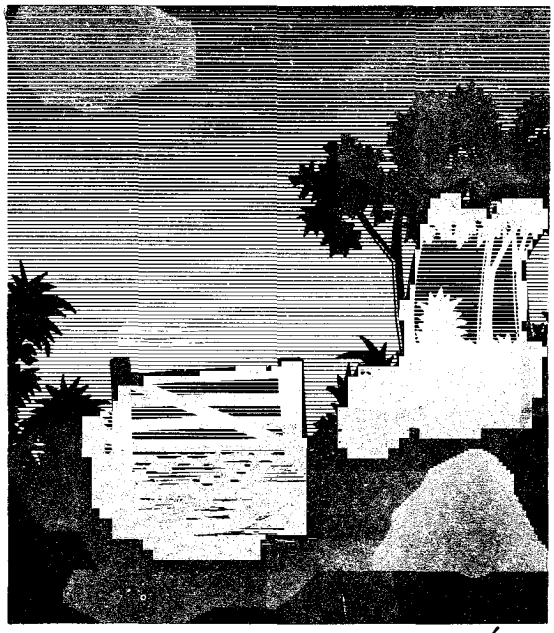
Autor:

ANTÔNIO IVO MENDES DE ALBUQUERQUE

Tomou posse na agência de Lagoa dos Gatos (PE), em 27.12.82. B-2, auxiliar de expediente substituto.

História não-escrita do Banco do Brasil

A porteira da vida



Início de 1979, sul do Paraná.

Região pobre: estamos no interior do município de Antônio Olinto, o último a receber energia elétrica. Tarde de domingo, o supervisor Ademar, Osmar e eu, caiex, estamos voltando da sede de uma comunidade. Missão cumprida. Fizéramos reunião com agricultores, sobre aspectos do crédito rural, explicando as finalidades do Pavan. Sol quente, o fusquinha geme na estrada poeirenta. A conversa também dá solavancos, se entrecorta. A gente quer mesmo é chegar em casa, tirar a poeira, almoçar. Mas haja porteira, e abre e fecha, abre e fecha. Perto de uma delas, está o caboclo, de cócoras, chapéu de palha entre as pernas. Ele se levanta, prestante.

— 'Tarde! (fala, abrindo a porteira. A gente responde) Oceis vão pra cidade?

A voz parece sossegada, de homem calmo.

— Vamos sim. Quer carona?

O carro passa, a porteira bate.

— Não. É que eu moro logo ali — explica, espichando o beiço (logo, distância de mais de quilômetro) — Minha muié tá com doença ruim, carecendo recurso. Oceis pode ajudá?

Embarcamos o homem.

O rancho aparece adiante, depois de quilômetros. À frente dele, os pais do nosso carona (bastante idosos) tomam chimarrão com pachorra de velhos. Depois dos cumprimentos guturais, perguntamos pela doente. Chupando mate, a velha faz sinal com o queixo e sobrancelhas, aponta a porta aberta.

Entramos logo. E o carona junto, agora ansioso.

A ânsia dele não é maior que nossa surpresa. Sobre a cama a mulher bastante magra, meio amarelada mas de feições jovens, estampa a "doença ruim" que nos deixara curiosos (e apreensivos). Ela está em adiantado estado de gravidez, com notória hemorragia.

O marido suplica, pede que levemos a doente para o hospital de São Mateus, distante 50 km. Leigos, surpresos e aparvalhados, superamos o choque inicial e partimos para as soluções. Como eu já havia acompanhado a gestação de minha esposa e assistido ao parto do primeiro filho, ponho a mão no ventre da mulher e logo sinto as contrações. Avalio: a dilatação é grande; apesar da hemorragia, qualquer um pode ver que o parto é pra já. Ou quase. E agora?

O jeito é pedir todos os lençóis da casa, para tampões. E levar a mulher, bem rápido, para o hospital.

Durante a alucinada viagem, cochicho para o Ademar:

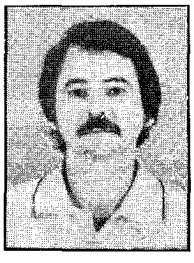
— Se acontecer no caminho, a gente vai ter que fazer o parto.

Eu tinha um canivete no bolso; no peito, muita fé.

Não foi preciso, graças a Deus. A mulher permaneceu quieta durante todo o tempo. Chegou semidesfalecida, apesar da rapidez da viagem, e logo foi cercada de enfermeiras, médicos, macas. Levaram-na. E nós permanecemos ali, de cócoras com o carona, à espera do melhor. O tempo não passava.

A enfermeira nos chamou à portaria e a gente se levantou num salto só. A mulher, graças à transfusão de sangue, soro, etc., etc., estava fora de perigo. Mas a criança... a criança nascera morta.

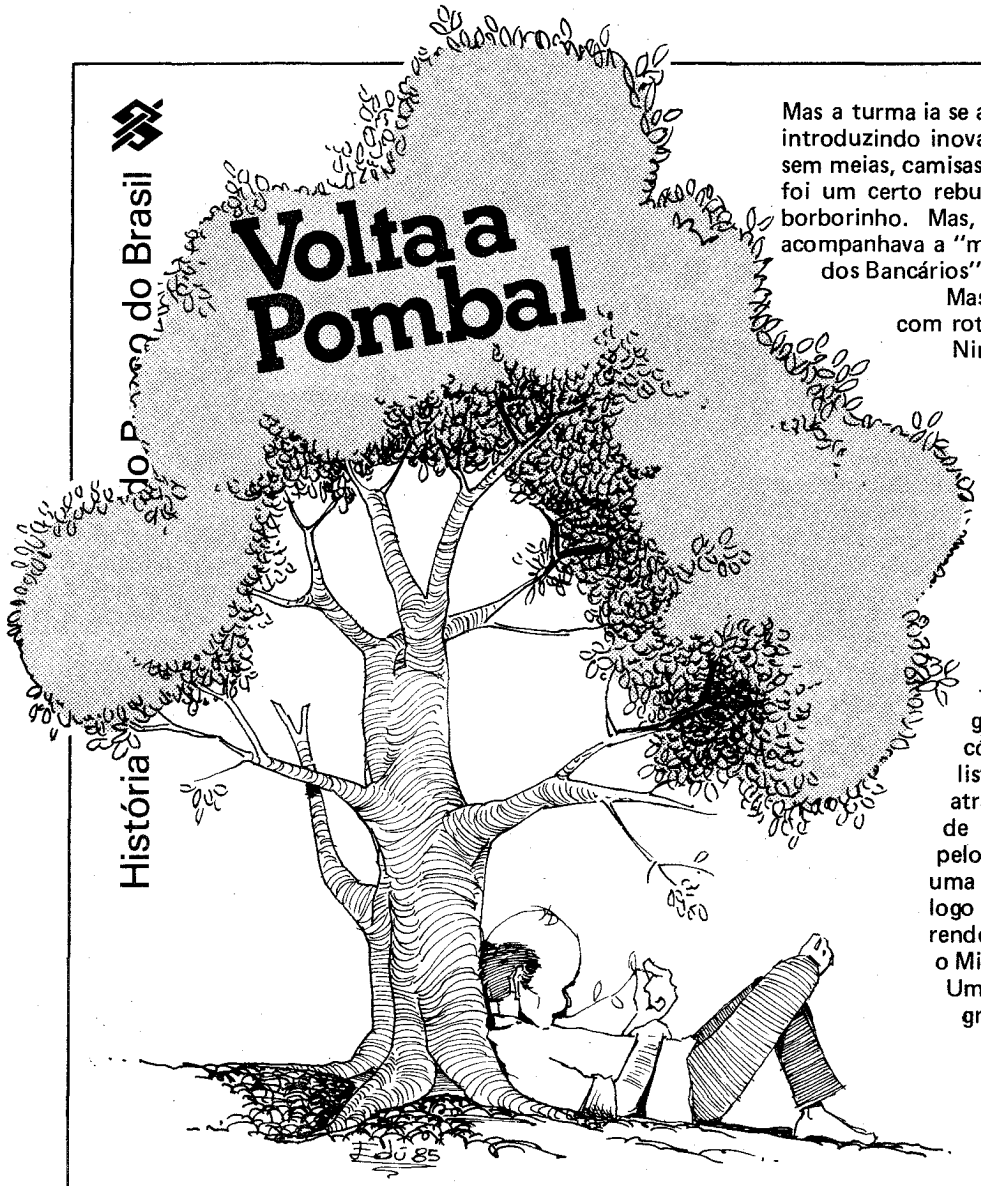
Cabisbaixos e sem palavras, nos separamos. Levei para casa aquele nó na garganta, amargo de frustração. Só ao chegar, sem fome, pude desabafar. Foi como se eu tivesse perdido um filho e a Porteira da Vida se tivesse fechado.



Autor:
ADERBAL DOMINGOS TORTATO
Tomou posse na agência de União da Vitória (PR), 3.5.71. S-6, supervisor em Ituporanga (SC).

BIP/169

Volta a Pombal



No alto sertão paraibano se encrava uma cidadezinha de nome "Terra de Maringá", onde o BB chegou há vinte e três anos, com banda de música e tudo o mais. Festão pra ninguém botar defeito: baile, discursos, foguetões, bebida, churrasco de fazer inveja a gaúcho. Os pombalenses estavam eufóricos com as perspectivas de progresso que se abriam a toda sua região. Os homens, com o pensamento nos negócios. As mulheres, mães de filhas prendadas, com os olhos nos rapazes casadoiros, vindos de fora. "Gente educada e de futuro", diziam. A tal ponto a cotação chegou, que (se contava) houve um pai que abençoou a filha dizendo: "Deus te dê um bancário!" Ao que a mãe completou: "Mas só se for do Banco do Brasil". Aí sim, é um negócio "da gota".

O acesso a qualquer cidade, mesmo próxima, era difícil e cansativo. Por isso, os bancários, forasteiros, tinham de matar o tempo por ali mesmo, utilizando o que o lugar oferecia. Adaptação árdua.

Mas a turma ia se acostumando e ao mesmo tempo introduzindo inovações: calças americanas, sapatos sem meias, camisas manga 3/4, etc. A reação inicial foi um certo rebuliço, muitos cochichos, às vezes borborinho. Mas, logo depois, todo o mundo acompanhava a "moda dos bancários". Até a "Rua dos Bancários" foi criada. Divertido, aquilo.

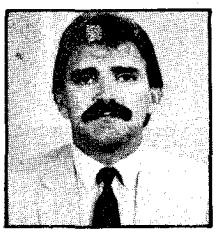
Mas a roda do tempo ia girando, com rotina pesada e tédio de endoidar. Ninguém agüentava mais.

De repente, o estalo: vamos fundar um clube!

No *Solar dos inocentes*, nossa saudosa "república", a primeira reunião. Com guaraná, cerveja e um peru, que a vizinha torrou. No final, a decisão: estava criado o *El Cabana Club*, com esboço de estatutos e muita conversa.

Inauguração já marcada, sem local para sede, o jeito foi fazer a festa debaixo de uma ingazeira, às margens do rio Piancó. O povo gostou de ver o paulistão Solha de calças arregaçadas, atravessando o rio com engradados de cerveja no lombo. Válter falava pelos cotovelos. Zé Bezerra dando uma de teatrólogo. Zé Camilo (vixe, logo ele!) no bar. "Cabo Véio" querendo vadear o rio ... de lambreta. E o Milico querendo fazer *streap-tease*. Uma honesta barafunda, com alegria total. Bancários confraternizando com o povo da cidade. A festa teria entrado noite adentro se o Pereira, *segurança do clube*, não tivesse puxado uma "doze polegadas" para inimigo que sua pressão etílica inventara. Foi o fim. Da festa sobraram cinzas; do clube, a idéia.

Hoje, passados quase dezoito anos, do *El Cabana Club* só restam a saudade e a certeza de que ele foi o embrião da AABB de Pombal. Mas qualquer dia volto lá, para visitar a Velha Ingazeira (como é conhecida). Se estiver cansado, farei o que Manuel Bandeira desejou em seu "Pasárgada": *...deito na beira do rio/ mando chamar a Mãe d'água/ para me contar as histórias/ que no tempo de eu menino/ Rosa vinha me contar...*



Autor:

EVERALDO DANTAS DANÓBREGA

Tomou posse na agência de Pombal (PB), em 28.6.65. Advogado "E" na Ajure – PB.

SERVIÇO LIMPO

Cidade de Jussara, interior goiano, fevereiro de 1974. Os termômetros acusam 40 graus à sombra e estamos sem energia elétrica há quatro dias.

Nossa agência, em prédio pequeno e mal ventilado, tem o teto escorado por vigas de madeira que vão do piso até lá em cima, em diversos pontos. Para o público, o expediente vai das 7 às 12 h: calor demais. Movimento "quente", três mil autenticações diárias, tudo escriturado nas antigas NCR. A rotatividade dos funcionários também espanta. Com freqüência, estamos empossando gente nova. E tome trabalho, em jornadas que se estendem por 12, 15 e até 18 horas. Diferenças dilatam o expediente ainda mais, noite adentro, quase sempre à luz de lampiões a gás.

Em casa, nossas famílias também precisam de resignação: nem tevê, nem telefone. A geladeira não funciona. E água, só de cisterna, tirada no sarilho.

Mesmo assim, o ambiente de trabalho e a união dos funcionários são incríveis. Não há inimizades, irmanados todos numa igual dedicação. E ainda arranjamos tempo para reuniões em torno de uma mesinha de bar, tomando cerveja (não muito gelada) com tira-gosto bastante variado: perdiz, peixe frito, carne de veado, carne de tatu... Turma maravilhosa, ótimo ambiente.

Para testar a gente (e todos fomos aprovados, creio), só mesmo o velho Buck.

Explico: trata-se de gerador de energia elétrica, instalado nos fundos do prédio. Até que trabalhador. Mas cheio de manias, por canseira ou velhice. Para arrancar, só por obra da força do Paulinho ou da teimosia do Tarturana.

Bem comportado, ainda que manhoso, chega o dia em que o velho Buck inventa de empacar. Não adianta força, teimosia ou berro. Voluntários se apresentam, se revezam, tentam. O motor resfolega na volta da manivela e logo escoiceia, no famoso "contra". Numa dessas, lá se vai o relógio de estimação do Paulinho, que quase quebra o braço. Mecânicos entram na parada, mexem, engraxam. Mas o Buck... neca. Aposentou-se.

E agora? O serviço não pode parar. São balancetes atrasados, milhares de lançamentos, diferenças, papéis se empilhando e, para *esquentar* ainda mais, o calor de matar. Acima de 40 graus. Sem Buck.

Que vontade de ir embora, largar tudo, voltar para a terra natal! Mas a ajuda veio. Divina, por certo.

Além do Banco do Brasil, só no Hospital Jussara havia energia elétrica própria. O jeito é falar com o proprietário, Dr. Aides Ponciano. Ele gentilmente nos cede um quarto e tudo parece resolvido. Colocamos os duzentos quilos de cada NCR na carroceria do jipe do Adílson. E toca para o hospital.

Mas entrar, quem disse? As benditas não conseguem passar pela porta, para a *internação* salvadora. Elas só entram pela porta da lavanderia.

Pois entraram.

E ali, junto com as lavadeiras e roupas sujas, o Banco teve um protótipo de posto avançado, em agência do interior de Goiás. O primeiro, talvez. E com serviço muito *limpo.*

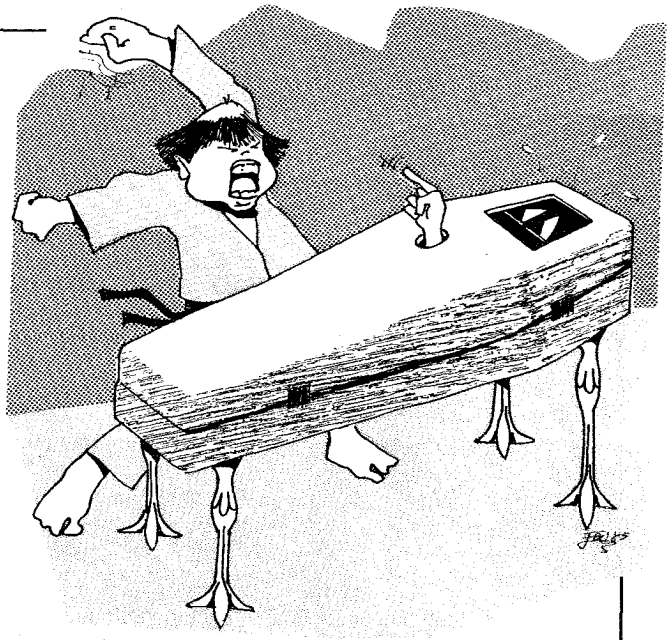
Autor:

EDSON LUIZ BRANQUINHO

Tomou posse na agência de Igarapava (SP), em 3.7.62. S-10, gerente-adjunto em Bragança Paulista (SP).

BIP/172

Operação Araguaia



A entrada da agência de Alto Araguaia, Mato Grosso, parece um formigueiro. São gaúchos, paranaenses e paulistas em quantidade cada vez maior, atraídos pela notícia de terras baratas, dinheiro *fff* (financiamento fácil e farto), enriquecimento rápido.

Logo cedo, o gerente convoca os fiscais e faz preleções. É preciso acabar ou, pelo menos, diminuir os desvios de produção. Prioridade compreensível: a agência ocupava posição desconfortável, em matéria de operações em curso anormal.

Lá fomos nós, compenetrados, parecendo mais policiais de fronteira que funcionários do BB. Caminhão suspeito é logo abordado e seus condutores convidados a esclarecer origem e destino da carga. Ao fim de um dia inteiro de trabalho e tensão, enfrentando carrancas de motoristas, encosto o carro no Posto Tambaqui e peço uma cerveja. Não apenas para descansar. O posto é também pensão, bar, borracharia e "cassino". Ponto de encontro de lavradores, peões e compradores de cereais, ali poderia aparecer o fio de alguma meada escusa.

Já no primeiro gole, vejo entrar a figura esguia e nervosa de um japonês — "roleiro" conhecido e famoso personagem de muitas histórias contadas por fiscais mais velhos. Escondido em minha condição de recém-chegado à cidade, parto pra cima dele:

— Boa noite. O senhor . . . é daqui mesmo?

— Eu comprô fazenda aqui, né? Pranta arroz.

— Eu sou Jair. De Goiânia. Me disseram que o senhor tem arroz pra vender. E eu compro. Preço bom, dinheiro vivo. Nada de cheque ou rolo em banco.

O japonês se ilumina. Empolgado, "abre o mapa" de seu negócio, preços, quantidade. . . Ofereço o copo e ele bebe, ávido. A língua se desata mais e mais, parece político em campanha. Quer ficar rico bem depressa, comprar muita terra. Colheita? Claro, já vendeu. Agora arruma negócio para amigos e vizinhos. O quê? O Banco? Não, nem precisa se preocupar. É macaco velho. Faz isso desde os tempos em que era financiado no Paraná. Nunca foi flagrado. Espreme sorriso matreiro:

— Aqui muito mais fácil, né? Fiscal tudo bobo. Eu engana tudo eles junto. Eu vende e diz que meu lavoura não deu nada. Depois vai no gerente e pede prazo pra outro ano. Banco atende pedido, né? Sempre eu faz assim.

Acertada a compra (só na saliva, claro), o homem pede o jantar e mais cerveja. Despesa toda por sua conta: afinal, acabara de fechar mais um ótimo negócio em cima dos três efes.

O papo vai ficando repetitivo, viscoso. Trato de me mandar, antes que alguém me reconheça. Apresso o passo ao ver que vem entrando o Paulistão, comprador de cereais, meu conhecido.

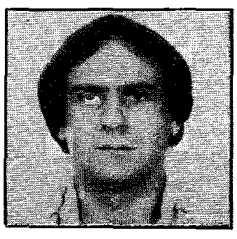
No outro dia, mal chegando ao Banco, vejo. O japonês está ali, fulo da vida, olhar em fogo. Ajeito-me dentro das próprias calças, palidez de círio. Faço cara de quem nunca o vira antes. E entro rápido.

Não lembro uma palavra do que ele disse. Sei que fui parar na gerência. Trêmulo, relatei minha aventura fiscalizante. Depois, corri à cantina e engoli um copo d'água.

Uma fera, o japonês entrou na gerência. Durante uns 40 minutos esbravejou ameaças a mim, dizendo-se honesto e cumpridor de suas obrigações. O gerente não podia acreditar no que lhe dissera o fiscalzinho bobo, metido a esperto. Ele pagaria suas dívidas, mas o Banco teria que lhe conceder prazo, claro, pois a lavoura . . .

Depois que o Paulistão me avisou da ameaça de morte, meu astral baixou a zero. Rapaz novo. Primeiro trabalho sério. Planos de casar. Mas . . . sair de São Paulo para morrer em Alto Araguaia? Não estava certo.

Fiquei um bom tempo sem sair de casa. Dormia mal e sonhava com golpes de caratê. Mas acho que escapei. Hoje, tudo até parece engraçado. O japonês vendeu a terra, pagou o Banco e sumiu. Não faz muito tempo, soube que andava pelas bandas de Barra do Garças. Que Deus o ajude . . . e a mim não desampare!



Autor:
JAIR SPERANDIO
S-3, supervisor na agência de Alto Araguaia (MT), onde tomou posse em 28.3.77.

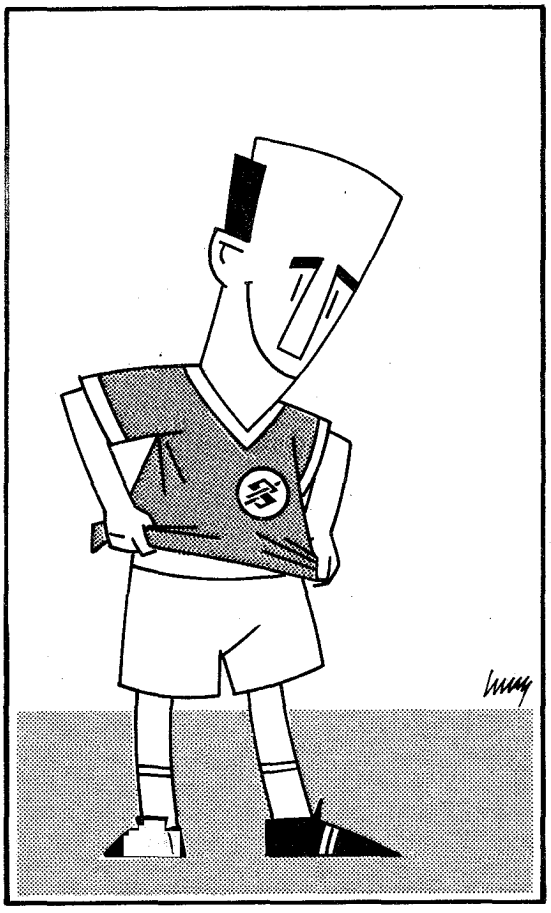
BIP/173

O colega de Bom Jesus

Na década de 60, a jurisdição da agência do BB em Floriano abrangia o sul do Piauí e o sudeste do Maranhão. Para cobrir toda essa área, precisava contar com a ajuda dos famosos *correspondentes*, escolhidos dentre os tradicionais comerciantes das principais praças da região. Seus serviços consistiam, essencialmente, na cobrança de títulos e no cumprimento de ordens de pagamento.

Chamava-se João Nepomuceno o correspondente do BB em Bom Jesus (do Piauí). Apesar de poucas letras, ele já exercera mandatos de prefeito e vereador. Era um verdadeiro líder comunitário e, como tal, sua oratória popular tornava-se indispensável em todos os eventos sociais e políticos da região. Ainda assim, ele costumava dizer, orgulhoso: "Meu maior *status* é ser correspondente do Banco do Brasil".

E fazia questão de trazer, pessoalmente, todos os meses, sua prestação de contas. Não dispensava de maneira alguma o papo com os "colegas" do Banco. Sempre cordial e bom prosador, nós o admirávamos por isso.



Nessas ocasiões, o colega Albertino, então ajudante-de-serviço da cobrança, aproveitava para transmitir-lhe algumas técnicas de correspondência bancária e o emprego correto dos números-códigos estampados à margem dos formulários padronizados: *01 — não foi aceito; 02 — foi aceito; 03 — não foi pago; etc.*

Assim, quando acontecia de a agência pedir informações sobre o andamento da cobrança de determinado título e este era girado contra o próprio correspondente, não raro recebia como resposta um compreensivo: *infelizmente 03.* Se o estoque de formulários estava no fim, ele aproveitava o rodapé do memorando para fazer anotações do tipo: *Observações — estou em crise deste.*

O Banco expandia sua rede de agências. E autorizou a criação da filial de Bom Jesus. Seu João Nepomuceno fez de tudo para ajudar nos serviços de instalação, intermediando a locação do prédio, efetuando pagamento de pequenas despesas, etc.

Os avisos do correspondente, nessa época, ficaram famosos por seus históricos. Como este, sobre o pagamento aos transportadores do cofre-forte para a nova agência: "Pago pela tiração e botação do cofrão do Banco".

A agência de Bom Jesus estava pronta para ser inaugurada. Aguardava-se apenas a chegada dos administradores e funcionários. Antes disso, seu João Nepomuceno apareceu na agência. Vinha todo arrumado em roupa de gala, gravata-borboleta e sapatos de duas cores, bem cuidados.

— Bom dia, meus colegas! — cumprimentou alto. E, meio apressado, desapareceu rumo à gerência.

Lá dentro, sorridente, disse não querer tomar o tempo do gerente Solon, que sabia ser homem bastante ocupado. Por isso, ia direto ao assunto:

— Seu Solon, agora que o Banco de Bom Jesus está no "ponto", venho pedir minha nomeação para ser o gerente de lá. E foi retirando uma folha de papel do bolso do paletó: "Aqui está a relação dos meus funcionários".

Naturalmente o Solon não pôde atender, desta vez, a reivindicação do preposto Nepomuceno. Foi uma pena.

Hoje, lá do céu, seguramente, o Bom Jesus deu merecida acolhida ao virtuoso João Nepomuceno, cercando-o de excelentes colegas.

Autor:
LUIZ AUGUSTO DA PAZ
Tomou posse na agência de Floriano (PI), em 18.10.61. S-9, atualmente no Gabinete Civil da Presidência da República.

Não é, benzinho?

A agência fervilhava de clientes. O gerad Xavier, na Plataforma, atendia a mais um depositante no RDB.

Súbito, entra uma senhora gorda, vestido repuxado no corpo, rosto lambuzado de creme e lenço na cabeça, tentando encobrir os rolos de plástico no cabelo. Andar apressado, quase correndo, ela se aproxima e, num tom ameaçador ao novo cliente do RDB, vai falando:

— Te peguei com a mão na botija, seu fio da peste! Então saíste de mansinho com o dinheiro do menino, sem me dizer nada, não foi? Ainda bem que sou mulher muito viva, esperta.

O homem, surpreso e meio envergonhado, tenta se defender:

— Ôxe! Deixa de bobagem, mulher. Vim foi depositar o dinheiro do menino aqui no Banco do Brasil. Num tal de ERREDEBÊ. O moço aí me explicou e vai ser muito bom pro nosso Raimundinho.

A mulher, sacudindo a cabeça e com as mãos na cintura:

— Deixa de conversa, home. E então eu não te conheço? Você engana outra, não a mim.

— Oxente! Que Diabo deu nessa mulher? Cê tá besta! — E olhar suplicante para o gerad Xavier: — Não é mesmo, seu dotô? Aqui o dinheiro não rende mais?

— Nem pensar. — A mulher tenta puxar o dinheiro da mão do marido: — Me dá aqui que vou levar de volta.

O Xavier vê ameaçada a conquista de mais um cliente do RDB e resolve intervir. Mas quem disse que a mulher quis ouvi-lo? Continuou falando para o marido, como se os dois fossem os únicos ali na Plataforma.

— És um irresponsável, um sem-vergonha, home. Não confio em ti. Tu vai é querer gastar o dinheiro do menino, como das outras vezes.

O homem ainda tenta acalmar a mulher:

— Num já te falei, mulher? Vim depositar o dinheiro no Banco. Só que tem de ser em meu nome, pois o Raimundinho é de menor.

A emenda foi pior que o soneto. A mulher aumenta a voz.

— Mas de jeito nenhum. Depois, você vem escondido de mim e retira o dinheiro.

— Mas mulher...

— Só se for, então, no meu nome.

— Ah, isto é que não. Quem me garante que você não vai fazer o mesmo?

Os ânimos exaltaram-se ainda mais. Xavier resolve botar ponto final na discussão.

— Meus amigos, por favor. Acalmem-se. Por que não resolvem o problema em casa?

— Nada disso. Se eu deixar ele sair daqui com o dinheiro, ele desaparece e nunca mais. O negócio é fazer o depósito em meu nome.

— Isto nunca — intervém o marido. — É no MEU nome. Senão vou embora pra São Paulo e gasto tudo lá.

A mulher, dedo em riste no rosto do marido, se desespera:

— Só se for por cima do meu cadáver. Tenta, seu fio da peste!

E desandou a chorar. O que chamou mais a atenção do público. A seguir, o aflito Xavier ouviu da mulher um rosário de acusações contra o marido, que vinha desde os primeiros dias de casados.

Foi aí que o Xavier teve um lampejo salvador.

— Encontrei a solução. Façam o depósito em nome dos dois. Assim, um não poderá retirar sem a assinatura do outro. Quando chegar o vencimento, basta que venham os dois novamente para assinar e retirar o dinheiro. Poderão até aplicar novamente, se assim estiver bem para vocês.

A sugestão foi aceita na hora. Sem discussão. Minutos depois, recibo do RDB nas mãos, lá se foi o casal de braços dados e sorridente.

O expediente já se encerrava quando novamente homem e mulher aparecem na Plataforma, para espanto do Xavier.

— Meu Deus do Céu! Que houve, agora? Se arrependeram do depósito?

A mulher sorri, abraça o marido na cintura e, numa voz pausada, tranqüiliza:

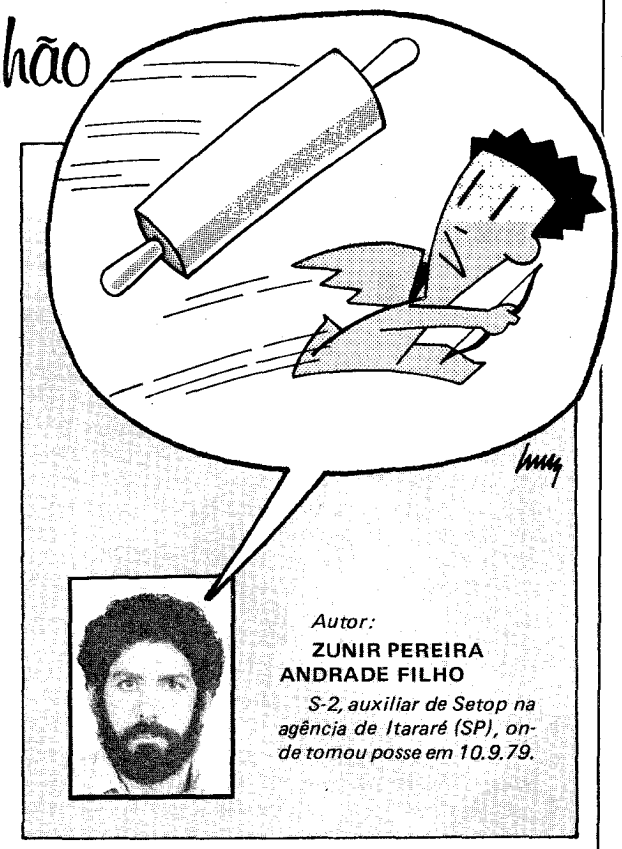
— Arrependemo não senhô. Trouxemo mais um dinheirinho pra depositar. Só que é dos outros meninos. Mas, veja bem: tem que ser feito igualzinho como o senhô fez há pouco. Em nome de nós dois! Não é, benzinho?

Autor:
EDSON POUJEAUX GONÇALVES
Tomou posse na agência de Caçapava do Sul (RS), em 8.1.76. S-3, supervisor no Pavan de Piranhas (AL).

BIP/176

História não-escrita do Banco do Brasil

A proposta do Garanhão



O plantio de feijão-das-águas ia começar. E a agência de Sengés, no Paraná, se preparava para receber as propostas de financiamento.

Sônia, uma loura alta, bonita e tímida, estava encarregada de receber os mutuários e já arrumara, com cuidado, os impressos sobre a mesa. Funcionária com poucos dias de Banco, aquele seria seu primeiro contato direto com os clientes. Nada fácil, pois tratava-se de clientes singulares: homens simples do campo, incultos e, às vezes, sem querer, até rudes. Daí sua apreensão e nervosismo.

"Fique calma, menina, vai dar tudo certo." — tranqüiliza-a um colega. Sônia sorri, meio sem jeito. Enquanto a hora não chega, relembra as recomendações do supervisor: "Você vai tratar com gente muito simples, Sônia. Não espere que eles entendam sua linguagem. É necessário que você simplifique bastante as coisas, quando fizer as perguntas para o preenchimento da proposta. Por exemplo: se você perguntar "estado civil", poderá ter como resposta "Paraná", ou "São Paulo". É melhor atacar logo de "solteiro ou casado?". Se você falar em tratos culturais, eles pensarão que está se referindo à escola onde estudaram. Por isso, decore os nomes: "carpa", "arranca", "bateção" e por aí afora.

Abrem-se as portas. Os homens entram apressados. Sônia chama para a mesa o que chegou primeiro.

Um rapaz alto e magro, rosto queimado de sol, bigode fino e mal-aparado, lenço no pescoço. Sônia sorri: "Sente-se, por favor". E num último esforço para vencer o nervosismo, ajeita a folha de papel na máquina, respira fundo e começa:

— Seu nome?

— João Aparecido — responde, carregando no "erre".

As teclas da máquina batem rápido na folha de papel.

— Você tem algum apelido?

O homem se mexe na cadeira, encabulado com a pergunta. A voz sai espremida:

— Carece botá aí, é?

Sônia explica que era para facilitar o trabalho do fiscal, quando fosse vistoriar a lavoura.

— Então pode escrever: João Garanhão — disse, desviando o olhar para o chão.

Sônia se enrubece e procura disfarçar o constrangimento batendo forte nas teclas da máquina.

— Você é solteiro ou casado?

Ele sorri, olha em volta, arrasta a cadeira para mais perto da mesa e fala em voz baixa:

— Sô casado só no padre, mais aqui na cidade ninguém sabe. Bota aí que sou solteiro.

A cada item da proposta, Sônia se sentia mais segura. Com desembaraço e cautela, vai traduzindo as perguntas e decifrando o que ouvia. Mais solta, já conseguia disfarçar o sorriso com as respostas muitas vezes insólitas.

Mas João "Garanhão" Aparecido começava a formar seu próprio juízo sobre toda aquela amabilidade e aqueles sorrisos. E, a cada resposta, seus olhares tornavam-se mais insinuantes. Sônia, concentrada no preenchimento correto da proposta, nada percebia. Entrevista concluída, estende-lhe a mão para a despedida e fala com voz macia:

— Até a próxima. Se você precisar de alguma coisa, estarei à sua disposição. Tchau!

O rapaz prolonga o aperto de mão, olhando embevecido para Sônia. Tartamudeia alguma coisa à guisa de despedida e sai.

Ele ainda não havia chegado ao balcão, quando Sônia, correndo os olhos pelo impresso, verifica que não preenchera o campo destinado ao endereço para correspondência.

Chama João Garanhão de volta.

Ele se aproxima. No olhar, ainda, o embevecimento da despedida.

— Se eu quiser mandar uma cartinha para você, como é que eu faço? — pergunta Sônia da maneira mais simples possível.

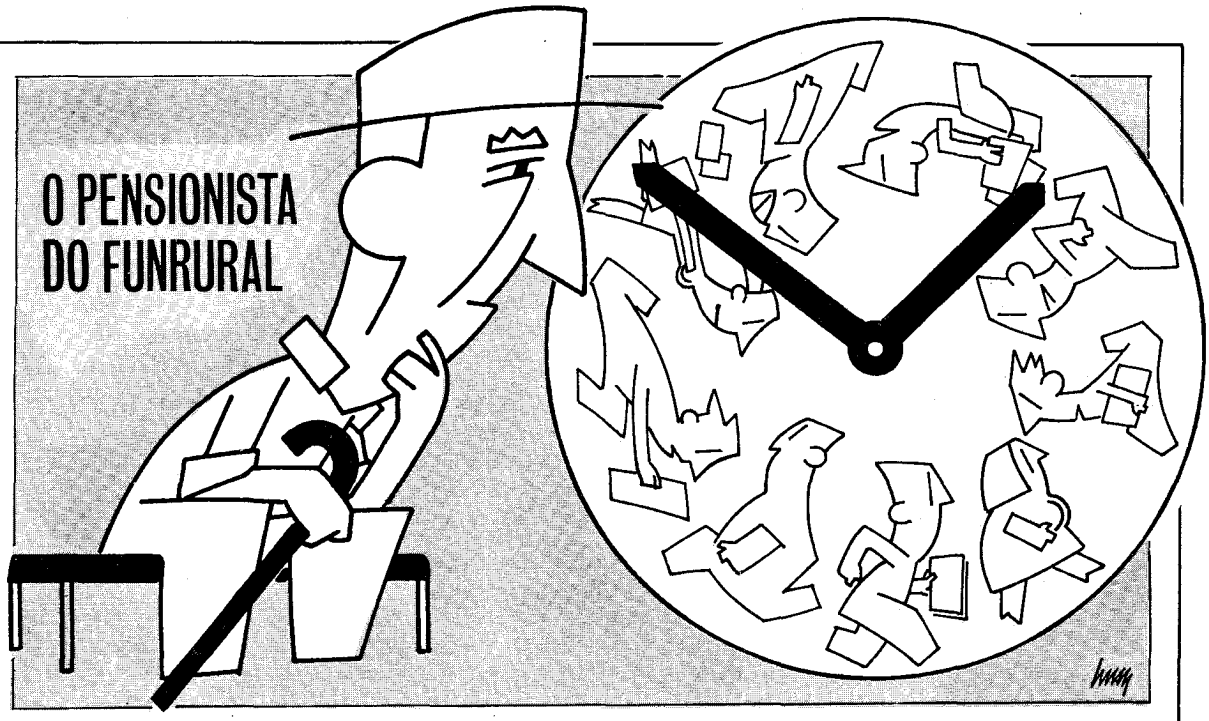
Garanhão olha para baixo, depois para os lados, pensa, coça o queixo e arremata, encarnando plenamente o apelido:

— É mior não mandá cartinha não, moça. O dia que dé certo nóis se encontra por aí. Se a muié pegá uma carta sua, vai dá um gaio disgraçado.

Autor:
ZUNIR PEREIRA ANDRADE FILHO
S-2, auxiliar de Setop na agência de Itararé (SP), onde tomou posse em 10.9.79.

BIP/178

O PENSIONISTA DO FUNRURAL



3 de janeiro de 1973. O Banco do Brasil era o único estabelecimento de crédito de toda a microrregião de Baturité, cuja jurisdição abarcava nove municípios. Por isso mesmo, os expedientes eram movimentados, principalmente para os dois únicos caixas da agência.

Sete horas da manhã. Dia ensolarado. Início de mais um dia duro de trabalho. Era época de pagamento dos aposentados do Funrural, que se estendia sempre até meados do mês, com picos diários na primeira semana. Eu já estava acostumado com os pensionistas se atropelando no recinto da agência. Mas aquela manhã me parecia diferente. Um dia especial. Eu não sabia explicar. Naturalmente, não era porque poderiam estar ali os quase sete mil aposentados da região, as filas se encompridando, se enroscando em volta do prédio.

Enquanto me preparava para a batalha, pensei com meus *cruzeiros novos* (bons tempos aqueles!): hoje não se merenda e almoço só lá pelo jantar.

Começa a correria. Carnê pra cá, dinheiro pra lá. As horas passavam, mas as filas pareciam não encurtar. E sempre que eu levantava a cabeça na esperança de vê-las diminuídas, dava de cara com o velhinho sentado no fundo do salão. Calmo, apoiado na bengala rústica, aparentava a tranqüilidade daqueles que vivem mansamente e sem remorso.

A cena se repetiu durante todo o expediente. Por volta de uma e meia da tarde, a maioria dos colegas já tinha ido almoçar. Intrigado com o velhinho, paguei o último aposentado e estabeleci novo recorde de autenticação: 1.493 papéis.

Só então ele decidiu se aproximar do guichê.

— Bom dia, meu moço.

— Bom dia, meu amigo. Cadê seu carnê?

— Não, seu moço, respondeu com um sorriso. Eu já recebi o dinheiro.

— Como recebeu? O senhor esteve o tempo todo ali no canto. Nem sequer entrou na fila!

O velhinho sorriu com prazer. E percebi em seu olhar um brilho de profunda humildade.

— É que eu queria entregar esta encomendinha pro senhor, que tem sido tão bonzinho, pagando nosso "aposento". E me entregou um embrulho de jornal velho.

Abro. Uma dúzia de ovos de galinha caipira.

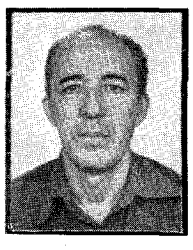
— Mas, meu velho, retruquei comovido, por que o senhor não me falou logo cedo? Por que ficou esperando tanto tempo?

O velhinho baixou a cabeça, antes de responder com voz calma, mansa.

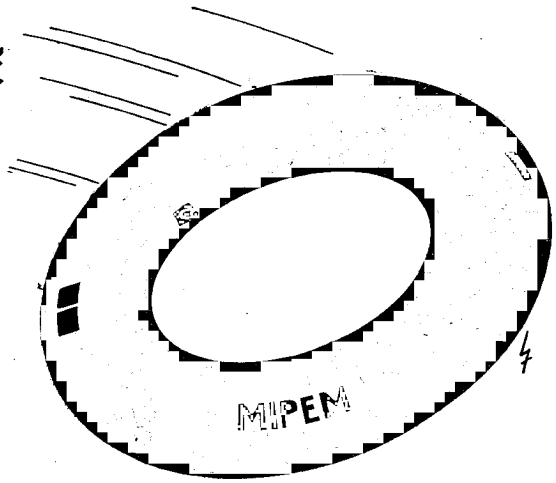
— É que eu não queria atrapalhar o serviço do senhor.

E foi saindo, passo arrastado, meio claudicante, corpo quase centenário.

Não me lembro de ter agradecido. Só me recordo da imensa emoção que me invadiu. Acabara de aprender, com aquele homem simples do campo, uma valiosa lição de paciência, humildade e gratidão. Estava recompensado e com meu dia ganho. Fui para casa enxugando os olhos, que dois *ciscos* impertinentes teimavam em irritar.



Autor:
JOSÉ AIRLES LINO BASTOS
S-8, auxiliar de expediente na agência de Baturité (CE), onde tomou posse em 2.4.62.



SEMPRE EXISTE UMA SAÍDA

Hora de almoço, aqui no Setop. A zoada dos carros que trafegam pela Felício Marcondes, rua central de Guarulhos onde está nossa agência, se mistura com o monótono e interminável tec-tec da minha máquina. Levo um susto quando o telefone toca.

— Boa tarde. É da XY Guaru. Há pouco falei com uma pessoa — Ângela ou Angélica, me parece — e pedi o total que devo pagar do meu empréstimo ...

Reconheci a voz do seu Bertasso, um empresário da cidade. Pessoa muito popular, simpática, o rosto sempre com uma expressão desafiadora. Falar com ele era como tocar nas teclas da minha elétrica. Com inteligência e interesse, passava dos assuntos pessoais aos da empresa, dos culturais às tendências internacionais, respondia, enfim, a todos os toques. Agora, no entanto, notei um certo lamento em sua voz.

— O senhor falou com Ângela. Ela não está. Mas acho que posso solucionar ... um momento ...

— Me faça o favor, pois quero retirar a aplicação em RDB para liquidar meu débito. Nós vamos ... porque vamos fechar a empresa.

A súbita informação do fechamento da empresa e a tristeza de sua voz me comoveram. O silêncio gaguejante traiu, quase que fotografou, o rosto desolado do bom italiano. Mas ele continuou, ainda reticente.

— Não era meu propósito fechar ...

— Naturalmente, seu Bertasso, naturalmente — interrompi notando que ele falava a contragosto. Estou com a partida nas mãos. São 18 milhões. Quando fundou a empresa, seu Bertasso?

— 1947 — disse enfático, abrindo espaço para eu continuar. Mas vacilei, pois a data penetrou meu ouvido parando no coração, quase interrompendo seu ritmo. Imaginei o mundo construído pela empresa: famílias, empregos, produtos tradicionais, perspectivas de progresso. De repente, a queda. Procurei me controlar. Precisava agir com firmeza para levar aquele homem a alterar sua decisão e pensar na reconstrução da firma. Ele continuou, como se quisesse mesmo desabafar:

— Somos quatro sócios, você sabe ... Já discutimos sobre o assunto, mas não encontramos saída ... Há dois meses, mandamos para o exterior um grande carregamento de mercadorias. Alegando que estávamos fazendo *dumping*, devolveram-nos toda a remessa. Isso praticamente liquidou a empresa, pois temos fornecedores, bancos, empregados ...

— Seu Bertasso — atalhei —, Guarulhos possui um mercado extraordinariamente diversificado, com inúmeras possibilidades. Se não houver espaço para os seus produtos, certamente haverá outra solução. Dê um pulo até a agência. Nós temos aqui o Mipem. É uma espécie de assessoramento. São colegas treinados e capazes, que podem ajudá-lo. Eles acabarão encontrando uma saída para o seu caso. Pense bem, seu Bertasso. Existem muitas empresas que já passaram por isso e estão aí belas e firmes. Sua firma é tradicional e o senhor um empresário competente. Não é porque se perde uma guerra que se perde uma batalha — encerrei, quase sem transição, com o clichê napoleônico intencionalmente invertido.

Aaaa ... seu Luís — prosseguiu ele menos clamoroso, mais natural — como falei, a gente não vê possibilidade de recomeçar. Mas vou pensar no que você me propõe ... é bom falar com uma pessoa como você. Por enquanto, deixa pendente a operação. Mesmo porque só vence no final do ano, e larga o RDB aplicado. A gente volta a conversar ... muito obrigado.

— Não seja por isso. Vai dar tudo certo. Até logo.

Voltei para minha mesa e, antes de recomeçar o trabalho, dei uma olhada no leiaute do Setop: enfileiradas, as mesas pareciam ruas, veredas e vielas que conduziam ao Desco, Cadas, Recre e ao cantinho da turma do Mipem. Igual as ruas de uma pequena cidade que levam, invariavelmente, à prefeitura, à praça e à agência do Banco do Brasil. Como se fizesse uma oração, pensei com firmeza: a experiência da equipe do Mipem vai salvar a empresa do seu Bertasso. Tenho certeza.

AUTOR

LUIZ CARLOS DA SILVA
Tomou posse na metr. Luz (SP) em 7.8.80.
S-2 na agência de Guarulhos (SP).

BIP/182

História não-escrita do Banco do Brasil

Será que o funcionalismo possui garra suficiente para superar o desafio das mudanças que o Banco deve enfrentar? Essa é a pergunta que hoje percorre toda a Empresa.

Num recanto deste País-continente encontramos resposta. Escrito de forma dramática, inconsciente e desprovido de qualquer forma de autopromoção, o exemplo dado pelos funcionários da agência de Oriximiná, pequena cidade paraense, localizada às margens do rio Trombetas, afluente da contramão do rio Amazonas, foi cristalino e inquestionável. O exemplo de uma equipe de homens preparada para qualquer desafio.

Mário Rogério Thives, implantador — Deorg/Uri Curitiba.

23.9.85, segunda-feira, aproxima-se o encerramento do expediente externo. A agência funciona normalmente. Lá fora, o temporal começa a desabar. O vento ruge como um animal enfurecido. Uma cortina espessa de chuva envolve a cidade. De repente, o chamado:

— Venham ver, as telhas da escola estão voando!

Quase não deu tempo para que os mais curiosos chegassem até a porta. Primeiro foi o estrondo, depois os gritos: "Meu Deus, a agência está desabando"; "joguem-se ao chão"; "socorro!". Segundos de silêncio absoluto. E os primeiros gemidos.

Da montanha de ferro e cimento em que se transformara a agência, os funcionários começam a sair, rastejando. "Alguém morto?". "Parece que sim". "Santo Deus". "Não vamos nos desesperar". "Há feridos presos às ferragens".

A tragédia tumultuou a pequena Oriximiná. Não demorou, ali estavam esposas, filhos, parentes de funcionários. Gritos. Choros. Preces. "Há funcionários mortos, sim. E parece que um cliente também." Drama e desespero.

Os feridos foram transportados para o hospital. Dois colegas, em estado grave, tiveram que ser removidos para outro município. Só aí ficamos sabendo. A torre metálica (140 metros de altura), instalada a uns 10 metros dali, caíra sobre a agência.

Quase noite já, a chuva começa a diminuir. A primeira providência foi fazer um cordão de isolamento para proteger a agência, ou o que dela restou. E começamos a longa, trabalhosa e triste operação de resgate. Papéis, documentos, valores e outros materiais encharcados eram retirados dos escombros para local seguro.

Um trabalho penoso. E a expectativa: quando o Banco do Brasil voltará a funcionar? No mínimo dentro de um mês, diziam alguns. Mas um mês é muito tempo. Até lá a cidade vai parar? E o município, como fica?

Alugado novo prédio, era colocar as coisas nos eixos. Serviço duro, árduo, mas não faltavam coragem e disposição. Alguns colegas vieram para ajudar: dois engenheiros do Denge, um implantador, um inspetor, além de companheiros de agências vizinhas. Conseguimos resgatar praticamente todos os documentos. Mas a dúvida persistia: quando abriremos? Havia unanimidade na resposta: o mais rápido possível. E um ponto de honra para a equipe: os cheques do BB jamais serão rejeitados.

oOo

27.9.85. Manhã de sexta-feira. Muita coisa ainda por arrumar. Mas já estava decidido: abriríamos a agência nesse dia. A praça não suportaria por mais tempo a ausência do BB.

- Meio-dia. Autenticadoras de caixa e máquinas de escrever, emprestadas por outras dependências, estavam prontas para o expediente externo. Antes de reabrir as portas da agência para o público, de mãos dadas, fizemos uma oração.

oOo

Ao relatar o drama por que passou nossa agência, queremos agradecer a todos que conosco se solidarizaram. Aos colegas que ainda estão hospitalizados, fica a esperança de poder revê-los em breve, sãos e salvos. Aos que faleceram (Gilberto Rodrigues e Dimas Barbosa), nossas saudades.

AUTOR

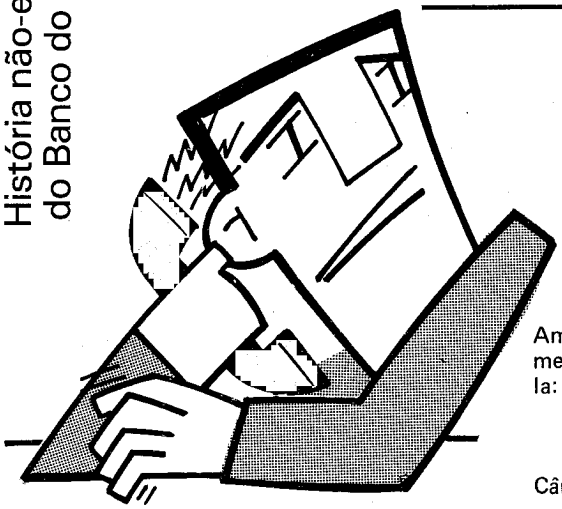
ELIVILSON J. S. PINTO

S-2, supervisor em Oriximiná (PA). Posse no Banco: 29.9.81.

BIP/190

História não-escrita do Banco do Brasil

Um câmbio que não engatava



Amazonas, dezembro de 1981.

Acabávamos de implantar no Cesec Manaus a 2ª etapa do DEB-sintético abrangendo as agências do interior. Era aquele corre-corre diário na PCP, com os telefones ocupados e os decibéis liberados:

— Ô meu filho, vocês esqueceram de encerrar a conta x ?

— É, é isso aí, deu saldo incompatível com a natureza... (?!)

— Pô, dá uma olhada no Manual do DEB. Tá tudo bem explicadinho lá, cara.

Bom, acabou dezembro. Folhinha virada, ano novo e novas preocupações com balanços por fechar. Fosse como fosse, havíamos montado um esquema para o fim de semana, envolvendo Cesec, Coger/Balan e Depro/Mepro. Para isso foram mobilizados os setores Grava, Confe e PCP. A coisa só tinha de sair conforme o figurino.

E se repetiu o lufa-lufa. Telefonemas pra cá, telefonemas pra lá, gritos e mais gritos, broncas e mais broncas. Esgotado o prazo dos dez dias úteis, sobrou uma agência por fechar: a de Borba.

O pior seria conseguir botar a agência em linha. A comunicação era precária, difícil. O tempo passava, e nada.

Quando finalmente o Decon já autorizara a fazer o fechamento usando o recurso da conta transitória, eis que o telefone toca. O funcionário mais próximo se apressa em atender:

— Alô, Banco do Brasil, Cesec!

Do outro lado da linha:

— Câmbio! Aqui Guarda Costeira do Amazonas. Câmbio! Aguardem um momento...

Teria ouvido direito? Da Guarda Costeira do Amazonas?! O funcionário põe o telefone novamente no ouvido. A voz sai agora meio trêmula:

— Alô! É do Banco do Brasil, Cesec Manaus...

Após novos ruídos, a voz insiste :

— Câmbio! Aqui é a Guarda Costeira falando. Câmbio! ...

Aquilo era demais para o funcionário que na verdade estava lotado no Grava. O jeito seria passar o telefone para o encarregado do DEB-sintético:

— Atende aqui, colega. É a Guarda Costeira ...

— Quem?

— A Guarda Costeira.

— Tá louco, cara?

— Foi o que disseram.

— Vamos ver que história é essa.

O encarregado levanta-se e pega o fone:

— Alô, aqui é do Banco do Brasil, Cesec Manaus às suas ordens!

— Aqui é o Gerente-adjunto de Borba, falando de bordo da Guarda Costeira. Câmbio! (chiado) Vou transmitir os acertos para o fechamento do balanço.

— Não, colega. O problema é nas contas de depósitos e empréstimos ...

— Câmbio! Aqui é de Borba. Estou a bordo de um navio para transmitir a resposta à consulta sobre as contas irregulares. Câmbio! Deu pra ouvir? Respondam.

Foram mais de 50 minutos de agonia. Finalmente resolvemos encerrar o papo e seguir a orientação da Coger.

Era domingo e estávamos 24 horas no ar. Borba só fechou o balanço 11 dias depois do prazo.

AUTOR

ROGÉLIO OLIVEIRA MARTINES

Tomou posse na agência de Guajará-Mirim (RO), em 15.6.73. S-6, supervisor no Cesec Belém (PA).

BIP/195

História não-escrita do Banco do Brasil

Essas máquinas maravilhosas (e suas mensagens sutis)

É curioso como as coisas ganham certas dimensões, tornam-se alvo de intermináveis comentários nas cidades do interior.

A nossa querida Imbituva, no Paraná, não foge à regra. E isto ficou evidenciado para nós desde a inauguração da agência. O novo prédio, os primeiros financiamentos, os novos moradores que chegavam com o Banco, tudo ia servindo de pretexto para encompridar conversas nas rodas de amigos. Não faltavam os mais informados, ou aqueles que confessavam conhecer alguém lá da filial recém-inaugurada. "Um deles é meu vizinho, alugou casa ao lado da minha. Me convidou para um cafezinho na agência."

Não foi de modo diferente quanto entrou em uso a nova autenticadora eletrônica de documentos, serviço pioneiro na praça. A notícia se espalhou. Em pouco, não havia quem não quisesse dar uma passada no Banco para pelo menos uma espiadela na "maravilhosa máquina". Um mais afoito arriscou o palpite (erradamente, há de se convir): "São os chamados computadores. Fazem de tudo". Outro retrucou, enérgico: "Essas máquinas modernas estão tomando o lugar do homem em toda parte".

Com o tempo, acabaram descobrindo que a máquina não tinha vindo para tomar lugar de ninguém, mas para ajudar os funcionários em suas tarefas. E Imbituva voltou à vida normal, rotineira.

O mesmo não acontecia dentro do Banco. E isto por obra e graça da maldita poeira — um sério problema em toda a região de Imbituva —, que diariamente teima em se esparramar pelos móveis da agência, para terror dos funcionários e principalmente da nossa encarregada da limpeza.

Assim, aconteceu um dia que, cansado de ter que diariamente limpar o pó de sua autenticadora, o caixa por ela responsável decidiu recorrer aos préstimos da faxineira. Pediu-lhe então que, quando da limpeza da bateria, retirasse a capa da sua máquina e fizesse "uma limpeza parcial da mesma".

No dia seguinte, a surpresa foi geral. Não só a autenticadora do colega, mas todas as outras máquinas estavam imaculadamente limpas. "Milagre!" — gritou um deles. "Um anjo bom passou por aqui, aliviando os caixas dessa tarefa matinal" — falou o outro.

A resposta veio mais tarde, com a chegada ao Banco do vigia que presenciara o trabalho da faxineira. Ao levantar a capa da máquina, a mulher deparou-se com o encerramento diário da autenticadora, carimbado e rubricado pelo supervisor. Fula da vida, virou-se para o vigia:

— Veja só. Apesar de toda a dedicação, nunca estão contentes com o serviço da gente. Eu faço o que posso para limpar tudo, mas não sabia que era também para limpar as máquinas. Mas olhe, é minha obrigação sim, está tudo escrito aqui, e até assinado pelo chefe: *limpeza total diária.*

O resultado foi que, a partir daí, passamos a ter as máquinas mais limpas da cidade. Mas, com a necessária ressalva: não era mais preciso deixar o recado por escrito. Ela sabia muito bem de sua obrigação. O que a faxineira não sabia nem desconfiava era que ali não havia nenhum recado, mas a ficha detalhe com os dizeres *limpeza de total diário.*

AUTOR
ARMESTRONG NICOLAU
Tomou posse em Pato Branco (PR), em 2.1.75. S-6, supervisor na agência de Imbituva.

BIP/202

O dia do fico

— Minha Nossa Senhora, nunca vi nada igual... Até parece uma romaria! — exclamava, no sotaque carregado de piracicabano, Zotelli, o mais antigo dos funcionários da gerência-adjunta de Recursos Humanos da agência Centro São Paulo.

Pura verdade. A fila assumia proporções de autêntica romaria. Ali estavam ascensoristas, postos efetivos, caixas-executivos das diversas baterias, supervisores e demais comissionados. E a fila continuava crescendo: eram instrutores do Desed ali lotados, telefonistas, contínuos, menores aprendizes, representantes de seções externas. Até os diretores da AABB e os ativos jovens organizadores dos primeiros jogos internos e responsáveis pela criação do Satelcentro marcaram presença.

Na sala da gerência, portas sempre abertas para o diálogo e a amizade, Serrano — que naquele dia chuvoso de outubro de 82 completava doze meses exatos no cargo — recebia a todos com a habitual atenção. "Vou estudar a questão com interesse", prometia, meio sem jeito, após correr os olhos no teor dos requerimentos que lhe iam sendo entregues.

A "procissão" prosseguiu pela manhã e tarde adentro. No final do expediente, Serrano constatava emocionado: em cima da mesa de trabalho, quase 500 requerimentos. Em todos eles o mesmo pleito: "o requerente pede a permanência do titular da gerência-adjunta de Recursos Humanos no cargo, por mais um ano (pelo menos).

— Valeu, colegas. Ganhamos a batalha. O Serrano resolveu atender ao nosso pedido.

Não me recordo quem deu a notícia. Só sei que suas palavras traduziam o contentamento geral.

A decisão de aposentadoria imediata fora arquivada e as mangas da camisa ainda mais arregaçadas. E a Centro São Paulo conheceu mais um ano e meio de uma gestão de recursos humanos de marcar época. Os conceitos de amizade, criatividade, respeito e produtividade nunca se revelaram antagônicos, mas necessariamente complementares.

Foi esse o "Dia do Fico" de Carlos Rosalvo de Oliveira Serrano. Ou simplesmente Serrano, gerente-adjunto da agência Centro São Paulo, no período de 21.10.81 a 27.3.84, e aposentado no final de 1985.

Autor:
ANTONIO GONÇALVES DE OLIVEIRA
Funcionário aposentado — São Paulo (SP). Desde 1975 atua como instrutor do Desed.

BOLETIM DE INFORMAÇÃO AO PESSOAL
Editado pelo Banco do Brasil S.A. *Pesquisa/redação/programação visual:* Desed/BIP. SEPN 515, bloco A, nº 65/130, CEP 70770, Brasília (DF). *Impressão:* Demag/Grafi — Rio de Janeiro (RJ). *Distribuição:* gratuita a todos os funcionários e aposentados. *Tiragem:* 125 mil exemplares.

O garimpo do Cheque-Ouro

Chovia torrencialmente naquela manhã de inverno. Da plataforma, eu me entretinha com os pingos que se fragmentavam contra o vidro da fachada da agência, já embaçado pela queda da temperatura.

Guichês vazios, um ou outro cliente, de vez em quando, repetia o ritual: deixava o guarda-chuva num canto para escorrer, olhava os sapatos e roupas encharcados e, com as mãos, tentava livrar-se da água que ainda escorria pelos braços e pelas calças.

De repente, chega o Cícero. Alto, moreno, corpo atlético, 28 anos, comunicativo e ingênuo, ele cuidava da limpeza da agência. Confidenciou-me que o cheque-ouro "dava *status*"; que só gente importante possuía o cheque-ouro. Como, de alguma forma, ele trabalhava no Banco, queria saber o que seria preciso para que ele conseguisse o tão valioso cheque. Expliquei-lhe o que era o cheque-ouro, a questão do saldo médio e outros detalhes. Resultado: seu entusiasmo desapareceu. Tive a um só tempo pena e vontade de rir da maneira ingênua como me falara de suas pretensões. Ainda mais quando os colegas, ao saberem da história, brincavam:

— E aí, Cícero, cadê o cheque-ouro?

E caíam na gargalhada. Inclusive o próprio Cícero, que, com seu espírito brincalhão e sua maneira ingênua, conquistara a todos na agência.

Certo dia, um novato apareceu no lugar de Cícero, e todos se surpreenderam com a notícia: ele pedira demissão, emigrara para o Norte à procura de uma vida melhor. Sua ausência foi muito sentida.

Sete meses se passaram, quando o comentário correu, como um estopim, de extremo a extremo da cidade: Cícero enriquecera do dia para a noite. Encontrara uma pepita de ouro em Serra Pelada. Como prova veio uma ordem de pagamento para sua esposa, depois outra, mais outra... todas de grande valor. A confirmação do fabuloso achado atraiu dezenas de conterrâneos seus, que partiam em busca de realizar o mesmo sonho. A pequena e pacata Ipaumirim entrou em convulsão.

O tempo passou. Quando nenhum comentário ou notícia se ouvia mais sobre o nosso personagem, eis que a atenção de funcionários e clientes é despertada para o desconhecido que entrava na agência. Vestia camisa social e calça larga de linho; um par de botas cano longo bem engraxadas subia acima dos joelhos; na cintura, enorme fivela dourada disputava com o cinto escuro e brilhante; o chapéu de abas imensas e os óculos escuros quase lhe escondiam o rosto; na boca o charuto fumegava. Nunca se vira por ali figura mais exótica.

Na plataforma, para meu espanto, identificou-se como Cícero que fizera fortuna em Serra Pelada. Contou seus feitos em tom de heroísmo, para que todos escutassem. Tornou-se o alvo de todas as atenções. Terminada a conversa, perguntei-lhe em que poderia ser útil. Ele deu uma longa baforada no charuto, cruzou as pernas, pigarreou, fez uma pausa, aumentando o suspense, e disse, cheio de si:

— Vim garimpar um cheque-ouro!

No dia seguinte, depois de atendidas as exigências burocráticas, saía com o talonário de Cheque-Ouro na mão. No rosto, a indisfarçável expressão de felicidade por mais essa conquista.

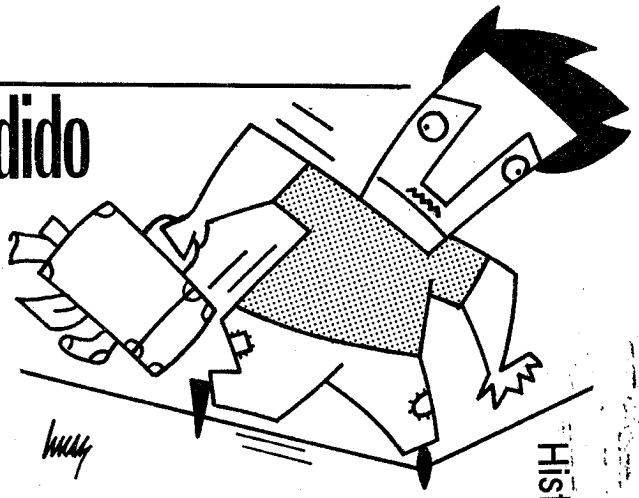
Tornou-se grande correntista e um dos maiores clientes do Setop Rural. Vez em quando, vai à agência conversar com o gerente e dá sonoras gargalhadas, sentado na mesma cadeira que tantas vezes espanou.

AUTOR: Valdecy da Costa Alves

Tomou posse na agência de Ipaumirim (CE), em 29.11.82. B-3, é posto efetivo no Cesec Sorocaba (SP).

B191292

Nem tudo estava perdido



Ligeiro desânimo tomava conta de todos. A participação do Banco no sistema financeiro nacional era cada vez menor. Os depósitos declinavam a níveis assustadores. Crise. Rumores. Mas o Banco tem raízes sólidas. Mesmo perdendo a Conta de Movimento, segue a tradição histórica. Não se entrega. Reage. Luta bravamente, a fim de recuperar o espaço perdido. Demorou. Mas, enfim, a boa nova: o Presidente da República dá a ordem para o fortalecimento do Banco.

Primeiro a Poupança-Ouro. Êxito total. Segue-se a ampliação do leque de produtos à disposição da clientela: Ourofix, Contaouro. O *slogan*: "aqui tudo é ouro". Nova postura começa a ser adotada no novo Banco. Reuniões, seminários: era necessário sacudir o pessoal.

Funcionários deixam as trincheiras. Saem às ruas. Vão à luta. Brigam, pedem, esclarecem: — O Banco leva o progresso à mais distante cidadezinha deste País. Um trabalho persistente. Captar recursos é, agora, o maior objetivo. É preciso garra. Vontade.

Na agência de Senhor do Bonfim não foi diferente. No entanto, aqui, como decerto em outras dependências, a adesão não foi total: faltava a percepção exata da realidade por parte de alguns. A outros, vencer a timidez. A outros ainda, o problema era superar o próprio problema.

Como o Gustavinho, atualmente removido. Pai de três filhos, B-3, vivia, Deus sabe como! Grana curta. Só o aluguel da casa abocanhava quase todo o seu salário. Animou-se quando soube que o Banco já admitia a exploração de outras atividades. Engano.

Dia seguinte chega ao trabalho. Entre sério e meio desconfiado, está ofegante pelo peso da mala que carrega, com dificuldade. Mala grande, enorme, estufada. Abre-a. Começa a expor a mercadoria: calças, camisas. Essas coisas. Colegas se entreolham surpresos. Aproximam-se. Indagam preços. Risos abafados. Debochados. Atento aos negócios, Gustavinho não percebe o clima de troça ao seu redor. É chamado a um canto. A Administração quer vê-lo — dizem. Sobe as escadas apreensivo. Teria feito algo errado? — pergunta a si mesmo.

O gerente lhe diz, com voz branda:

— O Banco já permite negociar sim, Gustavinho. Mas . . . compreenda . . . aqui dentro não! Já pensou se outros têm a mesma idéia . . . Já pensou? Lá fora, tudo bem! . . .

Gustavinho enrubesce. Embaraçado, quer sumir dali. As pernas não o obedecem. Hesitante, balbucia pedido de desculpas. Não havia atentado para o detalhe — diz, a voz sumida. Tudo se esclarece. Tudo volta ao normal.

O tempo passa. A situação financeira de Gustavinho é cada vez pior.

O salário congelado. Os preços não. Pobre Gustavinho. Não dorme. Resolve vender o velho fusca. Procura um colega, pede reserva. Quer saber onde aplicar o dinheiro. Ouve o outro atentamente. Sozinho fica a pensar: "Poxa, uma boa! João Moxotó paga 20% a.m.." Desta feita — diz a si mesmo — saíra do apuro. Novo engano.

Uma semana após conceder o empréstimo, é informado: João Moxotó declarara insolvência civil, sumira da cidade. Não quer acreditar. Perdera tudo. Tudo! Até o fusca. Ele se sente arrasado.

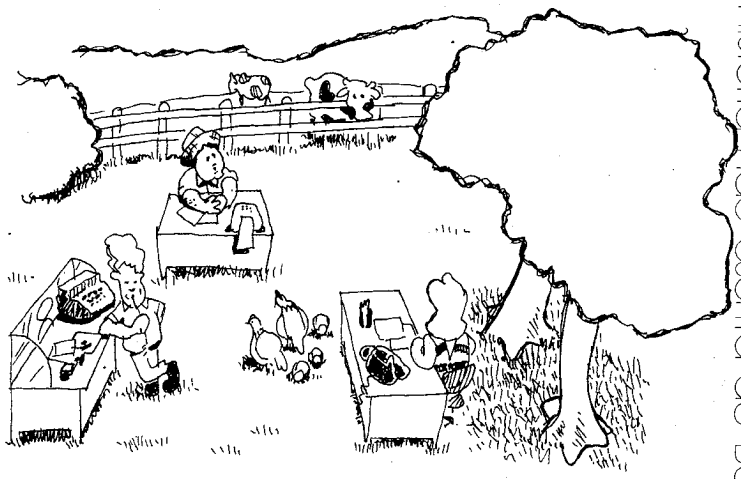
Mas . . . nem tudo está perdido. Súbito a solução dos problemas. O Banco, como sempre, vencendo desafios, supera a crise. Gustavinho também sai do sufoco. O socorro veio com o aumento de março. Vem-lhe à tona, então, com nitidez impressionante, a lembrança do artigo que lera recentemente, "A Essência", de Alexandre Garcia. Um trecho, sobretudo, chamara sua atenção: "O japonês não trabalha numa empresa: ele dedica sua vida a ela, pois sabe que seu futuro está garantido". Adiante o autor compara o Banco às empresas japonesas. Gustavinho reflete sobre os últimos acontecimentos. Agradece ao Banco. Em silêncio. Emocionado.

E então se integra, de corpo e alma, à nova filosofia da Casa, porque no fundo, também ele, como todos nós, possui aquela "essência", que faz do funcionalismo do Banco o seu maior patrimônio.

Autor: JOÃO ADAIZ DE SOUZA
Tomou posse em Juazeiro (BA), em 4.11.64. S-10, é gerente da agência de Senhor do Bonfim (BA).

BIP/293

A DESPEDIDA



Às vezes, minha imaginação fica a "pastorear" o campo. Num intervalo entre uma partida e outra, entre um borderô e um fechamento de caixa, o cheiro aconchegante do curral, a visão bucólica do leite tirado ainda manualmente. Ainda humanamente! As vacas pastam, as calculadoras se aceleram para o fechamento da Compe.

Devem estar pensando que sou louco: levou os serviços do Banco para uma fazenda! Não. O Banco, sim, colocou uma agência na fazenda. A agência Pampulha, em Beagá, está em frente às árvores do Campus/campo da UFMG, tendo aos fundos uma fazenda. Poderíamos dizer, com maior inspiração, que o seu quintal é uma fazenda. Onde as vacas filosofam com a preguiça das tardes de verão.

Bem, se estou falando sobre a agência e o cenário bucólico que a rodeia, não posso deixar, é claro, de lembrar que a parte térrea do prédio dispõe de pequena garagem e um jardim de folhagens, com seu portão sempre aberto.

A Elisa está se despedindo e, por isso, resolvemos oferecer-lhe um presentinho. Um presentinho só não: um presente e, de quebra, uma corbelha de flores. É bom ainda abrir novo parêntese. Para explicar que a colega chora ao menor raminho de rosa; a uma simples violeta é capaz de inundar a agência. Mas o colega Márcio teve *a idéia*. E idéia bem aceita é idéia feita.

– Temos que esconder as flores, disse Gláucia.

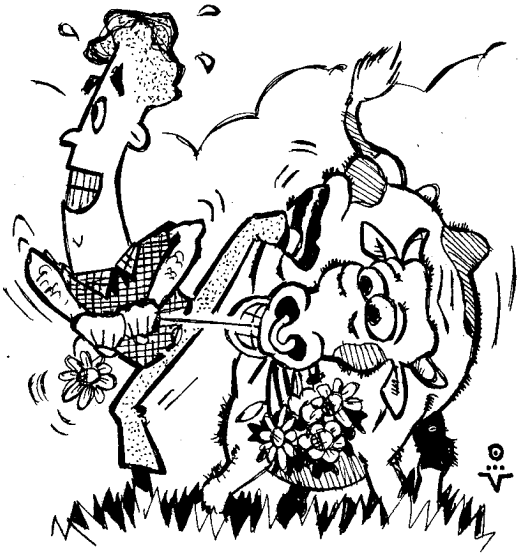
– Na tesouraria, gritei.

– Não dá certo – disse Márcio. Tenho uma ótima idéia: colocamos as flores no meio das folhagens do quintal. Fica, assim, como se tivéssemos esquecido a despedida. E só anunciaremos as flores e os presentes quando ela já estiver indo embora.

Dito e feito. E bem feito!

– Elisa, é do fundo do coração que... as vacas comeram as flores! As vacas comeram as flores! – dizia estabanado o Márcio. Daniel ainda conseguiu apanhar uma pequena rosa que sobrara e entregou-a a Elisa. E o fez de um jeito galante: "uma pequena flor para uma pessoa que é um buquê".

Não é preciso dizer que naquela noite o choro de Elisa e o inusitado da situação nos divertiu e emocionou para mais de um chopinho.



autor:
FRANCISCO DE ASSIS CAIXETA
Funcionário B-3, em Pampulha(BH). Tomou posse em 3.1.80, no Defup/Brasília.

BIP/310

Número	Ano	Mês	Nome do autor	Cidade à época	UF
1	1978	abril	Djalma de Melo Carvalho	Maceió	AL
2	1978	abril	Antônio Roberto Fernandes	Campos	RJ
3	1978	maio	Helenicy Carlos Spina	São Carlos	SP
4	1978	maio	Paulo Gomes da Fonseca	Divinópolis	MG
5	1978	junho	Itamar Motta Mayrink	Laguna	SC
5	1978	junho	Antônio Góes de Araujo	Estância	SE
6	1978	junho	Luiz Aldo Salvamoura	Porto Alegre	RS
7	1978	julho	Washington Castro	Esteio	RS
8	1978	julho	Laurineide da Silva Leite	Santa Maria da Vitória	BA
9	1978	agosto	José Batista dos Anjos	Salinas	MG
10	1978	agosto	Hélcio da Rocha Lavado	Rio de Janeiro	RJ
11	1978	setembro	Túlio Sérgio Aguiar Nascimento	Miguel Calmon	BA
12	1978	setembro	Santiago Selverio Savalio	Cáceres	MT
13	1978	outubro	Ruby Naves	Taguatinga	DF
14	1978	outubro	Ilson Mendes Leal	Maués	AM
15	1978	novembro	Antônio Edson Loureiro e Nilma Braga	Muriaé	MG
16	1978	novembro	Reginaldo de Carvalho Santos	Salvador	BA
17	1978	dezembro	Francisco Plutarco R. de Lima	São Paulo	SP
18	1978	dezembro	Rogério Coelho	Muriaé	MG
19	1979	janeiro	Gerardo de Andrade Pimenta	Januária	MG
20	1979	janeiro	Amílcar Benvindo Bresciani	Joaçaba	SC
21	1979	fevereiro	Reynaldo Almeida da Silva	Vitória da Conquista	BA
22	1979	fevereiro	Paulo Cordeiro Albano	Brasília	DF
23	1979	março	Aparecida de Fátima Merigue	Coxim	MS
24	1979	março	Turiassu Manoel Teixeira Amaral	Novo Hamburgo	RS
25	1979	abril	João Soares Nuto	João Pessoa	PB
26	1979	abril	Estevam Manilson Guimarães Maldonado	Francisco Sá	MG
27	1979	maio	Amaury Públio de Castro	Caetité	Mg
28	1979	maio	José Rosa de Paiva	Nossa Senhora da Lapa	SP
29	1979	junho	Solange Rech	Curitiba	PR
30	1979	junho	Reynaldo Pinto Vieira	Aimorés	MG
31	1979	julho	Humberto de Andrade Silveira	São Paulo	SP
32	1979	julho	Joel Gomes da Silva	Cachoeiro do Itapemirim	ES
33	1979	agosto	Roberto P. Mello	João Pessoa	PB
34	1979	agosto	Turiassu Manoel Teixeira Amaral	Novo Hamburgo	RS
35	1979	setembro	Henrique Fonseca de Moraes	São José do Rio Pardo	SP
36	1979	setembro	Antônio Martins de Paula	Brasília	DF
37	1979	outubro	Márcio Oliveira Calábria	Goiânia	GO
38	1979	outubro	Benito M. do Amaral	Brasília	DF
39	1979	novembro	Ruy Rodolfo Jaeger	Porto Alegre	RS
40	1979	novembro	Akikazo igarashi	Rio de Janeiro	RJ
41	1979	dezembro	Evandro Moreira	Alegre	ES
42	1979	dezembro	João Felício Loures	Brasília	DF

Número	Ano	Mês	Nome do autor	Cidade à época	UF
43	1980	janeiro	Romildo Garcia Brusequese	Cássia	MG
44	1980	janeiro	Henrique Salomão Banzi	Miranda	MS
45	1980	fevereiro	Wellington Maria dos Santos	Campina Grande	PB
46	1980	fevereiro	Evandro Moreira	Alegre	ES
47	1980	março	Fernando Vaz de Souza	Rio das Pedras	SP
48	1980	março	Fernando Antônio de Freitas Amorim	Natal	RN
49	1980	abril	David de Araújo	Santos	SP
50	1980	abril	João Amaral de Medeiros	Brasília	DF
51	1980	maio	Luiz Antônio de Santa Rita	Brasília	DF
52	1980	maio	Luiz Aldo Salvamoura	Porto Alegre	RS
53	1980	junho	João Antônio dos Santos	Mirandópolis	SP
54	1980	junho	Walter Barreto de Alencar	Salvador	BA
55	1980	julho	José Ribamar Nunes	Brasília	DF
56	1980	julho	Djalma Fernandes da Silva	Mirassol	SP
57	1980	agosto	José Arteiro Marques	Princesa Isabel	PB
58	1980	agosto	Everaldo Moreira Véras	Recife	PE
59	1980	setembro	João Conceição da Silva Nunes	Viamão	RS
60	1980	setembro	Marco Aurélio Silva Qualisoni	Guaíba	RS
61	1980	outubro	José Jorge dos Santos	Taubaté	SP
62	1980	outubro	Benito Mussolini do Amaral	Brasília	DF
63	1980	novembro	José Antônio Diniz de Oliveira	São Paulo	SP
64	1980	novembro	Lúcio Ronald de Magalhães Ozorio	Santiago	RS
65	1980	dezembro	Antônio Pereira de Oliveira	Brasília	DF
66	1980	dezembro	Carlos Alberto Farah	Rio de Janeiro	RJ
67	1981	janeiro	Edson Poujeaux Gonçalves	Caçapava do Sul	RS
68	1981	janeiro	Sylvio Carlos Vieira	Brasília	DF
69	1981	fevereiro	Valmir Odone Dal-Más	São Borja	RS
70	1981	fevereiro	Walter Ferreira	Rio de Janeiro	RJ
71	1981	março	Virgitino Correa Lourenço	São José do Rio Preto	SP
72	1981	março	Benito M. do Amaral	Brasília	DF
73	1981	abril	Wilson Dias da Fonseca	Santarém	PA
74	1981	abril	Fernando Weiss de Magalhães	Rio de Janeiro	RJ
75	1981	maio	José Eduardo Camargo Ribeiro	Sorocaba	SP
76	1981	maio	Luiz Puntel	Ribeirão Preto	SP
77	1981	junho	Oswaldo Mendonça Moreira	Rio de Janeiro	RJ
78	1981	junho	Marcos dos Santos Portero Simon	Goiânia	GO
79	1981	julho	Gualberto Bruno de Andrade	São Paulo	SP
80	1981	julho	Vicente Correa da Silva	Palotina	PR
81	1981	agosto	José Arteiro Marques	Santa Quitéria	CE
82	1981	agosto	Alfredo Pequeno de Arraes Alencar	Rio de Janeiro	RJ
83	1981	setembro	Roberto Luiz Gusmão Melo	Vitória da Conquista	BA
84	1981	setembro	Virgitino Correa Lourenço	São José do Rio Preto	SP
85	1981	outubro	Carlos Alberto Farah	Rio de Janeiro	RJ
86	1981	outubro	Nilberto Luis Soares	Ararangua	SC
87	1981	novembro	Amyr Dantas Júnior	Marabá	PA
88	1981	novembro	Marina Maria Leite Martins	Brasília	DF

Número	Ano	Mês	Nome do autor	Cidade à época	UF
89	1981	dezembro	Diversos – Depto. Fiset e Pasep	Brasília	DF
90	1981	dezembro	José Arteiro Marques	Santa Quitéria	CE
92	1982	janeiro	José Arnaldo Canabrava Rodrigues	Brasília	DF
93	1982	fevereiro	Roberto Fleury Curado	Goiânia	GO
94	1982	fevereiro	José Carlos Apel	Chapecó	SC
95	1982	março	Benito M. do Amaral	Brasília	DF
96	1982	março	Alfredo Pequeno de Arraes Alencar	Rio de Janeiro	RJ
97	1982	abril	Neusa Maria Gaspar	Londrina	PR
98	1982	abril	Domingos Perocco Netto	São João da Boa Vista	SP
99	1982	maio	Gualberto Bruno de Andrade	São Paulo	SP
100	1982	maio	Um visitante (sem identificação)	-	-
101	1982	junho	Francisco de Assis Caixeta	Brasília	DF
103	1982	julho	João Missias de Assis	Itaúna	MG
104	1982	julho	Fernando dos Santos Ferreira	São Paulo	SP
105	1982	agosto	José Roberto de Andrade Oliveira	Guaratinguetá	SP
106	1982	agosto	José Feliciano Pereira	Nova Xavantina	MT
107	1982	setembro	Henrique Fonseca de Moraes	Araras	SP
108	1982	setembro	Osvaldo Pereira Sobrinho	Patrocínio	MG
109	1982	outubro	Marcial de Araújo Lima	Maceió	AL
110	1982	outubro	Nilton de Oliveira Silva	Cabo Frio	RJ
113	1982	dezembro	Valmor de Fátima Ferreira Bueno	Ivaiporã	PR
114	1982	dezembro	Roberto de Magalhães Farias	Santa Quitéria	CE
116	1983	janeiro	Ruby Naves	Taguatinga	DF
117	1983	fevereiro	Virgitino Correa Lourenço	São José do Rio Preto	SP
118	1983	fevereiro	Nilton Mazzini	Uraí	PR
119	1983	março	Ivan Zaborowsky Galrão	Sorocaba	SP
120	1983	março	Jair Mário Bork	Descanso	SC
121	1983	abril	Tarcísio Borges da Costa	Guarujá	SP
122	1983	abril	Diversos funcionários	Foz do Iguaçu	PR
123	1983	maio	Ivan Zaborowsky Galrão	Sorocaba	SP
124	1983	maio	José Bernardo de Medeiros Neto	Porto Alegre	RS
125	1983	junho	José Jorge dos Santos	São Luis da Paraitinga	SP
126	1983	junho	Jaerdil Oliveira Dutra	Bom Sucesso	MG
127	1983	julho	Diogo Braz Pagano	Sete Lagoas	MG
128	1983	julho	Clóvis Macedo Gaudie Ley	Porto Alegre	RS
129	1983	agosto	Domingos Perocco Netto	São João da Boa Vista	SP
130	1983	agosto	Adilor Antônio Borges	Crisciúma	SC
131	1983	setembro	Emerson Costa Moreira	Rio de Janeiro	RJ
132	1983	setembro	Romeu Bolke	Uri	PR
133	1983	outubro	José Ademilton Tuy Carneiro	Irecê	BA
134	1983	outubro	Cícero Ferreira Duarte	Maceió	AL
135	1983	novembro	Antônio Marafon	Assis Chateaubriand	PR
136	1983	novembro	Henrique Jorge Oliveira	Barra do Corda	MA
137	1983	dezembro	Luiz Holak	Mandaguaçu	PR
138	1983	dezembro	José Arteiro Marques	Santa Quitéria	CE

Número	Ano	Mês	Nome do autor	Cidade à época	UF
139	1984	janeiro	Lenice Gomes de Lanes	Três Corações	MG
141	1984	fevereiro	Jairo Luis Brod	Brasília	DF
142	1984	fevereiro	Valdecy da Costa Alves	Ipaumirim	CE
143	1984	março	Wilson Pereira Cardoso	São Roque	SP
144	1984	março	Virgitino Correa Lourenço	São José do Rio Preto	SP
145	1984	abril	Carmelo Mário Faraco	Florianópolis	SC
146	1984	abril	Eduardo José Pereira de Matos	São Bernardo do Campo	SP
147	1984	maio	Ariovaldo Penteado	Campinas	SP
148	1984	maio	Elielson de Souza Messias	Belém	PA
149	1984	junho	José Leonir Blonsi	Laranjeiras do Sul	PR
150	1984	junho	Edilberto Imbernom	Mirassol	SP
151	1984	julho	Armando Imbelloni Júnior	Januária	MG
152	1984	julho	Mário Sérgio Demarzo	Maria da Fé	MG
153	1984	agosto	Antônio José de Carvalho	São Domingos	SC
154	1984	agosto	José Alberto Firmo Caldas	Vila Rica	MG
155	1984	setembro	Marcos Antônio Rocha Apolinário Santana	Belo Horizonte	MG
156	1984	setembro	Pedro Omiro Godoi	Esteio	RS
157	1984	outubro	Mauro Luiz dos Santos Bonone	Ribeirão	PE
158	1984	outubro	Luiz Gonzaga de Oliveira	Belo Horizonte	MG
159	1984	novembro	João Adaiz de Souza	Afrânio	PE
160	1984	novembro	Edson Pires de Mendonça	Valença	RJ
161	1984	dezembro	Antônio Cerqueira de Farias	Vitória da Conquista	BA
162	1984	dezembro	Roberto de Magalhães Farias	Santa Quitéria	CE
163	1985	janeiro	João Alfredo Rodrigues da Silva	Belém do São Francisco	PE
165	1985	fevereiro	Íris de Moraes Sarmento	Campo Grande	MS
166	1985	fevereiro	Melciades José de Brito	Rio Tinto	PB
168	1985	março	Antônio Ivo Mendes de Albuquerque	Lagoa dos Gatos	PE
169	1985	abril	Aderbal Domingos Tortato	Ituporanga	SC
171	1985	maio	Everaldo Dantas da Nóbrega	João Pessoa	PB
172	1985	maio	Edson Luiz Branquinho	Bragança Paulista	SP
173	1985	junho	Jair Sperândio	Alto Araguaia	MT
174	1985	junho	Luiz Augusto da Paz	Brasília	DF
176	1985	julho	Edson Poujeaux Gonçalves	Piranhas	AL
178	1985	agosto	Zunir Pereira Andrade Filho	Itararé	SP
179	1985	setembro	José Airles Lino Bastos	Baturité	CE
182	1985	setembro	Luiz Carlos da Silva	Guarulhos	SP
190	1985	novembro	Elivilson J. S. Pinto	Oriximiná	PA
195	1986	janeiro	Rogélio Oliveira Martines	Belém	PA
202	1986	fevereiro	Armestrong Nicolau	Imbituva	PR
288	1987	dezembro	Antônio Gonçalves de Oliveira	São Paulo	SP
292	1988	janeiro	Valdecy da Costa Alves	Sorocaba	SP
293	1988	janeiro	João Adaiz de Souza	Senhor do Bonfim	BA
310	1988	maio	Francisco de Assis Caixeta	Brasília	DF